FOLHA DE S.PAULO

DESDE 1921 ★★★ UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

ANO 102 ★ Nº 34.052 DOMINGO, 26 DE JUNHO DE 2022 R$ 7,00

Isabel Teixeira, atriz de 'Pantanal' Marlene Bergamo/Folhapress

ilustríssima

ilustrada

Para 4 em 10, governo incita ilegalidade na Amazônia

49% acham que gestão Bolsonaro fez menos que podia por Bruno e Dom, diz Datafolha

Aproximadamente 4 em 10 brasileiros pensam que o governo de Jair Bolsonaro (PL) mais incentiva do que combate ilegalidades na Amazônia, como a presença de pescadores irregulares e a invasão de terras indígenas.

Pesquisa Datafolha feita na quarta (22) e quinta (23) mostra que fica entre 39% e 43% a parcela que tem essa opinião. Uma fatia que vai de 31% a 35% considera que a gestão federal mais repreende que estimula essas ações.

Para 49%, o governo fez menos do que poderia para investigar os assassinatos de Bruno Pereira e de Dom Phillips no Amazonas. Na avaliação de 47%, o caso vai prejudicar severamente a imagem do Brasil no exterior.

Segundo o instituto, 44% acham que as mortes trarão prejuízo a iniciativas de preservação. Política A4 e A6

Desmate acelera sob receio de mais rigor em 2023, dizem analistas B4

MÔNICA BERGAMO

De carreira sólida no teatro, Isabel Teixeira celebra popularidade de Maria Bruaca C2

Viver é cada vez melhor para Gil, 80

Gilberto Gil completa 80 anos e, à **Folha**, rememora a carreira e reafirma sua fé no Brasil. Elogia FHC, Lula e Ciro e assina artigo em que defende a união entre ciência e cultura. C4 a C7

Gilberto Gil, que completa 80 anos neste domingo, em seu estúdio no Rio de Janeiro Eduardo Anizelli/Folhapress

Equilíbrio B6

Terapeutas e negritude

Pessoas negras precisam de psicólogos negros? Não, mas é indicado

Esporte B7

Ex-xodó de Tite, Everton Cebolinha se vê distante da Copa do Mundo

Revelações sobre 6 de Janeiro não abatem Trump

Cinco audiências públicas com os resultados das investigações sobre a invasão do Capitólio em janeiro de 2021 não enfraqueceram o ex-presidente republicano Donald Trump. O percentual dos que veem crime nos seus atos segue o mesmo de abril, antes das sessões. Mundo A15

Ex-premiê Netanyahu prepara volta em Israel

Ruína da coalizão que governa o país desde 2021 pode dar a 'Bibi', acusado de corrupção, nova chance nas urnas. Seu partido lidera pesquisas. Mundo A13

EDITORIAIS A2

Redes sem lei

Sobre danos da desinformação nas mídias sociais.

Cerco às estatais

Acerca de ofensiva de centrão e PT para mudar lei.

PF enfrenta nova crise após prisão de ministro

Os desdobramentos da operação envolvendo o ex-ministro Milton Ribeiro arrastam, pela segunda vez no governo Bolsonaro, a Polícia Federal para uma investigação sobre interferência política e expõem tensões internas no órgão.

A própria PF investiga, em paralelo ao Supremo Tribunal Federal, as suspeitas sobre interferência indevida do governo no caso. Poder A8

Janio de Freitas

Candidatura deve ser suspensa

A interferência no caso Milton Ribeiro é um chamado ao Tribunal Superior Eleitoral para suspender o registro da candidatura Bolsonaro até que o STF defina os rumos processuais. Isso independe da responsabilização do presidente. Política A8

Moradias em favela em SP disparam durante pandemia

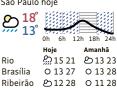
A capital paulista registrou aumento de 6.000 domicílios em áreas de favela de 2019 a 2022. O total se mantinha estável desde 2017, mas, com ações de despejo e reintegrações de posse subindo 70% de 2020 a 2021, hoje são 397.054 lares nessa situação, segundo a Prefeitura. Cotidiano B1

Renda de mais pobres não paga 2 pratos feitos no mês

Em 2021, os 5% mais pobres (cerca de 10 milhões) viram a renda per capita mensal cair a R$ 39, segundo a Pnad Contínua. A20

ATMOSFERA

São Paulo hoje

	Hoje	Amanhã
Rio	15 21	13 23
Brasília	13 27	13 28
Ribeirão	12 28	11 28

Fonte: www.climatempo.com.br

ISSN 1414-5723

FOLHA DE S.PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER Luiz Frias
DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila
SUPERINTENDENTES Carlos Ponce de Leon e Judith Brito
CONSELHO EDITORIAL Fernanda Diamant, Hélio Schwartsman, Joel Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Luiza Helena Trajano, Patricia Blanco, Patrícia Campos Mello, Persio Arida, Ronaldo Lemos, Thiago Amparo, Luiz Frias e Sérgio Dávila *(secretário)*
DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Patu
DIRETORIA-EXECUTIVA Paulo Narcélio Simões Amaral *(financeiro, planejamento e novos negócios)*, Marcelo Benez *(comercial)*, Anderson Demian *(mercado leitor e estratégias digitais)* e Everton Fonseca *(tecnologia)*

Jean Galvão

EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

Redes sem lei

Combate ao turbilhão de desinformação nas mídias sociais passa pelo jornalismo profissional

A esta altura estão mapeados os dissabores trazidos pelas redes sociais ao cotidiano social e político das nações. Se a dominância dessas plataformas digitais impulsionou e adensou as interações entre as pessoas em escala planetária, de outro lado acarretou oligopolização, manipulação dos fatos, fraudes e assédio também em profusão.

Testemunha e vítima dessa faceta ameaçadora das mídias sociais, perseguida pelo governo autoritário de Rodrigo Duterte nas Filipinas, a jornalista Maria Ressa, Nobel da Paz de 2021, descreveu-as em entrevista à **Folha** como "uma bomba atômica que explodiu em nosso ecossistema de informação".

O mecanismo de reiterações labirínticas empregado pelos algoritmos, ao premiar os discursos ofensivos e as elucubrações fantásticas e mentirosas, estaria minando as bases da própria democracia, como os sistemas de pesos e contrapesos, de acordo com Ressa.

A ubiquidade e a influência das plataformas operadas por gigantescos oligopólios, afirma, estão subtraindo dos cidadãos e dos eleitores o seu livre-arbítrio. A laureada pela Academia Sueca parece atribuir a esse fator a vitória, no pleito de maio passado, de Ferdinand Marcos Jr. —filho do ditador que deu as cartas de 1965 a 1986— e Sara Duterte —filha de Rodrigo— para presidente e vice das Filipinas.

Há que tomar cuidado e lastrear-se em evidências sólidas quando se coloca a efetividade de processos eleitorais em dúvida porque supostamente o eleitorado teria sido ludibriado com informações manipuladas. Mas não é preciso partilhar em toda a extensão das opiniões de Maria Ressa para concordar com ela no essencial.

Ilegalidades que não se praticavam na mesma extensão e profundidade antes da hegemonia das redes sociais tornaram-se lugar-comum. As autoridades incumbidas de fazer cumprir a lei onde quer que seja ainda comem poeira quando se trata dessas plataformas.

Corresponsabilizá-las pelos crimes cometidos por meio dos seus serviços é providência básica para limpar o terreno bárbaro. Também é elementar evitar que seu enorme poderio de mercado seja usado para esterilizar a competição, pela qual poderão florescer opções de melhor qualidade informativa.

Pois não há dúvida de que o combate ao turbilhão de falsificações oportunistas que jorra nas redes passa pelo exercício do jornalismo profissional, que questiona os poderosos com base na apuração e na publicação de fatos objetivamente verificáveis e se exerce em praça pública, não nos escaninhos ensimesmados das aldeias digitais.

A sociedade aos poucos vai percebendo que não se substitui jornalista por "influencer" sem dano ao patrimônio comum da civilização.

Cerco às estatais

De olho no próprio poder, centrão e PT investem contra lei que impede uso político das empresas

Merece repulsa enfática a intenção de lideranças do centrão na Câmara dos Deputados de alterar dispositivos da Lei das Estatais, aprovada em 2016, que impedem nomeações de caráter político em empresas públicas e de capital misto.

A legislação foi uma resposta aos escândalos de corrupção, má gestão e prejuízos bilionários, notadamente na Petrobras, ocorridos durante governos petistas.

Com o dispositivo, foram definidos critérios objetivos para a escolha de gestores e membros de conselhos de administração, como reputação ilibada, formação e experiência profissional compatíveis com o cargo, além de distância em relação a interesses políticos.

Não podem ser indicados, por exemplo, ministros de Estado, secretários estaduais e municipais, dirigentes partidários e de sindicatos —vedação que abarca os parentes até o terceiro grau.

A lei também dispõe sobre boas práticas de gestão e transparência, além de reforçar que o acionista controlador, o governo, deve atuar tendo em conta o interesse maior da companhia e respeitar os dispositivos da Lei das Sociedades Anônimas, sob pena de responder por abuso de poder.

Tal regramento causa espécie em políticos como o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), ou o líder do governo na casa, Ricardo Barros (PP-PR). Ambos querem maior alinhamento das estatais com o governante de plantão e facilidade para trocas de comando.

Contam para isso com o flanco aberto pelos virulentos ataques à Petrobras por parte do presidente Jair Bolsonaro (PL), interessado em controlar preços de combustíveis às vésperas das eleições.

A preocupação do centrão com o encarecimento da gasolina e do diesel é apenas circunstancial. O verdadeiro objetivo é ampliar seu poder —em português claro, os parlamentares querem acesso aos cofres das empresas estatais.

Não surpreende, por isso, o apoio da cúpula petista à iniciativa. A presidente do partido, Gleisi Hoffmann (PR), afirmou que a lei criminaliza a política e que um governo eleito tem que dar a linha para as estatais, como se isso não pudesse ser feito com boa governança.

É notável como os intervencionistas, à esquerda e à direita, não conseguem dissociar o interesse público de suas conveniências políticas. Eis a prova inconteste de que a disciplina imposta pela Lei das Estatais é fundamental e não pode ser flexibilizada.

Um presidente desesperado

Hélio Schwartsman

"Desperado" é um termo inglês para "bandido", "fora da lei", em especial para malfeitores que agiam no Velho Oeste americano. A palavra foi construída em cima do espanhol "desperado", uma forma obsoleta de "desesperado". A ideia é que o sujeito estava tão encrencado com a lei que já não tinha nada a perder. Se fosse apanhado, seria enforcado ou coisa pior. O desespero só reforçava seu mau comportamento.

Se Lula triunfar na disputa eleitoral, Jair Bolsonaro deverá espernear, denunciando uma suposta fraude eleitoral, e conclamará militares e aliados a "corrigir a injustiça". Minha avaliação (e esperança) é que não terá sucesso nessa canhestra tentativa de golpe. Ainda assim, pelas regras constitucionais, nós teremos, por dois ou três meses, um presidente ainda com a caneta na mão, mas sem perspectiva de poder. Pior, sem perspectiva de poder e com boas chances de ver o tempo judicial fechar para si, sua família e subordinados.

É pouco provável que Bolsonaro dedique esse tempo a preparar seu enxoval de cadeia. O "affaire" com o fiscal do Ibama já mostrou que o presidente é do tipo vingativo. É crível, portanto, que ele usará o que lhe resta de tinta na Bic para plantar armadilhas. Sua capacidade de fazer estragos não será absoluta. Parlamentares do centrão que hoje o acumpliciam procurarão ficar bem com o novo rei. Casos mais polêmicos serão judicializados. Ainda assim, a tendência do Universo à entropia garante que mesmo um decreto que institua modificações mínimas num sistema pode destruir algo que esteja funcionando.

A exemplo de Donald Trump, Bolsonaro também poderá tentar uma liquidação de graças, distribuindo perdões judiciais a aliados e quem sabe até indultos prévios para si e seus filhos. Resta saber se o STF aceitará isso.

Se perder, e tudo indica que perderá, Bolsonaro se tornará um autêntico "desperado". Só estaremos seguros no dia em que ele perder a faixa.

helio@uol.com.br

Corra que a polícia vem aí

Bruno Boghossian

Não foi por piedade que Jair Bolsonaro telefonou para Milton Ribeiro no dia 9 de junho. Tudo indica que o presidente sabia que o ex-ministro estava na mira da Polícia Federal, mas a maior preocupação era com os abalos que as investigações de corrupção no MEC poderiam causar no Palácio do Planalto.

"Ele está com pressentimento, novamente, de que eles podem querer atingi-lo através de mim", disse Ribeiro, ao relatar à filha a conversa que tivera com o antigo chefe.

Na melhor das hipóteses, Bolsonaro apenas calculava os danos políticos que uma batida no apartamento do ex-ministro teria sobre seu governo, sua imagem e a bandeira anticorrupção. Na pior, mas não menos realista, ele temia que, durante a ação, os policiais encontrassem algo que pudesse incriminá-lo.

Em qualquer circunstância, o que se tem é a figura de um presidente da República que foge da polícia. Com medo de prejuízos eleitorais ou de uma investigação criminal, Bolsonaro deu ao ex-auxiliar quase duas semanas para arrumar a casa antes de receber a visita dos agentes.

Depois da prisão de Ribeiro, o presidente não conseguiu esconder o que o afligia. Em entrevista à rádio Itatiaia, Bolsonaro se desvencilhou do ex-ministro, disse que ele deveria responder pelos próprios atos e afirmou que a investigação era um sinal de que não havia interferência na PF. "Porque isso aí vai respingar em mim, obviamente", acrescentou.

O presidente já havia sido manchado meses antes, quando surgiram as suspeitas envolvendo os lobistas que negociavam a liberação de verba da Educação. Gravado uma primeira vez, Ribeiro atribuiu a Bolsonaro um "pedido especial" para privilegiar os pastores Gilmar Santos e Arilton Moura. Aliás, se o ex-ministro foi avisado da ameaça de uma operação, é possível que a dupla também tenha sido alertada.

O telefonema pode levar Bolsonaro a responder por interferências na investigação. Ele dificilmente correria esse risco se sua própria sobrevivência não estivesse em jogo.

E aquela do W. C. Fields?

Ruy Castro

"Um homem que odeia crianças e cachorros não pode ser mau de todo", disse W. C. Fields. Como??? Antes que você fique indignado e pare de ler: "Minha senhora, a criança dura de engolir ainda não nasceu. Ponha-a para ferver durante algumas horas e ela ficará tenrinha e suave." E não, não feche ainda o jornal. Ele disse também: "Charles Dickens foi o homem mais corajoso que já existiu. Teve dez filhos no tempo em que eles não significavam deduções no imposto de renda".

Acredite ou não, Fields (1879-1946) foi um dos comediantes mais amados do cinema americano. As famílias dos anos 30 e 40 o adoravam. Mas era outro cinema, outra América e, pelo visto, outras famílias. Hoje, seu personagem, sempre com uma frase no canto da boca contra toda espécie de instituição —casamento, polícia, política, religião, temperança—, não seria possível. Na época, as pessoas não achavam que aquele senhor gordinho e de cabelos brancos pudesse ser mau de verdade.

"Acredito no nó indissolúvel do casamento, desde que ele esteja bem atado em volta do pescoço da mulher". Ou: "Case-se com uma mulher que goste da vida ao ar livre. Assim, se você a atirar pela janela, ela sobreviverá". Ou: "Meu peixe favorito? Uma piranha na banheira da minha ex-mulher". Ou: "É uma pena que os rinocerontes não sejam comestíveis. Eles não são mais duros do que carne de sogra na noite de folga da cozinheira".

Fields era famoso por beber, tanto na tela quanto fora dela: "Sempre trago comigo uma garrafa, no caso de ver uma cobra —que também sempre trago comigo"; "Uma mulher me levou a beber. E nunca tive a dignidade de lhe agradecer por isso"; "Sou capaz de extremo autocontrole. Não bebo nada mais forte do que gim antes do café da manhã"; "Mostre-me um homem que não beba e eu lhe provarei que ele é parte camelo".

E, quando lhe perguntaram por que nunca bebia água, respondeu: "Peixes fodem nela".

As palavras charlatãs

Muniz Sodré

Professor emérito da UFRJ, autor, entre outros, de "A Sociedade Incivil" e "Pensar Nagô". Escreve aos domingos

Do jornalista e político Carlos Lacerda, dono de tiradas verbais desconcertantes, está na memória o debate parlamentar em que o interlocutor o provocava, dizendo que "suas palavras entram por um ouvido e logo saem por outro". A resposta, fulminante: "Impossível, o som não se propaga no vácuo".

Mas isso é reminiscência de um momento em que, à direita ou à esquerda, personalidades de temperamento e manifestações fortes como Lacerda demonstravam alguma elegância para com o discurso social. Até nas ofensas, como aquela dirigida a um deputado gaúcho: "Este centauro mitológico dos pampas, metade cavalo e a outra metade... cavalo também!".

É hoje muito evidente a crise do discurso civil nas tecnodemocracias ocidentais, mas ela é particularmente aguda no contexto brasileiro, onde palavras-charlatãs circulam sem qualquer ancoragem no real-histórico ou no senso comum e, ainda assim, produzem efeitos de comportamento.

Por exemplo, carecem de sentido muitos dos nomes das "igrejas" em expansão. Já nas redes digitais, bolhas protofascistas obtêm melhor desempenho do que as progressistas. Discursivamente, o meme abre portas ao fenômeno. Exemplo abstruso é a palavra "Ratanabá", que designa cidade inventada por um ufólogo bolsonarista, suposta "capital do mundo" localizada na Amazônia e com ouro suficiente para "tornar todos os brasileiros milionários". Transformada em meme, a palavra-charlatã adquire força viral na rede, por mais absurda que seja à cognição. E não é inócua: junto com ela são viralizadas ideias antiambientalistas e anti-indigenistas.

À consciência letrada tudo isso pode parecer remoto, mas esse é o real da boçalidade pública, que penetra na fadiga da institucionalidade cívica. Vale recordar o versículo: "Todas as palavras estão gastas (...) O que foi é o que será. O que aconteceu é o que há de acontecer. Não há nada de novo debaixo do sol" (Ecl. 1,9-9).

O texto bíblico abrange hoje as palavras que, destituídas de valor e de peso, embora carregadas de força emocional, apenas acentuam o vazio das vozes. Temia Nietzsche em 1882: "Mais um século de jornalismo e as palavras começarão a feder".

Não se trata, porém, de jornalismo, e sim do "vácuo" a que se referiu o polemista no debate, aquele onde o som não se propaga. Só que isso acontece agora como disfunção societária, isto é, como zeramento progressivo dos valores cívicos e morais, que fazem exigências internas e externas de obrigações coerentes por meio de falas lógicas. O "fedor" nietzscheano foi profético. Mas o mal-estar nauseante que contamina a sociabilidade nacional transparece na corrupção das palavras públicas. É hora de, em silêncio, trocá-las por ações mobilizadoras.

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br
Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

Cultura para o desenvolvimento

Imenso potencial criativo é oportunidade histórica

Alê Youssef
Mestre em filosofia política, é fundador do Studio SP e do Acadêmicos do Baixo Augusta e ex-coordenador de Juventude e ex-secretário municipal de Cultura de São Paulo; autor de "Novo Poder - Democracia e Tecnologia" e "Baixo Augusta - A Cidade é Nossa!" (ed. Letramento)

Muita gente hoje olha para a força cultural da Inglaterra com naturalidade, como se fosse um fenômeno espontâneo. Nada disso. A potência cultural do país foi planejada.

A "Creative Industries Task Force" (Força-Tarefa das Indústrias Criativas), criada em 1998 no Reino Unido, foi um marco global na aproximação da cultura com agendas de desenvolvimento. Na ocasião, a terra dos Beatles, de Vivienne Westwood e de Banksy mapeou as atividades dos setores considerados parte das indústrias criativas, avaliando suas contribuições à economia e identificando políticas públicas que poderiam promover e alavancar o seu desenvolvimento. Como desdobramento, foi publicado o "Creative Industries Mapping Document" (mapa das indústrias criativas), que posicionou o setor como aquele que tem sua origem na criatividade individual, na habilidade e no potencial de geração de emprego e renda.

No mesmo ano, para superar a crise asiática, o governo sul-coreano ampliou consideravelmente o orçamento do Ministério da Cultura e criou um departamento especial dedicado à cultura popular, que em pouco tempo foi apelidado de K-Pop. Em 2005, um fundo de US$ 1 bilhão foi destinado ao setor e, em 2012, a música "Gangnam Style", de PSY, já tomava conta do mundo, preparando terreno para o fenômeno pop BTS, grupo musical que sozinho movimenta mais de US$ 3 bilhões na economia do país.

Quanto mais dinheiro girando, mais empregos, renda e investimentos públicos e privados para o setor cultural da Coreia do Sul. As quatro estatuetas do Oscar de 2020 para "Parasita", de Bong Joon Ho, incluindo melhor filme, e o fenômeno "Round 6", série mais vista da história da Netflix, são exemplos dessa potência.

A lista é extensa e poderia incorporar a experiência de Portugal, que se transformou em um dos destinos mais procurados pelas juventudes criativas do mundo, e a Colômbia, que adaptou os conceitos da economia criativa para sua realidade latino-americana e criou as bases para a chamada "economia laranja".

Fato é que a cultura e a criatividade mostram-se geradoras de valor e oportunidades, inclusive em meio a crises globais. A economia criativa é mais resiliente, dinâmica e conectada ao mundo digital, com ampla capacidade de transformação e adaptação. Além disso, tem baixo impacto ambiental e colabora com o compromisso civilizatório de nossa geração em buscar alternativas sustentáveis de desenvolvimento.

Nesse contexto, é inquestionável que o Brasil, reconhecido por sua diversidade ambiental e cultural, além da competência de realizar a maior festa popular do planeta, deveria ter há tempos optado por esse caminho.

Nosso querido país, tão machucado nos últimos anos por ações antidemocráticas e ataques constantes ao setor cultural, pode dar uma guinada histórica ao colocar sua cultura a serviço do desenvolvimento econômico e social através de um plano estratégico nacional que mergulhe fundo no imenso potencial criativo de cada estado brasileiro para gerar milhares de empregos. É preciso superar o falso antagonismo entre economia da cultura e valor das expressões artísticas. Apostar na economia criativa não significa diminuir a necessidade de investimento público no setor, pelo contrário.

É hora de buscar um ciclo virtuoso que una classe artística, produtores, gestores, ativistas e todos os trabalhadores da cultura. Nossa música, audiovisual, dança, teatro, artes plásticas, gastronomia, moda, design, arquitetura e artesanato compõem uma marca muito forte e reconhecida no mundo.

A cultura brasileira pode ser uma saída próspera, sustentável e democrática para a crise do país. E podemos fazer tudo isso em grande estilo, como fez Anitta no maior festival de música do mundo, o Coachella, misturando funk, samba, capoeira, verde-amarelo e a linda diversidade das juventudes brasileiras com a "Garota de Ipanema". 'Bora' juntar passinho batidão, sofrência popular, pisadinha irreverente e toada sertaneja com tropicalismo, roda de samba, feijoada e Carnaval para ajudar a salvar o Brasil.

Carvall

A gente escolhe não ver

E você? Já decidiu do que vai se esquecer hoje?

Mônica Sodré
Cientista política e diretora-executiva da Rede de Ação Política pela Sustentabilidade (Raps)

Há sobre todas as coisas uma ética, uma moral e um costume. Há os que se acostumam com tudo.

Pero Vaz de Caminha, quando chegou do lado de cá dos trópicos, definiu esta como a terra em que, se plantando, tudo dá. 522 anos depois, a definição da máxima pode perfeitamente ser alterada para "esta é a terra em que a tudo se acostuma".

Aqui, a vida segue todos os dias.

Quando se decide que os planos de saúde são obrigados a cumprir estritamente o mínimo, não pelo menos o mínimo.

Quando em ano de eleição o incumbente faz rolês de moto em todos os cantos do país com dinheiro dos cidadãos, ao custo de mais de R$ 6 milhões, e a gente ignora a propaganda eleitoral antecipada.

Quando 172 pessoas desaparecem a cada dia no Brasil —mais de 60 mil por ano. Para se ter uma dimensão, é como se quase uma cidade de Brumadinho (MG) sumisse duas vezes. A cada ano. "Ah, Brumadinho, você se lembra?"

Quando a gente acha normal e segue vivendo depois de o Ministério da Saúde —que deveria cuidar da saúde— dizer que vai investigar pessoas que recorrem ao aborto, mesmo nos casos em que a lei permite. Isso num país em que menos de 3% dos casos de estupro são reportados, que agora acompanha o drama de uma criança de 11 anos impedida de fazê-lo e em que parte da nação opera na lei dos "20 quilos": se tem mais de 20 quilos, já se está pronta para a vida sexual.

Quando gente eleita, que deveria ter em conta os interesses do país, questiona os procedimentos que fazem uma eleição possível e antecipa que não vai aceitar nenhum resultado que não lhe seja favorável e voltamos aos tempos do exercício do poder absoluto.

Quando assistimos à transformação das Forças Armadas, de responsáveis pela logística das eleições, em garantidoras do processo eleitoral. Num país em que a democracia, interrompida anteriormente pelas Forças Armadas, é mais nova até do que esta que vos escreve.

Quando um em cada dois brasileiros não comeu hoje, não sabe se vai comer ou comeu menos que ontem.

Quando uma vereadora negra, uma das poucas mulheres na política nacional, é assassinada com tiros no rosto e, quatro anos depois, não se tem a menor ideia de quem encomendou o crime e nenhum responsável foi punido.

Quando o número de licenças para armas cresce 325% em três anos e 31 mudanças, todas de caráter flexibilizador, foram feitas nas leis de armas no mesmo período.

Quando um indigenista e um jornalista, ambos a serviço do interesse público, desaparecem no exercício de seus trabalhos, após receberem ameaças de morte, e leva mais de 24 horas para que as autoridades comecem a se mexer.

Quando 11 dias depois aceita-se a justificativa de que foi um crime comum, cometido por dois pescadores, deixando intacta toda a rede de criminalidade que acomete o território há anos e que saqueia, a olhos vistos e de maneira ilegal, o patrimônio público em nome de interesses privados.

A gente escolhe não ver.

Há sobre todas as coisas uma ética, uma moral e um costume. E justamente aqui reside a nossa definição como povo: extinguiram-se a ética e a moral. Deixamos prevalecer o costume de nos acostumarmos com tudo. E de fingir normalidade. Todos os dias.

E você? Já escolheu do que vai se esquecer hoje?

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br
Cartas para al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

Corrupção no MEC

Os pastores, tão apegados à Bíblia Sagrada, se realmente fossem verdadeiros exemplos no cumprimento daquilo que pregam, deveriam estar mais preocupados em salvar as almas que frequentam as suas igrejas do que em encher os próprios bolsos à base de propina. Corrupção não rima com religião.
Geraldo Tadeu Santos Almeida (Itapeva, SP)

*

"Igreja Presbiteriana é pressionada, mas adota silêncio e decide não afastar Milton Ribeiro" (Política, 25/6). Corrupção, só a dos outros. Quando a sujeira é no próprio quintal, a conduta é o silêncio. Os discurso inflamados anticorrupção servem só para esconder a própria.
Rose Souza (São Paulo, SP)

*

Agremiações religiosas são um bom negócio. Tomarão outra posição se o negócio estiver em perigo.
João Melo (São Paulo, SP)

*

A igreja deve apoiar integralmente o ex-ministro. Agindo assim pelo menos não será hipócrita. Seus membros sabiam de seus feitos e de suas falas, que expressavam o que ele é. Portanto, agora, devem apoiá-lo, porque são iguais a ele.
Fernando Coli (Americana, SP)

Unha encravada

"Renda dos 5% mais pobres não compra nem dois pratos feitos por mês" (Mercado, 25/6). Que fique claro: a culpa é da pandemia, da Guerra da Ucrânia, da unha encravada da minha avó, mas nunca da necropolítica do Paulo Guedes, talkey?
Edgard Reymann (Peruíbe, SP)

Eleições

"Empresários dizem que Faria Lima começa a se conformar com vitória de Lula" (Painel S.A., 25/6). A Faria Lima deveria ajoelhar-se e agradecer. Nunca neste país ganharam tanto dinheiro como na gestão de Lula, o comunista.
Lenivaldo Camargo (São Paulo, SP)

*

Por mim, esses empresários todos e essa Faria Lima podem continuar com Bolsonaro. Não farão falta para a eleição de Lula.
Luiz Fernando Schmidt (Goiânia, GO)

Abstêmia

Eu, abstêmia convicta, adoro a coluna de Daniel de Mesquita Benevides (Gelo e Gim) . Aprecio história, e o articulista é muito feliz na escolha dos fatos que relata. Tangenciar certas bebidas alcoólicas e drinques a acontecimentos históricos é um achado.
Maria Cecília de Arruda Navarro (Bauru, SP)

Temas mais comentados pelos leitores no site
De 18 a 24.jun - Total de comentários: **17.731**

492	PF mira ex-ministro e pastores ligados a Bolsonaro em operação sobre verba do MEC (Política) **22.jun**
399	Battisti vê cinismo de Lula e, em cartas à **Folha**, culpa-o por eleição de Bolsonaro (Política) **22.jun**
384	Chegou a hora de tirar a máscara da Petrobras (Tendências/Debates) **19.jun**

ASSUNTO POR QUE VEMOS REPRESENTANTES DA JUSTIÇA AGIREM COMO A JUÍZA DE SANTA CATARINA?

Porque há uma cruz em toda instituição pública brasileira.
Wesley Mendonça Rocha (São Paulo, SP)

*

Porque, no Tribunal da Injustiça, juiz pensa que é Deus e desembargador tem certeza.
Luciane dos Santos (São Paulo, SP)

*

Em muitas ocasiões, esses representantes da Justiça acham que estão acima das leis. A certeza de impunidade também os faz agir de forma arbitrária.
Bianca Conceição Moreira de Arruda (Brasília, DF)

*

Porque este é o retrato das castas da sociedade brasileira: o estupro é tolerável, já o aborto está sob a condenação de Deus.
Fabio Braga (São Paulo, SP)

*

Porque julgam segundo sua própria moral, não de acordo com as leis.
Mônica Ventura Rosa (Rio de Janeiro, RJ)

*

A ideologia de extrema direita vem tomando vários espaços, inclusive entre magistrados. A proposital dissonância cognitiva faz com que os que se preocupam com a vida do feto apoiem um governo que enaltece a tortura, as armas e a morte.
Andreia Schneider Chaieb (Porto Alegre, RS)

*

Se muitas leis são tidas como "injustas", por que essa não seria mais uma? Não há debate sobre direitos da mulher x direitos do feto. A imprensa privilegia os primeiros e ignora completamente os segundos. E há a demonização dos valores tidos como "religiosos", como se os maiores defensores históricos da vida, da liberdade e da igualdade não fossem os líderes religiosos.
Alexandre Casassola Gonçalves (Ribeirão Preto, SP)

*

São pessoas que colocam seus credos religiosos e convicções à frente das leis e julgam manter um canal privilegiado com um ser superior. Resumindo, arrogância e elitismo.
Renato Martins de Oliveira (Brasília, DF)

*

O aborto é encarado nos fóruns de extrema direita de forma sensacionalista e religiosa. Influenciados por isso, alguns integrantes do Judiciário acreditam que a lei não seria maior do que a vontade de Deus.
Lara Bukauskas (São Paulo, SP)

*

Pessoas que agem assim não conseguem reconhecer a humanidade de ninguém que não seja do seu grupo.
Letícia Pavani Pozenato (São Paulo, SP)

*

Fundamentalismo religioso somado à adesão à ala ideológica radical de extrema direita deste governo.
Lucelaine Ferreira Soares (Candiota, RS)

*

Por que, historicamente, a classe jurídica vive distante da realidade do país.
Isaque Elias Portilho (Goiânia, GO)

*

As convicções morais de um profissional não ficam da porta para fora durante o seu trabalho. É ilusão pensar que isso não acontece no Judiciário. Essa é uma das razões para que o sistema Judiciário seja composto por múltiplas instâncias. Em casos como esse de Santa Catarina, em que há um prazo crítico para a tomada de decisão, o Judiciário precisa contar com estratégias de contingência.
Alexandre R. A. (Recife, PE)

*

Patriarcalismo estrutural, falta de humanidade, despreparo para a função, viés religioso e preconceito social.
Mônica Lourenço (São Paulo, SP)

PAINEL

Fábio Zanini

painel@grupofolha.com.br

Na banguela

Técnicos do governo Jair Bolsonaro (PL) correm para conseguir colocar de pé o auxílio para caminhoneiros, uma das suas apostas de campanha. Ao contrário do Auxílio Gás e da ampliação do Auxílio Brasil, o recurso para estes trabalhadores não tem nenhuma regulamentação, a começar pela definição de quem poderia ser contemplado. A categoria não está incluída no Cadastro Único do Ministério da Cidadania, que define quem pode receber o benefício.

NA CONTA Uma das possibilidades em discussão é fazer parcerias com cooperativas que poderiam auxiliar a identificar quem teria direito ao benefício. Outra dificuldade é não haver tempo hábil para emissão de cartões para o pagamento. Técnicos já falam em um "Pix Caminhoneiro" para depositar o valor de R$ 1.000.

E EU? Ex-assessor e amigo há décadas de Jair Bolsonaro, Waldir Ferraz queixou-se a um interlocutor de estar sendo injustiçado pelo entorno presidencial. Em áudios obtido pelo Painel, reclama de ter sido preterido para posições políticas e cita Tercio Arnaud, membro do "gabinete do ódio", indicado a suplente de senador na chapa de Bruno Roberto (PL-PB).

MODÉSTIA "Aquele babaca daquele Tercio virou suplente de senador do cara que vai ganhar. Não é uma putaria fazer um negócio desse? Por que não me botou? Sou muito mais útil do que ele, tenho muito mais competência", desabafa. Ele também diz que foi esquecido após ter sido demitido de um cargo no governo do Rio.

REAL, JURO Ferraz (PL) é pré-candidato a deputado federal no Rio e conhecido por organizar motociatas de Bolsonaro. Ao Painel ele diz que deu as declarações para "se livrar" do interlocutor e que sempre foi bem tratado pelo governo.

VICE... A pesquisa Datafolha, divulgada na quinta (23), mostra que eleitores de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e Jair Bolsonaro (PL) são igualmente influenciáveis por figuras das redes sociais em sua decisão de voto.

...VERSA Entre os que declaram voto no petista, 16% afirmam que pessoas que seguem nas redes têm muita influência na hora de votar; 20% dizem ter pouca influência e 59% declaram nenhuma influência. Os índices são semelhantes entre os eleitores de Bolsonaro: 16% indicam muita influência das redes; 20% declaram pouca e 61%, nenhuma influência.

O HOMEM QUE CALCULAVA Coordenador de comunicação da campanha de Lula, o deputado Rui Falcão (PT-SP) ironiza as previsões do ministro da Casa Civil, Ciro Nogueira (PP), de que Bolsonaro empataria com o petista até o meio do ano. "Cadê os pontos que o matemático Ciro Nogueira previu para o presidente?"

PULA FOGUEIRA A senadora Simone Tebet (MS), presidenciável do MDB, será recebida pela ex-prefeita de Caruaru e candidata do PSDB ao Governo de Pernambuco, Raquel Lyra, em visita ao estado na quarta (29). Pernambuco é um dos estados onde a aliança entre MDB e PSDB não prosperou.

QUENTÃO Ao abrir mão de uma candidatura própria ao Palácio do Planalto e indicar apoio a Tebet, o PSDB esperava retribuição do MDB em alguns estados, entre eles Pernambuco. O diretório local, no entanto, deve manter coligação com Danilo Cabral (PSB), que apoia Lula (PT) para presidente.

COBRAS... O presidente do Instituto Butantan, Dimas Covas, substituiu na quinta-feira (23) o superintendente da Fundação Butantan, que havia chegado ao posto por indicação do secretário David Uip — num movimento que expõe a disputa por espaço na instituição responsável pela vacina contra Covid-19.

...E LAGARTOS Uip foi nomeado em maio para uma nova pasta que engloba o Butantan. Covas retirou do posto Reinaldo Sato, que havia sido indicado em 2017, quando o infectologista era secretário da Saúde. O novo superintendente é Gilberto de Pádua, nome de confiança de Covas, que vem da sua região, Ribeirão Preto.

NO VÁCUO Enquanto o PSDB paulista não se decide sobre quem apoiar ao Senado em SP, Rodrigo Garcia tem levado a tiracolo Heni Ozi Cukier, pré-candidato à vaga pelo Podemos. Ambos já estiveram juntos em agendas em Ribeirão Preto, Barueri e capital.

SALSA A vitória do esquerdista Gustavo Petro na Colômbia foi lida nas redes sociais como um sinal para a eleição brasileira, segundo as reações de apoiadores e opositores captadas pela Diretoria de Análise de Políticas Públicas da Fundação Getulio Vargas (FGV DAPP).

ROJO Os apoiadores de Jair Bolsonaro traçaram um paralelo com o Brasil, falando sobre resistência ao comunismo e ao Foro de São Paulo. O levantamento apontou que memes, especialmente o da Ursal (União das Repúblicas Socialistas da América Latina), entidade que não existe, somaram 3% das interações sobre o tema.

com Juliana Braga e Carolina Linhares

GRUPO FOLHA
FOLHA DE S.PAULO ★★★
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Redação São Paulo
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222
Ombudsman ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000
Atendimento ao assinante (11) 3224-3090 | 0800-775-8080
Assine a Folha assine.folha.com.br | 0800-015-8000

EDIÇÃO DIGITAL	Digital Ilimitado	Digital Premium
DO 1º AO 3º MÊS	R$ 1,90	R$ 1,90
DO 4º AO 12º MÊS	R$ 9,90	R$ 9,90
A PARTIR DO 13º MÊS	R$ 29,90	R$ 39,90

EDIÇÃO IMPRESSA	Venda avulsa seg. a sáb.	Venda avulsa dom.	Assinatura semestral* Todos os dias
MG, PR, RJ, SP	R$ 5	R$ 7	R$ 827,90
DF, SC	R$ 5,50	R$ 8	R$ 1.044,90
ES, GO, MT, MS, RS	R$ 6	R$ 8,50	R$ 1.318,90
AL, BA, PE, SE	R$ 9,25	R$ 11	R$ 1.420,90
Outros estados	R$ 10	R$ 11,50	R$ 1.764,90

*À vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

CIRCULAÇÃO DIÁRIA (IVC)
353.501 exemplares (maio de 2022)

4 em 10 brasileiros veem incentivo de Bolsonaro a ilegalidade na Amazônia

Pesquisa Datafolha mostra também que 49% dizem que governo fez menos do que poderia para investigar assassinatos de Bruno e Dom

Joelmir Tavares

SÃO PAULO Aproximadamente 4 em cada 10 brasileiros pensam que o governo de Jair Bolsonaro (PL) mais incentiva do que combate ilegalidades na Amazônia, como a ação de caçadores e pescadores irregulares, a invasão de terras indígenas, o desmatamento e o garimpo clandestino —questões evidenciadas pelos assassinatos do indigenista Bruno Pereira e do jornalista Dom Phillips neste mês.

Pesquisa Datafolha feita na quarta (22) e quinta-feira (23) mostrou que fica entre 39% e 43% a parcela da população que vê sob o atual presidente uma política mais de estímulo do que de enfrentamento aos quatro problemas. A gestão Bolsonaro é criticada pelo desmonte de órgãos e falta de ações na região.

Por outro lado, um percentual que vai de 31% a 35% avalia o oposto em relação aos tópicos do questionário. São cerca de 3 em cada 10 pessoas que acham que o governo mais combate do que incentiva a criminalidade no território amazônico em geral e nas comunidades indígenas.

A parcela neutra, dos que afirmam que Bolsonaro não fomenta nem reprime os crimes, oscila entre 8% e 10%, e os que não sabem opinar sobre os tópicos correspondem a algo entre 13% e 18%.

O Datafolha ouviu 2.556 pessoas acima dos 16 anos em 181 cidades. A margem de erro da pesquisa, contratada pela **Folha** e registrada no Tribunal Superior Eleitoral sob o número 09088/2022, é de dois pontos percentuais para mais ou menos.

Responsável por mais um abalo na reputação do governo no tocante à política ambiental, o caso de Bruno e Dom chegou ao conhecimento de 76% dos entrevistados. Nesse grupo, 25% se dizem bem informados sobre o episódio, 38% o conhecem parcialmente e 12% se consideram mal informados.

No total, 24% respondem que não souberam do desaparecimento e morte do funcionário licenciado da Funai (Fundação Nacional do Índio) e do repórter britânico no Vale do Javari (AM), apesar da intensa cobertura noticiosa no Brasil e no exterior e da repercussão em redes sociais.

Parte das ameaças ao ambiente e às comunidades da área tem sido denunciada por entidades como a Univaja (União dos Povos Indígenas do Vale do Javari), para a qual Bruno trabalhava como assessor depois de ter sido retirado, no governo Bolsonaro, da seção da Funai que cuida de povos isolados.

Em entrevista à **Folha** 44 dias antes de desaparecer durante uma incursão na floresta ao lado de Dom, o indigenista disse que proteger aquele ecossistema estava "difícil, cansativo, perigoso" e associou Bolsonaro e o atual comando da Funai ao que chamou de "administração do caos".

Só nos cinco primeiros meses de 2022, a floresta amazônica perdeu 3.360 km^2 por causa do desmatamento, maior valor registrado para o período em 15 anos de monitoramento do Imazon (Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia).

Bolsonaro defende garimpos em terras indígenas e preservadas desde antes de assumir o Palácio do Planalto. Em 2018, ele prometeu que, em seu mandato, não haveria demarcações. Declarou também que daria uma "foiçada na Funai, mas uma foiçada no pescoço".

Segundo colocado na corrida eleitoral, com 28% das intenções de voto no primeiro turno —o líder, Luiz Inácio Lula da Silva (PT), tem 47%—, Bolsonaro tem seu governo reprovado por 47% da população.

O cruzamento de dados da pesquisa permite ver que, como esperado, a parcela de brasileiros que eximem o atual presidente de responsabilidade sobre a disparada de crimes contra o ambiente e os povos indígenas é maior entre os que declaram voto nele e avaliam sua gestão como positiva.

Enquanto, por exemplo, 35% na média geral acham que Bolsonaro mais combate do que incentiva o desmatamento da Amazônia, entre seus eleitores o índice quase dobra, chegando a 65%.

Movimento semelhante ocorre entre os que veem o presidente mais como opositor do que como incitador da invasão de terras indígenas. No quadro mais amplo, 35% têm essa opinião favorável ao mandatário, mas, entre os que consideram seu governo ótimo ou bom, o percentual salta para 63%.

Já eleitores de Lula e entrevistados que reprovam a administração Bolsonaro são majoritariamente da opinião de que o presidente atua mais como um estimulador do que como inimigo dos quatro tipos de irregularidades mencionados no levantamento.

A investigação do caso, a cargo da Polícia Federal e da Polícia Civil do Amazonas, já prendeu três homens suspeitos e busca identificar eventuais mandantes.

Segundo a opinião de 49% dos brasileiros, o governo fez menos do que poderia para investigar os assassinatos de Bruno e Dom.

O levantamento revela ainda que 27% dos entrevistados pensam o inverso, ou seja, acreditam que o governo fez tudo o que poderia para ajudar a esclarecer o caso.

Para 6%, o governo fez o que poderia (nem a mais nem a menos); 18% dizem não saber opinar sobre a questão.

A gestão Bolsonaro foi criticada não só por minimizar inicialmente a gravidade do episódio no Amazonas, mas também pela mobilização tímida nas buscas quando ainda se tratava de desaparecimento.

Bolsonaro evitou enquanto pôde se vincular ao caso. Instado a se manifestar, deu declarações sugerindo já supor que os dois tinham sido mortos. Também chegou a transferir a culpa para as vítimas, dizendo que estavam fazendo uma "aventura não recomendada".

Continua na pág. A6

4 em 10 veem incentivo de Bolsonaro a ilegalidades na Amazônia

Soube da morte de Bruno Pereira e Dom Phillips
Em %

Sim: Está bem informado	Sim: Está mais ou menos informado	Sim: Está mal informado	Não tomou conhecimento
25	38	12	24

O governo brasileiro fez o que poderia para investigar as mortes
Em %

Fez tudo o que poderia	Fez o que poderia	Fez menos do que poderia	Não sabe
27	6	49	18

As mortes dos dois vão prejudicar
Em %

	Muito	Um pouco	Não irá	Não sabe
As ações do governo brasileiro na Amazônia?	32	24	29	15
A imagem do Brasil no exterior?	47	26	17	10
As ações de organizações de proteção ao meio ambiente e aos povos indígenas na Amazônia?	44	26	19	11

Fonte: Pesquisa Datafolha presencial com 2.556 pessoas com 16 anos ou mais em 181 municípios nos dias 22 e 23 de junho. A margem de erro máxima é de dois pontos percentuais, para mais ou para menos, dentro do nível de confiança de 95%

Controle do glaucoma depende de prevenção e adesão a tratamento

Diagnóstico precoce e tratamento adequado podem diminuir o avanço da doença, que pode levar à cegueira; histórico familiar é um dos principais fatores de risco

O glaucoma é uma das três principais causas da cegueira no Brasil[1]. A doença age de forma progressiva, silenciosa, irreversível e não tem cura, mas pode ser controlada se for diagnosticada precocemente e tratada de forma correta, o mais rápido possível. O paciente tem papel ativo neste tratamento, pois sua adesão faz parte do sucesso do tratamento.

"É uma doença do nervo óptico causada, na grande maioria dos casos, pelo aumento da pressão intraocular. O glaucoma leva à perda de campo visual: essa perda é irreversível e pode causar cegueira", explica o oftalmologista Roberto Galvão Filho, presidente da Sociedade Brasileira de Glaucoma (SBG) e sócio-diretor do Instituto de Olhos do Recife.

Existem quatro tipos de glaucoma (veja quadro), mas o mais comum, que afeta cerca de 80% dos portadores, é o glaucoma primário de ângulo aberto, que só apresenta sintomas na fase avançada[1]. "Como a doença afeta a parte periférica do campo visual, ou seja, das laterais para o campo central da visão, o paciente não percebe. Ele só se dá conta quando o glaucoma começa a prejudicar a parte central da visão e, nessa fase, já perdeu 60% ou mais do nervo óptico."

Foi o que aconteceu com a empresária Jacqueline Branco, 60 anos, de Recife (PE). "Descobri o glaucoma há 30 anos. Sempre usei óculos, mas nunca tinha feito o exame para medir minha pressão ocular. Quando troquei de oftalmologista e ele fez o exame, descobrimos que a pressão intraocular estava nas alturas e perto de 60% do nervo óptico já estava comprometido", conta.

Segundo Galvão Filho, o glaucoma primário é mais comum nas pessoas com mais de 40 anos, mas a incidência maior é após os 60 anos. "Precisamos ensinar às pessoas que existem fatores de risco para o glaucoma e quem tem um desses fatores precisa ir ao oftalmologista pelo menos uma vez por ano."

Com o objetivo de alertar a população sobre os sintomas e sinais do glaucoma, a SBG e a Allergan, uma empresa AbbVie, apoiam a campanha Abra os Olhos para o Glaucoma. No Brasil, o Ministério da Saúde estima que cerca de 1,5 milhão de pessoas têm a doença[2]. Galvão Filho afirma que o principal fator de risco é o histórico familiar, já que o glaucoma é uma doença genética hereditária (veja quadro). "A hipertensão arterial, o diabetes e a miopia também são fatores de risco importantes. A doença também tem maior probabilidade de acometer a população negra. No Brasil, temos uma forte miscigenação e mesmo pessoas com a pele um pouco mais clara podem ter ancestrais que passaram os genes associados do glaucoma."

O oftalmologista explica que o diagnóstico do glaucoma é feito por meio da medição da pressão intraocular e verificação do nervo óptico, realizado por exame de fundo de olho.

"Quanto mais cedo começar o tratamento, mais simples será. Se o diagnóstico é precoce, o glaucoma pode ser controlado. Mas é fundamental que a doença seja descoberta o mais cedo possível."

Segundo o especialista, os colírios tratam 80% dos glaucomas. "Mas tem que usar a vida toda, todo dia. Se o colírio não funcionar, existem tratamentos adicionais, como laser e cirurgia."

Jacqueline acabou tendo que fazer a cirurgia uma semana depois do diagnóstico e usa colírios até hoje. "Apesar de ter descoberto o glaucoma em um estágio avançado, a doença foi controlada. O médico me fez entender que dali para a frente eu também seria responsável pela minha visão, não só ele", conta.

Depois que recebeu o diagnóstico da doença, a empresária levou os dois filhos ao oftalmologista e descobriu que a filha, na época com 14 anos, também tinha a pressão intraocular elevada. "Ela também começou o tratamento com colírios." Viviane Branco tem 34 anos, faz tratamento para pressão intraocular aumentada, mas não tem lesão no nervo óptico.

O Sistema Único de Saúde (SUS) oferece 19 procedimentos para acompanhamento, avaliação e tratamento do glaucoma. Para serem encaminhados aos Serviços de Atenção Especializada, os pacientes devem, primeiro, procurar uma unidade básica de saúde[3]. O sistema privado de saúde tem cobertura, conforme cada contrato, para consultas, acompanhamento, cirurgias e determinados tipos de procedimento.

Galvão Filho afirma que o exame Tomografia de Coerência Óptica (OCT) consegue diagnosticar o glaucoma oito anos antes de qualquer lesão no nervo óptico. "Ele é indicado para pacientes com algum dos fatores de risco; está disponível no SUS e tem cobertura dos planos de saúde suplementar."

Para mais informações sobre a campanha Abra os Olhos para o Glaucoma e outras condições de saúde ocular, acesse www.visaoemdia.com.br, ou pelo canal @visaoemdia.

SAIBA MAIS SOBRE O GLAUCOMA

É uma doença ocular originada a partir de danos no nervo óptico que podem levar à perda total de visão. Ela é progressiva, irreversível e não tem cura[1]

OLHO SAUDÁVEL

Na parte interna do olho é produzido um líquido chamado humor aquoso, cuja função é nutrir a córnea e o cristalino. Ele circula pelo interior do olho e deve ser escoado constantemente

Fluxo de humor aquoso

Canal de drenagem

OLHO COM GLAUCOMA

Quando este processo é interrompido, a pressão intraocular aumenta e mata as células fotossensíveis, que são responsáveis por receber as imagens. Estas células, por sua vez, não se regeneram, resultando na perda irreversível do campo visual (das laterais para o centro)

Canal de drenagem obstruído

Humor aquoso acumulado

Essa pressão intraocular também danifica os vasos sanguíneos e o nervo intraocular

ESTRUTURA DO OLHO

Retina

Córnea

Íris

Malha Trabecular

Corpo ciliar

Cristalino

Vasos sanguíneos

Nervo óptico

TIPOS DE GLAUCOMA[1]

- **Glaucoma primário de ângulo aberto (cerca de 80% dos casos)** É genético e hereditário
- **Glaucoma secundário** Surge a partir de problemas como leucemia, diabetes, catarata, lesões e inflamações oculares e medicamentos
- **Glaucoma congênito** Ocorre durante a gestação
- **Glaucoma de ângulo fechado** O aumento da pressão intraocular ocorre subitamente, provocando dor, vermelhidão, olhos inchados e visão diminuída ou embaçada. Exige atendimento imediato

FATORES DE RISCO[4]

- Aumento da pressão intraocular, medida por um oftalmologista
- Histórico familiar
- Afrodescendência
- Idade acima dos 60 anos
- Doenças preexistentes, como diabetes, hipertensão arterial, anemia falciforme, miopia ou hipermetropia extremas

SINAIS E SINTOMAS[4]

O glaucoma é, na maioria dos casos, de progressão lenta e afeta a visão das laterais para o centro. Por isso o paciente pode só perceber quando há perda da visão central. Mas existem alguns sinais:

- Pontos cegos na visão lateral ou central
- Dor ocular (rara)
- Náuseas (em casos de crise aguda de glaucoma de ângulo fechado)
- Visão borrada
- Halos (contorno brilhante) ao redor de luzes
- Olhos vermelhos

TRATAMENTOS[3]

Consiste na redução da pressão intraocular, que pode ser obtida através de:

- **Colírios** devem ser utilizados diariamente e por toda a vida
- **Lasers e cirurgias** A indicação varia segundo cada caso

PREVENÇÃO[3]

- Consultar regularmente o oftalmologista para a realização de exames de rotina que detectem lesões no nervo óptico e aumento da pressão intraocular
- Adesão a hábitos saudáveis que possam evitar o desenvolvimento de doenças consideradas como fatores primários de risco

Arquivo pessoal

Jacqueline Branco e a filha Viviane, que procurou um oftalmologista após a mãe descobrir a doença

2 a 3%

da população brasileira acima de 40 anos é portadora de algum tipo de glaucoma, o que equivale a

1,5 milhão

de pessoas

3º lugar

entre as causas de cegueira no Brasil

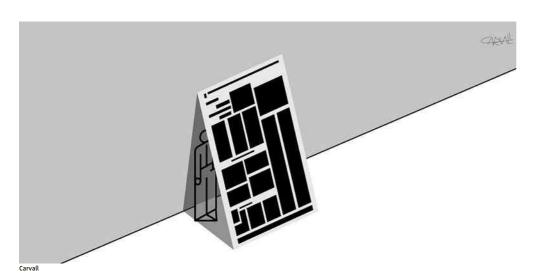
Referências: **1.** https://www.visaoemdia.com.br/glaucoma/ **2.** Biblioteca Virtual em Saúde do Ministério da Saúde e Conselho Brasileiro de Oftalmologia (CBO) https://bvsms.saude.gov.br/26-5-dia-nacional-de-combate-ao-glaucoma-5/ **3.** https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/glaucoma-diagnostico-precoce-e-tratamento-evitam-perda-da-visao **4.** Sociedade Brasileira de Glaucoma: https://www.sbglaucoma.org.br/

BR-OPHTHG-220017 Jun/22

OMBUDSMAN

folha.com/ombudsman
ombudsman@grupofolha.com.br

Ombudsman tem mandato de um ano, com possibilidade de renovação, para criticar o jornal, ouvir os leitores e comentar, aos domingos, o noticiário da mídia. Tel.: 0800-015-9000; fax:(11) 3224-3895

Carvall

O exercício de esconder a notícia

Em semana quente, Folha escorrega na hora de publicar coisas importantes

José Henrique Mariante

*É difícil e caro fazer bom jornalismo, mas é bem fácil esconder ou desperdiçar notícia. Em semana de muita manchete quente, a **Folha** deslizou nos detalhes na hora de publicar acontecimentos importantes. Mas, como se sabe, o diabo mora neles, nos detalhes.*

Dias antes de Jair Bolsonaro alegar que a Polícia Federal é independente, quando da prisão de seu ex-ministro da Educação, e da mesma Polícia Federal despejar provas de que tal independência não existe, a pasta da Justiça enviou ofício ao TSE para dizer que a corporação participará da fiscalização das urnas eletrônicas com o intuito de assegurar a "integridade e autenticidade dos sistemas eleitorais". O jornal levou 15 parágrafos na reportagem sobre o fato para citar a "retórica golpista" do presidente e evidenciar Anderson Torres no coro subversivo.

*Não apenas a **Folha** cometeu esse equívoco. Em debate na Globonews, um grupo de analistas falava da insistência do governo em desacreditar as urnas, mote também do título do jornal, e do quanto elas eram confiáveis. Esse é exatamente o intuito bolsonarista, que o país discuta as urnas, enquanto o que precisa de debate é o golpe e como mitigá-lo. Ministro da Justiça reforça desconfiança golpista sobre o processo eleitoral seria enunciado bem mais direto.*

*"A prefeitura de Registro (a 188 km de São Paulo) suspendeu por 30 dias um procurador do município filmado agredindo uma colega com chutes e socos." Esse é o primeiro parágrafo do relato da **Folha** sobre a agressão pública de um homem contra uma mulher no interior paulista. O primeiro parágrafo, o chamado lide, é o mais importante do texto jornalístico, pois deve dar conta da notícia e de sua importância. De acordo com o lide da **Folha**, o mais importante da notícia de Registro é o sujeito sofrer uma suspensão. Espancar a mulher vem depois.*

*Padece de mal semelhante a primeira reportagem do jornal sobre a juíza de Santa Catarina que induziu uma menina de 11 anos, vítima de estupro, a desistir do aborto legal, algo revertido após o caso ganhar grande repercussão. Lide e título da **Folha** são ocupados pela apuração de CNJ e Corregedoria sobre a conduta da magistrada, quando o principal deveria ser exatamente a sua bizarra atuação.*

*A **Folha** chegou depois da concorrência nas duas histórias, o que explica, mas não justifica, o foco nos desdobramentos. Outra coisa que faz falta ao texto é a indagação da juíza à menina sobre adoção, se ela achava que o "pai do bebê", o estuprador, concordaria com a ideia. Não parece haver retrato mais fidedigno deste país. Colunas de opinião do jornal imprimiram a pérola.*

*Além da confusão entre fato e consequência, a semana também mostrou como é possível esconder a notícia dentro dela mesmo. Entre os vários títulos publicados pela **Folha** na quinta-feira (23) sobre a nova pesquisa Datafolha (em fatiamento excessivo do levantamento, estratégia para ranquear melhor nos mecanismos de busca), um falava do que interessa: "Datafolha: Lula tem 53% dos votos válidos no 1º turno ante 32% de Bolsonaro".*

Perfeito, mas a notícia de verdade é que tais números fazem Lula levar no primeiro turno. O jornal acordou horas depois, alterando o enunciado para "Datafolha: Lula tem 53% dos votos válidos e poderia vencer no 1º turno".

*Ainda que muita gente nas redes sociais pedisse esse como título principal do jornal, a **Folha** manteve o padrão de chamar como manchete do site e da Primeira Página a pesquisa sobre o primeiro turno. No caso do impresso, um equívoco, mas por outra razão. A notícia mais forte não era o Datafolha, com percentuais que andaram de lado, ainda que importantes, mas a afirmação do delegado responsável pela prisão de Milton Ribeiro de que seu trabalho sofria interferências. Um furo da **Folha**, relegado a uma chamada compartilhada com a soltura do ex-ministro, abaixo da dobra.*

A notícia se impôs com as gravações na sexta-feira (24). Notícias sempre se impõem.

Ave, Cesare

*"Folha em transe." Esse foi um dos comentários dirigidos ao ombudsman acerca da publicação da entrevista epistolar com Cesare Battisti. Para muitos, assunto requentado que a **Folha** usa para minar a candidatura Lula. Para outros, miopia noticiosa, pelo fato da segunda parte da entrevista ter ocupado a manchete do site do jornal na manhã de quinta-feira (23), quando era de se esperar repercussão ou mais informações sobre a prisão na véspera de Milton Ribeiro.*

*Não adianta explicar que as manchetes do site não seguem a lógica da Primeira Página do impresso ou que a hierarquia noticiosa da Home Page se submete aos caprichos da audiência e dos sistemas de busca. Até porque tudo isso é antijornalístico. A reportagem era interessante, mas nunca uma manchete. Que a **Folha** aguente a bronca.*

4 em 10 brasileiros veem incentivo de Bolsonaro a ilegalidade na Amazônia

Continuação da pág. A4

Cercado por críticas no Brasil e no exterior, o chefe do Executivo defendeu o governo cinco dias depois do sumiço. Durante viagem aos Estados Unidos para a Cúpula das Américas, disse que as Forças Armadas e a Polícia Federal estavam se destacando "na busca incansável para alcançar essas pessoas".

Na ocasião, o ministro da Justiça, Anderson Torres, disse a representantes do Reino Unido e dos EUA que ao menos R$ 500 mil já tinham sido gastos na investigação e buscas.

Em meio às buscas pelas duas vítimas, Bolsonaro disse que Dom "era malvisto na região" porque fazia reportagens contra garimpeiros e sobre questões ambientais, mas não anunciou medidas para reduzir e fiscalizar os problemas que ele apontou serem objeto do trabalho do repórter.

O jornalista escrevia um livro sobre a Amazônia e contava com a ajuda de Pereira nas apurações.

Protesto com indígenas em SP pede justiça no caso das mortes de Bruno e Dom Carla Carniel - 23.jun.2022/Reuters

47% dizem que crime vai prejudicar muito imagem no exterior

Na avaliação de 47% da população, os assassinatos do indigenista e do jornalista vão prejudicar severamente a imagem do Brasil no exterior.

A pesquisa mostra ainda que 26% acham que o episódio afetará só um pouco a reputação do país, enquanto 17% dizem não ver prejuízo e 10% não sabem opinar. O instituto também perguntou sobre o impacto do crime em outras duas frentes.

Sobre a interferência que o caso terá nas ações de organizações de proteção ao ambiente e aos povos indígenas na Amazônia, a percepção de 44% é que os reflexos das mortes vão prejudicar muito essas iniciativas; 26% acham que prejuízos serão poucos. Outros 19% não veem repercussão, e 11% não sabem.

Questionados sobre as consequências nas ações do governo na Amazônia, 32% afirmam que os homicídios vão prejudicar muito, e 24% acham que pouco. Uma fatia de 29% não considera haver perda, e 15% não opinam.

As perguntas sobre a corrida presidencial mostraram cenário estável para Bolsonaro em relação à rodada anterior, apesar dos desgastes em seu governo —além da comoção em torno dos assassinatos na Amazônia, a crise econômica segue no colo do presidente.

Ele marcou 28% de intenções de voto (eram 27% em maio, ou seja, oscilação dentro da margem de erro), enquanto Lula tem 47% (eram 48% um mês atrás).

A avaliação de que as mortes de Bruno e Dom não irão prejudicar o Brasil em nenhum dos três aspectos sondados pelo Datafolha é significativamente superior entre aqueles entrevistados que declaram voto no atual mandatário.

Isso indica uma sintonia entre eles e o discurso do postulante à reeleição. Entre os que têm Bolsonaro como favorito na urna, 49% acham que o caso não trará prejuízo às ações do governo na Amazônia.

O mesmo ocorre no grupo que vê o governo dele como ótimo ou bom, que na população geral corresponde a 26%. Dentro da camada bolsonarista, o percentual dos que descartam qualquer impacto negativo dos homicídios é mais alto do que a média.

Uma parcela de 40% dos eleitores do presidente diz que as mortes não vão prejudicar as iniciativas de entidades ambientais e indígenas.

O estrago à imagem do país na cada dia mais relevante pauta da proteção ambiental ficou nítido ainda durante o desenrolar das buscas pelo indigenista e pelo jornalista. Os corpos foram localizados dez dias depois.

Entidades como o Alto Comissariado para Direitos Humanos da ONU, a embaixada do Reino Unido e organizações da sociedade civil brasileira fizeram apelos por maior empenho do governo.

No Reino Unido, terra natal de Dom, que morava no Brasil havia 15 anos, o primeiro-ministro Boris Johnson mencionou o caso durante um discurso ao Parlamento, ainda antes da confirmação das mortes, e disse que as autoridades locais estavam "profundamente preocupadas" com a situação.

Uma evidência de que o episódio piora o já deteriorado conceito do Brasil no exterior foi a publicação de reportagens a respeito do tema na mídia estrangeira com tendência de tom negativo.

Diplomatas enxergam o fato como o de maior potencial de dano à imagem brasileira dos últimos anos, conforme noticiou o Painel, a partir de relatos de membros do Ministério das Relações Exteriores.

O porta-voz do Departamento de Estado dos EUA, Ned Price, pediu que o governo brasileiro dê explicações sobre as mortes e mencionou o fato de que uma das vítimas é jornalista, o que sinaliza riscos à liberdade de imprensa no território nacional.

A gestão Bolsonaro é criticada pelo desmonte de órgãos ambientais e pela falta de ações na região amazônica, ao mesmo tempo em que sustenta o discurso de que a defesa da floresta cabe unicamente ao Brasil e que outros países não devem se meter no assunto, sob risco de ameaça à soberania nacional.

O presidente difunde mensagem de oposição à atuação na Amazônia de ONGs, ativistas e até mesmo órgãos de Estado.

Ricardo Salles, ministro do Meio Ambiente até 2021, ficou conhecido por frase que acabou resumindo sua agenda de afrouxamento da legislação ambiental. Sua proposta era aproveitar a atenção dada pela imprensa à pandemia para "ir passando a boiada e mudando todo o regramento e simplificando normas".

Centrão quer reeleição, mas vê chance na crise

Arthur Lira e Ciro Nogueira bancam aposta no presidente da República enquanto trabalham pelo próprio capital político

ANÁLISE

Bruno Boghossian

BRASÍLIA Na reunião convocada para discutir respostas ao aumento dos combustíveis, na segunda-feira (20), um aliado alertou o presidente da Câmara de que ele estava assumindo uma responsabilidade que não era sua.

O desgaste com a alta de preços, afinal, estava concentrado na figura de Jair Bolsonaro (PL), o que deveria obrigar o governo a liderar a busca de soluções para o problema. Arthur Lira (PP-AL) até concordou com aquelas premissas, mas avisou que não ficaria parado.

A associação com Bolsonaro rendeu um protagonismo inédito a Lira e seus aliados. O presidente da Câmara e o ministro da Casa Civil, Ciro Nogueira (PP), controlam uma fatia mais do que generosa do Orçamento, negociam as propostas que rodam no Congresso e definem parte das políticas operadas pelo Palácio do Planalto. Em resumo: fazem praticamente o próprio governo.

Em tempos de crise, essa posição privilegiada dos chefes do centrão oferece uma oportunidade e impõe uma necessidade: a oportunidade de ampliar ainda mais essa influência e a necessidade de manter o presidente vivo. A encrenca em torno dos combustíveis apresentou ao grupo esses dois caminhos.

Lira e Nogueira aproveitaram o vácuo da articulação política do Planalto para liderar uma operação que permitisse a expansão de seus poderes. A dupla disparou ataques coordenados contra a Petrobras, telefonou para o então presidente da companhia sem dar muita satisfação a Bolsonaro e passou a elaborar uma agenda que atendesse aos interesses do grupo.

O centrão patrocinou o plano de reformular a Lei das Estatais como suposta solução para uma independência excessiva da empresa. Sob o pretexto de facilitar a demissão de diretores insubordinados, porém, estava a ideia de abrir caminho para a volta de nomeações políticas na petroleira — um expediente que abasteceu o PP e seus aliados durante governos petistas.

Um dos principais adversários de Lira e Nogueira dentro do governo se opôs a essa ideia. Paulo Guedes (Economia) espalhou a versão de que a ampliação do Auxílio Gás e o pagamento de um vale-combustível para caminhoneiros seria uma alternativa à reforma da Lei das Estatais. Lira mostrou quem dá as cartas ao dizer que o plano de mexer nas normas das empresas públicas continua de pé.

Os prognósticos cada vez mais nítidos de derrota de Bolsonaro explicam outra parte das atitudes de Lira e Nogueira. Seguindo as regras frias do jogo político, o centrão não se importaria tanto com a sorte eleitoral do presidente caso seu próprio destino não estivesse relacionado ao desempenho do capitão.

Ciro Nogueira (esq.) e Arthur Lira se cumprimentam em evento Pedro Ladeira - 9.dez.20/Folhapress

[...]

A vitória de outro candidato deixaria o centrão um pouco mais afastado do poder ou, no mínimo, obrigaria os partidos a negociarem novos arranjos

O centrão não só vendeu uma estabilidade política para o mandato de Bolsonaro, mas também investiu pesado na reeleição. A nomeação de Nogueira para a chefia da Casa Civil, há quase um ano, se deu com a condição de que ele trabalhasse para recauchutar a máquina governista, com o objetivo de ampliar as chances do presidente.

A aposta foi alta. Há poucos meses, Nogueira falava nas chances de uma vitória de Bolsonaro ainda no primeiro turno. Lira, que trabalha de maneira mais discreta como cabo eleitoral, afirmou que o presidente deveria ultrapassar Lula (PT) nas pesquisas "no final de maio ou junho". O prazo está terminando e não há sinal de que isso vá ocorrer.

O interesse desses atores numa recuperação vertiginosa de Bolsonaro parte de um cálculo simples. Num segundo mandato, a aliança seria renovada, com a expectativa de uma influência ainda maior desses políticos.

A vitória de qualquer outro candidato deixaria o centrão um pouco mais afastado do núcleo do poder ou, no mínimo, obrigaria os partidos a negociarem novos arranjos, numa posição pouco favorável. Aliados de Lula, por sinal, deixam claro que o petista jamais cederia um espaço tão nobre como a Casa Civil a um político do bloco.

A matemática também leva em conta a estatura do próprio centrão a partir do resultado das urnas. Embora as eleições para a Câmara e o Senado apresentem uma dinâmica ancorada em fatores locais, o derretimento de Bolsonaro pode ter efeitos colaterais sobre as bancadas do grupo.

Se o eleitor for às urnas em busca de punição aos responsáveis pela inflação e pelo mal-estar generalizado na economia, a coalizão de centro-direita que hoje sustenta o presidente certamente sentirá um impacto.

O efeito imediato dessa derrota se daria naquela que é a principal fonte de poder do centrão: a presidência da Câmara. Arthur Lira acumulou força no plenário graças às gordas emendas direcionadas às bases políticas dos deputados, mas perderá a condição de candidato natural ao comando da Casa se Bolsonaro estiver fora do Palácio do Planalto em 2023.

Novo protocolo do SUS poderá mudar cenário de pacientes com Hipertensão Arterial Pulmonar

Especialistas reforçam a importância da consulta pública para atualizar as diretrizes brasileiras de tratamento da doença após oito anos desde sua criação

Descrita pela primeira vez em 1891 pelo médico alemão Ernst Von Romberg, a hipertensão arterial pulmonar (HAP) até hoje desafia a medicina. Doença rara, grave e de difícil detecção, seu controle depende da combinação precisa de medicamentos, com ação específica sobre os vasos sanguíneos dos pulmões[1].

Com 1,9 a 3,7 novos casos/milhão de habitantes por ano, a sobrevida dos pacientes é de apenas 2,8 anos sem tratamento[2]. "Mas, com o diagnóstico precoce e a terapia disponível hoje em dia, a sobrevida ultrapassa os 7,5 anos", diz o pneumologista Rogério de Souza, professor titular de Pneumologia, da USP.

Criados em 2014, os Protocolos Clínicos e Diretrizes Terapêuticas (PCDT) para HAP recomendam apenas monoterapia, com possibilidade de mudança de remédio, caso o paciente não responda ao esquema terapêutico inicial[3]. A diretriz médica mais recomendada e utilizada pelos médicos que tratam a HAP é o ESC/ERS, das Sociedades Europeias de Pneumologia e Cardiologia, que recomenda a terapia combinada já no início do tratamento na maioria das situações[4]. "A terapia combinada já está consagrada", afirma a cardiopediatra Flavia Navarro, chefe da Cardiologia Pediátrica, da Santa Casa de São Paulo.

HIPERTENSÃO ARTERIAL PULMONAR (HAP)[1]
Doença é rara e, sem tratamento, paciente pode desenvolver insuficiência cardíaca

O QUE É
A HAP é caracterizada pelo aumento da pressão sanguínea nas artérias pulmonares, responsáveis por levar o sangue do coração para os pulmões. A pressão alta leva à obstrução progressiva desses vasos, sobrecarregando o ventrículo direito

IMPORTÂNCIA DA REVISÃO

Elaboradas por técnicos da Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias no SUS (Conitec), essas orientações para o manejo da HAP estão em processo de revisão. "Sem um tratamento adequado, o paciente de HAP, além da maior probabilidade de óbito, interna mais, vai mais para a UTI. Ou seja, o custo do tratamento desse paciente é muito maior", lembra a cardiopediatra.

A consulta pública para a atualização do PCDT deve acontecer nos próximos meses. "Estamos esperançosos de que teremos um protocolo que atenda às necessidades dos pacientes e forneça a terapia combinada", diz Flavia Lima, presidente da Associação Brasileira de Apoio à Família com Hipertensão Pulmonar e Doenças Correlatas (Abraf).

Para os especialistas e representantes dos pacientes, o cenário é bastante positivo e promissor, uma vez que a própria Conitec reconheceu, em publicação recente, a necessidade das terapias combinadas para HAP[2]. "Essa demora impacta diretamente na sobrevida dos pacientes. É preciso corrigir o mais rápido possível esse descompasso entre o protocolo atual e todas as diretrizes internacionais", afirma a médica Jaquelina Ota Arakaki, coordenadora do setor de Hipertensão Pulmonar do Hospital São Paulo/Unifesp. O momento, agora, é de reforçar a urgência que os pacientes têm em, de fato, acessar esse novo protocolo.

Em São Paulo, muitos pacientes já têm à disposição a terapia combinada através de uma prerrogativa da Secretaria Estadual de Saúde do estado. "Esses pacientes raramente precisam ser internados. Eles têm mais disposição, conseguem trabalhar. É uma mudança extremamente significativa", diz a médica da Unifesp.

CAMPANHA DE CONSCIENTIZAÇÃO

Se existe algo que os portadores de HAP não têm é tempo. De sinais inespecíficos, a HAP tende a ser diagnosticada dois anos depois dos primeiros sintomas. Nesse momento, os pacientes, em geral, já apresentam comprometimento das funções pulmonares e/ ou cardíacas, o que lhes gera uma rotina de sofrimento e restrições. Nos casos mais graves, o doente se sente cansado mesmo em repouso e requer ajuda para as tarefas mais simples, como trocar de roupa e até escovar os dentes. Tonturas e desmaios são frequentes.

A publicitária Laura França Sampaio, de 32 anos, chegou a desmaiar após subir alguns lances de escada. Até então, ela achava que a falta de ar e o cansaço constantes eram sintomas do sedentarismo. Quase três anos após os primeiros sintomas, ela recebeu o diagnóstico de HAP. "O que mais senti falta ao receber o meu diagnóstico foi de conhecer algum paciente que me dissesse: 'tudo vai ficar bem'. Sinto que preciso fazer isso pelos outros."

Agora, por conta da combinação de medicamentos, ela diz estar estável. No começo do mês de Junho, Laura participou da São Paulo Fashion Week durante o desfile do estilista Walério Araújo, justamente para divulgar a doença. "Estar em um evento tão grande e de tamanha visibilidade é uma oportunidade maravilhosa de mostrar que a doença existe, é grave e muitas pessoas que sofrem com ela precisam ser olhadas mais de perto. Com o cuidado adequado, existe vida após o diagnóstico."

A doutora Jaquelina afirma que a participação de Laura no evento serviu para chamar a atenção das autoridades sobre a gravidade da doença e lembrar que todos têm direito ao acesso às novas terapias. "Essa é uma área em que há grandes avanços em termos de pesquisa, há novos medicamentos em estudo. Aprovarmos esse protocolo, é darmos a chance para que esses pacientes tenham mais condições de aguardar essas inovações", diz.

O desfile na São Paulo Fashion Week faz parte da campanha A Vida Merece Um Fôlego: Modelos de Coragem, realizada desde 2020, uma iniciativa da Janssen, empresa farmacêutica da Johnson & Johnson, em parceria com a Abraf. O projeto tem como objetivo ampliar informações sobre a hipertensão arterial pulmonar e dar visibilidade a causa.

Referências:

1. Vivendo com Hipertensão Pulmonar — A perspectiva dos pacientes (https://abraf.ong/wp-content/uploads/2020/05/vhip_vivendo-com-hp_estudo_book-online.pdf); **2.Relatório da Conitec 2021** (http://conitec.gov.br/images/Relatorios/2021/20210809_Relatorio_642_Selexipague_P53.pdf); **3. Portaria nº 35, de 16 de janeiro de 2014 –Aprova o Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas da Hipertensão Arterial Pulmonar** (http://conitec.gov.br/images/Protocolos/HAP.pdf); **4. European Hearth Journal** (https://www.phaeurope.org/wp-content/uploads/2015-esc-ers-gles-ph-web-addenda-ehv317.pdf)

A delinquência se desnuda

Sistema quadrilheiro se desvenda com caso de Milton Ribeiro e pastores

Janio de Freitas
Jornalista

O jantar era um velório antecipado e os convivas não sabiam. Foram convidados a homenagear Gilmar Mendes pelos 20 anos completados no Supremo. Nunca houve isso, nem o patrocinador do gasto público, presidente da Câmara, é dado a finezas. Quem não percebeu na ocasião ainda pode saber que Arthur Lira aproveitou a data para proporcionar na casa oficial, entre dezenas de figurantes ilustres ou longe disso, o encontro desejado por Bolsonaro com o ministro Alexandre de Moraes.

Há dúvida sobre o tempo em que conversaram o acusado e o condutor das ações penais contra Bolsonaro. Menos de 48 horas depois, o que tenha sobrado da conversa destroçava-se, ao som de diálogos a um só tempo suaves e fulminantes do casal Milton Ribeiro.

O aviso de Bolsonaro ao ex-ministro e pastor, sobre busca da Polícia Federal em sua casa, não foi só interferência contrária a uma investigação da Polícia Federal. Não foi só a violação de sigilo oficial por interesse particular e criminal. Não foi só o conhecimento de motivos para prevenir o ex-ministro.

É também um chamado ao Tribunal Superior Eleitoral para considerar a nova condição do candidato Jair Bolsonaro. No mínimo, suspendendo-lhe o registro até que o Supremo defina os rumos processuais do caso e, neles, a condição do candidato implicado. Isso independe da responsabilização de Bolsonaro como presidente.

É um sistema quadrilheiro que começa a desvendar-se. Ficam bem à vista duas estruturas que têm a Presidência da República como elo entre elas. Uma age dentro da administração pública, em torno dos cofres, e reúne pastores da corrupção religiosa, ocupantes de altos cargos e políticos federais e estaduais. A outra age do governo para fora, na exploração ilegal da Amazônia, em concessões injustificáveis, e em tanto mais. Duas estruturas independentes que se conectam na mesma fonte de incentivos, facilitações e proteção para as práticas criminais.

A investigação de todo esse dispositivo de saque é complexa. O desespero do pastor Arilton Moura emitiu uma informação de dupla utilidade, para os investigadores e para os seus camaradas de bandidagem: "eu vou destruir todo mundo", se a sua mulher for atingida de algum modo.

Logo, são muitos os implicados, incluindo esposas como possíveis encobridoras de bens ilegais. E, contrariando sua simpática discrição, mesmo Michelle Bolsonaro e suas ligações com pastores da corrupção, a começar com Milton Ribeiro por ela feito ministro.

O que se sabe do "todo mundo" está longe da dimensão sugerida pelo pastor. Uma das várias dificuldades iniciais para avançar com a investigação está na própria PF, em que se confrontam a polícia de policiais e a polícia de delinquentes (por comprometimento político ou não).

O embate público dos dois lados apenas começou, com a certeza de que o aviso dado por Bolsonaro partiu da PF contra a PF e, preso o ex-ministro, com ações a protegê-lo.

É imprevisível o que se seguirá no confronto de extrema gravidade: sem uma limpeza no quadro de chefes de inquéritos, a confiança na PF dependerá de saber, como preliminar, se a ação policial é de policiais ou de delinquentes. E não é fácil sabê-lo.

Note-se, a propósito, que eram dois os informados da então próxima prisão de Milton Ribeiro: o diretor-geral da PF, delegado Márcio Nunes de Oliveira, e o delegado Anderson Torres, ministro da Justiça que acompanhava Bolsonaro nos Estados Unidos, sem razão oficial para isso, quando o ex-ministro recebeu de lá o telefonema sobre a busca policial. Sem o esclarecimento dos seus papéis nessa transgressão, os dois bastam para comprometer a PF até como instituição.

Quando Bolsonaro procurava o ministro Alexandre de Moraes, com pedidos ou propostas, já o lado policial da PF cuidava de expor, na voz do ex-ministro, o chefe de responsabilidade do presidente ilegítimo. Bolsonaro ruía com seu governo e seus pastores. O Brasil real escancarava-se outra vez, faltando-lhe mostrar, no entanto, onde o bolsonarismo militar vai encaixar, no novo cenário, o seu inimigo — a urna eletrônica, preventiva da corrupção também eleitoral.

| DOM. Elio Gaspari, Janio de Freitas| **SEG. Celso Rocha de Barros**| TER. Joel P. da Fonseca| QUA. Elio Gaspari| QUI. Conrado H. Mendes| SEX. Reinaldo Azevedo, Angela Alonso, Silvio Almeida| SÁB. Demétrio Magnoli

Caso Milton Ribeiro arrasta PF para nova crise no governo

Suspeita de interferência de Bolsonaro expõe tensão interna como na saída de Moro

Fabio Serapião

BRASÍLIA Os desdobramentos da operação Acesso Pago arrastaram pela segunda vez, em três anos e meio, a Polícia Federal para dentro de uma investigação sobre interferência política e expuseram novamente as tensões internas no órgão, alimentadas pelas seguidas crises no governo Jair Bolsonaro (PL).

A investigação que mira a atuação de Milton Ribeiro e dos pastores Gilmar Santos e Arilton Moura na liberação de verbas do MEC seguirá paralelamente à decisão do STF (Supremo Tribunal Federal) de abrir uma apuração sobre a suposta interferência.

Além disso, a própria PF investiga as acusações do delegado Bruno Calandrini, feitas no dia da prisão do ex-ministro, sobre uma suposta interferência indevida no caso.

Entre policiais, a leitura é que uma nova crise interna se instalou a partir da revelação da **Folha** da mensagem em que o investigador relata a colegas que a investigação foi prejudicada por um suposto tratamento diferenciado dado ao ex-ministro.

Os áudios com as conversas em que o ex-ministro sugere ter sido avisado por Bolsonaro de um "pressentimento" de buscas a serem efetuadas, na visão de delegados, reforçam o mal-estar interno ao levantar desconfiança de ter havido vazamento por meio da direção do órgão.

Nos dois casos — a denúncia de Calandrini e o conteúdo dos áudios —, é a direção do órgão que fica exposta. O atual diretor-geral da PF, Márcio Nunes, é o quarto no comando do órgão desde o primeiro ano do governo Bolsonaro.

Tão logo foi procurada pela reportagem para se manifestar sobre a publicação da mensagem de Calandrini, a direção da PF tentou se antecipar a anunciou a abertura de inquérito para a apurar a suspeita de interferência. Na prática, a abertura é uma tentativa da mostrar que o delegado não tem provas do que disse.

Mesmo entre colegas de fora da direção, Calandrini tem sido criticado pela mensagem. O argumento é que ele não deveria ter enviado as acusações em um grupo, diante do risco de vazamento, mas sim relatar suas suspeitas ao Ministério Público. Delegados ponderam que, embora Calandrini possa ter errado na forma, o caso expõe o clima de desconfiança interna após várias trocas de comando.

O ministro da Justiça, Anderson Torres, cuja pasta é responsável pela PF Lúcio Távora/Xinhua

Após o juiz Renato Borelli, da 15ª Vara Federal de Brasília, enviar o caso para o STF decidir se abre uma investigação sobre interferência no vazamento da operação, o delegado Calandrini reforçou as suspeitas de vazamento.

Em ofício encaminhado à Justiça, ele elenca todos os áudios provenientes das interceptações telefônicas em que haveria elementos sobre o vazamento das diligências a serem cumpridas.

Em negrito, o delegado avisa ao juiz do caso que no período entre 23 de maio e 13 de junho a polícia estava fazendo a confirmação de endereços nas residências de Ribeiro e dos outros alvos da operação. Entre esses dias, em 9 de junho, Ribeiro diz ter recebido a ligação de Bolsonaro para avisá-lo do "pressentimento" de uma ação de buscas.

Na mesma data, o ministro da Justiça, Anderson Torres, estava com o presidente nos Estados Unidos, na Cúpula das Américas.

Tanto as suspeitas levantadas pelo delegado como a do suposto vazamento serão apuradas no inquérito aberto pela direção da PF e na possível apuração do STF, que aguarda decisão da ministra Cármen Lúcia para ser instaurada.

Caso a gestão de Márcio Nunes seja investigada em um caso de interferência de Bolsonaro, ele será o segundo diretor-geral do atual governo nessa situação. Indicado por Sergio Moro, Maurício Valeixo foi o primeiro. Fatos ocorridos em sua gestão, encerrada com a demissão de Moro, foram alvos do inquérito da interferência relatado por Alexandre de Moraes, do STF.

Moro deixou o governo acusando Bolsonaro de tentar interferir politicamente na PF em benefício pessoal. Em reunião ministerial de abril de 2020, que foi tornada pública posteriormente por ordem do STF, Bolsonaro fala claramente em interferência para evitar que amigos e familiares sejam atingidos.

"Já tentei trocar gente da segurança nossa no Rio de Janeiro oficialmente e não consegui. Isso acabou. Eu não vou esperar f. minha família toda de sacanagem, ou amigo meu, porque eu não posso trocar alguém da segurança da ponta de linha que pertence à estrutura. Vai trocar; se não puder trocar, troca o chefe dele; não pode trocar o chefe, troca o ministro. E ponto final. Não estamos aqui para brincadeira", disse o presidente.

Dois depois dessa reunião, Bolsonaro, de fato, exonerou Valeixo, o que resultou na saída de Moro do governo. A primeira medida do novo comando da corporação foi substituir o superintendente do Rio.

Bolsonaro tentou emplacar no comando da PF o delegado Alexandre Ramagem, que chefiou sua segurança durante a campanha presidencial de 2018 e se tornou amigo da família. O ministro do STF Alexandre de Moraes, porém, suspendeu a nomeação sob o argumento, entre outros, de que o próprio Bolsonaro havia afirmado que pretendia usar a PF, um órgão de investigação, como produtor de informações para suas tomadas de decisões.

Em seu lugar, entrou Rolando de Souza, que ficou 11 meses no cargo, sendo substituído por Paulo Maiurino, antecessor de Nunes.

Entenda o caso

O que é investigado pela operação Acesso Pago? Os pastores Gilmar Santos e Arilton Moura são peças centrais no escândalo do balcão de negócios dentro do Ministério da Educação, então sob o comando de Milton Ribeiro. Como mostrou a **Folha**, eles negociavam com prefeitos a liberação de recursos federais mesmo sem ter cargo no governo. Os recursos são do FNDE, órgão ligado ao MEC e controlado por políticos do centrão. Prefeitos relataram pedidos de propina, algumas em ouro. Ribeiro nega seu envolvimento. A defesa de Gilmar Santos tem dito que o pastor não cometeu irregularidades. Já a de Arilton afirma que só se manifestará nos autos.

Milton Ribeiro ainda está preso? Não. Um dia após ser detido, o ex-ministro da Educação foi solto por decisão da Justiça. O juiz federal Ney Bello, do TRF-1 (Tribunal Regional Federal da 1ª Região), decidiu na quinta (23) pela revogação da prisão preventiva de Ribeiro e dos demais detidos na operação Acesso Pago, entre eles os pastores Gilmar Santos e Arilton Moura.

O que foi dito nas conversas interceptadas pela Polícia Federal? Em ligação com sua filha no dia 9 de junho, Milton Ribeiro afirmou que Bolsonaro teria dito estar com um "pressentimento" de que iriam atingi-lo por meio da investigação contra o ex-ministro. "Hoje o presidente me ligou, ele está com pressentimento, novamente, que eles podem querer atingi-lo através de mim. É que tenho mandando versículos para ele", disse Ribeiro. Questionado pela filha, citou a suspeita levantada pelo presidente. "Ele acha que vão fazer uma busca e apreensão... em casa... sabe... é... é muito triste", afirmou. Já em uma segunda interceptação realizada no dia 22, quando Ribeiro foi preso, a esposa do ex-ministro, Myrian, relatou a um interlocutor que seu marido "não queria acreditar", mas "estava sabendo" do que ocorreria. "Para ter rumores do alto é porque o negócio estava certo", disse em telefonema.

O que os investigadores dizem sobre as conversas interceptadas? O Ministério Público Federal (MPF) e a PF sustentam a versão de possível vazamento e interferência com base nas interceptações telefônicas feitas ao longo da investigação. O MPF apontou "interferência ilícita por parte do presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, nas investigações".

O que diz a defesa de Bolsonaro? O advogado Frederick Wassef afirma que não houve conversa entre o presidente e o ex-ministro e que caberá a Ribeiro explicar o uso "indevido" do nome do chefe do Executivo. Wassef ainda reitera que Bolsonaro não interfere na Polícia Federal. "Se o ex-ministro usou o nome do presidente Bolsonaro, usou sem seu conhecimento, sem sua autorização", disse o advogado de Bolsonaro na sexta-feira (24). "O presidente não teve informações privilegiadas. Não tem nenhuma informação sobre nenhuma investigação", acrescentou.

O que acontece com o caso após a menção a Bolsonaro? A suspeita de interferência de Bolsonaro e de vazamento da operação Acesso Pago embasaram a decisão do juiz Renato Borelli de enviar o caso para o STF (Supremo Tribunal Federal). Outro motivo para a remessa foi uma mensagem enviada a colegas pelo delegado federal responsável pelo pedido de prisão de Ribeiro, Bruno Calandrini, na qual dizia que houve "interferência na condução da investigação".

Qual a relação do ministro da Justiça com a suposta interferência? O ministro da Justiça, Anderson Torres, acompanhava Bolsonaro em viagem aos Estados Unidos quando, segundo Milton Ribeiro, o presidente telefonou para avisar sobre um "pressentimento" de que haveria uma operação da Polícia Federal. Como titular da Justiça, Torres tem sob a aba do seu ministério a Polícia Federal, responsável pela operação que investiga as irregularidades na liberação de verbas do Ministério da Educação. Além disso, o atual diretor-geral da PF é Márcio Nunes, amigo de Torres.

O que dizem os aliados de Bolsonaro? Aliados do presidente acreditam que o que já saiu até o momento é fraco para comprometê-lo. A remessa das investigações para o STF, no entanto, não é vista como um bom sinal.

Igreja Presbiteriana é pressionada, mas não afasta Milton Ribeiro

Instituição de ex-ministro sofre cobrança em redes sociais, enquanto cúpula diverge sobre postura a adotar no caso

Cézar Feitoza

BRASÍLIA Às 20h13 de quarta-feira (22), o presbítero Antônio César de Araújo Freitas enviou uma mensagem num grupo de WhatsApp a colegas da IPB (Igreja Presbiteriana do Brasil).

"Meus irmãos, estive com o Reverendo Milton [Ribeiro], na Superintendência da Polícia Federal em São Paulo, agora no início da noite, conversamos um pouco, orei com ele e deixei um abraço dizendo que seus irmãos estão em oração."

"Maravilha, César. Oremos por ele", respondeu o chanceler do Mackenzie, Robinson Grangeiro.

A conversa de Antônio com Milton durou cerca de 10 minutos na sala em que o ex-ministro ficou detido por um dia, segundo relatos feitos por interlocutores do presbítero.

A visita servia para mostrar apoio ao ex-ministro e pastor presbiteriano, que foi preso preventivamente por suspeita de ter cometido os crimes de corrupção passiva, tráfico de influência, prevaricação e advocacia administrativa.

No dia seguinte, Ribeiro foi solto por ordem do TRF-1 (Tribunal Regional Federal da 1ª Região).

Antônio César é vice-presidente do Conselho de Administração do Instituto Presbiteriano Mackenzie. Ele conseguiu visitar Milton por ser advogado, mesmo sem defender o ex-ministro em nenhum processo. "Fui fazer uma visita de cortesia na condição de amigo", limitou-se a dizer à **Folha**, acrescentando que não tem autorização para dar detalhes da conversa.

A prisão de Milton desencadeou a maior crise na Igreja Presbiteriana do Brasil em décadas, segundo seus integrantes. A IPB é pressionada nas redes sociais e por igrejas a se manifestar sobre o caso, enquanto os integrantes da cúpula da instituição divergem em discussões sobre a postura que deve ser adotada.

O presidente do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil, Roberto Brasileiro, no entanto, pediu para os membros dos altos cargos da instituição manterem silêncio e esperarem os desdobramentos da investigação da PF (Polícia Federal).

A **Folha** conversou com 11 integrantes e interlocutores da alta cúpula da Igreja Presbiteriana do Brasil nos últimos três dias.

O caso Milton foi o principal tema na reunião bimestral do Conselho de Administração do Mackenzie, na quinta (23). No início do encontro, segundo relatos, Roberto Brasileiro pediu para os conselheiros ficarem como "passarinho na muda", uma expressão que significa manter-se em silêncio.

Brasileiro ainda disse que Milton, ex-vice-reitor do Mackenzie, não será afastado pela cúpula da igreja e que a instituição não fará nenhuma manifestação pública.

Segundo integrantes do colegiado, o presbítero Antônio César disse na reunião que, durante a visita, Milton falou que suas mãos estavam limpas e que a investigação da PF irá comprovar a sua inocência.

Outros acreditam que Milton tem culpa por ter misturado o cargo público com a vocação pastoral e eliminado critérios técnicos para a distribuição de recursos do FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação).

A postura do presidente Jair Bolsonaro (PL), que deixou de defender a inocência do ex-ministro, também foi considerada decepcionante por membros da Igreja Presbiteriana.

O ex-ministro Milton Ribeiro, preso na semana passada após operação da PF Catarina Chaves - 21.ago.21/MEC

Roberto Brasileiro está em seu quinto mandato e segue desde 2002 no mais alto posto da IPB. Religiosos e aliados o descrevem como um pastor conciliador, com interlocução com todas as alas da igreja presbiteriana.

Um dos filhos dele, Gustavo Brasileiro, foi assessor especial de Milton Ribeiro no Ministério da Educação. Ele pediu exoneração em 1º de abril, na mesma semana em que o ministro deixou o governo. Gustavo é pré-candidato pelo Novo para o cargo de deputado estadual por Minas Gerais.

Procurado, Roberto Brasileiro não se manifestou.

A Igreja Presbiteriana do Brasil tem 162 anos e, durante sua história, desenvolveu uma estrutura organizada. As igrejas de determinada região compõem um Presbitério. O conjunto de presbitérios de uma cidade ou estado forma um Sínodo. Acima dele está o Supremo Concílio.

A Igreja Presbiteriana Jardim de Oração, cujo pastor é Milton Ribeiro, faz parte do Presbitério de Santos — também presidido pelo ex-ministro. Qualquer processo contra o pastor dentro da IPB deve ser inicialmente apurado por essa instância.

O vice-presidente do Presbitério de Santos, pastor Vulmar Dutra, não vê na prisão de Milton motivo para a abertura de um processo interno contra o ex-ministro.

"[Qualquer processo] só será aberto se ele for julgado [pelo Judiciário] ou se houver alguma denúncia formal. Do contrário, vamos continuar. Esse é o trâmite da igreja. Não há nada, nenhuma denúncia formal. A gente não julga ninguém por presunção", disse à **Folha**.

"A gente ora para que tudo se esgote o mais rápido possível e não vá nada à frente, que ele consiga se defender. Essa é a nossa esperança", completou.

A reunião anual do Supremo Concílio está prevista para o fim de julho, em Cuiabá (MT). A expectativa da cúpula da IPB é ignorar o caso Milton nas discussões, mas há receio de que alguém levante o assunto durante o encontro.

Milton Ribeiro foi preso na quarta com os pastores Arilton Moura e Gilmar Santos por suspeita de operar um balcão de negócios no Ministério da Educação e na liberação de verbas do FNDE.

O ex-ministro saiu da prisão após conseguir um habeas corpus do juiz federal Ney Bello, do TRF-1, na quinta (23).

Nesta sexta-feira (24), a Justiça Federal do Distrito Federal encaminhou o caso ao STF (Supremo Tribunal Federal), indicando suspeitas de interferência de Bolsonaro nas apurações.

Segundo a PF, são investigadas a prática de "tráfico de influência e corrupção para a liberação de recursos públicos".

Juliana Freire

A Eletrobras torrou R$ 340 milhões

A investigação custou mais que as malfeitorias

Elio Gaspari

Jornalista, autor de cinco volumes sobre a história do regime militar, entre eles "A Ditadura Encurralada"

Em dezembro de 2017, o repórter Maurício Lima contou que a Eletrobras contratou por cerca de R$ 400 milhões o escritório de advocacia americano Hogan Lovells para investigar roubalheiras descobertas pela Operação Lava Jato no setor de energia. As roubalheiras estavam estimadas em R$ 300 milhões.

Eram os estranhos tempos do lava-jatismo. O Datafolha dava 35% das preferências para uma candidatura de Lula e 17% para Bolsonaro. Donald Trump estava na Casa Branca e, no Brasil, o economista Paulo Guedes trabalhava pela candidatura do apresentador Luciano Huck à Presidência da República. O IBGE informava que, em 2016, 52,2 milhões de brasileiros viviam abaixo da pobreza. Hoje são 54,8 milhões.

A notícia de Maurício Lima foi rebatida pela Eletrobras: As informações seriam "incorretas", deu o assunto por encerrado e batalhou para mantê-lo sob sigilo.

Passaram-se quatro anos e o lava-jatismo tornou-se um anátema. Desde setembro de 2020, circula no Tribunal de Contas da União um relatório de inspeção com 379 páginas e o carimbo de "reservado" sobre o contrato assinado pela Eletrobras com o escritório Hogan Lovells.

No último dia 15, os ministros começaram a tratar do assunto e o trabalho foi suspenso por um pedido de vistas. Está estabelecido pelo relatório que a Eletrobras pagou R$ 340 milhões para investigar desvios que ficaram abaixo dessa quantia.

O relatório mostra como torraram-se R$ 340 milhões para investigar empreiteiras metidas em licitações viciadas, sobrepreços (quando o serviço é caro), superfaturamentos (quando há mutreta na cobrança), benefícios impróprios e subcontratações malandras.

O trabalho da infantaria do TCU mostrou um painel desalentador. Nos contratos com o escritório Hogan Lovells, havia vícios, sobrepreços, superfaturamentos e subcontratações que chegaram a R$ 263 milhões, pagando-se em muitos casos por serviços que não eram comprovados.

Nos tempos da Lava Jato, empreiteiros e gestores públicos viraram Belzebus. Em muitos casos, eram. No entanto, olhando para o que aconteceu no contrato da Hogan Lovells, ocorre um raciocínio cínico, porém inevitável: roubava-se na construção de hidrelétricas, mas as empresas empregavam milhares de trabalhadores e, ao fim do negócio, as usinas produziam eletricidade. O trabalho da Hogan Lovells empregou algumas dezenas de afortunados e produziu papéis de pouca serventia.

A investigação do TCU encontrou "a existência de sobrepreço na contratação" e mais:

1- "Pagamentos por serviços sem regular e prévia comprovação de sua execução (superfaturamento)."

2- "Reembolso de despesas não autorizadas previamente ou irregularmente demonstradas."

3- "Elevação de preços contratuais acima do limite legalmente autorizado."

4- "Realização de contrato verbal para prestação de serviços não caracterizados como de pequenas compras de pronto pagamento –Membros da Cigi."

Membros da Comissão Independente de Gestão da Investigação da Eletrobras, a Cigi, além de serem remunerados pelos serviços que prestavam, foram reembolsados por colaborações adicionais. Entre eles: Ellen Gracie Northfleet (ex-presidente do Supremo Tribunal Federal), Durval José Soledade Santos (ex-diretor da Comissão de Valores Mobiliários) e Júlio Sérgio de Souza Cardoso.

"Foi identificado que a Eletrobras firmou termos de reconhecimento de dívida (TRD), com pessoas físicas e jurídicas em vista da prestação de serviços, sem cobertura contratual formal."

O escritório Ellen Gracie Advogados Associados recebeu R$ 474 mil. Os doutores Durval e Júlio Sérgio cobraram R$ 67,5 mil cada um.

Além desses reembolsos, entre 2015 e 2017, Durval recebeu R$ 68 mil mensais e o Ellen Gracie Associados, R$ 131,1 mil mensais em 2015 e 2016 como remuneração por integrar a comissão. Pagamentos legítimos, remuneravam trabalho. Durval José Soledade Santos, recebeu R$ 2.517 por hora trabalhada e o escritório de Ellen Gracie, R$ 3,6 milhões (R$ 4.788 por hora).

O documento informa:

1- "Os valores pagos pela Eletrobras aos membros da Cigi são incompatíveis com os preços praticados pelo mercado."

2- "Os pagamentos por serviços sem regular e prévia comprovação da execução implicaram dano ao patrimônio do tomador e enriquecimento imotivado dos prestadores."

3- "Os produtos entregues à Eletrobras pelo Hogan Lovells não se prestam à:

a) detecção de fraudes já ocorridas que ainda não fossem de conhecimento de autoridades nacionais de controle e investigação;

b) prevenção de fraudes futuras ainda não conhecidas."

O relatório de inspeção listou 53 responsáveis e sugeriu que todos sejam ouvidos. Na caçamba, entraram executivos e membros dos conselhos da Eletrobras, bem como os sócios e diretores das empresas contratadas.

O documento é apenas um ponto de partida para o julgamento. Está longe de ser um veredito, e a memória das decisões do Tribunal de Contas tem pelo menos um horrível esqueleto. Em 2017 o TCU congelou os bens dos conselheiros da Petrobras numa decisão absurda, com um lance de amnésia seletiva.

Uma coisa é certa: se em 2017 a Eletrobras tivesse tomado o cuidado de investigar a denúncia de Maurício Lima, o caso do contrato com o escritório custaria menos à sua reputação.

Madame Natasha

Madame Natasha adora ler documentos do Tribunal de Contas da União e concedeu mais uma de suas bolsas de estudo à equipe do relatório de inspeção do contrato da Eletrobras com o Hogan Lovells.

Em duas ocasiões eles queriam dizer "acessoriamente" e escreveram "assessoriamente".

Nada grave. Em março de 1964, antes de entrar para a Academia Brasileira de Letras, o general Aurélio de Lyra Tavares, futuro ministro do Exército, disparou um "acessoramento" numa carta ao seu colega Humberto Castello Branco.

O direito da Unimed

Durante cerca de 20 anos o economista Cláudio Salm, ex-diretor do IBGE, foi freguês da operadora de saúde privada Unimed. Diagnosticado com um câncer de pulmão, recorreu a um medicamento importado. Como o fármaco não estava na lista da Anvisa, foi à Justiça e obteve uma liminar que lhe assegurava o reembolso.

Meses depois, em abril de 2006, o remédio entrou na lista da agência.

Em agosto de 2019 Cláudio Salm morreu.

A Unimed está na Justiça, cobrando R$ 176 mil ao espólio do falecido.

Como o Superior Tribunal de Justiça decidiu que as operadoras não são obrigadas a reembolsar o custo de medicamentos que não estão no rol da Anvisa, ficou a questão:

Se a Justiça concedeu uma liminar quando o remédio não está na lista e depois ele é incluído, o espólio do freguês tem que pagar?

Bolsonaro ignora caso de ex-ministro em ato

Presidente participa de marcha evangélica em SC, evita tratar de investigação e diz que eleição é 'luta do bem contra o mal'

Hygino Vasconcellos e Nicola Pamplona

Jair Bolsonaro (PL) participa de evento evangélico em Balneário Camboriú (SC) Hygino Vasconcellos/Folhapress

> Um lado defende o aborto, o outro é contra. Um lado defende a família, o outro quer cada vez mais desgastar os seus valores. Um lado é contra a ideologia de gênero, o outro é favorável
>
> **Jair Bolsonaro**
> presidente da República

BALNEÁRIO CAMBORIÚ (SC) E RIO DE JANEIRO O presidente Jair Bolsonaro (PL) ignorou as suspeitas levantadas na investigação sobre o ex-ministro da Educação Milton Ribeiro e, durante discurso em evento evangélico em Balneário Camboriú (SC), repetiu neste sábado (25) que as eleições representam "luta do bem contra o mal".

Bolsonaro pediu a apoiadores que não se arrependam por não terem atuado e, logo após fazer a defesa do armamento da população ao público religioso, citou passagem bíblica em que Jesus conclama seus discípulos a vender suas capas e comprar espadas.

Bolsonaro discursou por cerca de 20 minutos, mas não fez nenhuma referência à prisão de Ribeiro, que é pastor evangélico, nem às suspeitas de que avisou o ex-ministro de operação da Polícia Federal para investigar corrupção no governo.

Ribeiro foi preso preventivamente na quarta (22) e solto por habeas corpus do STJ (Superior Tribunal de Justiça) no dia seguinte. As investigações miraram também os pastores Gilmar Santos e Arilton Moura, ligados a Bolsonaro, por suspeitas de criação de balcão de negócios no MEC.

Durante as investigações, a Polícia Federal interceptou telefonema do ex-ministro à filha, contando que Bolsonaro lhe disse que estava com "pressentimento" de que iriam atingi-lo por meio da investigação. Ribeiro disse também que Bolsonaro relatou achar que haveria uma operação de busca e apreensão. O advogado do presidente, Frederick Wassef, nega que a conversa tenha ocorrido.

A suspeita de interferência levou a Justiça a encaminhar o caso para análise do STF (Supremo Tribunal Federal).

Em seu discurso neste sábado, Bolsonaro preferiu focar temas caros ao eleitor religioso, como aborto, que se tornou um dos alvos das redes sociais bolsonaristas com o caso da menina de 11 anos que vinha sendo impedida de abortar pela Justiça de Santa Catarina.

"Um lado defende o aborto, o outro é contra. Um lado defende a família, o outro quer cada vez mais desgastar os seus valores. Um lado é contra a ideologia de gênero, o outro é favorável. Um lado quer que o povo se arme para que cada vez mais se afaste a sombra daqueles que querem roubar a nossa tão sagrada liberdade", afirmou.

"E eu tenho dito: um povo armado jamais será escravizado. Vendam as suas capas, comprem espadas, está naquele livro que nós chamamos de Bíblia Sagrada", completou o presidente, que depois disse "ter um exército" de quase 200 milhões de brasileiros.

A maior parcela da população, no entanto, reprova a gestão Bolsonaro, que se mantém como o presidente eleito pior avaliado a essa altura do mandato desde a redemocratização. Segundo pesquisa Datafolha feita em 22 e 23 de junho, Bolsonaro tem sua gestão rejeitada por 47%. Eram 48% em 25 e 26 de maio.

Aqueles que o acham regular oscilaram de 27% para 26% no período, enquanto quem aprova sua gestão como ótima ou boa foi de 25% para 26%.

Neste sábado, Bolsonaro voltou a dizer que "é melhor perder o oxigênio do que a liberdade" e afirmou que "não podemos aceitar passivamente aqueles que querem impor a sua vontade sobre nós", citando a Venezuela e outros países sul-americanos governados pela esquerda.

"Não podemos esperar chegar a 2023 ou 2024 e olhar para trás, nós aqui, e perguntarmos a nós mesmos o que nós não fizemos para chegar a essa situação difícil", afirmou.

Segundo o Datafolha, o ex-presidente Lula (PT) tem 19 pontos de vantagem sobre Bolsonaro nas intenções de voto no primeiro turno (47%, contra 28%).

Big techs mantêm brechas sobre golpismo de Bolsonaro

Apesar de estratégias com o TSE, moderação de conteúdo desafia plataformas

Paula Soprana

SÃO PAULO Discursos bolsonaristas que levantam suspeitas de fraude nas urnas em 2018 circulam nas redes sociais mesmo após mudanças de política das empresas e de acordos contra a desinformação eleitoral com o TSE (Tribunal Superior Eleitoral).

O YouTube, que tem uma das políticas de conteúdos mais específicas para o contexto eleitoral, não permite conteúdo sobre fraude nas urnas em 2018. Vídeos da família Bolsonaro, no entanto, mencionam o tema explicitamente e permanecem no ar.

Em uma live de 17 de junho do ano passado, o presidente disse ter convicção de fraude e que venceu no primeiro turno de 2018. Um mês depois, em outra transmissão oficial, afirmou que pessoas "iam votar no 17 e aparecia nulo ou automaticamente o 13 [do PT]".

Em vídeo veiculado em 14 de junho deste ano, durante uma obra no Amapá, repetiu que teria ganho no primeiro turno se as eleições fossem limpas.

Eduardo Bolsonaro, em um evento conservador recente, disse que as pessoas precisam votar para ao menos se certificarem de que pode acontecer a mesma fraude de 2018. Ele reproduziu o discurso do pai, dizendo que eleitores digitavam 1 e o sistema completava com 3.

O presidente Jair Bolsonaro durante live Reprodução - 17.jun.21/Jair Bolsonaro no YouTube

Lives do presidente costumam ser republicadas em seus perfis do Twitter e do Facebook, onde também ficam disponíveis.

Considerando a militância, que ecoa esse discurso em outras redes e aplicativos de mensagens, como WhatsApp e Telegram, são mais de 1.600 vídeos no YouTube que abordam conspirações sobre urnas, pedido de voto impresso ou auditável e citações a intervenções golpistas ou a forças militares, segundo monitoramento coordenado pelo professor Marcelo Alves, da PUC do Rio de Janeiro.

É preciso esclarecer que a maioria das empresas não remove proativamente descrenças genéricas no sistema eleitoral ou pedidos de voto impresso, por exemplo, por considerarem violação à liberdade de expressão.

Twitter, YouTube e Kwai, aplicativo chinês que rivaliza com o TikTok, são mais explícitos ao falar sobre conteúdos que alegam "fraude não verificadas sobre o sistema eleitoral", "informações falsas de que as urnas eletrônicas brasileiras foram hackeadas na última eleição" e "alegações falsas sobre a transparência das eleições", respectivamente.

Para Alves, da PUC, alguns acordos com o TSE têm sido violados. Há conteúdos eleitorais sem rótulos e, no caso do YouTube, a exclusão de vídeos sobre fraude nas urnas é baixa (seu monitoramento aponta para 16; a empresa não revela o número).

"É uma política problemática: proíbe vídeos sobre fraude das urnas em 2018, mas não foi aplicada em 2018 e também não cobre o que aconteceu depois de 2018", diz.

O mesmo monitoramento identificou 1.378 publicações citando urnas em canais de extrema-direita, conspirações sobre fraudes ou mobilizações por voto impresso ou voto auditável no Facebook e no Instagram.

A Meta, dona das duas redes sociais, não tem política específica sobre urnas eletrônicas. Desde janeiro, conta com uma regra para moderar o discurso de "autoridades durante agitações civis".

A diretriz foi elaborada após a suspensão do perfil do ex-presidente americano Donald Trump em 2021, quando apoiadores desconfiados das urnas invadiram o Capitólio. No Facebook, as publicações dele, que negou a vitória de Joe Biden, infringiram regras da plataforma por incitarem a violência.

Diante do que ocorreu nos Estados Unidos, as redes sociais dizem que não podem prever o que acontecerá com o perfil de Jair Bolsonaro caso ele acuse fraude nas urnas nos dias próximos à eleição.

A **Folha** conversou com Twitter, Meta (dona de Instagram, Facebook e WhatsApp), Kwai e Google (dona do YouTube). O TikTok não quis se manifestar. Por email, o escritório de advocacia que representa o Telegram disse que assuntos de imprensa só podem ser tratados pelo aplicativo. No aplicativo, a reportagem não obteve resposta.

Nos bastidores, as empresas simulam diferentes cenários com eventuais postagens para calcular como poderão atuar caso um presidenciável não aceite derrota nas urnas e use as redes sociais para isso.

De modo geral, todas as políticas dão arcabouço para banir informações do tipo. Mesmo assim, hesitam em derrubar conteúdos de perfis de autoridades. A depender da figura política, as empresas precisam de aprovação das matrizes para uma exclusão.

A estratégia principal das empresas com o TSE é difundir informações da instituição para combater as mentiras sobre as urnas. Todas as big techs relevantes em audiência assinaram um acordo com a corte e têm canais de comunicação extraoficial para o período eleitoral, quando poderão receber denúncias sobre conteúdos falsos.

O ponto mais difícil desse combate é o da moderação de conteúdo.

"O grande problema é a falta de transparência. Ainda lidamos com situações básicas de moderação de conteúdo, não temos claro a regra que foi usada e por que aquele conteúdo foi ou não removido", diz Paulo Renã, professor de direito no Centro de Ensino Unificado de Brasília.

Ele defende uma cooperação entre as plataformas para coibir a desinformação eleitoral. "A única solução possível poderia ser construída entre as empresas e não vejo isso acontecendo. É uma preocupação pública compartilhada. A pessoa preocupada em compartilhar ilícito pula de uma plataforma para a outra."

A nova política da Meta diz que a restrição de um perfil político vai considerar "a gravidade da violação e o histórico da figura pública no Facebook ou no Instagram, incluindo violações atuais e anteriores", além da influência da pessoa no ato violento e a gravidade dos atos.

Para Vitor Monteiro, da assessoria de enfrentamento à desinformação do TSE, o principal pilar da parceria com as empresas é divulgar informações confiáveis. Segundo ele, a preocupação é grande desde 2018, mas o relacionamento com as empresas é de diálogo, não de sanção ou fiscalização.

"A gente não vai combater desinformação só com o TSE. A gente entende que a desinformação é algo que vai exigir de toda a sociedade", diz.

Ruína de frente ampla em Israel põe Netanyahu mais uma vez no radar

Sigla de ex-premiê lidera pesquisas, mas ação na Justiça e chance de lei ficha limpa são obstáculos

Diogo Bercito

WASHINGTON A coalizão que governa Israel começou a ruir nestes últimos dias. Pelas rachaduras abertas, já é possível ver o sorriso do ex-premiê Binyamin Netanyahu, 72, que agora tem a oportunidade de voltar ao poder.

Ninguém pensava que o governo fosse durar. Essa aliança tinha sido travada em 2021 como um inusitado pacto entre partidos rivais de ideologias opostas para retirar Netanyahu do cargo após um recorde de 12 anos. Mas a expectativa era a de que a coalizão ao menos resistisse até o ex-premiê, investigado por corrupção, sumir do cenário político. Ledo engano. Netanyahu persiste —a despeito de tudo e de todos.

A pergunta que agora ricocheteia dentro e fora de Israel é se ele vai mesmo voltar a habitar a residência do premiê, em Jerusalém. É cedo demais para responder, porque seu retorno depende de eleições ainda não agendadas e de negociações partidárias imprevisíveis. O que está claro, no meio-tempo, é que Netanyahu é uma das figuras mais resilientes —ainda que muitas vezes detestadas— da política moderna israelense.

A coalizão hoje no poder, em franco esfarelamento, foi formada depois de os israelenses terem ido às urnas quatro vezes em menos de dois anos. O pleito foi repetido em tantas doses porque nenhum partido tinha a maioria dos assentos no Knesset, o Parlamento de Israel, nem conseguia formar uma aliança.

O cenário mudou com a eleição de março de 2021, a mais recente. Para impedir que Netanyahu permanecesse no poder ou devolvesse o país às urnas, um grupo eclético e contraditório de partidos chegou a um pacto de governo. A coalizão era liderada por Naftali Bennett, da direita nacionalista, e Yair Lapid, um liberal do centro —e contava, também, com siglas de esquerda e a Lista Árabe Unida. Bennett foi premiê neste primeiro ano, e Lapid deve assumir o governo temporário até a eleição.

O problema, afirma Yonatan Freeman, especialista em relações internacionais no departamento de ciências políticas da Universidade Hebraica de Jerusalém, era que "a coalizão deles não era bem uma coalizão". "Em geral, as coalizões são formadas em torno de algum tipo de ideia, de ideologia ou de política. Mas a cola que mantinha esses partidos juntos era não querer Netanyahu como primeiro-ministro de Israel. Não era sobre quem eles eram, e sim sobre quem eles não eram."

O ódio ao ex-premiê não foi o bastante. Desde a formação da coalizão, em junho do ano passado, uma série de atritos erodiu os seus alicerces. O pacto ruiu de vez agora porque os seus membros foram incapazes de chegar a um acordo para renovar a controversa medida que estende a lei israelense para os colonos que vivem na Cisjordânia, um território sob ocupação militar desde 1967.

O premiê Bennett, pró-assentamentos, decidiu dissolver a coalizão. Assim, a medida deve ser automaticamente renovada, e o primeiro-ministro escapará da polêmica em torno dessa questão.

O Parlamento ainda precisa aprovar a convocação de eleições. É possível, apesar de improvável, que a coalizão consiga se salvar. Se houver pleito, deverá ser em outubro. O possível retorno às urnas é uma vitória inequívoca de Netanyahu, tanto que ele não deixou de comemorá-la em público. Celebrou o fim do "pior governo da história" e deu a entender que voltará. Pesquisas publicadas durante a semana indicaram a liderança da sua sigla, o Likud, o que não quer dizer, porém, que ele já pode contar com o cargo.

"Podemos ter a entrada de políticos que ainda não estão no jogo, e mesmo de pessoas com quem a gente nem contava", afirma Freeman, sobre o sistema eleitoral de Israel, de alta rotatividade. Lapid, um dos líderes da coalizão que agora se desmancha, abandonou o jornalismo e entrou na política há apenas dez anos. Além disso, Netanyahu responde a sérias acusações de corrupção, que podem tirá-lo de cena. Políticos —inclusive seus antigos aliados— querem aprovar uma espécie de lei da ficha limpa.

Isso sem contar que Netanyahu muito provavelmente não conquistaria mais da metade dos assentos necessários para governar e, por isso, precisaria se aliar com diversos outros partidos. As pesquisas indicam que o Likud receberia cerca de 35 dos 120 assentos do Parlamento israelense. Para somar 61, ele teria que buscar o apoio de outras forças de direita. Só que diversas delas rejeitam seu nome, caso de Gideon Saar, do Nova Esperança, e Avigdor Lieberman, do Yisrael Beitenu.

Uma das explicações para a resiliência de Netanyahu, afirma Freeman, é que Israel enfrenta hoje um tanto de questões existenciais, entre as quais a situação dos palestinos, a ameaça do Irã, a Guerra da Ucrânia, a crise econômica e a Covid. "A população quer alguém com experiência no cargo", diz, não novatos.

Como Netanyahu esteve no poder por 12 anos consecutivos, ninguém mais conseguiu treinar. Ademais, os eleitores se impressionam com as credenciais internacionais do ex-premiê, para quem líderes de todo o mundo até hoje telefonam. A longa durabilidade, por outro lado, ajuda a entender também a enorme rejeição que ele tem no país —isso sem contar seu discurso divisivo e violento em relação aos árabes, que formam ao menos um quinto da população do país. "Netanyahu acabou virando o líder padrão de Israel. Há figuras dentro do Likud esperando há anos chegar a sua vez. Mas ela nunca chega."

O ex-premiê de Israel Binyamin Netanyahu acena durante comício em Jerusalém Ronen Zvulun - 6.abr.22/Reuters

A população quer alguém com experiência no cargo, e Netanyahu acabou virando o líder padrão de Israel. Há figuras dentro do Likud esperando há anos chegar a sua vez. Mas ela nunca chega

A cola que mantinha esses partidos juntos era não querer Netanyahu como primeiro-ministro de Israel. Não era sobre quem eles eram, e sim sobre quem eles não eram.

Yonatan Freeman
da Universidade Hebraica de Jerusalém

Ex-líder é acusado de corrupção e fraude

Desde que deixou o cargo de premiê no passado, o israelense Binyamin Netanyahu vem travando batalha na Justiça contra uma série de acusações, que incluem crimes de corrupção, suborno e fraude. Uma das investigações apura se ele teria concedido benefícios no valor de US$ 500 milhões (R$ 2,6 bilhões) à empresa de telecomunicações Bezeq, a maior do país, em troca de uma cobertura favorável de seu governo no site de notícias Walla, de propriedade do ex-presidente da companhia. Em outra frente, ele é acusado de aceitar presentes de bilionários, como charutos e bebidas, no valor de US$ 264 mil (R$ 1,4 milhão) e de oferecer vantagens ao jornal Yedioth Ahronoth (o mais vendido no país), também em troca de uma cobertura positiva. Caso seja condenado, Bibi, como é conhecido, corre o risco de ser preso, o que o impediria de seguir na política para tentar retornar ao comando do país. Mas os julgamentos ainda pode ser arrastar por meses —ou anos. Netanyahu nega as acusações.

Homem não identificado tenta levantar corpo da jornalista Shireen Abu Akleh, morta durante operação militar de Israel 11.mai.22/Al Jazeera via AFP

Lina Abu Akleh

Israel não respeita os palestinos nem depois que estamos mortos

Sobrinha de Shireen Abu Akleh, jornalista palestino-americana alvejada na cabeça na Cisjordânia, pede ação dos Estados Unidos

ENTREVISTA

Diogo Bercito

WASHINGTON Todo dia é 11 de maio para Lina Abu Akleh. É a data da morte de sua tia, a celebrada jornalista palestino-americana Shireen Abu Akleh, alvejada na cabeça enquanto trabalhava na Cisjordânia. "Sinto como se eu estivesse presa em um ciclo. É um pesadelo. Uma bala mudou as nossas vidas."

Há um crescente consenso de que Israel disparou contra Abu Akleh. É o que dizem a família, as autoridades palestinas e a imprensa estrangeira, que conduziu suas investigações. Na sexta-feira (24), a ONU se uniu ao coro, apontando que as forças israelenses dispararam contra Abu Akleh.

Israel nega. O governo do país também afirma que, caso um de seus soldados tenha atirado na jornalista, foi por engano — uma consequência de estarem em uma zona de combate. "Eles estão fugindo da culpa, como fizeram no passado. Estão tentando acobertar seus crimes", afirma a sobrinha da repórter.

Lina, 27, fala de Jerusalém, onde mora desde que voltou de seus estudos em São Francisco, nos EUA. Durante a entrevista, recorda-se da tia como confidente, mentora, melhor amiga e segunda mãe.

Lembra-se, também, do que foi obrigada a ver no velório dela: forças israelenses atacando as pessoas que carregavam o caixão. "Eles não nos respeitam quando estamos vivos e não nos respeitam quando estamos mortos. Violaram o direito dela a um funeral."

*

Que tipo de pessoa Shireen era, para além da televisão? Ela era um doce. Tinha um ótimo coração. Era muito engraçada, também. Muita gente não sabe disso, porque ela sempre estava na TV, um ambiente no qual você precisa parecer sério. Era muito centrada. Sempre estava ao meu lado. Somos uma família muito pequena. Éramos seis pessoas, agora somos só cinco. Ela era minha confidente, minha mentora, minha tia, minha melhor amiga, minha segunda mãe e minha madrinha na igreja.

A família recentemente se reuniu para uma missa marcando os 40 dias de morte dela. Mesmo depois desse tempo, ainda sinto que é 11 de maio todo dia quando acordo. Sinto como se eu estivesse presa em um ciclo. É um pesadelo. Uma bala mudou as nossas vidas. Matou ela e matou também uma parte da gente. Uma parte da minha alma foi levada embora com a Shireen.

As investigações da mídia, como a publicada pelo New York Times, indicam que Israel é culpado pelo disparo. Tem esperança de que o país assuma a responsabilidade do crime? No final das contas, tendo em vista o histórico deles, não temos muita esperança. Eles já mudaram a narrativa deles diversas vezes, desde o momento em que Shireen foi morta. Estão espalhando desinformação. Estão tentando acobertar seus crimes. E parte da imprensa está fazendo a mesma coisa, alimentando a narrativa.

Mas boa parte da imprensa internacional tem sugerido a culpa de Israel. Existe uma mudança visível, na opinião pública, na direção de um apoio mais claro aos palestinos? Sim, há uma mudança na opinião pública, e esse é o nosso objetivo. Queremos mudar o discurso em torno de como os palestinos são representados na imprensa. Somos gratos às investigações que cobriram os fatos de maneira factual, como as feitas por CNN e New York Times, que sugerem que as forças israelenses dispararam contra ela.

Houve também bastante ultraje, no exterior, com as cenas dos ataques durante o funeral. Ela foi morta duas vezes. Foi morta em Jenin e no funeral, quando os israelenses atacaram de maneira selvagem os homens que carregavam o caixão. Tentaram fazer com que derrubassem o caixão, e o mundo todo viu. Eu estava lá, fiquei bastante traumatizada. Eles não nos respeitam quando estamos vivos e não nos respeitam quando estamos mortos. Violaram o direito dela a um funeral, à dignidade. Mas não nos surpreende. É o que um Estado faz quando ocupa outro povo.

> Shireen foi morta duas vezes. Foi morta em Jenin e no funeral, quando os israelenses atacaram de maneira selvagem os homens que carregavam o caixão. Tentaram fazer com que derrubassem o caixão, e o mundo todo viu

> É importante que a comunidade internacional continue a falar do caso. O que aconteceu com a Shireen poderia ter acontecido com qualquer jornalista. É importante apoiá-la

Por que acha que dispararam contra a sua tia? Ela era uma palestina cristã, uma mulher jornalista, bastante conhecida, muito profissional. Objetiva, mas não era neutra. Dedicou toda sua vida a espalhar a verdade. Cobria toda a Palestina de diferentes ângulos, e isso não é algo que Israel queira. Eles não querem que as pessoas vejam o que está acontecendo: os palestinos vivem sob ocupação. Shireen dava voz aos palestinos silenciados. Era a voz da verdade. Quem fala a verdade é um alvo, e ela foi alvejada.

Shireen também tinha cidadania americana. Como interpreta a reação dos EUA? Agradecemos os esforços que os americanos fizeram desde o primeiro dia. Recebemos um telefonema de Antony Blinken, secretário de Estado. Ao mesmo tempo: e agora? Quando vão ter uma investigação independente? Vão responsabilizar Israel? Os Estados Unidos falam de democracia, de liberdade de imprensa. Por que há duas medidas? Todo o mundo está responsabilizando a Rússia por seus crimes na Ucrânia. Se Shireen tivesse sido morta na Ucrânia, a reação teria sido diferente. Há tanta evidência. Não sei o que mais podemos dizer. Há testemunhas. Está na hora de os EUA começarem a acreditar nos palestinos.

Joe Biden, presidente dos EUA, visitará Israel em julho. O que espera? Que algo de positivo saia dessa visita. Que responsabilizem Israel. É importante que a comunidade internacional continue a falar do caso. O que aconteceu com a Shireen poderia ter acontecido com qualquer jornalista. É importante apoiá-la.

Noruega diz que ataque a bar gay foi ato terrorista e cancela parada

OSLO | AFP E REUTERS A polícia da Noruega anunciou neste sábado (25) que investiga o ataque a tiros em uma casa noturna de Oslo como um ato de terrorismo extremista islâmico. Duas pessoas morreram e 21 ficaram feridas. Devido ao atentado, organizadores cancelaram a parada do Orgulho LGBTQIA+ que aconteceria na cidade.

O suspeito de ter disparado é um norueguês de 42 anos com origem iraniana e histórico de violência, de ameaças e de doenças mentais. O homem, cuja identidade não foi revelada pelas autoridades, foi detido logo após o ataque.

Segundo o chefe do serviço de inteligência da Noruega, Roger Berg, o suspeito era monitorado pelas autoridades desde 2015 porque mantinha contato com uma rede islâmica, e havia preocupação quanto a sua radicalização. Membros da agência norueguesa conversaram com ele no mês passado, mas não consideraram na época que ele tinha "intenções violentas". Por ora, acredita-se que ele tenha agido sozinho, mas a polícia investiga se teve ajuda para preparar o ataque.

O tiroteio aconteceu na noite desta sexta (24, madrugada de sábado na Noruega). A cena do crime se estendeu do London Pub, um popular bar frequentado por pessoas LGBT no centro da cidade, até um clube vizinho e uma rua próxima. "Há razões para pensar que se trata de um crime de ódio", disse um porta-voz da polícia local.

O jornalista Olav Roenneberg, da NRK, disse ao site da emissora que viu um homem chegar à casa noturna com uma sacola. Depois, ele começou a atirar. Duas armas descritas por Hatlo como "antigas" foram apreendidas no local do crime.

Por recomendação das autoridades, organizadores da Parada LGBT em Oslo anunciaram o cancelamento de todos os eventos que estavam previstos para este sábado. Nas redes sociais, o premiê da Noruega, Jonas Gahr Stoere, expressou solidariedade às vítimas.

"O tiroteio do lado de fora do London Pub em Oslo é um ataque horrível contra inocentes e profundamente chocante", publicou Stoere. "Ainda não sabemos os motivos desse ato terrível, mas aos homossexuais que agora estão com medo e de luto, quero dizer que estamos juntos com vocês".

O rei da Noruega, Harald 5º, também divulgou nota em que diz que ele e toda a família real ficaram devastados com a notícia do ataque. "Devemos permanecer unidos e defender nossos valores: liberdade, diversidade e respeito ao próximo", afirmou o monarca.

De acordo com autoridades locais, dez dos feridos estão em estado grave, mas em situação estável. Outras 11 pessoas tiveram ferimentos considerados mais leves. Bandeiras com as cores do arco-íris, símbolo da causa LGBT, e buquês de flores foram colocados próximos ao local do ataque, que foi isolado.

Geralmente pacífica, a Noruega viveu momentos de terror em 22 de julho de 2011, quando o extremista de direita Anders Behring Breivik matou 77 pessoas na sede do governo em Oslo e em uma reunião de jovens de um partido de esquerda, na Ilha de Utoya.

Trump resiste à 1ª parte da fritura das audiências do 6/1

Percentual dos que veem crime nos atos do republicano segue o mesmo de abril

Renan Marra

SÃO PAULO A fritura do ex-presidente Donald Trump durante as audiências públicas que trazem à tona o resultado de investigações sobre a invasão do Capitólio ainda não dá mostras de enfraquecimento do republicano.

As sessões, por ora, tampouco garantem a criação de mecanismos que fortaleçam a democracia dos EUA e evitem novos episódios como o registrado no 6 de Janeiro. O resultado de quase um ano de apuração vem sendo exposto em sessões conduzidas por uma comissão bipartidária da Câmara. Foram feitas cinco delas até aqui para tentar esclarecer o papel de figuras públicas e manifestantes no episódio considerado um dos maiores ataques da história à democracia americana. Trump está no centro da narrativa.

Em uma das acusações mais comprometedoras contra o republicano, testemunhas detalharam pressões que teriam sido feitas por ele sobre o Departamento de Justiça para mudar o resultado da votação que elegeu Joe Biden. Na audiência de quinta-feira (23), o subprocurador Richard Donoghue apresentou anotação que confirmaria pedidos do ex-presidente para que dissesse que o pleito foi fraudado.

Além dos depoimentos de ex-funcionários do Departamento de Justiça, a comissão deu voz a pessoas próximas a Trump, autoridades estaduais e funcionários eleitorais, que também relataram pressão para mudar o resultado em favor do republicano. Membros da comissão afirmaram que o ex-chefe da Casa Branca ignorou alertas, pressionando, inclusive, o então vice Mike Pence a não certificar a vitória de Biden.

Tudo isso transmitido pelos principais canais de TV do país, exceção à conservadora Fox News. A primeira sessão alcançou ao menos 20 milhões de espectadores, sem levar em conta os que acompanharam o processo por computador ou celular —mas nas sessões subsequentes, a audiência caiu pela metade.

Especialistas avaliam que ainda é cedo para medir os impactos das acusações contra Trump no desempenho dos republicanos nas midterms, a eleição de novembro que renovará parte do Congresso e o comando de 36 estados. Os resultados ajudarão a medir o poder do ex-presidente sobre o seu partido.

Os americanos têm opiniões divididas quando questionados se Trump cometeu crime ao tentar mudar o resultado da eleição, mostra pesquisa divulgada na quarta (22) pela Universidade de Quinnipiac, após a realização de quatro sessões do comitê que investiga o ataque. Segundo o levantamento, 46% dos americanos afirmam que ele, sim, cometeu um crime, e 47%, que não. A sondagem foi feita com 1.524 pessoas de 17 a 20 de junho com margem de erro de 2,5 pontos percentuais para mais ou para menos.

Mesmo com os trabalhos de investigação exibidos com abrangência, os resultados permanecem os mesmos em relação a uma pesquisa feita em abril pela mesma universidade. "A opinião pública não tem se voltado tanto [contra Trump]. Há o entendimento de que é preciso investigar, mas as pessoas estão saturadas com a polarização constante, especialmente quando se deparam com inflação e possibilidade de recessão nos EUA", diz Denilde Holzhacker, coordenadora do Núcleo de Estudos Americanos da ESPM.

Além dos reveses econômicos que desgastam o governo Biden, os impactos das investigações nas midterms ainda serão diluídos por questões sociais que ganharam ainda mais destaque neste ano, como a aprovação do pacote que é considerado o maior avanço no controle de armas no país desde década de 1990, afirma Holzhacker. Desta forma, repete, é cedo para tentar prever qualquer resultado.

O quadro pode mudar, segundo ela, quando for apresentado o parecer final da investigação. Ainda não se sabe, porém, quais serão os rumos. A comissão está dividida: parte afirma que o processo deve avançar na Justiça, e a outra diz que o grupo deve se limitar a revelar os fatos. "Há muitas evidências, mas ainda falta a prova da ligação direta de Trump ou de alguém próximo a ele com o ataque ao Capitólio."

O ex-presidente diz ser vítima de uma "caça às bruxas" e reclama da composição da comissão, formada por sete democratas e dois republicanos —Liz Cheney, representante pelo Wyoming, e Adam Kinzinger, de Illinois, que votaram a favor do impeachment do ex-presidente no ano passado.

O jornal americano The New York Times publicou que ambos os parlamentares sofreram intimidações. A mulher de Kinzinger e a filha de cinco meses teriam sido ameaçadas de morte. Cheney suspendeu a participação em eventos públicos, preocupada com segurança.

Tentativas de golpe, ataques e violência institucional, como a exibida em 6 de janeiro de 2021, quando apoiadores do republicano invadiram e vandalizaram o Congresso minutos após Trump, durante ato em Washington, insuflar ativistas a se dirigirem até a sede do Legislativo, são consequências da fragilização das democracias nos últimos 15 anos e devem tornar audiências como as que investigam a invasão do Capitólio cada vez mais comuns, afirma Uriã Fancelli, autor do livro "Populismo e Negacionismo".

Vistas pelo acadêmico como proteções da democracia, as audiências no Capitólio vêm recebendo críticas por, ao menos agora, limitarem-se a resgatar os acontecimentos, sem propor soluções e alternativas para o fortalecimento das instituições.

Na sexta-feira (24), o Congresso entrou em recesso de duas semanas —as audiências devem ser retomadas em julho. Até lá, a comissão seguirá recebendo novos materiais, entre os quais vídeos do documentarista britânico Alex Holder, que acompanhou Trump durante a campanha e depois da eleição de 2020.

Se o republicano resistiu à fritura até agora, a ver como será na segunda parte.

+ O que foi revelado nas audiências

9.jun Trump foi acusado de "conspiração contra a democracia". Após a exibição de depoimentos de diversas pessoas próximas ao ex-presidente, a deputada republicana Liz Cheney disse que as evidências provam que ele convocou a multidão e "acendeu a chama" para o ataque.

13.jun Os principais conselheiros de Trump o alertaram de que suas alegações de fraude eram infundadas. Para William Barr, que atuou como secretário de Justiça no governo do republicano, Trump "perdeu o contato com a realidade".

16.jun Trump foi denunciado por ter pressionado seu vice, Mike Pence, a contestar a vitória de Biden. De acordo com familiares do ex-presidente, os dois brigaram por telefone no dia da invasão.

21.jun Foram apresentados relatos de testemunhas que disseram ter sofrido pressão do ex-presidente para inverter o resultado das urnas em estados nos quais ele havia sido derrotado.

23.jun Comissão mostrou que Trump usou o Departamento de Justiça para tentar se manter no poder.

A diretora Solange Cordeiro dos Santos e a professora Edneia Letícia Marguti na escola municipal Guilherme Rudge, na zona leste de SP Karime Xavier/Folhapress

> A perspectiva é que mantenha alunos estrangeiros no ambiente escolar. Uma forma para alcançar o objetivo é a preparação do professor para saber lidar com esse perfil que foge do cotidiano. Ele busca dar apoio, mas para tal ele precisa de ferramentas
>
> **Paulo Sérgio de Almeida**
> oficial de meios de vida e inclusão econômica do Acnur

MEC lança curso para professores ampliarem forma de acolhimento a imigrantes e refugiados

VIDA PÚBLICA

Tatiana Cavalcanti

SÃO PAULO Receber alunos estrangeiros pode ser um desafio para professores brasileiros, devido à barreira cultural e linguística. Para que saibam lidar de forma mais acolhedora com esses estudantes, o MEC (Ministério da Educação) lançou neste mês a "Formação de Professores para Acolhimento de Imigrantes e Refugiados".

O objetivo, segundo a pasta, é preparar os docentes de educação básica para ter um olhar mais atento a esse universo, ao apresentar-lhes aspectos históricos, sociais e educacionais associados aos refugiados.

As aulas, gratuitas, são opcionais e serão disponibilizadas em uma plataforma virtual de ensino do MEC, com carga horária de 80 horas. A Secretaria de Educação Básica do ministério informa ainda que indica a capacitação aos professores que trabalham com alunos em situação de migração no Brasil.

"O curso tratará de práticas pedagógicas capazes de auxiliar o educador no processo de redução de danos psicológicos, além da inclusão de imigrantes e refugiados na sociedade brasileira", afirma Renato Brito, chefe da Diretoria de Formação Docente e Valorização dos Profissionais da Educação, do MEC.

Diretora da escola municipal de educação infantil Guilherme Rudge, no Belenzinho, na zona leste de São Paulo, Solange Cordeiro dos Santos, 54, vai estimular os 11 professores com os quais trabalha a fazer o curso. A maioria dos alunos da escola é estrangeira, da Bolívia, do Paraguai e de países da África. "Temos essa experiência consolidada com estudantes de outros países. Mas essa ferramenta vem para somar."

Professora na escola no Belenzinho, Edneia Letícia Marguti, 40, diz que a iniciativa ajudará o trabalho em sala de aula. "Também mostrará aos demais alunos [brasileiros] um pouco mais da cultura dos migrantes."

Os docentes terão aulas de introdução a conceitos migratórios, políticas migratórias, legislações e história das migrações no Brasil. Vão aprender, ainda, sobre ações de acolhimento, diferenças culturais e práticas pedagógicas específicas para refugiados e migrantes. Por meio dessa formação, o ministério afirma que pretende contribuir com os professores na elaboração de suas aulas oferecendo materiais didáticos, pedagógicos e literários para "promover a aprendizagem e o desenvolvimento integral dos estudantes".

Segundo o Acnur (Alto Comissariado da ONU para Refugiados), em maio de 2022, quando a Guerra da Ucrânia completou três meses, o número de pessoas deslocadas à força no mundo ultrapassou 100 milhões. Os motivos vão de perseguições, conflitos e violência a violações dos direitos humanos.

No Brasil, há 57 mil pessoas reconhecidas como refugiadas atualmente, afirma Brito, ao expor dados do Conare (Comitê Nacional para os Refugiados), do Ministério da Justiça, em entrevista coletiva.

Brito relata que os jovens em fase escolar desse grupo apresentam chance 53% menor de estar na escola em comparação a crianças brasileiras na mesma faixa etária. "Essa formação tem um caráter de garantir o direito à educação para todos." Ele lembrou algumas das barreiras que crianças e adolescentes enfrentam no país: questões burocráticas, sociais, econômicas, culturais e, principalmente, linguísticas.

Para Paulo Sérgio de Almeida, do Acnur, a formação para os professores é um "grande avanço" no Brasil. "A perspectiva é que contribua para manter alunos estrangeiros no ambiente escolar. Uma forma para alcançar o objetivo é a preparação do professor para saber lidar com esse perfil que foge do cotidiano. Esse profissional busca dar apoio, mas para tal ele precisa de ferramentas."

O MEC afirma que a formação de professores para receber alunos de outros países está alinhada com a Operação Acolhida, programa para atendimento humanitário a venezuelanos em Roraima, principal porta de entrada dos migrantes do país vizinho. Dados do Acnur mostram que 92,1 mil venezuelanos sofreram com recém-deslocamentos na América Latina e no Caribe no primeiro semestre de 2021.

Mauro Rabelo, secretário de educação básica do MEC, diz que com o curso pretende criar expertise para ajudar escolas, gestores e professores "nessa tarefa, que não é fácil, de trabalhar o multiculturalismo."

Cassino flutuante de Puerto Madero, em Buenos Aires, na Argentina Eduardo Valente 20.jan.20/FramePhoto/Folhapress

Lobby por cassinos e bicho envolve grupos do Brasil, Las Vegas e Europa

Grupo de estrangeiros quer que Congresso permita instalação de cassinos integrados a resorts

Cézar Feitoza

BRASÍLIA A discussão sobre a liberação dos jogos de azar no Brasil desencadeou, no Congresso, uma guerra entre lobbies de grupos estrangeiros proprietários de resorts, de um lado, e empresários interessados na exploração de cassinos, bingos e jogo do bicho, de outro.

O conflito está relacionado à abrangência da legislação aprovada na Câmara e que está em análise no Senado.

Um grupo, que reúne empresários norte-americanos interessados em investir no Brasil, quer que o Congresso permita a instalação só de cassinos integrados a resorts.

Outro, com representantes de empresas nacionais e associações ligadas ao setor, quer uma lei ampla que sirva como um novo marco regulatório dos jogos no Brasil.

A proposta aprovada na Câmara é um misto dos dois lobbies. Ela permite a exploração de bingos e jogo do bicho, mas prevê exclusividade de cassinos no modelo resort integrado, com hotéis, bares, lojas e salões para eventos sociais.

No Senado, há uma tendência de que a proposta seja reduzida e atenda ao lobby de estrangeiros que prometem investimentos bilionários em redutos eleitorais de políticos.

A primeira tentativa de aprovação do marco regulatório dos jogos no Congresso começou em 2016. Na época, o então presidente da Câmara, Rodrigo Maia (PSDB-RJ), criou uma comissão especial para discutir a melhor forma de legalizar a jogatina no país.

O relator foi o deputado Guilherme Mussi (PP-SP), que é próximo do empresário Johnny Ortiz —fundador em 2007 da empresa Zitro International, que desenvolve jogos online e máquinas caça-níqueis.

O grupo de Ortiz é um dos maiores do setor, com a principal fábrica na Espanha, e atua em mais de 40 países.

À **Folha** Ortiz negou que tenha articulado com parlamentares a aprovação da proposta que libera os jogos de azar. "Eu não tenho conversado com políticos. Talvez [eles me conheçam] pela empresa, ainda mais por eu ser brasileiro. Mas eu moro fora do Brasil há muitos anos", disse.

Ele confirmou, entretanto, que fez explanações a Mussi sobre as características do setor antes de o deputado elaborar o relatório da proposta.

"Não tenha dúvida que eu conheço [o deputado Guilherme Mussi]. Conheço o pai dele há mais de 30 anos. Eu vou ao Brasil duas vezes ao ano. Quando ele foi relator, conversei [sobre a legalização dos jogos de azar] para ele entender o mercado dos jogos."

Mussi confirmou que conversou com o empresário no período de construção do relatório final da proposta.

"Eu falei com ele como falei com vários empresários do segmento. Conversei com os irmãos Fertitta, com Sheldon [Adelson, empresário norte-americano do setor de jogos], e com o Johnny [Ortiz] também, conversei quando eu era o relator. Nada muito relevante que eu não tenha falado com outros também, sempre às claras."

A família Ortiz fornecia máquinas caça-níqueis ao jogo do bingo no Brasil até 2004, quando o governo Lula proibiu a exploração dos equipamentos. Johnny decidiu continuar os negócios fora do país.

A saída do Brasil foi turbulenta. Os Ortiz foram investigados pela PF por supostamente lavarem dinheiro do tráfico de cocaína para a máfia italiana Cosa Nostra.

O inquérito foi aberto após um pedido de colaboração da polícia da Itália, que encontrou indícios da ligação da família Ortiz com a máfia. Sem indiciar ninguém, a investigação foi arquivada em 2003.

Eles também foram alvos da CPI dos Bingos, no Senado, em 2006. O relatório final da investigação reforçou as acusações de lavagem de dinheiro, mas não indiciou os Ortiz.

A Polícia Civil do Rio de Janeiro abriu um inquérito como desdobramento da CPI, arquivado meses depois.

O Instituto Brasileiro do Jogo Legal é o responsável por tentar convencer parlamentares a aprovar a liberação.

"Esse mercado é muito agressivo, movimenta muito dinheiro. Boa parte [da relação do jogo com a criminalidade] é culpa do Legislativo e Executivo brasileiros. Eles têm de admitir o fracasso do modelo proibitivo. O jogo completou 80 anos de proibição, mas não impediu o crescimento do setor, que movimenta R$ 27 bilhões por ano", disse à **Folha** o presidente do instituto, Magno José Sousa.

Gigantes estrangeiros mudaram o rumo das negociações

Apesar do esforço da ala pró-legalização, a proposta ficou emperrada no Congresso em 2016 com a chegada de grandes corporações estrangeiras na discussão, no início da guerra dos lobbies.

Na época, o grupo Las Vegas Sands (LVS), que possui sete grandes resorts integrados a cassinos em Las Vegas, Singapura e Macau, procurou membros do governo Michel Temer e importantes congressistas, como Rodrigo Maia, para apresentar os planos de investimento no Brasil.

O fundador do grupo LVS, o magnata Sheldon Adelson, era próximo do ex-presidente dos Estados Unidos Donald Trump e ganhou influência política durante o governo do republicano.

Adelson se encontrou com Jair Bolsonaro e o ministro Paulo Guedes pela primeira vez em 2018. Na conversa, ele afirmou que estaria disposto a construir um cassino-resort no Rio de Janeiro, com investimento de US$ 15 bilhões.

A exigência apresentada pelo fundador do Las Vegas Sands era que o Brasil aprovasse uma lei que permitisse apenas a instalação dos cassinos integrados a resorts, sem legalização de outros tipos de jogos de azar ou cassinos urbanos, segundo deputados e assessores presidenciais.

No Brasil, a LVS conta com o auxílio do escritório Lowenthal Advogados e da empresa GR8 Capital Consultoria, de Henry Lowenthal, responsável por aproximar o grupo de Las Vegas a integrantes do Legislativo e Executivo.

Em janeiro de 2020, eles organizaram o encontro de uma comitiva brasileira com representantes da LVS, em Las Vegas. Participaram os senadores Flávio Bolsonaro (PL-RJ) e Irajá Abreu (PSD-TO), o deputado Hélio Lopes (PL-RJ) e o então presidente da Embratur, Gilson Machado.

O objetivo do encontro era discutir o possível investimento do grupo LVS no Brasil, com a aprovação de lei exclusiva dos cassinos.

Irajá é um dos principais cotados para relatar o marco regulatório dos jogos no Senado.

Mesmo negando a influência do lobby internacional, o senador afirma que, se for escolhido relator, vai reduzir a proposta à legalização somente dos cassinos-resorts.

O presidente da Comissão de Constituição e Justiça do Senado, Davi Alcolumbre (União-AP), também é cotado para a relatoria.

Johnny Ortiz critica o fato de o grupo Las Vegas Sands prometer investimentos bilionários e mudar os rumos das discussões com forte lobby no Palácio do Planalto.

Sheldon Adelson morreu em 11 de janeiro de 2021, vítima de complicações de um linfoma. O escritório Lowenthal Advogados foi procurado, mas não se manifestou.

A proposta aprovada na Câmara autoriza jogo do bicho, bingo, jogos online e turfe e permite o funcionamento exclusivo de cassinos integrados a resorts, com hotéis, bares e centros de compra.

Rodrigo Pacheco tem argumentado que o Senado tem outras prioridades neste ano, como a reforma tributária. Uma possibilidade é que a proposta dos jogos seja votada em novembro ou dezembro.

Quem é quem

Johnny Ortiz
- Brasileiro, é dono da empresa Zitro International, que desenvolve jogos de azar
- Foi investigado pelas polícias italiana e brasileira e pela CPI dos Bingos por suspeita de lavagem de dinheiro
- Saiu do Brasil após o governo Lula proibir, em 2004, a exploração de máquinas caça-níqueis
- Defende aprovação ampla dos jogos de azar

Sheldon Adelson
- Norte-americano, fundou e presidiu a empresa Las Vegas Sands
- Morreu em 11 de janeiro de 2021
- Viajou ao Brasil com mais frequência a partir de 2016, quando intensificou lobby para investir em cassinos no Brasil
- Defendia liberação exclusiva de cassinos-resorts

Guilherme Mussi
- Deputado federal por São Paulo em terceiro mandato
- Foi relator do marco regulatório dos jogos em comissão especial, em 2016
- Defende aprovação ampla dos jogos de azar

Irajá Abreu
- Senador por Tocantins em primeiro mandato
- É autor de proposta que permite instalação de cassinos-resorts no Brasil
- Articula no Senado para ser o relator do novo marco regulatório dos jogos
- Defende aprovação exclusiva dos cassinos-resorts

Sheldon Adelson, que morreu em 2021 e intensificou lobby no Brasil Yuya Shino - 25.fev.2014/Reuters

Entenda o caso

- Em 1892, o jogo do bicho é criado para atrair visitantes para o Jardim Zoológico do Rio de Janeiro, em Vila Isabel
- Governo Getulio Vargas proíbe o bicho, em 1941, e inclui prática no rol de contravenções penais
- Em 1946, o presidente Eurico Gaspar Dutra decreta o fim dos jogos de azar, fechando cassinos, por "moral e bons costumes"
- 50 anos após a proibição, em 1991, o deputado federal Renato Vianna (PMDB-SC) apresenta projeto de lei na Câmara para legalizar o jogo do bicho
- Proposta se arrastou, ante as resistências, até 1995, sem ser votada no plenário
- Em 2016, o então presidente da Câmara, Rodrigo Maia (RJ), cria comissão especial para debater um novo marco regulatório para os jogos
- Em 2016, relatório do deputado Guilherme Mussi (PP-SP) é aprovado com escopo ampliado, incluindo legalização de cassinos-resorts, jogo do bicho, bingo e turfe (corrida de cavalos)
- Regulamentação dos jogos de azar fica travada no Congresso quatro anos. Surgem propostas para aprovar somente cassinos-resorts
- Em 2022, Câmara aprova novo marco regulatório dos jogos
- Proposta está no Senado, ainda sem relator. Votação pode ficar para o fim do ano
- Apesar de a maioria dos jogos de azar não ser regulamentada no Brasil, há modalidades que são autorizadas pelo governo federal, como as loterias da Caixa. Sites de apostas esportivas funcionam com base em lei de 2018, que ainda precisa ser regulamentada por decreto. Com o vácuo jurídico, as plataformas atuam no Brasil com sede no exterior, sem pagar impostos para o governo brasileiro

PROPOSTA
- Projeto aprovado na Câmara é amplo, com 122 artigos, e legaliza cassinos-resorts, bingo, jogos online, jogo do bicho e turfe
- Os cassinos terão de funcionar em complexos de lazer ou barcos. Eles devem ter hotéis, shoppings, salões para eventos sociais e restaurantes
- Serão permitidos até três cassinos-resorts por estado, a depender do tamanho da população
- Empresas serão credenciadas pelo Ministério da Economia por prazo de 30 anos, renovável por igual período
- Casas de bingo só poderão ter as modalidades cartela, eletrônico e videobingo
- Texto permite instalação de um jogo do bicho a cada 700 mil habitantes, por estado

‘Dormi empresário e acordei bandido’, diz dono de grupo do setor

Johnny Ortiz nega lobby no Congresso para liberação de cassinos em guerra de grupos internacionais sobre abrangência da proposta

ENTREVISTA
JOHNNY ORTIZ

Cézar Feitoza

BRASÍLIA Johnny de Viveiros Ortiz diz ter dormido empresário e acordado bandido quando houve a proibição dos bingos no Brasil. A família era uma das líderes do setor à época da decisão, em 2004, e se mudou para a Europa para continuar desenvolvendo os jogos.

“Existem muitas pessoas investigadas no Brasil; mais do que eu, impossível. [Ministério da] Fazenda, Polícia Federal, Polícia Civil: todos fizeram investigações e não encontraram nada”, afirma o empresário, em entrevista à Folha.

*

O nome do senhor foi citado em conversas com parlamentares favoráveis à legalização dos jogos. Qual é o tamanho e a influência da Zitro International hoje? Eu não tenho conversado com políticos. Talvez [eles me conheçam] pela empresa, ainda mais por eu ser brasileiro. Mas eu moro fora do Brasil há muitos anos.

Nós estamos em mais de 40 países. Recentemente entramos nos Estados Unidos, onde o compliance é uma coisa fundamental. Em vários países eu sou bem recebido porque geramos muitos empregos.

O que o senhor achou da proposta dos cassinos integrados aprovada na Câmara? Em geral, o projeto está bom porque não é qualquer um que pode entrar, precisa de um capital mínimo. Eu acho que foi bastante razoável para os cassinos-resorts, porque as exigências não são as mesmas que têm em outros países.

Eu, por exemplo, não tenho nada com o jogo do bicho, mas sou a favor de liberar tudo. O jogo do bicho existe hoje, todo o mundo joga, políticos e polícia sabem onde estão.

Só no jogo do bicho, no dia seguinte à aprovação, terão mais de 500 mil carteiras assinadas porque o pessoal emprega muita gente. Os cassinos geram emprego, mas bem menos que o jogo do bicho e os bingos.

A proposta da Câmara prevê que os lucros serão divididos em 60% para os cassinos e 40% para os donos das máquinas, como o senhor. Percentuais estão alinhados com a prática internacional? Tem de tudo no mundo. Vários países fazem por porcentagem, outros fazem por valores fixos. O leque é diferente e muito amplo. Os valores percentuais exatos eu não me lembro. Estamos em mais de 40 países.

Os críticos à proposta falam em lavagem de dinheiro. É um absurdo. Hoje, o governo brasileiro consegue controlar toda a sua vida. E na lei está muito bem-feito: todas as máquinas precisam ser homologadas pelo órgão controlador, e o governo terá controle de tudo o que ocorre nos cassinos, nos bingos.

Eu faço um desafio a qualquer pessoa que fala em lavar dinheiro que me ensine como se lava dinheiro em cassino. A gente vê isso em filmes antigos. Eu não sei como se lava dinheiro em cassinos.

Tem um argumento muito forte, que as pessoas não entendem: é muito caro lavar dinheiro em cassinos. É muito mais fácil lavar em um estacionamento do que em um cassino.

Johnny Ortiz, dono da Zitro International, que atua em mais de 40 países Divulgação

Johnny Ortiz
Dono da empresa Zitro International, criada em 2007 e que desenvolve jogos online e máquinas de caça-níqueis. Foi investigado por suspeita de lavagem de dinheiro e deixou o Brasil após o governo Lula proibir a exploração de caça-níqueis, em 2004

Há um lobby forte de corporações que querem exclusividade para os cassinos-resorts, sem aprovação ampla com jogo do bicho e bingo. Esses grupos perdem força com a morte de Sheldon Adelson [empresário norte-americano do setor de jogos, morto em 2021] e a crise econômica na pandemia? O Adelson morreu, mas o grupo continua. No Brasil se falava em “Lei Sheldon Adelson” porque ele queria só os cassinos e proibir qualquer outro tipo de jogo. Vai contra os interesses do Brasil. O Brasil poderia ter uma legislação mais ampla. Ele queria o contrário, um nicho de mercado.

Pensa em voltar ao Brasil? Sem dúvida nenhuma. Se houver seriedade, eu volto. Se não houver, eu não volto. Tenho licença em mais de 40 países. Não vou colocar tudo em risco para voltar ao Brasil se a legislação não for séria e contundente.

O senhor disse que não tem atuado junto a parlamentares, mas sabemos da proximidade com o deputado Guilherme Mussi (PP-SP), relator em 2016. Conversou com ele sobre o assunto? Não tenha dúvida que eu o conheço. Conheço o pai dele há mais de 30 anos. Eu vou ao Brasil duas vezes ao ano. Quando ele foi relator, conversei [sobre a legalização dos jogos de azar] para ele entender o mercado dos jogos.

De que forma o Congresso conseguiu se desvincular do lobby do Las Vegas Sands? O lobby do [Sheldon] Adelson é diferente, porque ele mesmo participa. Ele fala que vai fazer investimentos, mas depois quer isenção de impostos por tantos anos, permissão para contratar empregados que estejam fora do país. Pede uma série de coisas em troca que poucos governos podem ofertar.

Ele pensou que, chegando ao Brasil, um país tupiniquim, ele pudesse fazer o que quisesse oferecendo bilhões de dólares na construção do cassino. Por isso que ele queria uma legislação pequena e não ampla, como está no Congresso.

O senhor esteve no Brasil, em fevereiro, no fim de semana anterior à votação da proposta na Câmara. Era a casa da família de Guilherme Mussi, na Bahia. Sua visita tinha relação com a votação? Nenhuma. Estava na casa de um amigo, na Bahia, bem longe de Brasília ou São Paulo. Aproveitando o fim de semana com minha esposa. Ela mora aqui, eu não. Na casa de um amigo. Sou brasileiro e continuo com muitos amigos no Brasil.

A saída da sua família foi turbulenta. Além da proibição das máquinas caça-níqueis, houve investigação da Polícia Federal e CPI dos Bingos por suspeita de lavagem de dinheiro. O senhor tem alguma explicação para as acusações? Eu não saí por causa da investigação. Eu saí porque dormi empresário e acordei bandido. Do dia para noite [o governo Lula] proibiu o jogo. Mais de 500 mil pessoas perderam os empregos na época.

Tudo o que eu falava, [a imprensa] desviava. Foi tudo uma invenção. Eu contratei uma empresa para fazer uma autoinvestigação e eles chegaram à conclusão de que foi tudo um trabalho da imprensa. A concorrência que começou a criar coisas para colocar nos jornais.

> **“**
> **Eu faço um desafio a qualquer pessoa que fala em lavar dinheiro que me ensine como se lava dinheiro em cassino. A gente vê isso em filmes antigos. Eu não sei como se lava dinheiro em cassinos**
>
> **Johnny Ortiz**
> dono da Zitro International

PAINEL S.A.

Joana Cunha
painelsa@grupofolha.com.br

Paulo Nassar

Inflação restringe compra de coleira para pets, mas ração premium é mantida

SÃO PAULO Depois da alta na adoção de animais na pandemia, uma tendência que já se acomodou, a inflação atingiu o mercado pet. Segundo Paulo Nassar, um dos fundadores da Cobasi, o consumidor restringiu a compra de brinquedos e outros supérfluos para os bichos, mas não trocou a ração premium por mais barata.

*

O atual cenário de inflação e juros não tem sido bom para o mercado pet. Como estão lidando? Falando especificamente do nosso setor, a inflação tem impactado, desde o ano passado, a correção de custos de mercadorias revendidas pela Cobasi, basicamente, pet food [ração], farmácia veterinária, acessórios. Também como importadora, a Cobasi teve impacto de alta de dólar no ano passado.

A Cobasi está em um cabo de guerra constante com fornecedores desde o ano passado, evitando repassar isso para os consumidores. Tem impactos de aumento de commodities agrícolas, principalmente insumos de pet food, que não tem como segurar.

É aumento de milho, soja, farelo de carne, de arroz, que são insumos na fabricação de rações. A indústria ficou muito pressionada e, por consequência, teve que repassar esses aumentos. Tivemos aumento de energia também, que é muito considerável como insumo da indústria.

Mas a inflação dos produtos revendidos pela Cobasi está mais ou menos com o IPCA.

Poderia ser maior, não fosse a nossa eterna briga com fornecedores para conter esses aumentos. A gente calcula que seria da base de 15% a 18% e conseguimos reduzir isso entre 6% e 7%. Lá na ponta, o consumidor tem pressão inflacionária no bolso e isso reduz o poder de compra dele.

Como é a sensibilidade desse consumidor à inflação? O mercado pet é bastante resiliente. Estamos lidando com afeto, com nossos animais de estimação e plantas. Quando envolve afeto, as pessoas, às vezes, deixam de comprar algo no orçamento da família para manter o do pet.

Mas a gente sente, neste ano e no ano passado, uma mudança de comportamento do que é prioritário. Os clientes focando em alimentação, em manter pet food. Não vimos cliente trocando de ração premium e super premium para rações mais básicas. Acho que isso está mantido e é muito bom, mesmo por que a Cobasi, na grande maioria das lojas, trabalha com público A, B e B menos.

Esse público, apesar de ter uma restrição de orçamento, focou em fazer compra de pet food, higiene e beleza e farmácia veterinária, antipulga e outros medicamentos, mas na parte de supérfluos, coleiras, brinquedos, houve uma restrição de vendas. Os clientes estão deixando de comprar ou comprando em menor quantidade esses produtos e priorizando aquilo que é essencial.

E a euforia da época da quarentena, das pessoas que não tinham pet e acabaram adotando. Isso se acomodou? A pandemia trouxe isolamento, que trouxe necessidade de afeto enorme. Quem nunca teve um pet pensou em ter. E a gente inclui nisso as flores e plantas. Esse boom já aconteceu. Ele mudou. Estávamos todos isolados em casa, a proximidade dos animais foi muito grande. Hoje, temos ONGs que são nossas parceiras na colocação de animais abandonados nos lares. As pessoas continuam adotando, mas em menor número.

Recentemente vocês fizeram parceria com setor imobiliário para parque de pet? Tem espaço para isso em condomínio? Com a verticalização de grandes cidades como São Paulo e a criação de condomínios com várias torres, criou-se a necessidade de uma área de lazer para os pets nesses condomínios.

A Cobasi fechou parceria com a Trisul. Em um empreendimento deles na zona oeste, nós vamos estar junto da construção criando um pet park para esse condomínio.

Hoje, alguns condomínios já são construídos com uma área de banho self-service, para as pessoas que moram lá descerem com seus cães e gatos. É uma tendência que está se consolidando. Algumas construtoras já perceberam. Está virando padrão de mercado na implementação de novos condomínios.

Como está o plano de expansão de vocês? A disparada do aluguel na pandemia impactou o planejamento de novas unidades? A maioria dos contratos de locação de novas áreas, novos pontos comerciais, sempre foi regida pelo IGP-M. Quando disparou, nós renegociamos com os proprietários a troca do índice por IPCA. Houve uma adesão grande. A média de correção aqui deu entre 10% e 12%.

Nosso plano de expansão está mantido, apesar do ano desafiador, de inflação e juros altos. A Cobasi sempre cresceu via caixa próprio, com dívida zero, e continua. Ano passado, a gente tinha um plano de abrir entre 35 e 40 lojas, abrimos 38. Em 2022, estamos com plano para 40 novas lojas. Está sendo entregue, e o segundo semestre é mais positivo para nós. Tem uma venda sazonal interessante.

Tem aquisição no horizonte? Tem análises, a gente tem um comitê de M&A [fusões e aquisições]. Ele se reúne a cada 15 dias. Vem muita oferta e a gente analisa. Mas poucas fazem sentido, ou quase nenhuma. Adquirir empresas para tentar agregar o ecossistema é o desejo de todo varejista. Muitas vezes, não faz sentido. A gente não pode perder o nosso core [negócio principal], que é ser varejista e especialista. Para nós, não faz sentido adquirir indústria, nós somos varejistas.

Raio-X
Presidente e cofundador da Cobasi, o empresário trabalha na varejista de produtos e serviços para animais de estimação desde meados dos anos 1980 ao lado de seus irmãos João e Ricardo Nassar. Economista formado pela FEA (faculdade de economia, administração e contabilidade) USP, ele também estudou na Califórnia

Eleitor mudou muito desde Lula 1

Voto parece mais decidido e país rachou com ódio e economia

Vinicius Torres Freire
Jornalista, foi secretário de Redação da **Folha**. É mestre em administração pública pela Universidade Harvard (EUA)

Lula da Silva (PT) foi preso em abril de 2018. Em junho, liderava o Datafolha, com 30% dos votos para presidente. Em segundo lugar vinha "Ninguém", com 21%: isto é, a soma de nulos, brancos e indecisos. Jair Bolsonaro (PL), então PSL, tinha 17%.

No outro cenário da pesquisa, Fernando Haddad era o candidato petista, com 4%. "Ninguém" liderava, com 33%. Bolsonaro vinha a seguir, com 19%.

Foi uma eleição esdrúxula e lúgubre. Parece compreensível que, em meados do ano, "Ninguém" tivesse tantos votos, que acabariam tendo outro destino quando o país entrou em surto terminal.

Mas houve outras eleições em que havia tantos ou mais votos nulos, brancos e indecisos no meio do ano. Na campanha de 2022, o nível de abstinência eleitoral e indecisão é do mais baixo na redemocratização.

Óbvio que o voto pode mudar até outubro, mas mais gente tomou partido mais cedo. É mais um dado para pensar o que pode mudar o destino da eleição, assim como é o caso do voto feminino, da rejeição maior de pobres e pretos a Bolsonaro ou do peso que podem ter os estelionatos eleitorais.

Parece óbvio, mas a gente se esquece ainda de como o eleitor mudou desde Lula 1. Há continuidades, de experiência socioeconômica, política ou outra. Mas massas de cidadãos passam a votar ou deixam de fazê-lo, em condições muito diferentes de debate público.

Das pessoas que ora têm idade para votar, quase 40% não podiam fazê-lo ou nem haviam nascido em 2002, na vitória de Lula 1. Quase um quarto do eleitorado tinha menos de 16 anos quando Lula deixou o poder, em 2010. Devem ter memória diferente dos "bons anos petistas". Os evangélicos eram 15% da população em 2000, são mais de 30% agora.

Em 2006, o número de celulares equivalia a 53% da população —não quer dizer que fosse essa a parcela dos brasileiros com celular: alguém tinha mais de um, outrem nenhum. Em 2018, equivalia a 109%; agora, a 120%.

O número de contas em redes sociais passou de 86 milhões em 2014 para 130 milhões em 2018 e 171 milhões em 2022 (dados de várias fontes compilados no site Datareportal, a serem tomados com grãos de sal).

Lula tem 56% contra 20% de Bolsonaro entre as famílias que ganham até dois salários mínimos; perde ou empata nas demais faixas de renda. É uma eleição "de classe" ou da revolta da pobreza, mas não é história tão diferente pelo menos desde 2006. Bolsonaro, de resto, ainda tem 20% dos pobres na pior crise da República.

Como se sabe, 36% dos homens e 21% das mulheres votam em Bolsonaro. É diferença expressiva, ainda maior que na votação de Lula em 2002 e 2006, também mais votado por homens.

"Ninguém" (nulos, brancos, indecisos) teve 11% dos votos no Datafolha desta semana, tão pouco quanto no junho ou julho da eleição de Lula 1 (2002) e Dilma 1 (2010).

No junho da eleição de Dilma 2 (2014), "Ninguém" tinha 30%, à frente de Aécio Neves (PSDB). Foi eleição apertada e conturbada pelas sequelas de 2013 e na véspera da Grande Recessão. Nas eleições de FHC, brancos, nulos e indecisos eram cerca de 20% em meados do ano, quando a disputa com Lula estava empatada.

Eleição é mais do que "a economia, estúpido!". Eleitores parecem algo mais decididos porque os candidatos são mais conhecidos e por causa do conflito odiento, "cultural" e econômico, que vai rachar o país a perder de vista.

Machismo e outras desumanidades afetam o voto, assim como a volta da questão religiosa. Várias classes reacionárias se organizaram politicamente, o tumulto volátil da política digital domina a conversa pública, há quase uma mudança de geração de 2002 para 2022.

Eleição e voto podem ser mais complicados do que parece.

vinicius.torres@grupofolha.com.br

Chefes estão perdidos em meio à tecnologia

Pesquisa mostra que maioria dos executivos dedica mais tempo respondendo a mensagens que com gestão do negócio

Daniele Madureira

SÃO PAULO Rodrigo Capuruço, CEO no Brasil e na América Latina da Volkswagen Financial Services, braço financeiro da montadora alemã, costuma brincar com sua secretária: "Que horas eu começo a trabalhar? Você organiza a minha agenda com reunião atrás de reunião...".

Com cerca de 70% da equipe em home office, as reuniões costumam ser online, com duração de meia hora a duas horas cada uma. São cinco reuniões por dia. Rodrigo também recebe cerca de 100 emails diariamente, dos quais 40% demandam uma resposta dele. No WhatsApp, são aproximadamente 50 mensagens de trabalho diárias. Mas as mensagens também chegam pelo Microsoft Teams, usado para fazer as reuniões, e pelo Skype.

"Se existe uma coisa da qual eu perdi o controle durante a pandemia, foi da minha agenda", diz o contador de 44 anos. "Criei essa obrigação de estar sempre conectado e que a resposta precisa ser em tempo real. Instintivamente, eu acabo exigindo isso da equipe e tenho essa expectativa em relação às outras pessoas. Uma resposta que aconteça na mesma hora ou no mesmo dia. É um paradoxo da tecnologia: você tem mais ferramentas para se conectar, mas ao mesmo tempo fica travado a elas, e deixa de fazer coisas que realmente importam."

Rodrigo não está sozinho nessa angústia online. Pesquisa da consultoria em gestão e educação executiva BTA Associados, sobre mudanças e desafios na rotina profissional no pós-pandemia, apontou que 66% dos chefes consideram o uso excessivo da tecnologia como o maior ladrão de tempo: emails, aplicativos como WhatsApp, Slack, Telegram, plataformas de vídeo como Microsoft Teams, Zoom e Google Meet, além das redes sociais, atrapalham demais a produtividade.

O levantamento foi feito entre o final de maio e o começo de junho com cerca de 200 executivos em cargos de conselheiros, presidentes, vice-presidentes, diretores e gerentes de empresas. Para eles, 61% do tempo individual é gasto em atividades que não geram valor ao negócio —e a tecnologia é a maior culpada disso. Antes da pandemia, em 2019, esse percentual de "perda de tempo" era de 38%.

Para a psicóloga Betania Tanure de Barros, sócia da BTA e especialista em comportamento organizacional, o mundo corporativo ainda não aprendeu a gerenciar a

Ilustração Catarina Pignato

Quanto tempo os chefes vêm perdendo em atividades que não geram valor ao negócio?
Em % de tempo

Ano	%
2006	29
2009	33
2012	37
2014	29
2019	38
2022	61

O que mais rouba tempo?
Em %, respostas múltiplas

Item	%
Uso excessivo da tecnologia (e-mail, WhatsApp etc.)	66
Burocracia e atividades repetitivas	61
Jogos políticos e demandas envolvendo poder	27

Qual o seu maior desafio profissional?
Em %, resposta única

Desafio	%
Gestão do tempo	24
Gestão de pessoas	18
Equilíbrio entre vida pessoal e profissional	17
Gestão do negócio	14
Desenvolvimento da própria carreira	10
Gestão das tecnologias da informação	8
Gestão de processos	6
Outros	3

Fonte: BTA - Betania Tanure Associados

distância no pós-pandemia. O resultado é que a gestão do tempo virou o desafio número 1 dos executivos —enquanto a gestão do negócio está em 4º lugar, segundo a pesquisa.

"A burocracia online está roubando o tempo e a saúde dos executivos, e de certa forma isso respinga nas equipes, porque cria um modus operandi na organização", diz. "Trabalha-se 12 horas ou mais por dia e também aos fins de semana, muitas vezes porque a comunicação não é objetiva."

Os entrevistados reclamam, por exemplo, de mensagens excessivas que visam apenas dar ciência do que está acontecendo. Para muitos, quem dá ciência só o faz para não assumir a responsabilidade.

Na opinião de Vânia Café, sócia da BTA, a demanda online se acentuou nos últimos meses. "As empresas estavam saindo de um período atribulado, que foi a fase mais aguda da pandemia, e aí são pegas com outras demandas urgentes, como o reflexo da guerra da Rússia na Ucrânia e a inflação acelerada", diz. "Tudo exige decisões rápidas demais."

O que se vê são executivos "naufragando" em meio às demandas que a comunicação em tempo real traz, diz Betania. Segundo ela, a questão não se resume a delegar tarefas. "A empresa depende das decisões dos altos executivos. Eles precisam ter tempo para receber as informações, processá-las, reorganizá-las dentro da estratégia da companhia e dar um rumo à organização", afirma.

Rodrigo Capuruço está sentindo o drama na pele. "Vejo todo o mundo tendo dificuldade em processar o volume de informação recebido e gerar conhecimento, que é o que interessa, separando o que é importante daquilo que não tem muito significado", afirma.

"Mas com a tecnologia as pessoas passaram a ter muito menos filtro e encaminham qualquer coisa. Reportagem, relatórios, dados de mercado...", diz ele, que se sente frustrado por não ter tempo para estar em campo visitando clientes, uma maneira mais assertiva de traçar estratégias e pensar o futuro do negócio.

"De vez em quando, a vida me vence", diz ele. "A gente planeja a semana e acaba tendo uma rotina totalmente diferente. Sem dúvida, seria muito mais produtivo se não fossem tantas demandas online."

Tatiana Iwai, professora de comportamento e liderança do Insper, diz que a vida pós-pandemia trouxe um bombardeio de pedidos online. "Somos interrompidos o tempo inteiro", diz. "Isso leva a problemas de produtividade, insatisfação no trabalho, estresse e sentimento de exaustão."

São muitas demandas online competindo pela atenção, uma vez que o trabalho remoto deixou a empresa na horizontal: todo o mundo tem acesso a todo o mundo o tempo inteiro. "Mas aquela pergunta rápida não é tão inofensiva assim, porque não acontece só uma vez", diz Tatiana. "Essa sequência de interrupções custa caro, corta o fluxo de trabalho e até que você volte a se concentrar existe uma perda de tempo preciosa e a qualidade do trabalho também é afetada", afirma.

A chamada no chat ou aplicativo substitui a ida até a mesa do escritório, afirma a professora. "A diferença é que, no presencial, dificilmente você iria cinco vezes à mesa de alguém. Mas hoje, facilmente, você procura por alguém cinco vezes por dia no online."

Ao mesmo tempo que a empresa inteira ficou acessível, muitas vezes as pessoas trabalham em horários diferentes. "Com isso, parece que a jornada de trabalho não termina nunca, tem sempre alguém online te pedindo coisas", afirma. Esse tipo de situação faz com que seja necessário criar novas regras de etiqueta no mundo do trabalho.

Rodrigo colocou limites para controlar a ansiedade por respostas imediatas. "Eu tinha mania de enviar emails aos domingos, para preparar minha semana. Parei com isso no ano passado. Estava gerando um estresse desnecessário nas pessoas que trabalhavam comigo, inclusive em mim mesmo", diz o executivo, que tem se policiado para não enviar nenhuma mensagem de trabalho depois das 21h e antes das 7h.

Na noite de quinta-feira (23), a administradora de empresas Cíntia Camargo, 48, tentava se desvencilhar de pendências do trabalho para tirar férias com a família. "Não é um mês, é só uma semana, mas parece que as pessoas pensam que você não vai voltar", brinca a executiva, diretora de crédito para pequenas empresas do banco Itaú.

Cíntia criou regras durante a pandemia para não enlouquecer com as demandas online. "Não aceito ser copiada em emails com réplica e tréplica", diz. "Não tenho que acompanhar novelas por mensagens. Se em uma resposta a questão não foi resolvida, a pessoa deve pegar o telefone e ligar. É incrível como as coisas podem ser solucionadas muito mais facilmente assim."

Nos emails, a principal informação deve estar no alto da mensagem. Ela não envia emails fora do horário de expediente, para não aumentar a ansiedade da equipe. "Precisamos colocar regras, senão aquela loucura de trabalhar 12, 14 horas como foi no início da pandemia, acaba virando o novo normal", diz Cíntia.

LEILÃO JUDICIAL ELETRÔNICO

IMÓVEIS COM DESÁGIOS DE ATÉ 50% SOBRE O VALOR DE AVALIAÇÃO. APROVEITE!

ID 5743

Terreno com 450 m²
Itaí/SP
Terreno no Condomínio Terras de Santa Cristina-Gleba III, localizado em frente a Av. José Luiz da Rocha e a 7 min. do centro da cidade.
Avaliação R$ 58.804,78 | Lances a partir de R$ 35.282,86
Leilão **28/06 - 09:40hs**
Juiz: Exmo. Dr. Diogo da Silva Castro
Vara Única de Itaí/SP

ID 5744

Apartamento Duplex
Bairro Saúde/SP
Imóvel com 142 m² no Cond. Residencial Santi Albani, composto por 3 salas, 2 dorms, sendo 1 suíte, cozinha, 2 banheiros, sacada, terraço e 2 vagas de garagem. Localizado a 2 min. da Rod. Anchieta e a 7 min. do Shopping Heliópolis.
Avaliação R$ 846.685,41 | Lances a partir de R$ 508.011,24
Leilão **28/06 - 10:20hs**
Juíza: Exma. Dra. Claudia Felix de Lima
5ª Vara Cível do Foro Regional III de Jabaquara/SP

ID 5420

Imóvel Residencial com 200 m²
Piracicaba/SP
Imóvel e respectivo terreno, composto por 3 dorms, quintal e garagem para 3 veículos. Localizado a 6 min. do centro e a 11 min. do Shopping Piracicaba.
Avaliação R$ 165.845,91 | Lances a partir de R$ 138.191,10
Leilão **28/06 - 10:40hs**
Juiz: Exmo. Dr. Eduardo Velho Neto
1ª Vara Cível de Piracicaba/SP

ID 5343

Apartamento com 236 m²
Guarujá/SP
Imóvel no Condomínio Mirante Santa Fé, composto por sala 3 ambientes, lavabo, 4 dorms com suíte, cozinha, copa, banheiro, wc e dependências de empregada, área de serviço e 3 vagas de garagem.
Avaliação R$ 1.049.083,44 | Lances a partir de R$ 629.450,06
Leilão **28/06 - 11:00hs**
Juiz: Exmo. Dr. Marcelo Machado da Silva
4ª Vara Cível de Guarujá/SP

ID 5745

Apartamento com 122 m²
Ribeirão Preto/SP
Imóvel no Edifício Laerte Bertagna, composto por sala, sacada, 3 dorms, sendo 1 suíte, 2 banheiros, cozinha, quarto de despejo, área de serviço e vaga de garagem.
Avaliação R$ 233.661,19 | Lances a partir de R$ 140.196,71
Leilão **28/06 - 13:40hs**
Juiz: Exmo. Dr. Alex Ricardo dos Santos Tavares
9ª Vara Cível de Ribeirão Preto/SP

ID 5753

Imóvel Residencial
Mogi das Cruzes/SP
Imóvel com 129 m² de construção e terreno com área de 139 m². Localizado a 2 min. da Rod. Dom Paulo Rolim Loureiro e a 7 min. do centro da cidade.
Avaliação R$ 442.645,05 | Lances a partir de R$ 265.587,03
Leilão **28/06 - 14:40hs**
Juiz: Exmo. Dr. Carlos Eduardo Xavier Brito
4ª Vara Cível de Mogi das Cruzes/SP

ID 5231

Parte ideal de Imóvel Residencial
São José dos Campos/SP
Parte ideal de 1/10 de Imóvel com 291 m² de construção e terreno com área de 400 m². Localizado a 1 min. da Rod. Monteiro Lobato e a 5 min. do Shopping Centro.
Avaliação R$ 47.345,53 | Lances a partir de R$ 28.407,31
Leilão **28/06 - 16:20hs**
Juiz: Exmo. Dr. Luís Mauricio Sodré de Oliveira
3ª Vara Cível de São José dos Campos/SP

ID 5748

Apartamento com 173 m²
Perdizes/SP
Imóvel no no Edifício JJ Mendes, composto por sala ampla, 4 suítes, terraço, copa, cozinha, área de serviço, dependências de empregada e 4 vagas de garagem. Localizado a 3 min. do Metrô Vila Madalena e da Av. Sumaré.
Avaliação R$ 1.564.254,67 | Lances a partir de R$ 782.127,33
Leilão **28/06 - 17:00hs**
Juíza: Exma. Dra. Daniela Nudeliman Guiguet Leal
2ª Vara Cível de Barueri/SP

ID 5620

Imóvel Residencial
São José dos Campos/SP
Residencia assobradada com área construída de 171 m² e terreno com 125 m². Composto por 2 salas, 2 cozinhas, 3 dormitórios, 3 banheiros, área de serviço e vaga de garagem.
Avaliação R$ 282.336,13 | Lances a partir de R$ 225.868,90
Leilão **29/06 - 09:20hs**
Juiz: Exmo. Dr. Luís Mauricio Sodré de Oliveira
3ª Vara Cível de São José dos Campos/SP

ID 5758

Apartamento com 72 m²
Guarujá/SP
Imóvel no Edifício Residencial Gávea da Enseada com vaga de garagem. Localizado a 5 min. da Praia da Enseada e a 14 min. do centro da cidade.
Avaliação R$ 335.875,40 | Lances a partir de R$ 201.525,24
Leilão **29/06 - 10:20hs**
Juiz: Exmo. Dr. Marcelo Machado da Silva
4ª Vara Cível de Guarujá/SP

Prédio Comercial

ID 5498

Rio Claro/SP

Imóvel com 2.530 m² de contrução e terreno com 20.104 m², composto por 2 barracões industriais, escritórios e banheiros. Localizado a 5 min. da Rodovia Wilson Finardi e a 17 min. do centro da cidade.

Avaliação **R$ 9.177.771,14**
Lances a partir de **R$ 4.588.885,57**

Leilão **28/06 - 10:00hs**

Juiz: Exmo. Dr. Alexandre Dalberto Barbosa
1ª Vara Cível de Rio Claro/SP

Imóvel Residencial

ID 5749

Piracicaba/SP

Imóvel com 217 m² de construção e terreno com área de 3.258 m². Localizado com fácil acesso pela Rodovia do Açúcar, a 3 min. da Lagoa do Santa Rita e a 5 min. do Hospital Regional de Piracicaba.

Avaliação **R$ 1.503.656,01**
Lances a partir de **R$ 902.193,60**

Leilão **28/06 - 15:00hs**

Juiz: Exmo. Dr. Marcos Douglas Veloso Balbino da Silva
2ª Vara Cível de Piracicaba/SP

ID 5759

Imóvel Residencial
São Paulo/SP
Imóvel com 228 m² de construção e terreno com área de 313 m². Localizado a 3 min. da Av. Professor Luiz Ignácio Anhaia Mello e a 9 min. do Central Plaza Shopping.
Avaliação R$ 1.157.270,29 | Lances a partir de R$ 694.362,17
Leilão **29/06 - 15:00hs**
Juíza: Exma. Dra. Claudia Ribeiro
4ª Vara Cível do Foro Regional IX de Vila Prudente/SP

ID 5760 - L1 e L2

2 Vagas de Garagem
Alphaville/SP
Vaga de garagem situada no 1º pavimento e outra no 5º pavimento do Condomínio Edifício Alpha Park. Localizado a 9 min. da Rod. Presidente Castello Branco.
Avaliação total R$ 67.954,40 | Lances a partir de R$ 33.978,70
Leilão **30/06 - 09:20hs**
Juiz: Exmo. Dr. Raul de Aguiar Ribeiro Filho
3ª Vara Cível de Barueri/SP

ID 5385

Imóvel Residencial em construção
Mogi das Cruzes/SP
Imóvel inacabado com 401 m² de construção e terreno com área de 500 m². Composto por 2 construções de 3 pavimentos cada, subsolo com wc, lavanderia, copa, sala, cozinha, 3 suítes, lavabo e garagem para 2 veículos.
Avaliação R$ 649.480,32 | Lances a partir de R$ 342.740,16
1º Leilão **30/06 - 10:20hs** | 2º Leilão **26/07 - 10:20hs**
Juiz: Exmo. Dr. Gustavo Alexandre da Câmara Leal Belluzzo
5ª Vara Cível de Mogi das Cruzes/SP

ID 5781

Imóvel Residencial
Rio Claro/SP
Imóvel com 44 m² de construção e terreno com área de 238 m². Composto por abrigo, 2 dorms, sala, cozinha, banheiro e lavanderia. Localizado a 5 min. da Rod. Washington Luiz.
Avaliação R$ 203.056,61 | Lances a partir de R$ 101.528,30
1º Leilão **30/06 - 13:40hs** | 2º Leilão **26/07 - 13:40hs**
Juiz: Exmo. Dr. Alexandre Dalberto Barbosa
1ª Vara Cível de Rio Claro/SP

ID 5771

Terreno Urbano com 1.204 m²
Vargem Grande Paulista/SP
Terreno no loteamento denominado Residencial San Diego, localizado a 8 min. da Rodovia Raposo Tavares e a 11 min. do centro da cidade.
Avaliação R$ 299.248,00 | Lances a partir de R$ 239.398,40
1º Leilão **05/07 - 09:20hs** | 2º Leilão **05/07 - 10:20hs**
Juiz: Exmo. Dr. Gustavo Dall'Olio
8ª Vara Cível de São Bernardo do Campo/SP

Área Residencial

ID 5276

Santos/SP

Área residencial com terreno de 9.055 m² contendo 75 edificações. Localizado em frente a Av. Dr. Rosário Baptista Conte e a 10min. do Brisamar Shopping.

Avaliação **R$ 11.106.522,30**
Lances a partir de **R$ 6.663.913,38**

Leilão **30/06 - 10:00hs**

Juíza: Exma. Dra. Daniela Anholeto Valbao Pinheiro Lima
6ª Vara Cível de São Caetano do Sul/SP

2 Lotes de Terreno

ID 3637

São José dos Campos/SP

Imóvel residencial composto por 2 lotes de terrenos, com área total de 1.158 m². Localizado a 5 min. do Colinas Shopping e a 10 min. da Rodovia Presidente Dutra.

Avaliação **R$ 2.031.886,66**
Lances a partir de **R$ 1.219.131,99**

1º Leilão **05/07 - 10:00hs** 2º Leilão **26/07 - 10:00hs**

Juiz: Exmo. Dr. Paulo de Tarso Bilard de Carvalho
2ª Vara Cível de São José dos Campos/SP

ID 5772

2 Imóveis Residenciais
Guaratinguetá/SP
2 imóveis tipo sobrado com total de 190 m² de construção e área de terreno de 140 m². Compostos por 3 dorms, sendo 1 suíte, sala, cozinha, banheiro, quintal e garagem.
Avaliação R$ 480.589,12 | Lances a partir de R$ 288.353,47
1º Leilão **05/07 - 15:00hs** | 2º Leilão **26/07 - 15:00hs**
Juíza: Exma. Dra. Claudia Aparecida de Araujo
Juizado Especial Cível e Criminal de Guaratinguetá/SP

ID 5780

Imóvel Residencial
Cotia/SP
Imóvel com área construída de 352 m² sobre terreno de 368 m². Composto por 2 pavimentos, edícula e 3 vagas de garagem. Localizado a 3 min. da Rodovia Raposo Tavares e a 7 min. do centro da cidade.
Avaliação R$ 1.321.118,61 | Lances a partir de R$ 990.838,96
1º Leilão **05/07 - 16:00hs** | 2º Leilão **26/07 - 16:00hs**
Juíza: Exma. Dra. Maria Elizabeth de Oliveira Bortoloto
6ª Vara Cível de Barueri/SP

ID 5782

Apartamento com 56 m²
São Bernardo do Campo/SP
Imóvel no Edifício Uberaba, composto por sala de estar e jantar, 2 dorms, banheiro, cozinha, área de serviço e vaga de garagem.
Avaliação R$ 243.145,21 | Lances a partir de R$ 145.887,12
1º Leilão **06/07 - 09:20hs** | 2º Leilão **27/07 - 09:20hs**
Juíza: Exma. Dra. Patrícia Svartman Poyares Ribeiro
6ª Vara Cível de São Bernardo do Campo/SP

ID 5791

Imóvel Residencial e Comercial
Bairro Cidade Lider/SP
Imóvel assobradado de uso residencial e comercial, com área total construída de 180 m² sobre terreno de 128 m². Localizado a 3 min. da Av. Itaquera e a 14 min. do Shopping Aricanduva.
Avaliação R$ 366.694,63 | Lances a partir de R$ 183.347,31
1º Leilão **06/07 - 09:40hs** | 2º Leilão **06/07 - 10:40hs**
Juíza: Exma. Dra. Larissa Boni Valieris
2ª Vara Cível de Guarulhos/SP

ID 5788

Apartamento com 49 m²
Ribeirão Preto/SP
Imóvel no Condomínio Itajubá com vaga de garagem. Localizado a 8 min. da Rod. Alexandre Balbo e a 16 min. do Aeroporto Estadual Dr. Leite Lopes.
Avaliação R$ 116.200,06 | Lances a partir de R$ 58.100,03
1º Leilão **07/07 - 09:40hs** | 2º Leilão **27/07 - 09:40hs**
Juiz: Exmo. Dr. Alex Ricardo dos Santos Tavares
9ª Vara Cível de Ribeirão Preto/SP

ID 5729

Imóvel Residencial
Queluz/SP
Imóvel com 107 m² de construção e área de terreno de 465 m². Composto por sala, cozinha, 4 dorms, banheiro e vaga de garagem. Localizado às margens do Rio Paraíba do Sul, com acesso pela Rod. Presidente Dutra
Avaliação R$ 224.854,76 | Lances a partir de R$ 168.641,07
1º Leilão **07/07 - 10:20hs** | 2º Leilão **27/07 - 10:20hs**
Juiz: Exmo. Dr. Fernando Henrique de Oliveira Biolcati
22ª Vara Cível de São Paulo/SP

ID 5691

Imóvel Residencial
Conchal/SP
Casa no Conj. Habitacional Jardim Bela Vista, com 85 m² de construção e terreno com área de 180 m². Localizado a 4 min. da Rod. Professor Zeferino Vaz e a 5 min. do centro da cidade.
Avaliação R$ 130.000,00 | Lances a partir de R$ 65.000,00
1º Leilão **07/07 - 10:40hs** | 2º Leilão **27/07 - 10:40hs**
Juíza: Exma. Dra. Juliana Brescansin Demarchi Molina
Vara Única de Conchal/SP

ID 5511

Apartamento com 45 m²
São José dos Campos/SP
Imóvel no Cond. Residencial 93 com vaga de garagem. Localizado a 5 min. do Shopping Jardim Oriente e a 6 min. da Av. Mario Covas.
Avaliação R$ 139.510,19 | Lances a partir de R$ 97.657,13
1º Leilão **07/07 - 15:40hs** | 2º Leilão **27/07 - 15:40hs**
Juiz: Exmo. Dr. Luís Mauricio Sodré de Oliveira
3ª Vara Cível de São José dos Campos/SP

ID 5790

Imóvel Residencial
São Bernardo do Campo/SP
Imóvel com 138 m² de construção e área de terreno de 148 m². Composto por 3 dorms, sendo 1 suíte, sala, cozinha, 2 banheiros, lavanderia, varanda e garagem para 2 veículos.
Avaliação R$ 648.212,23 | Lances a partir de R$ 388.927,33
1º Leilão **08/07 - 09:40hs** | 2º Leilão **28/07 - 09:40hs**
Juíza: Exma. Dra. Patrícia Svartman Poyares Ribeiro
6ª Vara Cível de São Bernardo do Campo/SP

ID 5668

Imóvel Rural com 11.600 m²
Salesópolis/SP
Imóvel rural denominado Sítio de Salesópolis, localizado a 6 min. da Rod. Professor Alfredo Rolim de Moura e a 22 min. do centro da cidade.
Avaliação R$ 245.000,00 | Envie sua Proposta!
1º Leilão **08/07 - 10:20hs** | 2º Leilão **08/07 - 10:20hs**
Juíza: Exma. Dra. Maria Rita Rebello Pinho Dias
3ª Vara de Falências e Rec. Judiciais de São Paulo/SP

Reservamo-nos o direito à correção de possíveis erros de digitação. As informações aqui contidas não substituem o edital.

11 3969 1200 | 0800 789 1200 11 95577 1200 **www.leje.com.br**

@lejeoficial

Leilão Judicial Eletrônico

Pobreza recorde acentua desigualdades no Brasil

Para IMDS, responsável por levantamento, país tem como reverter piora

Alexa Salomão

BRASÍLIA Considerando a renda das famílias, 47,3 milhões de brasileiros terminaram o ano passado na pobreza. O número equivale a 22,3% do total da população brasileira, o maior percentual em dez anos, segundo levantamento realizado pelo IMDS (Instituto Mobilidade e Desenvolvimento Social).

"O Brasil vinha numa trajetória histórica de redução da pobreza, mas, no meio do caminho, apareceu uma pedra, a pandemia, e ainda estamos vendo os seus efeitos", afirma o economista Paulo Tafner, presidente do IMDS.

Analisados no detalhe, os dados do levantamento mostram que a piora foi generalizada.

Quase 11 milhões caíram na pobreza em todo o país em 2021. Para ter uma dimensão desse contingente, é como se quase todos os moradores da cidade de São Paulo se tornassem pobres em um ano.

Mais da metade dos que perderam renda, 6,3 milhões, caiu para a extrema pobreza, onde o dia a dia é marcado até pela falta de comida. O ano terminou com 20 milhões de brasileiros nessa condição.

Brasileiros de zero a 17 anos estão entre os mais sacrificados. A pobreza infantil compromete o futuro de 19 milhões de crianças e adolescentes ao final de 2021, 35,6% do total desse segmento da população.

Ainda que a pobreza tenha avançado em todo o país e nos mais diversos segmentos, a parcela da população que mais sofreu é negra —73% do total— e se concentrava em regiões e estados mais pobres, o que ajudou a ampliar as desigualdades nacionais.

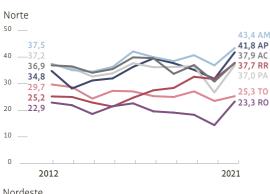
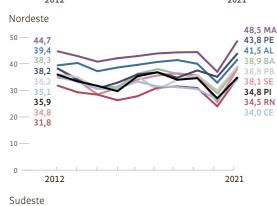
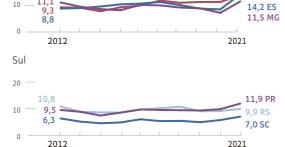
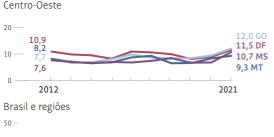
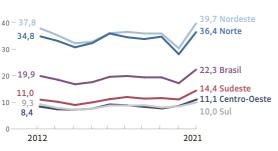
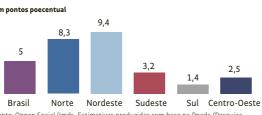
No Nordeste, 5,5 milhões caíram na pobreza no ano passado, elevando o número de pobres na região para 22,8 milhões, quase 40% do total da população nessa parte do país. No Sul, o contingente aumentou em 400 mil, fazendo com que os mais pobres passassem a representar 10% do total da população nessa parte do país. Lá o ano terminou com 3 milhões de pessoas na pobreza.

Na avaliação da equipe do IMDS, um fator para a oscilação na renda foi o auxílio emergencial.

A concessão de um benefício de R$ 600 em 2020 teve o efeito de reduzir a pobreza. No ano passado, porém, o auxílio foi suspenso e, depois, teve o valor reduzido, além de ter um corte no número de beneficiários. Como a Covid não havia cedido, e a economia, tido pouco reagido, houve repique na pobreza.

No Maranhão, o auxílio reduziu a pobreza em 2020, que passou a afetar 37% da população. É um patamar alto, mas foi o menor percentual de maranhenses empobrecidos em dez anos. No ano passado, porém, a parcela de pobres passou a ser 48,5%, quase metade da população, e o pior patamar nos mesmos dez anos —3,5 milhões terminaram 2021 na pobreza.

Montanha-russa parecida ocorreu no Rio Grande do Norte. A parcela de pobres caiu para 24% em 2020 e saltou para 34,5% no ano passado. Outra vez, piso e teto em dez anos.

Pernambuco viveu um fenômeno diferente. Não teve redução drástica de pobreza em 2020, mas sentiu o repique na sequência. Terminou o ano com quase 44% população na pobreza, 4,2 milhões de pernambucanos. Foi a primeira vez que o indicador ficou acima de 40% na série. O maior percentual até então havia sido o de 38,2%, em 2012.

"A baixa renda depende do trabalho informal, predominantemente associado ao setor de serviços com contato físico, como venda de alimentos e negócios associados ao turismo", afirma o economista Sergio Guimarães Ferreira, diretor do IMDS. "A oscilação do benefício, sem a retomada dos serviços, foi determinante para o aumento da pobreza em 2021."

Guimarães, porém, destaca que será preciso aprofundar a análise de dados para avaliar mais detalhadamente o aumento da pobreza em alguns locais.

É o caso, por exemplo, das regiões metropolitanas. De 2016 a 2020, a parcela de pobres oscilou entre 15% e 16% do total da população. Em 2020, quando as maiores cidades viveram o lockdown, a taxa ficou em 15,5%. No ano passado, no entanto, subiu para quase 20%, com 3,8 milhões de habitantes dessas áreas urbanas caindo na pobreza.

"A pesquisa pode ter captado a demora na retomada do setor de serviços, muito importante para a economia dos centros urbanos", afirma Guimarães.

No Centro-Oeste, símbolo da pujança do agronegócio, que se beneficiou com a alta das commodities durante a pandemia, a pobreza registrou um recorde atípico. Historicamente, de 7% a 8% da população vive na pobreza. Em alguns momentos, o percentual subiu para casa de 9%. No ano passado, no entanto, foi a 11%.

"Seria preciso ampliar o escopo da pesquisa para avaliar melhor os efeitos do agronegócios sobre as camadas mais pobres da população na área rural", diz Guimarães.

O IMDS trabalha com o cenário de redução da pobreza em 2022, com a retomada do setor de serviços e o pagamento do Auxílio Brasil, que substituiu o Bolsa Família.

"Não há evidências até aqui de que haja uma reversão estrutural na trajetória de queda da pobreza no Brasil, então, acreditamos que a robusta rede de assistência social do país, criada ao longo das últimas décadas, associada à retomada da economia e do emprego, vai contribuir para melhorar os indicadores a partir deste ano", afirma Tafner.

Um novo elemento que está no radar do instituto, porque afeta o poder de compra, é o aumento de preços. Historicamente, a inflação é um elemento que eleva a pobreza.

Na avaliação do IMDS, os efeitos sobre o Brasil da baque global da pandemia, seguido das consequências da Guerra da Ucrânia, que também estão afetando a economia em escala internacional, mostram que a política pública na área social no Brasil precisa avaliar a criação de novos instrumentos.

"Muitas famílias vivem com uma renda tão pequena que podem cair abaixo da linha da pobreza se deixarem de ganhar regularmente R$ 2 por dia", afirma Tafner. "Mecanismos simples, como um seguro social para mitigar choques, poderiam impedir esses efeitos."

Outra alternativa seria construir um sistema de seguridade para o trabalhador informal. "Na pandemia, quem tinha trabalho com carteira assinada foi atendido mais rapidamente porque conta com estruturas de proteção já organizadas", diz Guimarães. "Um sistema para os informais evitaria a pobreza temporária, causada pela falta repentina de trabalho."

As séries do IMDS que contabilizam pobreza tomam como base a renda per capita familiar apurada a partir das séries da PnadC do IBGE (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). O levantamento foi iniciado em 2012.

> Na pandemia, quem tinha carteira assinada foi atendido mais rapidamente porque conta com estruturas de proteção já organizadas
>
> **Sergio Guimarães Ferreira**
> diretor do IMDS

Empobrecimento nacional

Pobreza atinge pior patamar em dez anos no Brasil e acentua desigualdades regionais e por estados

Pobreza de 2012 a 2021, em % da população total

Norte

Nordeste

Sudeste

Centro-Oeste

Brasil e regiões

Variação no Brasil e por regiões de 2020 a 2021

Em pontos poecentual

Fonte: Oppen Social/Imds. Estimativas produzidas com base na Pnadc (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua)

Simone Maria Cordeiro vive com 6 dos 11 filhos em uma ocupação no centro do Rio de Janeiro Eduardo Anizelli/Folhapress

Renda dos 5% mais pobres não compra nem dois pratos feitos no mês

Leonardo Viecieli

RIO DE JANEIRO Em uma metrópole como São Paulo, a renda dos brasileiros 5% mais pobres pode não ser suficiente nem para comprar duas unidades do famoso prato feito, o pê-efe, ou um quilo de carne por mês.

Em 2021, os cerca de 10 milhões que integravam esse grupo no país viram o rendimento mensal domiciliar per capita (por pessoa) despencar para R$ 39 em média.

O tombo foi de 33,9% ante 2020 (R$ 59), o mais intenso entre as camadas da população investigadas na Pnad Contínua: Rendimento de Todas as Fontes 2021.

A pesquisa, divulgada neste mês pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), vai além do mercado de trabalho e também avalia a renda obtida com outras fontes de recursos, como benefícios sociais, aposentadorias e aluguéis.

Na capital paulista, uma refeição ao estilo prato do dia ou prato feito saía por R$ 23,90, em média, em outubro de 2021, segundo levantamento feito pelo Procon-SP em parceria com o Dieese.

Ou seja, em uma situação hipotética, os R$ 39 da renda dos brasileiros 5% mais pobres ficariam abaixo do valor de apenas dois pê-efes: R$ 47,80.

O rendimento da camada mais vulnerável também era inferior, por exemplo, ao preço de um quilo de carne de primeira na capital paulista.

Em dezembro de 2021, o produto custava R$ 42,89 em média, de acordo com outra pesquisa realizada pelo Procon-SP em parceria com o Dieese.

Na visão de economistas, os dados ilustram o tamanho do desafio social que o país enfrenta após a chegada da pandemia.

Além de serem afetados pelas incertezas de inserção no mercado de trabalho e pela inflação em escalada, os mais pobres também sentiram a redução ou o fim de benefícios sociais como o auxílio emergencial, criado em 2020 e encerrado em 2021.

"No início do auxílio emergencial, a gente viu um efeito grande no combate à pobreza, e isso tinha de ser feito. Agora, a situação está muito difícil. A fila de espera por ajuda está crescendo", diz o economista Alysson Portella, pesquisador do Insper.

Em dezembro de 2021, o preço médio de um botijão de gás de cozinha de 13 quilos foi de R$ 102,32 no Brasil, conforme a ANP (Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis).

Isso significa que, em uma família de três pessoas e com renda de R$ 39 por integrante, a compra de um botijão consumiria 87,5% do rendimento total (R$ 117).

Segundo os dados divulgados pelo IBGE neste mês, a renda individual também despencou mais de 30% na faixa dos brasileiros que estavam acima dos 5% e até os 10% mais pobres do país.

De 2020 para 2021, o rendimento médio mensal desse grupo recuou de R$ 217 para R$ 148 por pessoa, uma baixa de 31,8%, a segunda mais intensa da pesquisa.

"O pior é que, além de a renda das camadas mais pobres ser muito baixa, ela é instável. Flutua muito", afirma o economista Marcelo Neri, diretor do centro de políticas sociais FGV Social.

"Nos últimos anos de pandemia, com a entrada e a saída do auxílio emergencial, essa volatilidade aumentou", completa Neri, que chama atenção para o aumento da fome no Brasil como uma das consequências da atual crise.

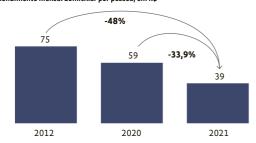
Segundo análise recente do FGV Social, a partir de dados do Gallup World Poll, a parcela de brasileiros sem dinheiro para alimentar a si ou a sua família em algum momento dos últimos 12 meses subiu de 30% em 2019 para 36% em 2021. O percentual é recorde na série iniciada em 2006.

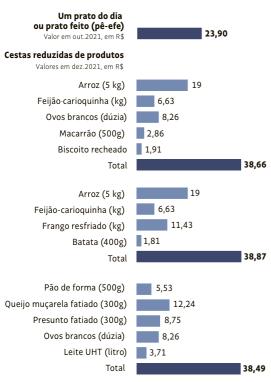
Simone Maria Cordeiro, 47, viu a renda do trabalho como recicladora ficar mais incerta e enxuta após os impactos da pandemia e da inflação alta.

Continua na pág. A21

Situação dos mais vulneráveis

Renda média dos 5% mais pobres no Brasil

Rendimento mensal domiciliar por pessoa, em R$*

O que era possível comprar com R$ 39 em 2021

Preços médios pesquisados na cidade de São Paulo

O que não era possível comprar com R$ 39 em 2021

Preços médios verificados na cidade de São Paulo, em out. 2021, em R$

Os R$ 39 correspondiam a 38,1% do preço médio de um botijão de gás de 13 kg no país em dez.2021 (R$ 102,32)

O valor também representava apenas 5,6% da cesta básica de alimentos pesquisada pelo Dieese em SP em dez.2021 (R$ 690,51)

*A preços médios de 2021 | Fontes: IBGE, Procon-SP, Dieese e ANP

Continuação da pág. A20

“Depende muito do dia. Às vezes, a gente não consegue nada”, conta.

Para bancar as despesas familiares, a moradora do Rio de Janeiro depende de doações e recursos do Auxílio Brasil e do Auxílio Gás, que somam mais de R$ 400.

Simone tem 11 filhos. Seis deles ainda vivem com ela em uma ocupação.

“Uma das salvações é que eles estudam e ganham café da manhã ou almoço na escola. Isso ajuda muito”, conta.

“A gente vai para o supermercado, mas compra só o suficiente para se manter por alguns dias. Estou lutando pela minha sobrevivência e da minha família”, acrescenta.

Responsáveis por iniciativas sociais relatam que a procura por doações de mantimentos segue aquecida, mesmo após as fases mais críticas da pandemia.

Atualmente, 33 milhões de pessoas passam fome no país, apontou o 2º Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil, divulgado neste mês.

O contingente é similar ao registrado 30 anos atrás. Em 1993, eram 32 milhões nessa situação.

“A gente percebe quando a situação piora nos territórios em que a gente atua antes de os dados do IBGE mostrarem isso”, afirma Rodrigo “Kiko” Afonso, diretor-executivo da ONG Ação da Cidadania.

“Qualquer melhora [no apoio aos vulneráveis] passa pelo combate à fome. Se a pessoa não comer, não vai conseguir procurar emprego ou estudar. Ela precisa comer”, acrescenta.

Na avaliação do economista Ely José de Mattos, professor da Escola de Negócios da PUCRS, uma melhora do cenário para as camadas mais pobres é ameaçada por uma série de dificuldades previstas para o segundo semestre de 2022.

Entre os riscos estão os sinais de desaceleração da atividade econômica, inflação persistente e um mercado de trabalho que não está totalmente recuperado das crises recentes.

Conforme Mattos, o combate à pobreza passa por projetos do poder público que considerem as diferenças existentes dentro dos grupos mais vulneráveis.

“Para os 5% mais pobres, é assistência social na veia. Não tem como ser muito diferente”, afirma.

“Se pegar uma foto dos 25% mais pobres, entre eles há muitas diferenças [...]. Para alguns perfis, a gente pode trabalhar com inclusão produtiva direta, treinamentos específicos. Tudo isso é política governamental bastante direcionada”, emenda.

Com a crise econômica às vésperas das eleições, o governo Jair Bolsonaro (PL) trocou o Bolsa Família, associado a gestões petistas, pelo Auxílio Brasil, cujas famílias beneficiárias recebem um mínimo de R$ 400.

Contudo, como mostrou reportagem da **Folha**, o novo programa ainda registrava uma fila de 764,5 mil famílias em maio.

“A gente tem de olhar com carinho para os grupos mais pobres. Inflação e desemprego são males vividos mais fortemente por eles”, afirma o economista Marcelo Neri, do FGV Social.

“No caso dos programas sociais, houve um desajuste. A gente precisa fazer uma volta a um aprendizado: quem é mais pobre tem de receber mais recursos do que os demais, famílias maiores também”, acrescenta.

Queda de 10%, como?

Desemprego artificialmente baixo e maus investimentos explicam perda do PIB de 2014 a 2016

Samuel Pessôa

Pesquisador do Instituto Brasileiro de Economia (FGV) e da Julius Baer Family Office (JBFO). É doutor em economia pela USP

Na coluna de 11 de junho, mostrei que a nossa grande crise, do segundo trimestre de 2014 até o quarto trimestre de 2016, acarretou perda permanente de 10% no nível da economia.

Essa perda é distinta daquela ocorrida na taxa de crescimento do produto potencial. Isto é, mesmo considerando que fatores exógenos —como o fim do boom das commodities ou a mudança do regime de chuvas— tenham reduzido o potencial de crescimento de nossa economia, houve perda adicional de 10%. Mais detalhes no Blog do Ibre (bit.ly/3ndzxA4).

No Blog do Ibre, o leitor Raul Santos, em comentário, fez indagação muito pertinente: “Qual seria o fundamento microeconômico para um efeito tão persistente decorrente da má alocação”?. Optei por lhe responder com esta coluna.

Minha interpretação é que a perda permanente foi fruto do elevado nível de artificialidade que vigorava na economia em razão de política econômica errada desde o segundo mandato de Lula.

Em 2014, a taxa de desemprego estava três pontos percentuais abaixo da natural. Todo esse emprego foi alocado em atividades que não apresentavam rentabilidade privada suficientemente elevada para custear o trabalho nos termos contratados.

Também o investimento no período tinha um elevado grau de artificialidade. Explicando melhor, o setor público e o setor privado geraram por anos crédito para investimentos em atividade que maturaram mal. O investimento entra no PIB. Como eles maturaram mal, não geraram caixa. No final do ciclo, as empresas tinham dívida, mas não tinham produção. Evidentemente, o investimento teve que despencar, pois um novo ciclo de investimento teria que se sustentar no retorno gerado pelo ciclo anterior.

Para impedir a queda do investimento, dado que o ciclo de investimento tinha dado errado, algumas condições seriam imprescindíveis: que houvesse projetos rentáveis (isto é, de boa qualidade) prontos para sustentar novo ciclo de crescimento; que houvesse instituições financeiras, públicas e privadas, internacionais e domésticas, com apetite e disponibilidade de caixa para financiá-los; e que o custo de capital de um novo ciclo de endividamento, numa sociedade que já estava muito endividada, que poupa pouco e na qual o custo de capital é historicamente um dos mais elevados do mundo, não subisse para níveis estratosféricos. Desnecessário dizer que essas condições não estavam dadas e que não estava ao alcance da política econômica construí-las.

Para termos uma ideia quantitativa da situação à época, a média das taxas de investimento no quadriênio de Dilma 1 foi de 22% do PIB. Somente a Petrobras respondia por pouco mais de dois pontos percentuais desse total. Tivemos os investimentos com recursos do Tesouro, como o programa MCMV, entre outros, além de todo o investimento na indústria naval e no Grupo X, de Eike Batista, dentre tantos outros que maturaram mal. Quando o custo de capital para o Tesouro subiu muito, esses programas tiveram que ser descontinuados.

Outros setores afetados por erros de política econômica foram o sucroalcooleiro e todo o automobilístico.

O primeiro porque ficou sem caixa para pagar suas dívidas em razão da perda de rentabilidade induzida pela política de preços da gasolina conduzida pela Petrobras à época; o setor automobilístico, por causa do esgotamento de uma política agressiva de compras subsidiadas de caminhões e investimento em novas fábricas, com a expectativa de que o mercado brasileiro rapidamente caminhasse para um consumo de 5 milhões de unidades/ano de automóveis.

Faz todo o sentido que 1/3 de tudo que se investia ao longo do primeiro mandato de Dilma tenha maturado mal e que, portanto, o investimento tivesse que cair muito.

Diria que esses dois fatores —taxa de desemprego artificialmente baixa e maus investimentos— explicam o problema microeconômico, isto é, de má alocação de recursos, que descrevem a queda permanente da atividade brasileira em 10% no triênio 2014 até 2016.

É em tese possível que parte da perda permanente tenha sido causada pelo fato de a política econômica posterior a 2016 ter sido muito contracionista e ter gerado carência de demanda agregada. Argumenta-se que o longo desemprego teria causado histerese —perda permanente de capacidade produtiva pela perda de capital humano específico. Esse argumento não me parece relevante do ponto de vista quantitativo, pois a perda de capital humano específico ocorre nos trabalhadores de maiores níveis de escolaridade. Não é o caso da força de trabalho no Brasil.

Crescimento econômico não é um ato de vontade. Os incentivos e toda a institucionalidade precisam ser bem construídos para que um ciclo de investimento não se transforme somente em dívida e desperdício.

| DOM. Samuel Pessôa | **SEG. Marcos Vasconcellos, Ronaldo Lemos** | TER. Michael França, Cecilia Machado | QUA. Helio Beltrão | QUI. Cida Bento, Solange Srour | SEX. Nelson Barbosa | SÁB. Marcos Mendes, Rodrigo Zeidan

Livia Serri Francoio

Quatro ajustes fiscais: um bom e necessário caminho

O Brasil do jeito que está não vai dar certo

Arminio Fraga
Sócio-fundador da Gávea Investimentos, presidente dos conselhos do IEPS e do IMDS e ex-presidente do Banco Central.

O Brasil precisa de quatro ajustes fiscais. Cada um tem seu papel e merece atenção. Antes de discutirmos o caso brasileiro, vale a pena repassar alguns conceitos, sem entrar em muitos detalhes.

Entenda-se aqui por tamanho do governo (estritamente, do Estado) a totalidade do gasto público primário, ou seja, excluindo juros. Em uma democracia, a decisão quanto ao tamanho do governo cabe ao Legislativo, em negociações com o Executivo. A decisão é política e se materializa na definição de um Orçamento, construído com base em uma avaliação dos custos e benefícios do gasto e da arrecadação. Em particular, o processo deve levar em conta os impactos de cada opção sobre a produtividade da economia e sobre o grau desejado de solidariedade social, ambas a curto e longo prazo. Tal avaliação é extremamente complexa e raramente feita.

A possibilidade de o governo tomar emprestado e aplicar recursos permite que o Orçamento opere fora do equilíbrio, dentro de certos limites. O endividamento deve ser tal que não pressione as taxas de juros que o governo paga e dê alguma folga para que o governo possa lidar com emergências, como a pandemia que ainda nos assola.

A política fiscal deve, portanto, definir e atingir quatro objetivos: o tamanho do gasto, o resultado do Orçamento (o saldo primário), as prioridades de gasto e o desenho do sistema tributário.

Vejamos agora o caso brasileiro, começando pelo tamanho do governo. Para efeito de comparação, vou usar os dados do mais recente Fiscal Monitor, do FMI. Para evitar o impacto dos gastos com a pandemia, que variaram bastante por país e são excepcionais, usarei dados de 2019. O Brasil gastou 32,4% do PIB, acima dos 29,9% da média dos países emergentes e de renda média ("EMs") e abaixo dos avançados (37,1%), sendo que 47,9% na zona do euro e 33,6% nos EUA. Se incluirmos como gasto os subsídios tributários, que deveriam estar no Orçamento, o gasto é mais alto. Por regressivos, abaixo eu defendo a sua eliminação. Fora isso, minha recomendação é que se analise e discuta o tema.

Para a dívida bruta do governo consolidado (i.e., todas as esferas), usarei dados projetados para 2022, herança para o próximo governo. Tendo chegado a 98,7% do PIB em 2020, a dívida projetada para o fim deste ano está em 91,9%, número bem mais elevado do que a média dos EMs (67,4%). A queda recente ocorreu em razão de três fatores não recorrentes: taxas de juros negativas ex-post em termos reais e os efeitos do teto de gastos sobre a folha de pagamento do governo federal. Com um saldo primário perto de zero, crescimento de 2,5% e juros reais de 5,9% (a taxa atual dos títulos do Tesouro de dez anos), a dívida voltará a crescer. Isto é pura aritmética.

Com uma dívida elevada e crescente, o Brasil terá dificuldades em se financiar em caso de nova surpresa negativa ou erro na política pública. Seria possível encurtar temporariamente o prazo da dívida, para ganhar tempo. Mas, sem respostas substantivas, seria apenas uma fonte de mais risco, uma custosa perda de tempo. A recomendação aqui me parece inequívoca: o próximo governo precisa definir metas plurianuais críveis para o superávit primário, capazes de pôr em queda a trajetória da dívida pública (como proporção do PIB) num cenário realista para o crescimento.

Frequentemente se ouve falar em apenas estabilizar o endividamento, o que exigiria um superávit primário de cerca de 3% do PIB. Nesse caso, com uma taxa de crescimento do PIB maior do que a taxa de juros real, o endividamento cairia com o tempo. Em tese, com muita sorte e competência, seria possível. Mas contar com esse cenário improvável seria uma loucura suicida. Por um bom tempo será necessário programar um superávit primário superior aos 3%.

O quadro atual é preocupante, posto que os gastos com folha de pagamentos estão represados, e o investimento público, muito deprimido. Ademais, demandas por gastos mais elevados nas áreas sociais sugerem crescentes pressões fiscais, a perder de vista.

O teto dos gastos instituído por emenda constitucional no final de 2016 congelou os gastos em termos reais e tem sido a principal linha de defesa fiscal desde então. O teto combina duas das áreas de decisão da política fiscal: a eventual obtenção de um superávit primário e a redução dos gastos como proporção do PIB.

A proposta original tinha implicações importantes. Caso o PIB tivesse crescido 2,5% ao ano durante a vigência dos dez anos do teto, os gastos federais como proporção do PIB teriam caído 22%. Pareceu-me à época pouco realista. Cinco anos já se foram, anos difíceis, de baixo crescimento. O gasto como proporção do PIB não caiu porque o PIB não andou e, ainda por cima, o teto foi furado. E, do jeito que andam as coisas em Brasília, os riscos de mais furos vêm aumentando.

A verdade é que, além de o cobertor estar muito curto, o Orçamento está há tempos engessado e carente de uma profunda revisão de prioridades. Está mais do que na hora de enfrentar esse desafio. Do lado do gasto, não há como fugir de uma reforma do Estado e de uma reforma adicional da Previdência, que corrija pelo menos as lacunas da reforma que foi aprovada. Uma profusão de benesses fanaticamente defendidas por suas corporações precisa ser encarada, para liberar recursos para equilibrar as contas e permitir uma necessária elevação de gastos sociais e investimentos.

Finalmente, a arrecadação vem há décadas sendo instada a acompanhar o crescimento do gasto para evitar o descontrole orçamentário. O resultado foi um sistema repleto de distorções e presa fácil de diversos grupos de interesse, sempre de alta renda. Do ponto de vista da equidade, os pontos maduros para correção são os regimes especiais de tributação da renda (Zona Franca, Simples, Lucro Presumido e outros), que afetam médicos, advogados, artistas, jornalistas e outros, e a tributação da renda do capital. Do ponto de vista da eficiência, urge a criação de um IVA para acabar com o custoso caos vigente. Esse ponto me parece maduro para votação no ano que vem.

Concluo resumindo os quatro ajustes necessários: no que tange ao tamanho do governo, examinar melhor os custos e benefícios das políticas públicas; no que toca ao lado macroeconômico, atingir um superávit primário adequado e sustentável; do lado do gasto, promover um enorme rearranjo de prioridades, e, do lado da arrecadação, buscar eficiência e equidade.

O Brasil do jeito que está não vai dar certo. Com ajustes na direção aqui proposta, seria possível reduzir o juro, alongar horizontes e crescer de forma inclusiva e sustentável.

Família espera por indenização ligada à construção de Brasília

Discussão sobre valor a ser pago por terreno em área próxima ao centro da capital já dura mais de 30 anos

Eduardo Cucolo

SÃO PAULO A carioca Raquel Oliveira, 35, nunca esteve em Brasília, mas é lá que está um dos bens mais valiosos da família. Seu bisavô, Álvaro Ribeiro Saramago, era dono de um terreno que foi desapropriado em 1957 para a construção da capital federal.

Em 1975, o genro de Saramago conseguiu reunir documentos e dar início ao processo de indenização. A causa foi vencida na década de 1980. Foi quando teve início outra disputa, definir valor a ser pago. Os avós, a mãe —uma motorista de ônibus que morava na Cidade de Deus— e a tia de Raquel morreram sem que houvesse um desfecho da discussão que já dura mais de 30 anos.

"Foram três gerações da família que morreram sem ver um centavo desse dinheiro. A vida do vovô era esse processo. Quantos planos ele fez... Morreu em 2000, acreditando que ia sair", afirma Raquel, que mora no Cachambi, bairro da zona norte do Rio, com o marido e dois filhos com deficiência. "Depois minha mãe, minha tia, e não saiu. Esperaram algo de melhor na vida através desse dinheiro, que era um direito deles, mas se frustraram a vida inteira."

Além dela, são sucessores no processo o irmão, professor de capoeira que mora na Hungria, e o primo, estudante de enfermaria que vive no interior de Minas Gerais e também depende financeiramente dela. Essa é a quarta geração da família envolvida no processo, que lida agora com uma nova questão.

Após a apresentação de cinco perícias com valores milionários nas últimas décadas, e muitas decisões do Judiciário contestadas e anuladas, o Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios fixou a indenização em R$ 60 mil, com base no valor estimado do terreno em 1957. Desse dinheiro, ainda serão descontados R$ 55 mil referentes a 50% do gasto com a última perícia.

O valor destoa das avaliações apresentadas pelo próprio governo do Distrito Federal e pelo Ministério Público há 20 anos (R$ 3,8 milhões e R$ 11 milhões, respectivamente).

"Querem pagar um valor absurdo. Não tem nada a ver com o que foi cogitado nesses anos. É como se você entrasse em um processo para receber uma indenização e saísse devendo", afirma Rachel.

O escritório que acompanha a execução da sentença estima que o terreno de 12 mil metros quadrados no Plano Piloto, perto da antiga Rodoferroviária, valha pelo menos R$ 30 milhões atualmente. Por isso, recorreu em 2016 ao STJ (Superior Tribunal de Justiça), onde o processo aguarda uma decisão.

"A lei sempre determinou avaliação contemporânea ao laudo, porque você tem de indenizar na data em que paga, não indenizar com o preço lá de trás. Nunca poderia ser menos do que o terreno vale hoje", afirma o advogado Eduardo Gouvêa, 55, que começou a atuar no caso quando tinha cerca de 25 anos.

"Vão pagar quase nada pela propriedade e amanhã botam no leilão da Terracap [empresa pública do DF responsável pela indenização] e vendem por R$ 30 milhões. Se isso não é enriquecimento ilícito, não sei o que é que é."

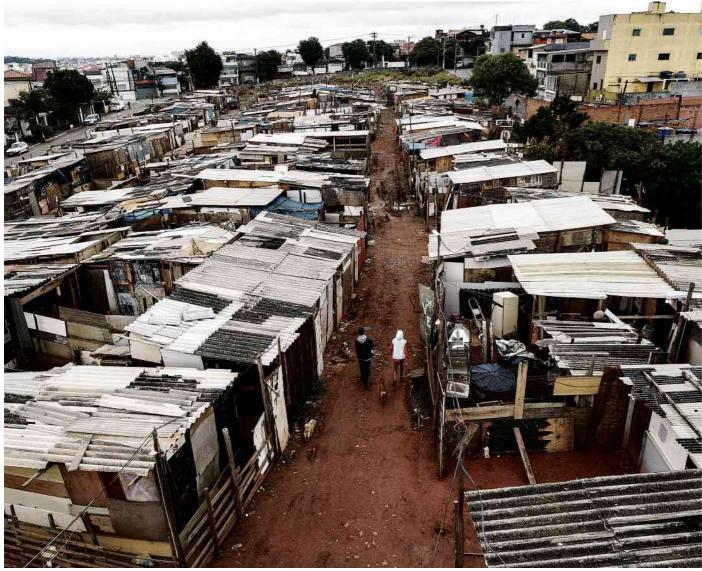
Além de cuidar da casa e dos dois filhos, Rachel trabalha fazendo marmitas e doces que vende na clínica em que o filho mais novo faz terapia, no Recreio dos Bandeirantes, zona oeste do Rio. Quando criança, trabalhou como catadora de café no interior de Minas.

Diz que atualmente a família não passa fome, mas que o dinheiro é a esperança de garantir o futuro dos filhos, que precisam de tratamento médico e acompanhamento especial na escola, do primo mais novo. O irmão também conta com os recursos para voltar a viver no Brasil junto à família.

"O principal objetivo é este: poder equilibrar a vida para viver com tranquilidade e dignidade. Não consigo nem pensar no que eu faria. Eu teria de me adaptar a não viver no aperto."

Ela afirma ter esperança, mas ao mesmo tempo dúvida se conseguirá receber algum valor. "Eu estava levando minha filha para a escola e falando com ela: a gente é milionário pobre. A gente tem direito a receber um dinheiro que nunca saiu e eu nem tenho expectativa de que saia nada. Mas vamos ver se sai alguma coisa boa disso. Tem de sair."

Rachel Oliveira em sua casa, no Rio Eduardo Anizelli/Folhapress

Terreno desapropriado para construção de Brasília

Ocupação Jorge Hereda, na zona leste de São Paulo, um dos conjuntos de moradia precária formados na pandemia Danilo Verpa/Folhapress

Domicílios em favelas de São Paulo disparam durante a pandemia de Covid

Capital ganhou 6.000 novos lares em situação precária desde 2019, acompanhando as ações de despejo no estado

Gustavo Fioratti

SÃO PAULO Do alto de um penhasco na zona leste de São Paulo, próximo à avenida Aricanduva, o pedreiro Marcelo Augusto Soares do Nascimento, 25, aponta para um grande terreno que por anos recebeu o descarte irregular de entulhos. "É daqui que a gente tira o material para construir nossas casas", diz. Lá de cima é possível ver restos de sofás, armários, mesas e outros móveis em decomposição.

Desempregado, Nascimento passou o ano de 2020 sem casa, vivendo na rua, e hoje integra uma comunidade de 300 famílias. A habitação irregular tem pouco mais de um ano e é parte de uma crise sem precedentes causada pela deficiência nas políticas de moradia e pela crise econômica que atingiu parte da população durante a pandemia.

Entre 2019 e 2022, a capital paulista ganhou 6.000 domicílios em favelas, segundo o sistema de monitoramento da prefeitura, sendo 5.100 construídos entre 2021 e 2022. São hoje, no total, 1.739 comunidades e 397.054 lares. Desde 2017, esses números mantinham alguma estabilidade.

Outros termômetros importantes, como o aumento das ações de despejos e na inadimplência nas contas de gás, luz e água, ajudam a dar a medida dessa crise no estado e no país. O Tribunal de Justiça de São Paulo registrou um crescimento de quase 70% nas ações de despejo e reintegração de posse entre 2020 e 2021 —saltando de 19.373 para 32.461.

Até o início da pandemia, o TJ estava registrando queda progressiva no número dessas ações. O que está ajudando a segurar a expulsão maciça de parte da população para ocupações irregulares ou mesmo para as ruas do país são liminares do STF (Supremo Tribunal Federal) e uma lei aprovada pelo Congresso, suspendendo os despejos e desocupações durante o período de pandemia.

Em junho do ano passado, o ministro Luís Roberto Barroso decidiu interromper por seis meses ordens ou medidas de desocupação no país. Em outubro, o Congresso aprovou uma lei com a mesma função. Bolsonaro havia imposto um veto, que foi derrubado pelos parlamentares. O Supremo então passou a determinar novos prazos sobre ela.

A última decisão do ministro Barroso determina que a norma tenha vigência até o dia 30 deste mês, e sua extinção pode colocar em situação de risco mais de 132 mil famílias, segundo afirmou o próprio magistrado no documento.

O número é da campanha Despejo Zero, articulação nacional que reúne mais de cem organizações para atuar contra as remoções forçadas. Segundo o movimento, esse número já cresceu para 142 mil agora em junho.

À época, Barroso disse que não haveria nova extensão de prazo. Segundo a assessoria de imprensa do Supremo, o magistrado pode rever essa posição por causa da alta nas taxas de internação pelo coronavírus no país, que soma mais de 660 mil vidas perdidas por causa da Covid-19.

No período, mesmo com essas medidas, houve brechas que permitiram a remoção de 31,4 mil famílias das comunidades onde vivem, ainda segundo a Despejo Zero.

São Paulo lidera o ranking entre os estados com mais riscos, com 45 mil famílias ameaçadas de ficarem sem lar. "A crise dos despejos no Brasil é uma grave crise de direitos humanos", diz Jan Jarab, representante de Direitos Humanos da ONU na América do Sul.

"A decisão do Supremo Tribunal Federal e a lei aprovada pela Câmara dos Deputados foram importantes mecanismos para frear tais violações durante a pandemia da Covid-19", prossegue. "No entanto, a situação continua crítica, e agora é importante avançar e institucionalizar políticas públicas à altura das necessidades de proteção das populações que se tornaram ainda mais vulneráveis."

O Serasa não compila dados de inadimplência com aluguel, mas há informações sobre a falta de pagamento nos serviços de gás, água e luz em todo o país. Em março de 2017, 17,75% dos brasileiros ficaram inadimplentes com essas contas. Esse número foi crescendo e chegou a 23,21% em março deste ano.

A vendedora Edileuza Maria Santana Timoteo, 49, mora em uma ocupação na rua Augusta, centro de São Paulo, e conta que pagava aluguel em uma casa de três cômodos que dividia com o marido e três filhos até o ano passado.

O marido foi o primeiro a perder trabalhos após as restrições anunciadas nos primeiros meses de pandemia. No fim do ano passado, a situação se agravou, e eles ficaram dois meses sem conseguir pagar o aluguel, sofreram ameaça de despejo e decidiram deixar a residência.

A fome também havia atingido a realidade da família. Edileuza conta que houve meses em que seus familiares precisaram optar entre pagar o aluguel e comprar comida.

Segundo Benedito Barbosa, articulador da Despejo Zero e advogado da União dos Movimentos de Moradia de SP, o programa federal Casa Verde e Amarela deixou de atender famílias que ganham até um salário mínimo e meio, "justamente no momento em que há redução de renda das famílias brasileiras".

Procurado, o Ministério de Desenvolvimento Regional do governo Jair Bolsonaro (PL) diz que no ano de 2021 foi alcançado o marco de mais de 1 milhão de unidades habitacionais entregues à população. Esse número, porém, computa obras iniciadas em governos anteriores, no Minha Casa, Minha Vida.

Continua na pág. B2

Continuação da pág. B1

Para dar algum acesso a famílias com renda de até R$ 2.000, o governo federal usou como artifício liberar subsídios do FGTS (Fundo de Garantia do Tempo de Serviço). Na prática, o dinheiro destinado pela União ao programa só caiu com o passar do tempo: de R$ 4,8 bilhões em 2019 a R$ 1,5 bilhão em 2021 e a R$ 1,1 bilhão neste ano.

O novo valor de subsídio aumentou entre 12% e 21%, de acordo com a localidade e porte populacional do município, informa a pasta.

Barbosa também alerta para ausências de medidas na esfera estadual. "Doria [PSDB, ex-governador, sucedido por Rodrigo Garcia] assinou a proposta de extinção da CDHU no meio da pandemia", diz. Ele se refere à legislação de ajuste fiscal assinada por João Doria em 2020 e aprovada pela Assembleia Legislativa, mas não colocada em prática, segundo a assessoria de imprensa da Secretaria da Habitação do Estado.

Já a Prefeitura de São Paulo, por meio da Secretaria Municipal de Habitação, informou que desde 2017 foram entregues mais de 33 mil moradias à população paulistana, das quais 19,5 mil diretamente pelo município em parceria com os governos estadual e federal. Também cita o programa Pode Entrar, direcionado a pessoas de baixa renda, com aquisições por meio de cartas de crédito e financiamento para famílias sem comprovação de renda ou que não tenham acesso ao sistema bancário.

Gleice Vieira dos Santos em sua habitação na ocupação Jorge Hereda, na zona leste da capital paulista Danilo Verpa/Folhapress

Despejos e crise na habitação

Ações de despejo no Estado de São Paulo
Em milhares

Ano	Ações
2017	23,9
2018	20,6
2019	20,2
2020	19,4
2021	32,5

classificados

Para anunciar ou ver mais ofertas acesse folha.com/classificados

11 3224-4000

FORMAS DE PAGAMENTO Cartão de crédito, débito em conta, boleto bancário ou pagamento à vista

EMPREGOS

P

PESSOAS COM DEFICIÊNCIA (PCD) E/OU MOBILIDADE REDUZIDA
Empresa Viação Campo Belo Ltda está admitindo pessoas com Deficiência e/ou Mobilidade Reduzida, com os benefícios: cesta básica, vale refeição, convênio e crachá, os interessados deverão enviar curriculum para Estrada de Itapecerica, 1290 - Vila das Belezas, São Paulo SP - cep: 05835-002

FBS Construção Civil e Pavimentação

VAGAS PARA EQUIPE DE MASSA GRANDE SÃO PAULO

- Ajudante de Massa Asfáltica
- Apontador
- Mangueirista
- Mesista
- Motorista de Caminhão Basculante - CNH D
- Motorista de Espargidor – CNH D e MOPP
- Operador de Equipamentos Leves
- Rasteleiro

VAGAS COM ALOJAMENTO

- Operador de Mini Carregadeira - CNH D
- Operador de Vibroacabadora - CNH D
- Operador de Fresa – CNH D
- Operador de Rolo - CNH D

M/F

Interessados deverão comparecer com a carteira de trabalho a partir de 27/06 segunda-feira após às 8h30 na Rua Friedrich Von Voith, 1831 – Jaraguá

EMPREGADOS PROCURADOS

A

ASSIST. CONTÁBIL M/F
2 vagas c/ exp. comprovada em carteira, c/ fácil acesso à V. Mariana. CV: rh@examenet.com.br

IMÓVEIS

INTERIOR, LITORAL OUTROS ESTADOS

FAZENDA/GOIAS
C/ área de 406 alq. (1.965,04 ha), município São Miguel do Passa Quatro a 80 Km da cidade de Goiânia - Capital. Topografia plana e semi plana, dupla aptidão, formada no capim braquiarão, massai, mombasa, kikuia e outra parte em lavoura de soja e milho. Fazenda rica em água, contendo: Rio, 04 córregos, 09 nascentes, 03 lagos, 12 tanques p/ peixe e 16 represas; 08 currais, 02 barracões para maquinas q/ soma 12.500 m² de área construída; Pista de pouso c/ 1.200 mts de comprimento, já homologada; Casa sede e 11 casas p/ funcionários. Cochos de concreto em todos os pastos. VENDAS: Adão Silva Imóveis - Creci - 9415 - GO. Site. www.adaosilvaimoveis.com.br Contato: (64) 99977-9244. Whats - (64) 98122-4545
cód. 92481534

APARTAMENTOS E CASAS VENDA

BADY BASSITT VENDO
Casa, 2 dorms, direto com proprietário. 17-99150-2568 / 17-99142-9451.
cód. 92481494

CHÁCARAS, SÍTIOS e FAZENDAS

PARA ANUNCIAR NOS CLASSIFICADOS FOLHA
LIGUE AGORA
11/3224-4000

NEGÓCIOS

PARA ANUNCIAR NOS
CLASSIFICADOS FOLHA
LIGUE AGORA
11/3224-4000

COMUNICADOS

ABANDONO EMPREGO
Solicitamos o comparecimento do Sr. FERNANDO DA SILVA OLIVEIRA, portador da CTPS: 0070379, série 00325/ SP, no prazo de 3 dias, o seu não comparecimento caracterizará abandono de emprego, conf. art. 482 Letra I da CLT. INOVAÇÃO COMÉRCIO DE ESQUADRIAS DE ALUMINIO LTDA

ESOTERISMO

VOVÓ JOANA
Amarração p/ amor, trabalhos p/ todos os fins. pagamento após resultado (11) 4114-6358 / WHATS 11-93019-0379 TIM

LEILÕES

LEILÃO DE ARTE ANTIGUIDADES
Dia 28 às 18 horas. Rua Uberlândia 115 -somente on line. Leiloeiro José Roberto Bortoletto Junior. Tels: (11) 3731-5012/3731-2536

LEILÃO DE ARTE CONTEMPORÂNEA
Dia 27 e 28 de junho às 20 H. somente on line.Oscar Freire 232 casa 8 Leiloeiro José Roberto Bortoletto Junior. Tels: (11) 3731-5012/3731-2536

LEILÃO DE ARTE ONLINE
Silvia de Souza - Jucesp 395, fará leilão dias 28, 29 e 30/06/22 às 20:30h.Av. dos Tajuras, 112 - Cidade Jardim - SP. Tel. (11) 3064-6393 www.casaamarelaleiloes.net.br

SERVIÇOS FUNERÁRIOS

JAZIGO CEMITÉRIO PARQUE MORUMBI
Vendo com 3 gavetas: R$ 25 mil. Natállia, 11-95322-1262

ADVOCACIA

ACOMPANHANTES

ANA FURACÃO+AMIGAS
TX 30 Av Jabaquara, 2604 MT. S.judas a/c cartões seg. à Sábado. F: (11) 2362-8122.

TRANS. BEM DOTADA
Lethicia Drumond 11 95483-3875

CLÍNICAS E MASSAGENS

MASSAG. TERAPÊUTICA
Relaxante, do-in, shiátsu, stress, ansiedade, dores em geral: cervical, lombar, ciático e depilação. (11) 9.9930-9456 - Paula

SATO Leilões

Leilão TRF da 3ª Região
Até 50% Abaixo da Avaliação
Parcelamento até 60x
(consulte condições)

267ª Hasta
1º Leilão: 27 junho 11h
2º Leilão: 04 julho 11h

Lote	L.I.
Lote 48 (50%)	R$ 811.304,00
Lote 50 (50%)	R$ 7.930.000,00
Lote 51 (50%)	R$ 750.000,00
Lote 53 (50%)	R$ 703.600,00
Lote 64 (50%)	R$ 9.400.000,00
Lote 73 (50%)	R$ 225.000,00

Confira todos os Lotes em www.satoleiloes.com.br - Leiloeiro Oficial: Antonio Hissao Sato Junior / Jucesp 690 (11) 4223-4343

judhastas Leilões Judiciais & Extrajudiciais — TRT-15ª REGIÃO

Imóveis | Veículos | Outros Bens
Até 40% Abaixo da Avaliação
Possibilidade de parcelamento (Consulte Condições)
Leilão Online | 06 de Julho de 2022 às 13:00
www.judhastas.com.br | Regina Teresa Franci Brotto - JUCESP 636

A Fundação Faculdade de Medicina, entidade sem fins lucrativos, seleciona profissionais para exercer os cargos de: **Atendente de Nutrição - ICESP:** Ensino Médio completo. Desejável ter trabalhado com alimentação e/ou copeiro hospitalar e Pacote Office Básico.
Os candidatos interessados deverão inscrever-se 26/06 a 01/07/2022 no site www.ffm.br, no link Trabalhe Conosco.

AMBULATÓRIO MÉDICO DE ESPECIALIDADES NA REGIÃO SUL DE SP CONTRATA:
MÉDICO ORTOPEDISTA (10 VAGAS) CONTRATAÇÃO CLT
Pré-requisitos: Conclusão do Curso Médico reconhecido pelo MEC, Residência Médica na Especialidade ou Título de Especialista em Ortopedia e Traumatologia; Realização de Consultas e Pequenos Procedimentos em Ortopedia sob Anestesia Locorregional, Ortopedia Geral, Trauma e Cirurgia de Mão. Disponibilidade de 10 horas semanais.
Interessados, enviar CV: selecaojp@amejardimdosprados.spdm.org.br

PESTANA LEILÕES

LEILÃO - IMÓVEIS EM TODO BRASIL
RESIDENCIAIS • COMERCIAIS • RURAIS • TERRENOS

30/06/2022
QUI - 20h | ELETRÔNICO

bradesco

Liliamar Pestana Gomes
Leiloeira Oficial
JUCISRS 168/00

São Paulo/SP
Apartamento c/ área priv. de 61,86m² e 1 vaga de garagem. Ap. 64 (6° pav.) R. Ouro Branco, 161. Ed. Village Jd. Paulista. 28° Subdistrito - Jd. Paulista.
Lance Mínimo: R$ 406.000,00

COND. DE PGTO DO LEILÃO:
- À vista c/ **10% de desconto**;
- Parcelado c/ sinal e o saldo em até 12, 24, 36 ou 48x (Exceto lotes 1, 4,15,19, 20, 21 e 22);

Comissão de 5% à Leiloeira.

51 3535.1000 | banco.bradesco/leiloes | Edital completo, descrição e fotos dos imóveis no site. leiloes.com.br

SOLD LEILÕES — EDITAL DE LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA — Santander

1º LEILÃO: 11 de julho de 2022, a partir das 11h00min *. 2º LEILÃO: 18 de julho de 2022, a partir das 14h00min *. *(horário de Brasília)

ALEXANDRE TRAVASSOS, Leiloeiro Oficial, JUCESP nº 951, com escritório na Av. Engenheiro Luís Carlos Berrini, nº 105, 4º andar, Edifício Berrini One - Brooklin Paulista - CEP: 04571-010, FAZ SABER a todos quanto o presente EDITAL virem ou dele conhecimento tiver, que levará a **PÚBLICO LEILÃO** de modo **PRESENCIAL E/OU ON-LINE**, nos termos da Lei nº 9.514/97, artigo 27 e parágrafos, autorizada pelo **Credor Fiduciário BANCO SANTANDER (BRASIL) S/A** - CNPJ nº 90.400.888/0001-42, nos termos do Instrumento Particular com Força de Escritura Publica Contrato n° 0010030454, datado de 28/06/2019, firmado com os **Fiduciantes ATAIDE LIMA DA SILVA,** brasileiro, gerente de recursos humanos, portador do RG nº 41.114.436-4 SSP/SP, inscrito no CPF/MF nº 341.646.968-26 e sua cônjuge **ITAIANA KELLE DA SILVA LIMA,** brasileira, do lar, RG nº 49.579.964-6 SSP/SP, inscrita no CPF nº 405.159.538-22, casados sob o regime de comunhão parcial de bens, residentes e domiciliados na Rua Gerson Azeredo Coutinho nº 18-B, Jardim Buriti, São Paulo/SP, em PRIMEIRO LEILÃO (data/horário acima), com lance mínimo igual ou superior a R$ 703.007,20 (Setecentos e três mil, sete reais e vinte centavos - *atualizado conforme disposições contratuais*), o imóvel constituído por: Casa situada na Rua Senador Filinto Muller n° 192 em Itaquera, São Paulo/SP, com área construída de 88,00m² e área total de 125,00m²; **melhor descrito na matrícula nº 125.397 do 9º Cartório de Registro de Imóveis de São Paulo/SP. Cadastro Municipal: 152.221.0045-4. Imóvel ocupado. Venda em caráter *"ad corpus"* e no estado de conservação em que se encontra.** Caso não haja licitante em primeiro leilão, fica desde já designado o **SEGUNDO LEILÃO (data/horário acima)**, com lance mínimo igual ou superior a R$ **313.847,13 (Trezentos e treze mil, oitocentos e quarenta e sete reais e treze centavos** - *nos termos do art. 27, §2º da Lei 9.514/97*)**. Se o caso, o leilão presencial ocorrerá no escritório do Leiloeiro**. **Os interessados em participar do leilão de modo on-line**, deverão se cadastrar na Loja SOLD LEILÕES (www.sold.superbid.net) e no SUPERBID MARKETPLACE (www.superbid.net), **e se habilitar com antecedência de 24 horas úteis do início do leilão**. Em virtude da pandemia da COVID-19 o evento será realizado exclusivamente *on line* através da Loja SOLD LEILÕES (www.sold.superbid.net) e do SUPERBID MARKETPLACE (www.superbid.net). **Forma de pagamento e demais condições de venda**, **VEJA A INTEGRA DESTE EDITAL** NA LOJA SOLD LEILÕES (www.sold.superbid.net) E NO SUPERBID MARKETPLACE (www.superbid.net). Informações:11-4950-9602 / / imoveis.sac@superbid.net (17944 - Dossiê).

FBS Construção Civil e Pavimentação

VAGAS PARA GRANDE SÃO PAULO

- Pedreiro
- Armador
- Apontador
- Carpinteiro
- Ajudante Geral de Obras
- Operador de Rolo - CNH D
- Operador de Retroescavadeira
- Mecânico de Máquinas Pesadas
- Eletricista de Máquinas Pesadas
- Motorista de Caminhão Basculante - CNH D
- Marinheiro Fluvial de Convés
- Marinheiro Fluvial de Maquinas
- Mecânico de Máquinas Pesadas
- Maquinista
- Mestre Fluvial

M/F

VAGAS REGIÃO DE GUARULHOS

- Pedreiro
- Armador
- Pedreiro
- Eletricista
- Encanador
- Ajudante de obras

Interessados deverão comparecer com a carteira de trabalho a partir de 27/06 segunda-feira após às 8h30 na Avenida Friedrich Von Voith, 1831 – Jaraguá

SOLD LEILÕES — EDITAL DE LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA — Santander

1º LEILÃO: 07 *de julho de 2022, a partir das 11h00min* *. 2º LEILÃO: 14 *de julho de 2022, a partir das 14h00min* *. *(horário de Brasília)

ALEXANDRE TRAVASSOS, Leiloeiro Oficial, JUCESP nº 951, com escritório na Av. Engenheiro Luís Carlos Berrini, nº 105, 4º andar, Edifício Berrini One - Brooklin Paulista - CEP: 04571-010, FAZ SABER a todos quanto o presente EDITAL virem ou dele conhecimento tiver, que levará a **PÚBLICO LEILÃO** de modo **PRESENCIAL E/OU ON-LINE**, nos termos da Lei nº 9.514/97, artigo 27 e parágrafos, autorizada pelo **Credor Fiduciário BANCO SANTANDER (BRASIL) S/A** - CNPJ nº 90.400.888/0001-42, nos termos do Instrumento Particular de 10 de novembro de 2014, rerratificado em 08 de dezembro de 2014, firmado com o **Fiduciante EVANDRO GONÇALVES PEREIRA DE BARROS,** RG nº 28.248.121-7-SSP/SP, CPF nº 184.654.018-61, residente e domiciliado em São Paulo/SP, em PRIMEIRO LEILÃO (data/horário acima), com lance mínimo igual ou superior a **R$ 1.361.329,00 (Um milhão, trezentos e sessenta e um mil e trezentos e vinte e nove reais** - *atualizado conforme disposições contratuais*), o imóvel constituído por: "Sala Comercial n° B1012 do Edifício Convention Corporate Plaza Torre C, Comercial State, situado na Avenida Ibirapuera nº 2907, Indianópolis. São Paulo/SP, com área privativa de 29,280m² e área total de 69,937m² ", **melhor descrito na matrícula nº 157.281 do 14º Oficial de Registro de Imóveis de São Paulo/SP. Cadastro Municipal: 041.206.0492-6. Imóvel ocupado. Venda em caráter *"ad corpus"* e no estado de conservação em que se encontra.** Caso não haja licitante em primeiro leilão, fica desde já designado o **SEGUNDO LEILÃO (data/horário acima)**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 613.194,41 (Seiscentos e treze mil, cento e noventa e quatro reais e quarenta e um centavos** - *nos termos do art. 27, §2º da Lei 9.514/97*)**. Se o caso, o leilão presencial ocorrerá no escritório do Leiloeiro**. **Os interessados em participar do leilão de modo on-line**, deverão se cadastrar na Loja SOLD LEILÕES (www.sold.superbid.net) e no SUPERBID MARKETPLACE (www.superbid.net), **e se habilitar com antecedência de 24 horas úteis do início do leilão**. Em virtude da pandemia da COVID-19 o evento será realizado exclusivamente *on line* através da Loja SOLD LEILÕES (www.sold.superbid.net) e do SUPERBID MARKETPLACE (www.superbid.net). **Forma de pagamento e demais condições de venda**, **VEJA A INTEGRA DESTE EDITAL** NA LOJA SOLD LEILÕES (www.sold.superbid.net) E NO SUPERBID MARKETPLACE (www.superbid.net). Informações:11-4950-9602 / / imoveis.sac@superbid.net (17452 - Dossiê).

Adams Carvalho

Laroiê, cogu!

Exu e os fungos têm inúmeras semelhanças

Antonio Prata
Escritor e roteirista, autor de "Nu, de Botas"

Já escrevi aqui sobre o assunto, um ano e pouco atrás. Se volto ao tema é porque ele se liga a outro (do qual tratarei logo), como as raízes de duas árvores distantes se ligam numa floresta. Wood Wide Web é como os biólogos chamam a rede que conecta por baixo da terra todas as plantas de uma floresta ou mesmo de um jardim.

Os fios destas tramas gigantescas são os micélios, as "raízes" dos cogumelos. O micélio liga não só fungo com fungo, mas árvore com árvore. Através desta trama, trocam nutrientes e, veja só, informações. Pelo micélio uma árvore é informada sobre quais árvores da mesma espécie estão nas redondezas e, caramba, quais delas são suas descendentes. Assim, ao encontrar um broto que seja seu filho ou neto, as raízes da árvore mãe (ou avó) evitam competir com o rebento e ainda fazem uma rede de proteção em torno das pequenas raízes, dificultando a entrada de concorrentes. Fungos são, portanto, os mensageiros do reino vegetal.

Fungos também são os lixeiros da natureza. Decompõem a matéria morta, adubando a terra para novas existências. Um pão embolorado pode nos passar uma ideia de decadência, dissolução. Tá certo. Tem disso. Mas o bolor tá prenhe de vida: sem a destruição do velho, o novo não nasce. Há, além dessas duas, uma terceira característica muito interessante dos fungos. Para nós, eles podem trazer a morte (alguns são venenosos) e a cura (penicilina). Cogumelos são, portanto, seres ambíguos, "do bem" e "do mal", como diriam meus filhos. Também produzem, em humanos e outros mamíferos, o delírio (psilocibina, princípio ativo dos "cogumelos mágicos"). Em muitas culturas, eram (e são) usados como "enteógenos", ou seja, substâncias que propiciam a comunicação entre os homens e os deuses.

Deuses: aí enraíza-se a segunda ideia que plantei lá no começo. De uns tempos pra cá, por conta de um trabalho, comecei a estudar as religiões de matriz africana. Qual não foi a minha surpresa ao descobrir que Exu e os fungos têm inúmeras semelhanças?

Exu é o Orixá mensageiro. É ele quem faz a comunicação entre os homens e os deuses, levando e trazendo informações em troca de nutrientes (as oferendas?). Exu é uma espécie de micélio intermundos. Ele também é o responsável por sacudir aqueles que andam por aí como mortos-vivos e trazê-los de volta à vida. É o agente da mudança, da transformação. Às vezes a transformação é dolorosa, feia como o bolor.

Por isso, diz um ponto de umbanda (influenciado por nosso raso binarismo judaico-cristão): "Exu que tem duas cabeças/ Ele faz sua vida com fé/ Uma é satanás no inferno/ A outra é Jesus de Nazaré". Exu mata o velho para surgir o novo. Fungos são um reino misterioso. Às vezes se parecem muito com o vegetal, outras vezes com o animal. (A comunicação através do micélio se dá por trocas químicas e impulsos elétricos, processo semelhante ao do nosso cérebro). Fungos são seres da encruzilhada, portanto. Como quem? Laroiê!

Os cogumelos, a parte visível dos fungos, são seus órgãos sexuais. Assemelham-se bastante, aliás, aos órgãos sexuais masculinos dos mamíferos. Em suas bases, porém, contêm a volva, estrutura em forma de copo. Exu é muitas vezes representado graficamente como um príapo, mas que segura uma cabaça, simbolizando o órgão sexual feminino, o que reforça sua ambiguidade também em relação ao gênero. Um falo com vulva. O que tudo isso significa? Não faço a menor ideia, mas que é interessante pra burro, é, né?

| DOM. Antonio Prata | **SEG. Marcia Castro**, Maria Homem | TER. Vera Iaconelli | QUA. Ilona Szabó de Carvalho, Jairo Marques | QUI. Sérgio Rodrigues | SEX. Tati Bernardi | SÁB. Oscar Vilhena Vieira, Luís Francisco Carvalho Filho

Curso pré-vestibular prepara estudante trans

Além de aprendizagem, espaço no centro paulistano incentiva troca de experiências e ampliação de rede de contatos

DIAS MELHORES

Havolene Valinhos

SÃO PAULO Entre as dificuldades vividas por uma pessoa transgênero no Brasil está a de concluir o ensino regular, ingressar em uma universidade e nela permanecer.

Para tentar mudar esse quadro, o curso pré-vestibular Transformação vem buscando não só melhorar o acesso de mulheres e homens trans, travestis e pessoas não binárias à universidade, como também oferecer um espaço seguro de valorização de experiências e ampliação de rede de contatos dessa população.

"Conseguimos construir um espaço formativo e de sociabilidade sem pressões ou violência antitrans. Além da aprendizagem para o vestibular, preparamos o aluno politicamente e para o mercado de trabalho. Fora que ter contatos é muito importante", diz Adelaide Estorvo, mestre em ciências sociais pela Unifesp (Universidade Federal de São Paulo) e professora trans que leciona história no cursinho, no centro da capital paulista.

O preparatório foi criado em 2015, a partir de um evento ocorrido na PUC (Pontifícia Universidade Católica) de São Paulo sobre exclusão de pessoas trans nos espaços de formação e no mercado de trabalho. Todos os alunos são transgênero, mas o corpo docente e a coordenação são formados por uma aliança entre pessoas cisgênero e transgênero.

Aluna logo no início, Amanda da Paschoal foi aprovada em 2015 em turismo no Instituto Federal de São Paulo. Em 2019, entrou na pós-graduação em gestão cultural contemporânea, que concluiu na pandemia e, em paralelo, fez um curso técnico de guia de turismo. Hoje, atua como assessora parlamentar da vereadora Erika Hilton (PSOL).

A coordenação não tem registro de quantas pessoas, estudantes ou docentes, já participaram do cursinho. Algumas saem, mas retornam.

É o caso de Ika Carneiro, que se preparou para o vestibular nos anos de 2016 e 2017 e entrou em 2018 na Ufscar (Universidade Federal de São Carlos), onde estudou ciências sociais até o ano passado. Ela trancou a matrícula por não se identificar com o curso, além de ter dificuldades financeiras para se manter e conviver com os demais estudantes.

> Nem sei mensurar a importância disso, é outra experiência. Durante a infância e adolescência não me identificava com nada no ambiente escolar, apesar de sempre ter estudado e tido o desejo de fazer faculdade
>
> **Ika Carneiro**
> aluna do cursinho

Ela recebia uma bolsa de R$ 440. "Fui a primeira travesti matriculada nesse curso. Não me sentia acolhida."

Ika voltou a frequentar as aulas do cursinho neste semestre. "Nem sei mensurar a importância disso, é outra experiência. Durante a infância e adolescência não me identificava com nada no ambiente escolar, apesar de sempre ter estudado e tido o desejo de fazer faculdade."

Hoje, trabalha em uma empresa de tecnologia da informação e quer prestar vestibular para essa área.

Das aulas de língua portuguesa e das oficinas de criação de poesia surgiram dois projetos: o Transarau, coletivo de arte e poesia que se apresenta em praças públicas e espaços culturais, e a "Antologia Trans", livro com poesias de 30 escritoras e escritores trans, travestis e não binários.

"Há casos de pessoas que, ao terem seu poema selecionado, aproximaram-se do cursinho", diz Célia Amaral de Almeida, professora de humanidades desde 2016.

Para Keila Simpson, presidente da Antra (Associação Nacional de Travestis e Transexuais), iniciativas como o cursinho são importantes porque suprem carências da escola regular e fazem com que as pessoas trans voltem a se interessar pelos estudos.

"Temos que formar e qualificar a pessoa trans, mas também sensibilizar com formações as empresas para mantê-la no quadro laboral."

Indígena guarani-kaiowá morre em confronto com policiais militares em MS

Silvia Frias

CAMPO GRANDE Um indígena da etnia guarani-kaiowá morreu a tiros e pelo menos outros sete indígenas ficaram feridos na madrugada de sexta (24), em confronto com policiais do Batalhão de Policiamento de Choque em Amambai (MS).

O embate que resultou na morte de Vito Fernandes, 42, aconteceu em área reivindicada pela comunidade como pertencente à aldeia. Os indígenas que estão na área relataram ainda ao Cimi (Conselho Indigenista Missionário) que outro jovem morreu no local do conflito, atingido por tiros e que há mais feridos.

O governo estadual afirmou que três policiais também ficaram feridos e nega que tenha enviado a tropa especial da Polícia Militar para reintegração de posse, o que seria competência da Polícia Federal.

Segundo informações da liderança indígena João Guato, da aldeia Amambai, cerca de 30 guarani-kaiowá entraram na noite de quinta-feira na Fazenda Borda da Mata, reivindicada por eles como sendo parte da aldeia, no território denominado Guapoy.

O diretor do Hospital Regional de Amambai, Paulo Catto, disse que Vito Fernandes foi levado ao hospital, mas já chegou sem vida.

Ainda de acordo com Catto, outras dez pessoas foram atendidas com ferimentos: sete indígenas (duas adolescentes de 14 e 15 anos, uma mulher e quatro homens) e três policiais. Os agentes foram feridos com tiros nas pernas e nos pés, sem gravidade. Dos feridos, dois indígenas foram levados a hospital em Ponta Porã.

O missionário Matias Rempel diz que os indígenas resolveram entrar na área depois da morte de Alex Recarte Vasques Lopes, no dia 21 de maio, em Coronel Sapucaia (MS), também na região de fronteira entre Brasil e Paraguai.

O corpo do indígena foi encontrado na estrada e indígenas dizem que ele teria sido morto a tiros por pistoleiros de fazenda próxima.

A Comissão Pastoral da Terra incluiu a morte dele no relatório preliminar de assassinatos decorrentes de conflitos no campo. "Era situação semelhante da subtração da reserva existente em Amambai, e houve clamor após o assassinato", afirma Rempel.

O secretário estadual de Justiça e Segurança Pública, Antônio Carlos Videira, disse que "a PM foi acionada para atender ocorrência de crimes graves contra patrimônio e contra a vida". Segundo ele, a área tem titularidade de um produtor rural e havia informação de que o gerente da propriedade havia sido expulso de casa.

MORTES

coluna.obituario@grupofolha.com.br

Visitou dezenas de países e cobriu 13 Copas do Mundo

ANTÔNIO JÚLIO BALTAZAR (1938-2022)

Matheus Moreira

SÃO PAULO O trabalho como radialista esportivo permitiu que Antônio Júlio Baltazar conhecesse muitos países, principalmente para cobrir Copas do Mundo e outros eventos esportivos.

Apaixonado desde criança pelo rádio, Baltazar brincava de narrador de jogos de futebol como quem prevê o próprio futuro. Nascido em março de 1938 em Tambaú, a cerca de 400 km da capital paulista, ele se mudou com a família em 1942 para Osasco, município na região metropolitana de São Paulo no qual viveria pelo resto da vida.

Para realizar o sonho de trabalhar com esporte, Baltazar estudou jornalismo e, formado, criou com o amigo Toni Marchetti uma equipe para cobrir a área no rádio, a Furacão.

O grupo passou por diversos veículos ao longo da carreira e atualmente trabalha na rádio Nova Difusora, de Osasco.

Foi como narrador e comentarista esportivo que Baltazar viajou o mundo cobrindo todas as Copas desde 1970, no México —no total, ele foi a 13 edições e esteve presente nas conquistas do tri, do tetra e do penta.

Além do futebol, sua outra paixão foi a mulher, Maria Hilda, que morreu há três anos. O casal passou quatro décadas juntos e teve uma filha, Fátima, 37.

"Quando ele ia cobrir uma Copa ou evento esportivo, trabalhava e depois nos chamava. Íamos ao encontro dele e viajávamos juntos. Uma das grandes viagens que fizemos aconteceu após a final da Copa da França [1998]. Mesmo viajando muito, ele sempre foi muito presente na minha vida", diz a filha.

"Quando visitamos [o campo de concentração de] Auschwitz, na Polônia, o meu pai disse que aquele lugar havia representado um momento terrível na história da humanidade, mas que acreditava que todo mundo deveria saber o que aconteceu ali. Ele me criou com os pés no chão", conta Fátima.

Outras viagens incluem Grécia, Egito e Coreia —essa, durante a Copa de 2002, que rendeu o penta ao Brasil.

Baltazar também foi secretário de Comunicação das cidades de Barueri e Osasco, coordenador de Turismo do estado de São Paulo e presidente da Aceesp (Associação dos Cronistas Esportivos do Estado de São Paulo).

Em março, Baltazar lançou o seu livro de memórias, "Malucos por Rádio". A obra conta os bastidores da criação e das viagens da equipe Furacão.

O radialista morreu no último dia 22 de junho, aos 84 anos, em decorrência de problemas nos rins e no fígado. Ele deixa a filha, Fátima, e uma legião de amigos.

Área desmatada no município de Apuí, no sul do Amazonas Lalo de Almeida - 20.ago.2020/Folhapress

Planeta em transe

Desmate acelera sob receio de maior fiscalização em 2023, dizem especialistas

Com disparada, 2022 se aproxima de efeito normalmente observado em anos de eleições municipais; ameaças de invasão citam as urnas, afirmam lideranças indígenas

Ana Carolina Amaral

SÃO PAULO "Se o Lula não ganhar, vai ficar feio para vocês." A mensagem foi enviada na última semana a um líder da Terra Indígena Uru-Eu-Wau-Wau, no norte de Rondônia, em meio a uma série de ameaças de invasão ao território, demarcado em 1991. "É muita terra para pouco índio, vai se chamar fazenda César", diz o autor dos textos, que não responde aos pedidos do interlocutor para que se identifique. Na rede social onde troca as mensagens, ele usa o nome de Júlio César e chega a citar a zona rural de Colina, a cerca de 20 km da terra indígena. "Até breve, irmão indígena, é só uma conversa", afirma.

No dia seguinte da troca de mensagens à qual a **Folha** teve acesso, indígenas relataram ameaças sofridas em um posto de gasolina na região e o ateamento de fogo em uma casa dentro de uma das aldeias.

Segundo moradores, ambientalistas e pesquisadores, a explicação para o aumento da ofensiva de grileiros, madeireiros e garimpeiros nos últimos meses reflete a busca por aproveitar o que pode ser o último ano do governo Bolsonaro (PL), que fiscalizou, de acordo com o MapBiomas, menos de 3% dos alertas de desmatamento do país.

Nos cinco primeiros meses deste ano, o desmate na Amazônia foi 7,9% maior que no mesmo período do ano passado, conforme dados do Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais). Como o início do ano compreende o período chuvoso, desfavorável à abertura de terrenos, a tendência é que essa diferença se amplie entre junho e setembro.

Segundo dados do Imazon (Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia), obtidos através do SAD (Sistema de Alerta de Desmatamento), a Amazônia teve em 2022 os cinco piores meses no período de janeiro a maio dos últimos 15 anos, com uma devastação de 3.360 km² —8,8% superior à mesma época em 2021.

"É um efeito do último ano do Bolsonaro, uma espécie de despedida caso ele não se reeleja", diz Ivaneide Cardozo, indigenista à frente da Associação de Defesa Etnoambiental Kanindé, em Rondônia.

Em Santarém (PA), o aumento de explorações predatórias é percebido desde janeiro, quando o rio Tapajós chegou a mudar a cor das suas águas, geralmente cristalinas, por conta da lama levantada pelo garimpo.

"O pessoal está tentando aproveitar ao máximo, na dúvida do que vai ser o ano que vem, se vai mudar governo, se vai mudar Congresso, para todo tipo de maldades", afirma Caetano Scannavino, coordenador do Projeto Saúde e Alegria, baseado em Santarém.

Atípica, a subida do desmatamento neste ano representa uma distorção do efeito eleitoral clássico. O padrão observado por estudos científicos aponta alta em períodos de eleições municipais, por incentivos de poderes locais a desmatadores em troca de mobilização de votos e financiamento de campanhas.

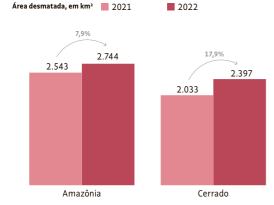
Continua na pág. B5

+ ENTENDA A SÉRIE

Planeta em Transe é uma série de reportagens e entrevistas com novos atores e especialistas sobre mudanças climáticas no Brasil e no mundo. Essa cobertura especial acompanha as respostas à crise do clima nas eleições de 2022 e na COP27 (conferência da ONU em novembro, no Egito)

Desmatamento dispara nos primeiros meses de 2022

'Efeito despedida' alavanca desmatamento antes da temporada de seca

Desmatamento acumulado de janeiro a maio

Desmatamento sobe em anos de eleições municipais

Dados históricos da Amazônia e mata atlântica mostram fenômeno cíclico

Área desmatada, em km²

• Eleições municipais

30.000
25.000
15.000
10.000
5.000
0

18.226
2000

27.772
2004

7.536
Eleição de Bolsonaro

13.038
2021

99 00 | 03 04 | 07 08 | 11 12* | 15 16 | 18 19 20
5,2 | **9,4** | **10,2** | **-28** | **27,4** | **34,6** **7,9**

Variação, em %

*Queda histórica após PPCDam. Fonte: Inpe

Desmatamento da Amazônia

Em km²

Fonte: SAD-Imazon

Continuação da pág. B4

Um estudo da USP (Universidade de São Paulo) publicado no último ano na revista científica Conservation Letters mostrou que, entre 1991 e 2014, os anos de eleições gerais tiveram desmatamento adicional de 3.652 hectares. O efeito foi maior nas eleições municipais, quando o aumento médio foi de 4.409 hectares.

Já na Amazônia, o desmatamento em anos de eleições municipais subiu em média de 8% a 10% nos municípios em que os prefeitos concorriam à reeleição, afirma uma pesquisa feita entre 2002 e 2012 e publicada em 2018 na revista científica Environmental Economics and Management.

O estudo, da Universidade Clark (EUA), também apontou o "efeito corrupção".

"Municípios com prefeitos altamente corruptos concorrendo à reeleição têm aproximadamente 50% mais desmatamento em períodos eleitorais em comparação com municípios sem um candidato à reeleição", afirma a pesquisa.

Os incentivos dados por governantes que se candidatam à reeleição incluem a extensão de crédito e o relaxamento de requisitos de licenciamento para os setores de agricultura, mineração e imobiliário, além da redução da proteção florestal por meio do rebaixamento, redução do tamanho e até desclassificação de áreas protegidas. É comum ainda, segundo o estudo da USP, a redução da vigilância e do financiamento dos órgãos de fiscalização.

Embora as duas pesquisas tenham usado fórmulas complexas para identificar o efeito eleitoral sobre o desmatamento de acordo com diversas variáveis, o fenômeno cíclico também é notável, no caso da Amazônia, a partir dos dados agregados em toda a região pelo Prodes (sistema de monitoramento do Inpe).

O gráfico anual do desmatamento na Amazônia mostra um padrão de crescimento em anos de eleição municipal. A segunda maior taxa da série histórica —27,8 mil km²— ocorreu em um ano eleitoral, 2004. A exceção foi 2012, quando, apesar das eleições, registrou-se o mínimo histórico desde o início do monitoramento: 4.600 km².

"Isso foi porque conseguimos implementar o segundo ciclo do PPCDAm, o plano de prevenção e controle do desmatamento da Amazônia", explica André Lima, ex-diretor de políticas para Amazônia do Ministério do Meio Ambiente e atual consultor do Instituto Democracia e Sustentabilidade.

Já nos anos de eleições gerais, não há um padrão claro na análise dos dados do Prodes. A exceção que se destaca no gráfico é a eleição de 2018, que elegeu o presidente Jair Bolsonaro. Naquele ano, o desmatamento cresceu de 7.500 km² para 9.700 km².

Em 2022, porém, avaliam especialistas, o incentivo ao desmatamento não se mostra mais ligado a uma promessa de facilitação da atividade em uma próxima administração, mas, sim, a um aproveitamento da liberação já concedida na gestão atual —e que pode ser perdida se houver mudança de governo.

"A situação ficou tão ruim que a agenda ambiental ganhou maior relevância e induziu promessas [de candidatos] no sentido oposto: de conter o desmatamento e parar as ilegalidades que foram prometidas na última eleição", avalia Malu Ribeiro, diretora de políticas públicas da Fundação SOS Mata Atlântica.

Ela cita como exemplo o fato de governadores de estados com maior controle do desmatamento, como Espírito Santo e São Paulo, terem ido à última conferência de mudanças climáticas da ONU, a COP26.

"Isso salta aos olhos: os governadores colocaram a pauta ambiental nas suas plataformas eleitorais e quiseram mostrar lá fora que seus estados não têm desmatamento", diz Ribeiro. "Quando divulgamos os dados do último atlas da mata atlântica, os secretários queriam saber antes como seus estados figuravam. Mostram comprometimento."

Diferentemente da Amazônia Legal, em que órgãos federais centralizam as funções de combate ao desmatamento, a responsabilidade pela conservação da mata atlântica fica a cargo dos órgãos estaduais.

O monitoramento do bioma com alertas mensais, no entanto, é recente e não oferece base comparativa entre os primeiros meses de 2022 e o mesmo período de anos anteriores. "Seguramente o desmatamento piorou neste ano, mas de 2018 para cá tem um choque e ele ultrapassa esse fenômeno eleitoral", afirma Patricia Ruggiero, coautora do estudo voltado à mata atlântica.

"Houve uma derrocada das políticas ambientais e também a sinalização por parte de lideranças políticas. Pode ser que haja uma sobreposição dos dois fatores, mas vamos verificar lá na frente, na continuação da pesquisa", ela diz.

Outro componente que explica o efeito das eleições sobre as taxas de desmatamento é a convergência política entre poderes locais, regionais e federal. "O alinhamento político pode facilitar a implementação de políticas, incluindo a desregulamentação e as permissões que podem influenciar diretamente no desmatamento", afirma o estudo da USP.

A pesquisa identificou que, em anos de eleições gerais, o desmatamento é favorecido em regiões sob pressão cujos governos estaduais se alinham ao federal.

Malu Ribeiro ressalta que o aumento do desmatamento na mata atlântica foi maior nos últimos anos em estados aliados de Bolsonaro. "Isso ocorreu mesmo em estados que já sofrem consequências do desmatamento, como o Paraná, que enfrenta uma crise hídrica", destaca. O Paraná é governado por Ratinho Junior (PSD), pré-candidato à reeleição.

Questionado, o Ministério do Meio Ambiente não comentou a relação entre alta do desmatamento e ano eleitoral, mas destacou que o sistema Deter, do Inpe, registrou em maio uma taxa 35% menor que a do mesmo mês do ano passado. "Cabe destacar que os dados tratam de alertas para fins de fiscalização e que a área divulgada é uma estimativa", completa a nota.

A recomendação de técnicos do Inpe é que a comparação dos dados do sistema Deter seja feita entre períodos de no mínimo três meses, já que satélites podem ser encobertos por nuvens e gerar números mais baixos em um mês, e mais altos no seguinte.

"O governo tem empenhado grandes esforços no combate aos crimes ambientais", diz a nota, que cita parcerias com órgãos do governo e grupo de trabalho junto aos EUA.

O projeto Planeta em Transe é apoiado pela Open Society Foundations.

O bonobo dentro de nós

Capacidade de se dar bem com estranhos, que criou sociedade humana, também aparece em bonobos

Reinaldo José Lopes

Jornalista especializado em biologia e arqueologia, autor de "1499: O Brasil Antes de Cabral"

De vez em quando, eu me ponho a pensar no absoluto milagre que é esse negócio de a gente encontrar completos desconhecidos o tempo todo na rua e não sair no braço com os sujeitos, nem apanhar deles. É, eu sei que a afirmação parece completamente despropositada, mas o fato é que essa invenção maravilhosa da sociedade humana conhecida como "tolerância com estranhos" não tem nada de inevitável. Duvida? Pergunte aos chimpanzés.

Nossos parentes vivos mais próximos, membros da espécie Pan troglodytes, simplesmente não fazem ideia de como seria trocar amabilidades com algum chimpanzé que tenham acabado de conhecer. Na natureza, todas as interações entre os membros de um grupo desses grandes símios com membros de uma outra comunidade de chimpanzés terminam em fuga ou confronto.

A única exceção —ainda assim bastante relativa— envolve a transferência de fêmeas que acabaram de alcançar a idade reprodutiva de um grupo para outro. Tal como muitas culturas humanas, os chimpanzés são considerados patrilocais, ou seja, os machos ficam no mesmo bando a vida inteira, enquanto as moças deixam sua família (não para casar, já que eles não são monogâmicos, mas para acasalar com diversos machos). E isso não significa que fêmeas sozinhas também não possam ser agredidas, por vezes até a morte, quando membros de outro grupo topam com elas na mata. Tudo isso significa que, em termos de interação social, os chimpanzés passam suas vidas circunscritos a uma rede que reúne, no máximo, cerca de uma centena de indivíduos.

Até as sociedades humanas de menor escala, os chamados caçadores-coletores móveis, lidam com esse problema de forma muito mais sofisticada. Embora a harmonia universal esteja longe de reinar entre os grupos com essa organização social, a troca relativamente pacífica de notícias, matérias-primas, tecnologias e parceiros sexuais se estende por redes muito mais amplas, com milhares de indivíduos. Parentesco e amizades transcendem os bandos (como são chamadas as unidades sociais básicas, mais ou menos com o mesmo tamanho dos grupos de chimpanzés).

O que significa que temos um pequeno enigma: considerando esse abismo, como os seres humanos se tornaram mais tolerantes com desconhecidos? Com a palavra, os bonobos (Pan paniscus), nossos outros primos de primeiro grau.

Esses grandes símios são mais famosos pela sua vida sexual promíscua e aparentemente idílica, mas também havia indícios de que a maior parte das interações entre diferentes grupos da espécie é pacífica. No entanto, ainda havia dúvidas sobre o que estava acontecendo exatamente nesses casos. Uma possibilidade é que os aparentes encontros tranquilos entre grupos diferentes na verdade fossem apenas a interação entre subgrupos de uma única grande comunidade.

Um estudo que saiu recentemente na revista especializada americana PNAS parece ter matado a charada, em favor da ideia de que, de fato, os bonobos são excelentes animais políticos. Um trio de pesquisadores liderado por Liran Samuni, primatóloga da Universidade Harvard, usou métodos estatísticos sofisticados para dissecar as ligações entre os bonobos que vivem em Kokolopori, na República Democrática do Congo.

A conclusão: os grupos são unidades sociais reais, com identidade própria e interação preferencial entre seus próprios membros —mas ainda assim não descambam para a pancadaria quando encontram outros grupos, aliás, muito pelo contrário.

A nossa capacidade de criar elos com gente muito diferente de nós talvez seja, portanto, um elemento tão antigo da nossa linhagem quanto a xenofobia dos chimpanzés. Somos um primata complicado —coisa que, se nos dá um bocado de trabalho, também não deixa de ser motivo para ter alguma esperança.

| DOM. Reinaldo José Lopes, Marcelo Leite
| QUA. **Atila Iamarino**, Esper Kallás

Negros precisam de terapeutas da sua raça? Não, mas é indicado

Especialistas recomendam que pacientes busquem profissionais com os quais se identifiquem

Natália Silva

SÃO PAULO Em 2020, depois de os protestos pela morte de George Floyd se espalharem pelo mundo e chegarem ao Brasil, muitas pessoas brancas ao meu redor decidiram falar sobre racismo —e eu não estava pronta para aquilo. Eu tinha que lidar constantemente com este assunto não só em conversas pessoais, mas no trabalho como jornalista.

Quando senti que as coisas estavam pesadas demais, procurei ajuda psicológica. Marquei consulta com o primeiro profissional que encontrei, uma mulher branca. Depois de contar o que tinha me levado até ali, ela disse que, apesar de não ser negra, tinha certeza que poderia me ajudar. O motivo? Ela era uma grande fã de Kizomba.

Eu não fazia ideia do que ela estava falando. Aproveitei que a sessão era online e troquei de aba no navegador para pesquisar. Kizomba é um gênero musical e um estilo de dança originário de Angola.

Foi nossa primeira e única sessão. Nunca mais nos falamos. Depois disso, decidi procurar uma terapeuta negra —um movimento inédito para mim, mas comum no Brasil.

Cada vez mais negros procuram terapeutas com os quais se identificam. O movimento é recomendado por profissionais da área, embora fazer o tratamento com pessoas de outras raças não seja um problema, desde que consigam lidar com as questões raciais levadas ao divã.

Clélia Prestes, doutora em psicologia social pela USP (Universidade de São Paulo) e membro da ONG AMMA Psique e Negritude, conta que desde a fundação da organização, em 1995, pacientes procuram o local em busca de psicólogos negros.

> **O que eu acho mais importante? Que o psicólogo tenha escuta para a questão racial. As pessoas falam de raça por metáforas. É preciso entender quais são os efeitos do racismo para poder captar isso**
>
> Lia Vainer Schucman
> psicóloga e pesquisadora do racismo

"Muitas vezes as pessoas chegam na minha clínica dizendo que faziam terapia com um profissional branco que até reconhecia a existência do racismo, só que não estudava. E pessoa pensava 'bom, eu vou pagar pra dar aula sobre racismo?'", diz.

Profissionais negros observam que a falta de conhecimento sobre a população negra e questões raciais passa pela formação dos psicólogos brasileiros, norteada por referências europeias e majoritariamente brancas. É só pensar nos nomes que nos vêm à cabeça quando falamos deste campo de estudo, como Freud e Lacan. Apesar das grandes contribuições para a psicologia e psicanálise, esses autores não tratam o racismo como uma questão central do sofrimento psíquico, o que pode ser especialmente danoso em um país como o Brasil.

"Numa sociedade em que existe uma violência estrutural e alguém se omite de tratar disso, estando vinculado a uma profissão comprometida com a promoção da saúde, isso não é ser neutro, é ser conivente", diz Prestes.

O psicólogo Tiago Cabral concorda com o argumento de que há uma deficiência na formação acadêmica desses profissionais. "Vamos supor que a gente tenha uma doença específica do Brasil, que todo mundo tenha um osso a mais, por exemplo. E na faculdade de medicina os alunos não estudam isso. É mais ou menos o que acontece na faculdade de psicologia. A gente tem um fenômeno que é particular do Brasil e o ignoram."

Na prática, quando questões de identidade como raça, gênero e orientação sexual não são levadas em conta, o psicólogo pode acabar aumentando o sofrimento de quem o procurou.

Quando decidiu fazer terapia, a estudante Hera Marques, 22, encontrou um coletivo de profissionais que atendem membros da comunidade de LGBTQIA+. "Eu sou uma mulher negra e bissexual, então racismo e a homofobia interferem muito na minha vida. Era importante encontrar uma pessoa que me entendesse e não achasse que o que eu estava dizendo era mimimi."

Desde outubro de 2020, Marques faz sessões semanais de terapia com uma psicóloga. "Ela é uma mulher negra retinta. Na época em que a conheci, ela tinha o cabelo bem curto e pintado de roxo. Eu sou negra e tenho o cabelo colorido, então eu consegui me ver naquela pessoa e confiar nela."

Para quem sempre se viu refletido na imagem de profissionais de saúde, essa sensação pode parecer banal. Para Marques e outras tantas pessoas negras, não é. "A raça impacta diretamente na confiança que eu construí com a psicóloga." Ela conta que a terapia a ajudou a compreender como suas questões com a autoestima, por exemplo, são influenciadas pelo racismo.

Clélia Prestes defende, contudo, que o racismo não é uma questão que deva ser discutida só por pessoas negras. "Numa sociedade adoecida pelo racismo, ninguém vai estar saudável. Então, quando uma pessoa branca se acha superior apenas por conta da sua cor, isso é tão problemático quanto alguém que se acha inferior apenas por causa disso".

> **Eu sou uma mulher negra e bissexual, o racismo e a homofobia interferem muito na minha vida. Era importante encontrar uma pessoa que me entendesse e não achasse que o que eu estava dizendo era mimimi**
>
> Hera Marques
> estudante

Em um dos primeiros trabalhos da psicóloga e pesquisadora do racismo Lia Vainer Schucman, a paciente era uma mulher branca que havia sido traída pelo marido.

"Ela estava se sentindo rebaixada por ter sido trocada por uma pessoa que ela nomeava como 'empregadita'." Como não entendeu o motivo do apelido, Schucman perguntou. "Era porque a amante era uma mulher negra."

O sentimento de superioridade ligado a pessoas brancas é o outro lado da moeda do racismo. Para Schucman, reconhecer a importância desse e de outros fenômenos ligados às relações raciais é fundamental para o bom exercício da profissão.

"O que eu acho mais importante? Que o psicólogo tenha escuta para a questão racial. As pessoas falam de raça por metáforas. É preciso entender quais são os efeitos do racismo para poder captar isso."

Críticos dessa busca por profissionais negros apontam que psicólogos devem atuar de forma neutra, sem deixar que sua identidade interfira no atendimento. Prestes, no entanto, não acredita nessa ideia.

"Não existe neutralidade, existe imparcialidade, e para ser imparcial você precisa considerar qual é o lugar que você ocupa. Nós não precisamos de uma psicologia de negros para negros, mas sim de uma psicologia que inclua a questão racial nas suas teorias e práticas."

Ilustração Pogo

66% dos brasileiros dormem mal e mulheres são mais afetadas

SAÚDE

Matheus Moreira

SÃO PAULO Um estudo publicado na revista Sleep Epidemiology (Epidemiologia do Sono, em tradução livre) indica que 65,5% dos brasileiros têm sono de má qualidade. As mulheres são as mais afetadas: quando comparadas às dos homens, as chances de dormir mal são 10% maiores para elas.

A qualidade do sono é definida pela pesquisa por fatores como duração (falta ou excesso), regularidade (interrupções durante a noite) e estados (leve, profundo e REM). A satisfação pessoal com o sono também é considerada.

O sono ruim compromete a retenção de informações e de memórias e causa irritabilidade e cansaço, entre outros problemas. Os dados foram coletados entre 16 e 30 de março de 2020, poucos dias depois de a OMS (Organização Mundial da Saúde) decretar a pandemia de Covid-19.

A iminência da alta de casos no Brasil, a possibilidade de lockdown e o medo de perder o emprego contribuíram para aumentar sintomas de ansiedade e depressão entre os brasileiros, levando à piora do sono, segundo Luciano Drager, presidente da ABS (Associação Brasileira do Sono) e professor da Faculdade de Medicina da USP.

Os fatores de risco são maiores para habitantes do Centro-Oeste, do Sudeste e do Sul. Viver em qualquer uma dessas regiões aumenta em 12% a chance de ter pior qualidade de sono em comparação com a região Norte. Quem mora nessa área, segundo o estudo, está mais protegido contra sono ruim.

Ser jovem também é um fator de risco para dormir mal, devido a hábitos como uso excessivo do celular antes de dormir e consumo de café, energéticos e outros estimulantes, além de trabalho e estudo em ritmo acelerado.

Cruzando fatores de risco, o perfil que se destaca é o da mulher jovem do Centro-Oeste. O homem da região Norte é o perfil mais protegido contra o sono de má qualidade.

Entre os achados, chamou a atenção dos pesquisadores o que está relacionado a pessoas que têm companheiros mas não dormem na mesma cama ou no mesmo cômodo.

"O sono dessas pessoas é pior. Já sabemos que quando um parceiro tem um distúrbio do sono ou ronca, o outro tem mais chance de dormir mal. Porém, dormir separado também pode estar associado à piora do sono, o que nos leva a alguns questionamentos", diz Drager. Uma das hipóteses levantadas é um problema de relacionamento. A dificuldade nesse caso se traduziria em estresse e ansiedade, afetando a noite de sono.

Os pesquisadores também destacam o papel irrelevante da classe socioeconômica nos resultados obtidos.

Dalva Poyares, neurologista e professora da Unifesp e membro da ABS, afirma que a Covid "igualou para pior" a relação entre qualidade do sono e classe socioeconômica.

"Um exemplo é alguém de classe alta [A] que tem ou tinha seu negócio, mas passou a ter medo dos riscos e imprevistos causados pelo vírus. A situação gera aumento de estresse e queda da qualidade do sono", afirma.

ESPORTE AO VIVO

13h45 Bulgária x Brasil (vôlei) Liga das Nações masc., SPORTV 2

16h Avaí x Palmeiras Brasileiro, GLOBO (SP)/PREMIERE

18h São Paulo x Juventude Brasileiro, PREMIERE

Ex-xodó de Tite, Everton se vê distante da Copa do Mundo

Decisivo em triunfo na Copa América, Cebolinha perde espaço na seleção

Marcos Guedes

SÃO PAULO Contratado neste mês pelo Flamengo, Everton escolheu a camisa 19. Foi com esse número às costas que viveu seu grande momento, como um dos protagonistas da seleção brasileira na conquista da Copa América de 2019. A final foi disputada no estádio do Maracanã, onde o cearense passará a atuar com frequência, em circunstâncias bem diferentes.

O atleta de 26 anos chegou com moral ao clube rubro-negro e valeu um investimento que poderá atingir 16 milhões de euros (R$ 87 milhões) com o cumprimento de algumas metas. Mas a passagem pelo futebol europeu, iniciada em 2020, não foi a esperada, como também não foi a esperada a continuidade no time nacional.

Artilheiro daquele torneio continental ao lado do peruano Guerrero, com três gols, Cebolinha defendeu o Brasil mais 13 vezes, não balançou a rede em nenhuma delas e deu apenas uma assistência. Titular na decisão de outra Copa América, a de 2021, também no Maracanã, foi substituído na derrota por 1 a 0 para a Argentina e nunca mais atuou pela formação verde-amarela.

No Benfica, onde foi jogar após o sucesso pelo Brasil, teve duas temporadas que, se não podem ser consideradas fracas, não fizeram jus à expectativa criada. Foram 15 gols e 17 assistências em 95 partidas. Em vez de saltar de Portugal para grandes centros europeus, trajetória comum a bons jogadores brasileiros, voltou a seu país, liberado sem grande resistência.

Entre Porto Alegre, Lisboa e Rio de Janeiro, o ex-jogador do Grêmio ficou longe do Qatar. Enquanto atuava sem grande destaque na Europa, Everton viu Vinicius Junior, 21, desabrochar no Real Madrid, que não teria sido campeão da Liga dos Campeões sem Rodrygo, 21. Raphinha, 25, chamou a atenção mesmo no pequeno Leeds. Antony, 22, cumpriu muito bem seu papel no Ajax.

Everton na Copa América de 2019 Ueslei Marcelino - 27.jun.19/Reuters

Mesmo Gabriel Martinelli, 21, do Arsenal, que ainda teve pouco espaço com a camisa da seleção, passou a ser observado com maior atenção pelo treinador Tite e entrou no último amistoso, contra o Japão, no início deste mês. Cebolinha foi para o final da fila e sabe que tem muitos obstáculos a superar para jogar a Copa do Mundo, que terá início em novembro.

Destacar-se no Flamengo pode ajudar, mas o próprio atacante sabe que nem isso deverá ser suficiente. O centroavante Hulk, 35, vem tendo desempenho excelente pelo Atlético Mineiro e nem por isso tem sensibilizado Tite – em uma posição de carência maior. Assim, Everton foi tímido ao ser questionado se o vermelho e o preto poderiam lhe ajudar a vestir amarelo.

"Ah, com certeza. Mas não foi o principal motivo [pelo qual] eu quis voltar", afirmou, entrevistado pelo canal oficial de seu novo clube. "Quis voltar ao Brasil porque era o Flamengo. Se eu fizer um bom trabalho aqui, claro, poderei ser lembrado. Só que não foi o meu primeiro pensamento a seleção, mas sim o Flamengo."

A equipe carioca vive estendido período de instabilidade. O recém-chegado Dorival Júnior já é o quinto treinador contratado desde a saída do português Jorge Jesus –que dirigiu Cebolinha no Benfica–, em julho de 2020. Antes de pensar em seleção, Everton precisa se integrar a um ambiente turbulento e reencontrar seu melhor futebol.

A ida à Copa é neste momento altamente improvável, porém também era improvável que o cearense de Fortaleza fosse decisivo na Copa América de 2019. Na ocasião, ele também estava no fim da fila, atrás de Neymar (que sofreu lesão mais séria em amistoso preparatório) e David Neres, de quem ganhou a posição durante o torneio.

A competição terminou com Cebolinha elogiado pela capacidade de desmontar defesas com seus dribles e sua velocidade. Foi tratado como xodó de Tite, que celebrou a conquista no Maracanã agradecendo o então jovem de 23 anos: "Quem diria que o Everton jogaria a final e seria escolhido melhor em campo?". Outra vez, poucos apostam nisso.

Tostão

Excepcionalmente, o colunista não escreve neste domingo (26)

CORINTHIANS E SANTOS TERMINAM CLÁSSICO SEM GOLS NA NEOQUÍMICA ARENA

Pela 14ª rodada do Campeonato Brasileiro, Corinthians empata e permanece na vice-liderança com 26 pontos. Santos dorme na sexta posição da tabela Ronaldo Barreto/Agência O Globo

A jogatina e a manipulação

Inevitável que onde haja aposta esportiva ocorra tentativa de alterar placar

Juca Kfouri

Jornalista e autor de "Confesso que Perdi". É formado em ciências sociais pela USP

A história é tão velha como o futebol, para ficar apenas em um esporte.

Cartolas das antigas adoravam contar como compraram o goleiro do adversário ou o juiz para ganhar jogos. Ou como nem precisaram gastar um tostão, apenas ameaçar.

Os tempos evoluíram, e a simples necessidade de vencer para ficar bem no campeonato se transformou em oportunidade de enriquecer.

No Brasil, em março de 1970, em plena ditadura, surgiu a loteria esportiva, bancada pela Caixa Econômica Federal.

Durante 12 anos fez milionários entre seus ganhadores e fez a alegria de veículos com generosas verbas publicitárias.

A zebrinha do Fantástico virou simpática personagem dos domingos brasileiros até que, em outubro de 1982, demolidora reportagem da revista Placar denunciou, em 13 páginas, um gigantesco esquema de manipulação de resultados dos jogos escolhidos para as apostas.

A bichinha virou porta-voz da Máfia da Loteria.

A credibilidade da chamada loteca foi posta a escanteio e nunca mais recuperada por mais que, imediatamente após a denúncia, com 125 jogadores, cartolas, empresários e árbitros envolvidos, tenha sido defendida por quem teve seus ganhos prejudicados.

Curiosamente, o fio da meada das quadrilhas espalhadas pelo país, em Curitiba, Salvador, São Paulo, Fortaleza e Rio, surgiu em Santos, puxado pelo saudoso repórter Sérgio Martins.

De lá para cá, novos escândalos se sucederam, como o caso do ex-árbitro Edilson Pereira de Carvalho, revelado por André Rizek, na Veja, em 2005, a dita Máfia do Apito, aí envolvendo jogatina clandestina, como o Totonero italiano, que, em 1980, jogou na lama o nome de Paolo Rossi, algoz da seleção brasileira na Copa do Mundo da Espanha.

A internet ampliou de maneira exponencial a possibilidade de globalizar as apostas, não apenas no resultado de jogos como no número de escanteios de uma partida, de faltas, ou de quantas vezes o goleiro do Corruptópolis FC cuspirá no gramado ou nas luvas.

São dezenas de livros já publicados pelo mundo afora com a comprovação de que grupos asiáticos, africanos, europeus e americanos manipulam do tênis ao vôlei — parece que o xadrez ainda não, talvez por lembrar o sol nascendo quadrado.

No Brasil chega a ser escandaloso o número de bancas de apostas esportivas, patrocinadoras de 11 em cada dez programas esportivos, camisas de clubes, com ex-atletas e comunicadores no papel de garotos-propaganda, todas elas com sedes fora do país, sem controle nenhum da Receita Federal, de quem quer que seja, para não falar dos conflitos de interesses que produzem e da óbvia lavagem de dinheiro.

Lembremos que a regulamentação é insuficiente, basta recordar de quando os bingos foram brevemente legalizados no Brasil, para desgraça dos ex-ministros Rafael Greca, do Esporte e Turismo, e José Dirceu, da Casa Civil.

Porque, sem moralismo, a jogatina é sempre ímã da bandidagem.

Eis que, novamente em Santos, surge a corajosa denúncia por parte de Andres Rueda, o presidente santista, de que um agora ex-funcionário do clube quis comprar facilidade da goleira do Bragantino, o que a jogadora confirma.

Como aconteceu 40 anos atrás, não duvidem a rara leitora e o raro leitor: é apenas a ponta do iceberg.

Já que no Patropi até o passado é incerto, dá saudade dos cartolas que corrompiam adversários por amor.

| DOM. Juca Kfouri, Tostão | **SEG. Juca Kfouri, Paulo Vinicius Coelho** | TER. Renata Mendonça | QUA. Tostão | QUI. Juca Kfouri | SEX. Paulo Vinicius Coelho, Sandro Macedo | SÁB. Marina Izidro

NOSSO ESTRANHO AMOR

Milly Lacombe
folha.com/nossoestranhoamor

Morrer não é o fim

Dona Augusta e seu Otávio foram casados por 50 anos. Tiveram dois filhos e viveram sempre na mesma casa, na rua Guayanases, em Tupi Paulista, interior de São Paulo. Augusta tinha 20 anos quando eles se casaram, Otávio, 28. A diferença de idade fez com que, já mais velhos, imaginassem que Otávio morreria antes. Mas foi Augusta que, aos 72, pegou Covid e faleceu.

Otávio ficou sem entender nada. "Homens morrem mais cedo, não faz sentido eu ficar viúvo, nenhum amigo meu ficou viúvo", repetia sem parar no velório. Os filhos, que moravam em São Paulo, preocupados com o pai, pediram que as três tias, irmãs caçulas da mãe, passassem a frequentar Otávio diariamente.

Dois meses depois da morte de Augusta, uma das tias telefonou para Eduardo com a voz tensa. "Precisamos conversar", ela disse. Eduardo achou que o pai tinha morrido, mas não era isso. "Seu pai agora passa o dia falando com sua mãe. Ele almoça papeando com ela, faz um prato pra ela, depois coloca a comida numa marmita e leva para a igreja. Ele vê TV assuntando com ela. Ele ri de piadas dela antes de dormir. Ele caducou, Eduardo."

Eduardo, engenheiro eletrônico, se apavorou e pediu uma licença para ir até Tupi ver o que estava acontecendo. Em Tupi, levou Otávio a três médicos diferentes, submeteu o pai a uma série de exames, alguns bastante incômodos, e nada foi diagnosticado.

"Papai, por que você fala com a mamãe?", Eduardo perguntou num fim de tarde. "Porque se eu não falar ela vai achar que tô bravo com ela, e eu não tô", Otávio respondeu.

Eduardo não sabia se deixava claro que a mãe tinha morrido, então optou por não responder. Mas, na noite seguinte, depois de voltarem de mais um exame e vendo o pai preparar uma xícara de chá para Augusta, não se conteve: "Papai, mamãe morreu. Ela tá morta!". Otávio, que estava indo para a sala com as xícaras de chá, apoiou as duas canecas sobre a mesa da cozinha e disse com muita calma: "Meu filho, eu descobri que as pessoas não morrem".

Eduardo quis saber como não, como não morrem se nós enterramos a mamãe, que bobagem era aquela. Depois, mais calmo e sentado com o pai em frente à TV, perguntou: a mamãe tá aqui agora? "Ela tá sempre aqui", Otávio respondeu sem virar o rosto e dando um gole no chá.

Naquela noite, Eduardo escutou o pai gargalhando antes de dormir e entrou no quarto. "O que foi?" "Sua mãe! Ela é muito tonta! Fica tentando me fazer rir. Eu disse que tá tarde e preciso dormir, mas ela não deixa." Eduardo fechou a porta e saiu preocupado.

No dia seguinte, uma das tias decretou com muita segurança que Otávio estava possuído. "É bom que a gente faça alguma coisa", disse. Fazer o que, Eduardo quis saber. E a tia explicou que poderiam levá-lo a uma rezadeira que ela conhecia. Eduardo achou que estava dentro de um filme de terror de segunda linha, mas não sabia mais o que fazer e aceitou.

Foram então todos até a rezadeira. Ela os recebeu e pediu para ficar sozinha com Otávio. Disse que precisava de pelo menos duas horas, que fossem tomar um café e voltassem ao meio-dia.

Meio-dia em ponto as três tias e Eduardo voltaram. Otávio estava sentado no sofá na sala e à sua frente havia três xícaras de chá. Eduardo balançou a cabeça nervoso. Enquanto todos se acomodavam, a rezadeira pegou Eduardo pelo braço e o levou para o jardim.

"Meu pai está possuído?", quis saber. "Totalmente", a mulher respondeu. "Pelo quê, meu deus?" "Pelo amor que tem por sua mãe. É só isso", ela disse.

Otávio e Augusta ainda moram na casa da rua Guayanases, em Tupi Paulista, interior de São Paulo.

Ali Khara/Reuters

IMAGEM DA SEMANA

O Afeganistão foi atingido por um terremoto de magnitude 6,1 na quarta-feira (22). Mais de mil pessoas morreram e mais de 1.500 se feriram, segundo autoridades, e os números tendem a aumentar. O tremor é o mais letal desde 2002, quando 1.100 pessoas morreram na área montanhosa de Hindu Kush, vítimas de dois terremotos. Haibatullah Akhundzada, o líder supremo do Talibã, ofereceu condolências às famílias. Na foto, Ahmad Vali, morador da região atingida, posa em sua casa destruída

CRUZADAS

HORIZONTAIS

1. O maior dos deuses vikings / Um método de coloração usado em análise de laboratórios, pesquisas etc. **2.** A cor do farol para passagem livre / Interjeição de nojo **3.** Posto em movimento **4.** Um boleto federal / Na parte mais elevada **5.** Orçamento Participativo / O revolucionário e ditador Joseph (1879-1953), da revolução russa **6.** Planejar / (Quím.) Astatínio **7.** Descer no aeroporto **8.** Competição de motos ou carros / O pequeno furo por onde a pele respira **9.** Qualquer objeto produzido industrialmente **10.** Muito querida, venerada **11.** A primeira vogal e a primeira consoante / Cidade do litoral cearense **12.** (Marechal) Grande rodovia paulista / Nelson Gonçalves, cantor **13.** Ser / Outro nome da babosa, planta cultivada para extração de gel e fibras.

VERTICAIS

1. Na forma da bola de rúgbi / Peixe do Atlântico, pequeno, sem valor econômico **2.** Cortar fora a cabeça / (Jovi) Banda norte-americana de rock **3.** Membrana do olho, entre a córnea e o cristalino / O símbolo matemático que representa a diferença entre duas variáveis / Nota do Tradutor **4.** Sufixo formador de gerúndio / Austeridade de comportamento **5.** Cobrir com a parte gorda do leite / Aparelho do qual parte um feixe de raios luminosos ou caloríferos **6.** Peixe amazônico, de coloração esverdeada e com desenhos escuros **7.** Lugar fechado em que se guardam os ovinos / Descrever órbita circular **8.** Queda dos cabelos / Grande rio europeu que nasce nos Alpes **9.** Diz-se de pessoa ruim / (Vitória de Santo) Cidade pernambucana próxima a Recife / Clímax.

HORIZONTAIS: 1. Odin, Gram, **2.** Verde, Eca, **3.** Acionado, **4.** DAS, Acima, **5.** OP, Stalin, **6.** Idear, At, **7.** Aterrar, **8.** Rali, Poro, **9.** Artefato, **10.** Adorada, **11.** Ab, Acaraú, **12.** Rondon, NG, **13.** Ente, Aloé.
VERTICAIS: 1. Ovado, Aramaré, **2.** Decapitar, Bon, **3.** Íris, Delta, NT, **4.** Ndo, Seriedade, **5.** Enatar, Foco, **6.** Acarapaná, **7.** Redil, Rotar, **8.** Acomia, Ródano, **9.** Má, Antão, Auge.

SUDOKU

texto.art.br/fsp

DIFÍCIL

			4					
	1	3	7					6
4	7				3	9		
					4	1		2
	4						6	
3		5	8					
		9	5				1	4
5					6	8	3	
					7			

O **Sudoku** é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

SOLUÇÃO

9	5	8	4	6	1	7	2	3
2	1	3	7	8	9	5	4	6
4	7	6	2	5	3	9	8	1
8	9	7	6	3	4	1	5	2
1	4	2	9	7	5	3	6	8
3	6	5	8	1	2	4	7	9
7	3	9	5	2	8	6	1	4
5	2	4	1	9	6	8	3	7
6	8	1	3	4	7	2	9	5

FRASES DA SEMANA

CRIANÇA NÃO É MÃE

Joana Ribeiro Zimmer

Vídeos obtidos pelo The Intercept mostram juíza tentar convencer uma criança de 11 anos a seguir adiante com uma gravidez em Santa Catarina. A mãe da menina a levou ao hospital para a realização do aborto legal assim que soube da gestação e o caso acabou na Justiça, porque os médicos se recusaram a realizar o procedimento. Ela foi mantida em um abrigo sob justificativa de que havia "risco de que a mãe efetue algum procedimento para operar a morte do bebê", mas conseguiu realizar o procedimento nesta semana

"Você suportaria ficar mais um pouquinho?"

Daniela Pedroso

Psicóloga que atua com atendimento de vítimas de abuso sexual no Hospital Pérola Byington, centro de referência para aborto legal em São Paulo, reforça que meninas vítimas de estupro nem sequer compreendem a violência que sofreram

"Os estudos internacionais mostram que os danos psíquicos serão mais severos se essas meninas levarem a gestação a termo por não terem acesso a um abortamento seguro"

DITADURA DO ÚTERO

Jair Bolsonaro

Presidente associou o exercício do direito ao aborto legal a governos sem liberdades individuais

"Quem quer impor uma ditadura no Brasil não sou eu. É quem não quer a liberdade de expressão, é quem vai controlar a mídia, é quem diz que vai valorizar o MST, é quem diz que esse caso da menina grávida de sete meses tem que abortar"

RETROCESSO TRANSATLÂNTICO

Joe Biden

Presidente dos EUA lamenta decisão da Suprema Corte que reverteu a jurisprudência que garantia o direito ao aborto em todo o território nacional do país. Com a mudança, estados do sul, de tradição republicana e conservadora, devem ampliar restrições

"A Suprema Corte retirou expressamente um direito constitucional do povo americano. Eles não o limitaram, eles simplesmente o tiraram. É um erro trágico"

Damares Alves

Ex-ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, conhecida por suas posições sobre direitos reprodutivos das mulheres, comemorou nesta sexta (24) a revogação da decisão judicial Roe vs Wade. Na mesma semana, celebrou a decisão da juíza no caso da menina de SC. Ela espera que a mudança nos EUA ecoe no Brasil

"Hoje é dia de vitória da vida e de muita coerência. Eles decidiram que o que muda uma Constituição não é uma Corte e, sim, o Congresso. Estão devolvendo ao Congresso o direito de mudar e construir a Constituição do país e reconhecendo o que avançaram o sinal há 50 anos"

DIREITO À DEFESA

Luiz Inácio Lula da Silva

Ex-presidente petista colocou em dúvida a necessidade de prisão do ex-ministro da Educação Milton Ribeiro, suspeito de comandar "balcão de negócios" com pastores no MEC. Ele, que passou 580 dias preso em Curitiba, defende o direito à defesa como "valor monumental da democracia"

"A prisão depende de apuração, depende de provas. Você não pode prender porque 'você vai prender', não"

POSICIONAMENTO

Richarlyson

Ex-jogador falou abertamente sobre sua sexualidade pela primeira vez

"Pelo tanto de pessoas que falam que é importante meu posicionamento, hoje resolvi falar: sou bissexual. Se era isso que faltava, ok. Pronto. Agora eu quero ver se realmente vai melhorar"

ACERVO FOLHA

Há 100 anos 26.jun.1922

Flamengo e Fluminense fazem jogo agitado e com polêmica no apito

O jogo de futebol entre Fluminense e Flamengo, neste domingo (25), no Rio, esteve muito agitado e terminou com o empate de 1 a 1.

O goleiro flamenguista, Kuntz, machucou-se e saiu da partida, sendo substituído no 2º tempo por Dino.

No entanto, Kuntz sentiu-se melhor e quis retomar o seu posto, só que o juiz não o permitiu.

O centroavante Welfare, do Fluminense, até chegou a fazer o segundo gol do seu clube, mas isso ocorreu após um apito do árbitro, que fez com que o time adversário parasse e não se defendesse.

O juiz declarou, depois, que apitara sem querer.

LEIA MAIS EM acervo.folha.com.br

Folha da Noite
O CAMINHO DO MAR

O músico Gilberto Gil
Irakerly Filho/Divulgação

Aquele abraço!

Gilberto Gil, que completa 80 anos neste domingo, diz em entrevista exclusiva que viver é cada vez melhor, rememora sua carreira e assina artigo sobre seu interesse pela ciência *C4 a C7*

- David Miranda é alvo de mentiras e homofobia de petistas, diz Glenn Greenwald *C8*
- Bruno Pereira escolheu proteger a floresta e suas comunidades, relembra Itamar Vieira Junior *C11*

MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br

Isabel Teixeira
A gente aprende pelo erro, pelo perdão e pela escuta

[RESUMO] Com carreira sólida no teatro, a atriz diz estar amando a popularidade de Maria Bruaca, de "Pantanal", e se emociona ao relembrar que estava quase desistindo da atuação quando surgiu o convite para trabalhar na série "Desalma". Ela também fala sobre os bastidores das gravações na região pantaneira e da "Tuiuiú Dance", boate improvisada que elenco e equipe recriaram da primeira versão

Por ***Karina Matias***

A atriz Isabel Teixeira no Minhocão, em São Paulo Marlene Bergamo/Folhapress

"Eu já fui 'aqualouca'. Você sabe o que é isso?", pergunta a atriz, diretora e dramaturga Isabel Teixeira. Diante da resposta negativa da coluna, a intérprete de Maria Bruaca na novela "Pantanal" (Globo), explica: "É uma mistura de salto ornamental com balé aquático, mas de um jeito mais louco."

*

Bel, como é chamada pelos amigos, tinha 14 anos quando começou a treinar a modalidade com um grupo de atores. "A gente fez algumas apresentações em clubes. Era bem interessante", revela. O pai, o músico Renato Teixeira, ficou maravilhado. "Ele fala até hoje: 'Bel, a minha filha, é 'aqualouca'.""

*

O assunto surge em meio à conversa online de uma hora e meia que ela teve com a coluna na semana passada, um dia após voltar das gravações na região pantaneira. Aos 48 anos e com uma carreira consolidada no teatro, Bel é um dos grandes destaques do remake.

*

A trajetória de superação de Maria Bruaca aliada às suas divertidas tiradas conquistaram as redes sociais e as ruas. No Twitter, os fãs passaram a lhe chamar de Mary Bru.

*

A atriz não se faz de blasé. Pelo contrário: Está amando ser popular. "Eu fui capa da Tititi. Você tá ligada?", diz ela ao citar a popular revista que aborda assuntos da televisão.

*

"Eu estava no Pantanal e liguei para o Osmar, aqui da banca perto de casa e que é meu amigo há anos, e falei: Osmar, eu fui capa da Tititi! E ele falou: 'Eu já fiz todo um painel aqui em sua homenagem'".

*

"Eu achei aquilo a glória, a glória. Isso é teatro. Eu estou na ligação com o primordial do teatro, sabe, que é ser popular", anima-se.

*

Para Bel, o reconhecimento atual é como uma "iluminação da estrada" que já vinha percorrendo havia mais de três décadas nos palcos. Até 2019, ela nunca tinha feito uma novela. Participações em projetos audiovisuais também tinham sido mínimas. "Eu estava atravessando uma fase —e é uma fase recorrente— que é: Eu vou desistir."

*

"Acho que o ator chega à maturidade desistindo [risos] e continuando. O [dramaturgo Samuel] Beckett fala isso: 'Vou continuar, não posso continuar, eu quero continuar, não vou continuar'".

*

Foi neste momento que surgiu o convite para entrar no elenco da série "Desalma", do Globoplay. E, na sequência, veio a oportunidade, pelo diretor José Luiz Villamarim, de fazer a Jane, na novela "Amor de Mãe" (Globo). "Me dá vontade de chorar, porque eu acho que o que estou vivendo agora tem a mão dele [do Villamarim], emociona-se.

*

Bel diz estar hoje com motivação semelhante à de quando cursou a Escola de Arte Dramática (EAD), da USP. "Estou sentido a mesma paixão de aprendizado, de vontade de fazer, de entender a máquina", afirma. "Comecei a namorar o audiovisual sem saber no que dia dar, e acabei me apaixonado."

*

A atriz afirma que o que sabe fazer na vida "é trabalhar". "O meu pai fala assim: 'Eu sou um funcionário da música'. E eu sou uma funcionária das artes."

*

Para construir Maria Bruaca, a primeira coisa que ela fez foi assistir no YouTube toda a versão original de "Pantanal", de 1990, da Manchete. "Eu gritava com a Ângela Leal interpretando a personagem. Fui me apaixonando também por ela, porque tudo é sobre paixão."

*

Nesse processo, Bel diz ter se lembrado de como Ângela foi uma referência para a sua mãe, Alexandra Corrêa, que também era atriz e que morreu aos 56 anos.

*

Depois, a atual intérprete de Maria Bruaca se concentrou no texto de Bruno Luperi, neto do autor da trama original, Benedito Ruy Barbosa. "Percebi que ele estava fazendo com o avô uma coisa que eu poderia fazer com Ângela também, que é reverenciá-la."

*

"E aí eu ponho o meu coração na coisa toda", acrescenta. A personagem, diz ela, tem também muito do humor da família do pai, de Ubatuba (litoral de São Paulo), especialmente da avó Jaci Teixeira.

*

"A história dela não tinha abuso como a de Maria Bruaca, mas a minha avó viveu para nós todos, a vida inteira. E era uma grande musicista, cantora, dançarina e uma piadista."

*

As mulheres da família, revela Bel, eram muito engraçadas e muito assanhadas. "Eu lembro que ela [a avó] cantava uma música que era assim: 'Subiu um rato pela perna da comadre / Veio o filho do compadre ver o que aconteceu / Tiraram a roupa da comadre, sacudiram e mesmo assim não descobriram onde o rato se escondeu", cantarola. "Tinha essa malícia... Onde é que o rato se escondeu se ele subiu pelas pernas da comadre, né? Minha avó tinha esse humor safado", diz, entre risos.

*

Em "Pantanal", um dos momentos que se tornaram memes é quando Bruaca diz para Alcides (Juliano Cazarré), com quem trai o marido, Tenório (Murilo Benício): "Não sabia que você andava armado", em referência ao volume em sua calça. O peão responde que é apenas a fivela do cinto. "Fivela de respeito", rebate a personagem, levando a internet ao delírio.

*

É ao falar sobre Maria Bruaca que Bel se lembra do período em que foi 'aqualouca'. Na história, ao descobrir a traição do marido, a personagem dá uma virada e deixa de ser submissa a ele.

*

Mas o processo não é simples, pondera a atriz. "Todo o mundo fala assim: 'Põe um cropped, mulher, e reage'", afirma, citando outro meme das redes. "Tudo bem, eu posso colocar porque eu quero."

*

"Mas no momento em que você está sozinho no seu quarto, que você fala: 'Caramba, eu vivi 30 anos numa história que todo dia eu fazia tudo sempre igual e hoje eu vou acordar e não vai ter aquilo: que medo desse abismo."

*

É neste salto para o desconhecido em que se encontra Bruaca. Sensação semelhante à de pular de um trampolim de dez metros na piscina, compara ela. "Você dá o primeiro passo e não tem volta."

*

"E aí você pula e tem que se reorganizar no ar, porque se você cair na piscina de barriga, você pode se cortar inteiro. Você tem que reorganizar todo o seu sistema de forças para cair do jeito que você quer. Isso é um treino, né."

*

Para Bel, é por isso que Maria Bruaca gera tanta identificação com o público. E, assim como na vida real, o percurso da personagem não é linear, mas curvo e cheio de idas e vindas.

*

A atriz avalia que mostrar essas falhas, erros e acertos não só de Bruaca, mas dos outros personagens da novela, é um dos segredos do sucesso de "Pantanal", especialmente em tempos tão polarizados — palavra, aliás, que ela diz estar cansada de falar. "É muito bonito que a novela como um todo está mostrando que não é oito ou 80. E que a gente aprende pelo erro, que a gente aprende pela queda, que a gente aprende pelo perdão, que a gente aprende pela escuta", reflete.

*

Embora gravar a trama esteja sendo um trabalho intenso, ela conta que há espaço também para a diversão nos bastidores. Assim como os atores da primeira versão que improvisaram uma boate na sala da fazenda em que ficavam hospedados no Pantanal, Bel afirma que eles também têm a sua "Tuiuiú Dance". "Só que a nossa está espalhada por várias fazendas", diz.

*

"Eu sou uma pessoa da alegria, da vida, da dança. Na minha casa era sempre festa. Mas eu não dançava há um bom tempo, e voltei por causa da novela", afirma. "É um dançar porque a gente está celebrando, porque a gente está trabalhando muito e, às vezes, é bom você chacoalhar o corpo de outro jeito", diz. Segundo a atriz, os DJs da turma são os atores Jesuíta Barbosa, Cazarré e o assistente de direção Rafael Cabral.

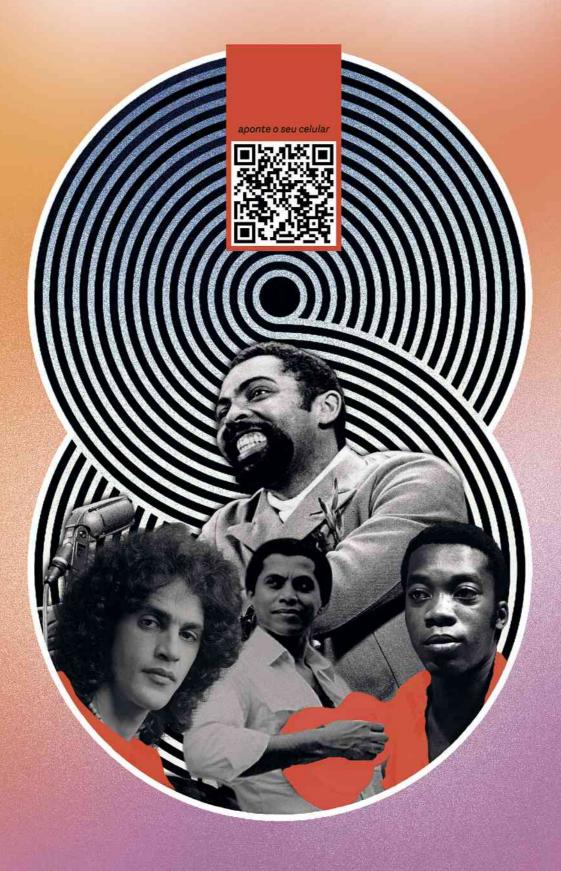
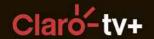
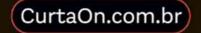
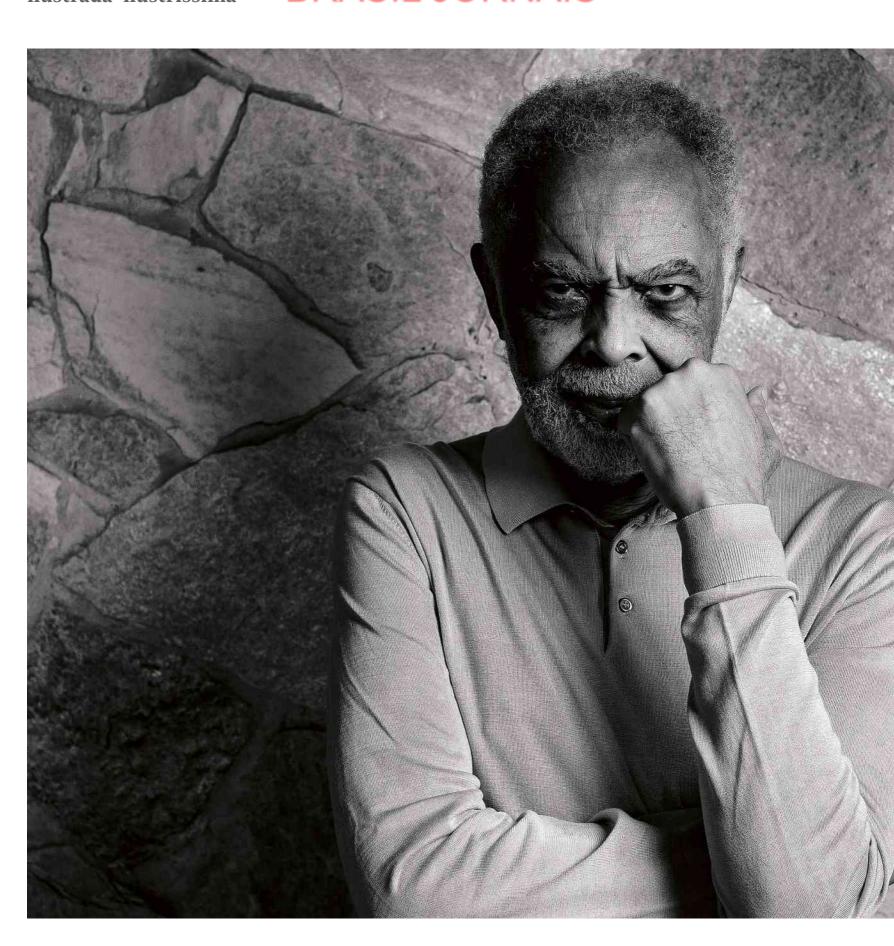
*

Bel se define como uma atriz independente, que é capaz de produzir uma peça do começo ao fim, aprendizado que teve com os artistas Regina Braga e Renato Borghi. "A Regina, ela escolhe o que fazer, não espera ser chamada. E isso é a grande liberdade de um ator enquanto artista. Se você tem essa vontade de falar, tem que ser um ator produtor. Eu virei uma atriz produtora", afirma ela.

*

Em seu ateliê em sua casa, ela mantém vários outros projetos, como o da editora Fora de Esquadro. "É uma editora fora da curva, porque são livros de tiragem muito limitada e que eu os faço do começo ao fim."

*

Enquanto segue alimentando os seus projetos autorais, Bel afirma estar aberta a outros trabalhos no audiovisual. E diz que adoraria fazer uma outra novela que fosse uma obra aberta, diferentemente de "Pantanal", em que os destinos dos personagens já são conhecidos desde o início. "Eu adoraria jogar esse jogo, de não saber direito o que vai acontecer e de ir sentindo o público. Acho que seria muito legal sambar esse samba."

Andar com fé

[RESUMO] Em entrevista, Gilberto Gil fala de seus 80 anos, que completa neste domingo (26), relembra suas influências musicais e a tomada de consciência racial, comenta o impacto da tropicália em sua vida e na cultura do país, declara sua admiração por Lula, FHC e Ciro e reafirma sua fé no Brasil, a despeito da turbulência atual

Por *Claudio Leal*
Jornalista e mestre em teoria e história do cinema pela USP

O tropicalista Gilberto Gil chega aos 80 anos neste domingo (26) dominado por "um sentimento de bondade radical". Na Alemanha, seguido por esposa, filhos, netos e bisnetos, o patriarca dos Gil festeja o aniversário no palco, abrindo a turnê familiar "Nós, a Gente".

Um dos músicos mais virtuosos da geração surgida nos anos 1960, Gil deu impulso ao movimento tropicalista com seu desejo de integrar a música popular brasileira aos acontecimentos estéticos internacionais.

Sua trajetória de seis décadas contempla a música, a política e a militância negra e ambientalista. O tropicalismo, a prisão, o exílio em Londres, a aproximação com o rock inglês e a integração estilística da bossa nova com o baião foram estágios de seus anos de vanguarda.

Depois dos choques tropicalistas, ele não deixaria de renovar suas experiências estéticas e pessoais, ilustradas pela tendência ao orientalismo e à africanização nos anos 1970, pela trilogia Re ("Refazenda", "Refavela" e "Realce"), pelo mergulho no pop oitentista, pela apologia da internet e das novas tecnologias, pelo tributo ao baião e ao reggae, pelo embarque no Ministério da Cultura (2003-2008), no governo Lula, e pelo ingresso na ABL (Academia Brasileira de Letras), envergando o fardão satirizado na capa de seu disco de 1968.

"Com o passar do tempo, foi ficando melhor viver", reconhece Gil, perto de começar mais um ensaio com a família. A nova turnê percorre Alemanha, Dinamarca, Marrocos, Itália, Eslovênia, França, Suíça, Espanha, Bélgica e Inglaterra.

Dentro do conjunto de celebrações, o Google abriu um museu virtual dedicado ao músico, e a Amazon Prime Video lançou a série "Em Casa com os Gil". A edição ampliada de "Todas as Letras" (Companhia das Letras), organizada por Carlos Rennó, também chega às livrarias.

Nesta entrevista, Gil conversa sobre a velhice, sua formação musical, os retrocessos políticos do Brasil, sua visão de Lula, Ciro e FHC, a tropicália, a relação com o pai, sua consciência racial e suas reflexões existenciais.

*

Você completa 80 anos neste domingo (26) e celebra a data em uma turnê familiar. Você passa a impressão de que é bom viver. Tem sido assim em sua experiência? Ao longo da vida, da infância para a adolescência, depois para a vida adulta e agora para a velhice, vai ficando cada vez melhor viver. Pela acumulação das experiências. Fica como condição central. Só é isso que a gente tem. É a vida. Todas as nossas intervenções são no sentido de melhorá-la. Nós não conseguimos sair desse ovo áurico da condição existente. Com o passar do tempo, foi ficando melhor viver. Porque também a gente não tem a experiência de não viver. A alternância entre viver e não viver não existe. Só cabe enriquecer esse viver. Não há alternativa.

Você é uma vertente do violão brasileiro e se tornou um mestre tanto quanto seu mestre maior, João Gilberto... Sonhei com ele nesta noite. Ele em um apartamento que era meu ou de algum amigo, promovendo uma sessão de gravação, onde ele tinha uma convidada. Ele experimentava um estilo completamente diferente do que foi a bossa nova e todas as experiências que ele fez com o violão. Um violão completamente diferente, surpreendente [risos].

E como define seu próprio estilo no violão? É eclético. Começou com a bossa nova. O primeiro desafio que eu enfrentei foi a decifração da batida do samba feita por João. Foi uma dificuldade que só se resolveu quando intuí que aquele violão de João era baseado no baião. No samba também, mas especialmente no baião. Talvez tivesse também minha própria presença na elucidação dessa questão. Eu já era muito impregnado pelo baião, e facilitou o fato de eu descobrir que João também era. A junção do estilo do baião ficou explícita na introdução do "Expresso 2222" (1972). Ficou como uma marca dessa minha capacidade de compreender o baião no violão.

Depois veio a incorporação de outros estilos. O afro-cubano, muito importante, a rumba e todos os gêneros derivados daquele mundo ali de Cuba, Porto Rico, América Central. Em seguida, vieram as influências americanas, que começaram com as orquestras de Duke Ellington, Count Basie e Glenn Miller.

Continua na pág. C5

Gilberto Gil em seu estúdio na estrada da Gávea, no Rio
Eduardo Anizelli/Folhapress

Continuação da pág. C4

Depois, vieram as influências do jazz. Eu já extrapolava a coisa das orquestras, porque tinham as personalidades insinuantes, como Miles Davis.

Os cantores, os intérpretes americanos me influenciaram muito com a capacidade de percorrer labirintos nas melodias, nas canções, com a influência do canto negro, da África. Aí chega o rock and roll e os estilos mais contemporâneos, americanos.

A tropicália acaba sendo um filtro? Um filtro de tudo isso com a última corrente do rock and roll revisto pela Europa, pela Inglaterra. Beatles, Stones, Traffic, aquele mundo todo. Finalmente, uma visita obrigatória que eu fui fazer ao folk baiano, pernambucano, nordestino, com o samba de roda, as modas nordestinas. Deram nesse estilo. É um percurso longo e variado.

As canções tropicalistas —as suas, de Caetano, Torquato, Capinan e Tom Zé— manifestaram a crítica social de uma forma inovadora na música popular. Ao mesmo tempo, os tropicalistas não se afastaram de uma visão utópica das possibilidades do país. Com um presidente de extrema direita e o agravamento das desigualdades, da fome e da violência, como fica a sua fé tropicalista no Brasil? A mesma. Não mudou nada. O que a gente tem sido levado a observar é um desenvolvimento natural do Brasil no mundo, um diálogo permanente entre o Brasil e suas origens, seus destinos insinuados a partir desse amálgama, dessa reunião de aspectos civilizatórios vindos da Europa, da África, da Ásia, de todos os lugares. O Brasil talvez seja, das nações grandes, a mais exuberante nesse sentido.

Isso é irremovível. Não há como cancelar. Não há um cancelamento possível do Brasil. Como é cada vez mais integrado na questão mundial, ele é afetado também por esses processos transformadores em outros lugares do mundo. O destino do mundo é o destino do Brasil, o destino do Brasil é o destino do mundo. O Brasil continua. A Bahia está viva ainda lá, como diria Caymmi.

Lula é o candidato com mais força eleitoral para enfrentar Bolsonaro. Você foi ministro da Cultura do governo Lula, entre 2003 e 2008, e renovou agora seu apoio a ele. Como foi sua recente conversa com Lula, no Rio? Você reconheceu mudanças no olhar dele sobre o país? Eu não sei se poderia arriscar dizer que percebi mudanças. Sem dúvida, ele se manifesta, hoje, politicamente mais aberto. Ele pertence a um partido de esquerda operária à feição do Labour inglês e de outros partidos operários, como os da Itália, da França, mas com muita influência da América Latina, dos grupos políticos que se juntaram em partidos. Ele é egresso dessa fonte. Não sei em que medida ele teria condições de se "transformar", para usar entre aspas essa palavra, em um agente mais contemporâneo.

Ou pelo menos pacificador do país? Isso sim. Isso é um dado político evidente nele, que poderia ser considerado como uma novidade. Porque ele está se defrontando com a realidade do Brasil. A realidade do mundo é a realidade do Brasil. Ele sabe que tem uma extrema direita ou uma direita irascível, que surgiu no mundo e no Brasil, com uma representação cada vez mais forte.

Ele sabe que a identidade brasileira e a identidade progressista da sociedade mundial não se coadunam com esse tipo de visão. Ele sabe que o mundo quer um andamento natural de movimentos de centro-esquerda. Ele sabe que o PT precisa representar cada vez mais isso.

Ele tem noção natural do respeito que tem que ter a outras formulações político-ideológicas que surgiram no Brasil e no mundo. Agora, a persona política dele é ligada às suas origens. Não vejo como ele mudar nesse sentido.

Você mantém um diálogo próximo também com FHC? Sim, sempre mantive. Sempre tive admiração por ele. Sempre apreciei o fato de que um homem com um grau razoável de ilustração viesse a se tornar chefe de Estado no Brasil e viesse a estimular a continuidade das mudanças. Foi a Presidência dele que propiciou logo depois a chegada de um partido operário ao poder. Um homem razoável, de diálogo.

Tenho muita admiração por Ciro também, pela capacidade da reteorização das questões da sociedade mundial e do Brasil. A releitura que ele faz das mazelas brasileiras, das omissões das elites, dos déficits na questão da abolição, da distribuição da riqueza talvez seja, do ponto de vista de uma nova visão teórica, a manifestação mais expressiva que a gente tem hoje no Brasil. Sinto muita pena que essa nova visão teórica do Ciro não esteja a serviço de toda a esquerda, toda a centro-esquerda brasileira.

Seu livro "Todas as Letras", organizado por Carlos Rennó, demonstra o quanto as distopias e utopias tecnológicas estão presentes em sua obra, de "Lunik 9" e "Cérebro Eletrônico" a "Parabolicamará" e "Pela Internet". Como avalia a transformação do debate público pelo mundo digital? Os hippies estavam certos na desconfiança com as sociedades tecnológicas? Em uma certa medida, sim. Porque eram grupos utópicos radicais. Eles queriam a transformação definitiva do mundo em um grande aglomerado edênico. Eles tinham o éden na cabeça, no coração. Eles queriam paz e amor. Eles queriam a abolição definitiva do mal.

No entanto, o mal emergiu. O mal está aí. Não há um éden possível. Não é isso que a sociedade humana pode construir na Terra. O que ela pode construir na Terra é o projeto da compreensão permanente do jogo entre o bem e o mal, das forças positivas e negativas do diálogo. Por isso, há necessidade cada vez maior de debate, e é isso que as redes sociais e esse mundo eletrônico têm estimulado, com a presença permanente de todas essas vozes, mas com a prevalência desse deslocamento para o horizonte de mais beleza, bondade e justiça.

"Expresso 2222" completa 50 anos. Quero fazer uma provocação. Nesse álbum, você desenvolve mais plenamente seu intuito de integrar a cultura popular brasileira ao pop internacional que em seus álbuns tropicalistas de 1968 e 1969? Eu tenho dito reiteradamente que a fase londrina, a experiência de Londres, do exílio, da pós-prisão, representaram uma plenitude do tropicalismo que não foi possível obter enquanto o tropicalismo esteve aqui vigente como movimento. Pelo menos no meu caso —acho que também no caso de Caetano, de Tom Zé e da Rita Lee e tantos outros—, foi o pós-tropicalismo que deu margem à plenitude, à realização mais plena de exercícios mais abertos de linguagem musical e poética.

O tropicalismo foi um escândalo que abriu esses caminhos? É. Aquela coisa da minha palestra lá na ABL sobre a tropicália [em 14 de abril deste ano], da questão do meu canto...

Sobre o que Hélio Oiticica falou de sua voz estourar? Hélio Oiticica fala e eu me refiro a ter assumido muito daquela compreensão que ele teve sobre meu modo de cantar e ter levado isso adiante em dosagens variadas. Eu responsabilizo inclusive isso pelo comprometimento de minha corda vocal [risos].

Em seu show mais recente, você conseguiu estabilizar a sua voz, depois daquele problema com as cordas vocais. Consegui uma voz madura, uma voz de serviço, como eu costumo dizer. Uma voz que serve à prática de um modo médio de manifestação vocal. Acho que sim. Porque adotei disciplinas rigorosas no sentido de conservação do restante das cordas vocais.

No tropicalismo, Caetano se pronunciou mais que você sobre as manifestações tropicalistas em outras artes, como cinema, teatro e literatura. Há uma certa lacuna em suas entrevistas. Na conferência sobre a tropicália e a antropofagia, na ABL, você falou um pouco disso. Gostaria de saber como você recebeu em sua formulação pioneira do tropicalismo o filme "Terra em Transe", de Glauber Rocha, a encenação de "O Rei da Vela", no Teatro Oficina, e se leu o livro "PanAmérica", de José Agrippino de Paula. Sim, tudo isso. Mas tudo através do filtro do Caetano. Caetano era intelectualmente e existencialmente aderente a todo esse campo de experimentalismo no teatro, no cinema —às novas correntes, ao neorrealismo italiano, à nouvelle vague francesa, ao cinema novo brasileiro.

Eu era distante de tudo isso. Cinema para mim era diversão pura, era ir para o Guarany, para o Liceu [salas de Salvador], para os cinemas ver o maior número possível de filmes. Eu adorava os filmes de caubói, de guerra. Eu não tinha ainda, antes de conhecer Caetano, o interesse. Nem pelo teatro, nem mesmo pela literatura, nem pela poesia.

Imagino que, assim como Caetano, você não viu a instalação "Tropicália", de Helio Oiticica, em 1967, no MAM do Rio. Não, só vi quando ela foi reinstalada na comemoração dos meus 20 anos de carreira. Por iniciativa do Waly [Salomão], se reinstalou a "Tropicália" entre os vários ambientes que criaram o "environment" dos 20 anos. Só ali eu vi. Era uma reinstalação fiel, mas precária.

Como pensa hoje na figura de seu pai, José Gil? Aos 80 anos, você se tornou também um patriarca, com filhos, netos e bisnetos. A memória de seu pai teve peso em sua decisão de entrar para a Academia Brasileira de Letras? Acho que sim. Ele representando um homem profissional liberal, de formação liberal, muito cioso da questão da institucionalidade. Uma academia de letras e cultura é uma coisa que sempre esteve no horizonte de uma pessoa como ele. Ele se esforçou muito no sentido de que eu me tornasse um profissional liberal com formação acadêmica. Acabei me transformando em um profissional liberal em uma profissão moderna, pós-moderna.

Ele sonhava que eu fosse um médico, advogado, engenheiro. Então, na fase da velhice, tem um espaço para a satisfação, na medida do possível, dos sonhos de realização dele para o filho. É um pouco isso. Além de ter também a aprovação de pessoas próximas, de gente da família, de colegas que são acadêmicos e da minha geração.

E a questão da presença negra na ABL? Também teve uma influência. Foram fragmentos de muitas pequenas e grandes coisas que me fizeram acabar aceitando a ideia da Academia.

No texto "Recuso + Aceito = Receito", de 1969, de recusa ao prêmio Golfinho de Ouro por "Aquele Abraço", você manifestou, a meu ver pela primeira vez, de forma aberta, sua inquietação com o racismo e com a definição de lugares subalternos para o negro no Brasil. Esse é um momento importante do estalo de sua consciência racial? Sem dúvida. É o tropicalismo, o final do tropicalismo, o exílio e o convívio com um grupo especial de brasileiros devotados às vanguardas que me dão consciência mais profunda de problemas brasileiros, entre os quais a questão negra, do racismo, da insuficiência do abolicionismo para dar conta desses problemas. A necessidade de uma continuação do abolicionismo contemporâneo. Tanto é que só na volta do exílio que eu vou conhecer o candomblé. E tem a viagem pra África.

Como avalia o impacto da lei de cotas, sancionada há dez anos no Brasil? Não tenho condições de fazer uma avaliação muito rigorosa da lei. Sei pelas notícias, pelas estatísticas, que tem sido positivo, tem cumprido a sua missão. Eu tenho me mantido favorável às cotas desde o início até hoje. Não arredei da minha crença de que as cotas acabam tendo um papel mais positivo que negativo.

Nos anos 1970 e 1980, em sua figura pop, você ressaltou aspectos de feminilidade que, certamente, todo homem traz em si. Caetano e Ney Matogrosso também fizeram isso. O visual e as palavras dos tropicalistas influenciaram muitos homens e mulheres na aceitação das liberdades e diversidades sexuais. O questionamento dessas fronteiras da sexualidade entrou de forma consciente, deliberada, em seu projeto artístico? Depois de um certo tempo, sim. Na fase tropicalista e no imediato pós-tropicalismo, sim. Porque já muito influenciado pela adoção de uma noção de androginia. Toda a coisa hippie, toda a contemporaneidade da juventude mundial. A ideia do andrógino foi fundamental. O andrógino é o feminino e o masculino ao mesmo tempo. Não há separação possível.

Chico Buarque e Caetano lançaram dois sambas em resposta à situação no país, "Sem Samba Não Dá" e "Que Tal um Samba?". Quando é que vem o seu samba? O meu já está no próprio hibridismo que eu expliquei no começo da conversa. A fase última das adesões ao folk. Eu tenho muito de samba no meu modo de abordar outros gêneros ou gêneros mistos. O samba puro eu não sei até que ponto, principalmente porque a base principal do meu samba é a baiana, não é nem mesmo a carioca. O samba baiano de roda é o meu samba principal. Mas toda hora aparece um "Andar com Fé". Tem muito samba no meu trabalho. Mas samba especificamente samba, com essa titulação específica, talvez daqui a pouco. Eu tenho vontade de fazer.

Em 2017, no período em que se recuperava de uma fase de internações hospitalares, você tocava muito "Cores Vivas", sozinho, em seu apartamento na Bahia. Esse questionamento sobre o destino, a vida e a morte continua a te inquietar agora, em uma fase de boa saúde? Na fase da velhice, as coisas são vistas extrapolando suas particularidades. O amálgama existencial alcança a questão intelectual, dos sentimentos, dos valores, da moral. Tem toda uma diafanização da vida, que é característica do terceiro momento da existência. ←

> **Ao longo da vida, da infância para a adolescência, depois para a vida adulta e agora para a velhice, vai ficando cada vez melhor viver. Pela acumulação das experiências. Fica como condição central. Só é isso que a gente tem. É a vida. Todas as nossas intervenções são no sentido de melhorá-la**

Tempo rei

[RESUMO] Mais de 50 anos após a irrupção do movimento que ajudou a fundar, Gilberto Gil atinge o seu auge com texto 'Antropofagia e Tropicália', proferido em discurso após a sua posse na Academia Brasileira de Letras, que marca a mais importante reflexão crítica do compositor sobre a sua participação no tropicalismo e sua adesão ao credo modernista

Por **Claudio Leal**
Jornalista e mestre em teoria e história do cinema pela Universidade de São Paulo

O verdadeiro discurso de posse do compositor Gilberto Gil não aconteceu em 8 de abril, no salão do Petit Trianon, na Academia Brasileira de Letras.

No dia 14, para uma plateia menor, no auditório da instituição, o novo acadêmico apresentou um texto autobiográfico mais abrangente no ciclo de palestras sobre o centenário da Semana de 1922. Com 16 páginas, a conferência "Antropofagia e Tropicália" é a mais importante reflexão textual de Gil sobre o tropicalismo e sua "conversão ou adesão ao credo modernista".

Na plateia, a presença de Caetano Veloso criou um diálogo implícito entre os dois líderes musicais da tropicália. No livro "Verdade Tropical", Caetano construiu um ensaio sobre o ciclo vanguardista de sua geração e a aproximação da antropofagia de Oswald de Andrade com a poesia concreta dos irmãos Campos e Décio Pignatari no processo de mudanças da música popular e de transformações das artes.

Sem desenvolver um ensaísmo em paralelo aos discos, a produção crítica de Gil sobre a experiência tropicalista teve seus pontos altos em entrevistas. Algumas delas foram reunidas nas coletâneas "Expresso 2222", de 1982, e "O Poético e o Político", de 1988, nos anos de sua aliança programática com o antropólogo Antonio Risério, e depois em "Disposições Amoráveis", de 2015, coordenado por Ana de Oliveira, ou nos comentários a suas canções no modelar "Todas as Letras", organizado pelo letrista Carlos Rennó.

Publicado em 1970 no semanário Pasquim, o artigo "Recuso + Aceito = Receito" tem lugar central. Ele nasceu da recusa ao prêmio Golfinho de Ouro, que foi conferido a ele pelo Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro em reconhecimento a "Aquele Abraço".

Gil mandou o golfinho voltar para as águas tranquilas de sua insignificância. "Aquele Abraço" não deveria soar como uma superação do tropicalismo. O texto inaugurou, sem nuances, a afirmação de sua identidade racial.

"E que fique claro para os que cortaram minha onda e minha barba que 'Aquele Abraço' não significa que eu tenha me 'regenerado', que eu tenha me tornado 'bom crioulo puxador de samba' como querem que sejam todos os negros que realmente 'sabem qual é o seu lugar'. Eu não sei qual é o meu e não estou em lugar nenhum", disse em 1970. Ali estava condensado o Gil bom de briga e de verbo.

O centenário da abolição da escravatura, em 1988, o motivou a escrever outros dois textos centrais em seu pensamento sobre a negritude, "Abo/lições" e "Reabolição", nos quais defendeu a validade das celebrações em torno da Lei Áurea. Com atraso de décadas, o texto "Antropofagia e Tropicália" cumpre um exame conceitual, e por escrito, de seu papel na gênese do tropicalismo.

Gil dividiu a conferência da ABL em quatro partes. "Eu Vi" aborda os anos pré-tropicalistas; "Outros Viram Daqui" comenta as visões de Hélio Oiticica, Augusto de Campos, Hermano Vianna e Antonio Cícero; "Outros Viram de Fora" passeia pela crítica estrangeira; "Eu Ainda Vejo" condensa seu olhar retrospectivo sobre a intervenção antropofágica em 1967 e 1968, articulando ideias de Caetano, do cineasta Glauber Rocha e do ensaísta da contracultura Luiz Carlos Maciel.

Num trecho, reconhece um herdeiro direto do movimento. "O discurso metafórico e híbrido da música no mangue beat, em particular, são reminiscências de experimentos em música e desempenho no coração da tropicália."

Três passagens do texto são instantes raros, até certo ponto inéditos, de seu pensamento. Gil explicita sua sensibilidade pré-tropicalista, assume sua liderança inicial na proposição do tropicalismo e escancara o impacto do exílio em seu ser e sua estilística.

O compositor celebrou as influências de Luiz Gonzaga e Caymmi e ressaltou o peso das cantoras da Rádio Nacional, dos Anjos do Inferno, do Bando da Lua, do Trio Irakitan, da Orquestra de Severino Araújo. O garoto se interessava por Inezita Barroso, Waldir Azevedo, Jacó do Bandolim, Orlando Silva, Nelson Gonçalves, Ângela Maria e Cauby Peixoto.

Dois nomes obscuros aparecem nos primórdios — "o violão de Codó e a guitarra elétrica de João da Matança nas noites da cidade da Bahia". Na matriz baiana, Gil relembrou o samba-blues de Batatinha, o trio elétrico de Dodô e Osmar e "a pulsação mântrica" do bloco Filhos de Gandhy.

Mais surpreendente, mencionou a cantora lírica peruana Yma Sumac e o cantor chileno de boleros Lucho Gatica. "Os fados de Amália Rodrigues; os corridos portugueses e os pasodobles espanhóis; os chansonniers e os acordeonistas franceses; a música ligeira italiana (Domenico Modugno); Glenn Miller e Count Basie, Elvis Presley e Harry Belafonte."

A modernidade se insinuava no contato com a música atonal, serial e dodecafônica das vanguardas europeias e americanas. Esses artistas e vertentes da música popular brasileira e internacional formaram a sensibilidade de Gil antes da bossa nova de "Chega de Saudade", em 1958.

"Até que chega o tempo de apreciar uma música nova, mais intrigante, mais surpreendente, mais instigante, 'une autre musique', uma 'música além', uma música 'nova goma de mascar', nova textura, novo sabor. E acho que isso começa com João Gilberto, o agente mais próximo pelo samba e pela fala, de uma outra maneira de enxergar o som, de mastigar a música", disse Gil.

Ele rememorou sua viagem a Pernambuco e o arrebatamento com a Banda de Pífaros de Caruaru, irmanado ao impacto de "Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band", dos Beatles.

"Emergia ali naquele encontro entre a tradição medievalesca dos pífaros e a vanguarda popular contemporânea dos Beatles um impulso de aproximação irrecusável entre aquelas manifestações em todos os sentidos extremas", analisou.

"Convoquei vários colegas a refletir e esboçar um projeto de modernização da nossa canção popular. Alguns se sensibilizaram e com eles começamos os rascunhos daquele movimento que viria a ser chamado de tropicalismo."

"A antropofagia do Oswald se manifestava no anseio de transformar e transfigurar aquele novo corpo cultural que necessitava pelo menos de outras pernas e braços — que a cabeça já era outra."

No diálogo mais recente com o amigo, Caetano vinha ponderando que Gil atenuava a importância de seu gesto na erupção do movimento. "Sem Caetano, talvez a tropicália não existisse; comigo, não existiria", disse Gil a este jornal, nos 50 anos do movimento.

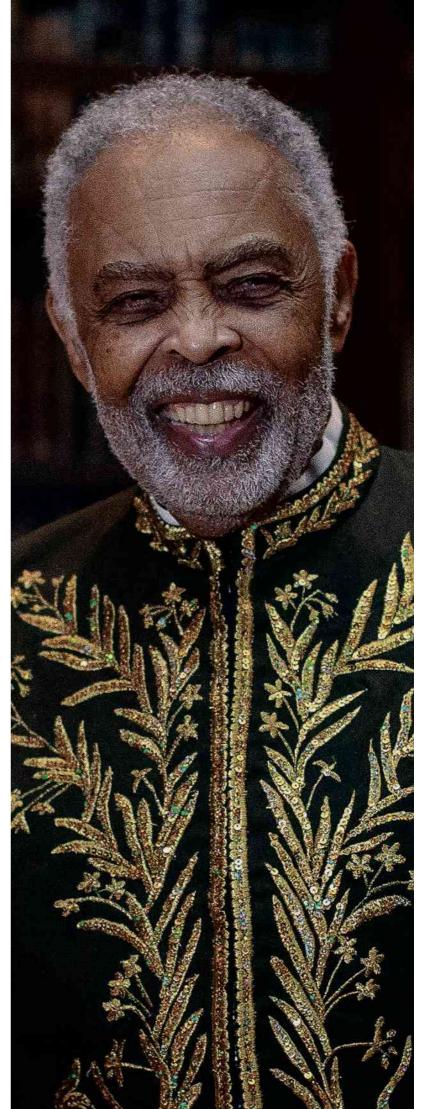
Gil é o músico brasileiro mais engenhoso de sua geração, explorador de uma vertente pessoal do violão, dotado o suficiente para ombrear seus mestres. De outro lado, nenhum artista surgido nos anos 1960 enfrentou mais do que ele os perigos da institucionalização da vanguarda. Ele esticou a sua proposição tropicalista de entrar em todas as estruturas e sair de todas elas, da Câmara de Vereadores de Salvador ao Ministério da Cultura. A ABL surge como um estágio "nesse itinerário da leveza pelo ar".

Na palestra, reconheceu sua angústia em apressar o fim do movimento, se assumindo incapaz de suportar todos os conflitos estéticos, pessoais e geracionais. Ele considerava a modernização da música brasileira uma tarefa cumprida.

"Atormentado por uma insistente premonição de que aquilo tudo poderia trazer muitos danos existenciais, com muito sofrimento para o qual não me considerava preparado, ansiava pelo fim daquela jornada ou, pelo menos, com uma diminuição considerável daquela tensão."

Nesse ponto são nítidas as suas diferenças com as personalidades de Caetano, Oiticica, Augusto de Campos, Glauber Rocha e Tom Zé, que não veem a vanguarda como um corte provisório, mas, sim, contínuo no sistema cultural. Gil preservou, entretanto, "o interesse em manter alguns resíduos de experimentalismo no trabalho de composição e arranjo de canções".

Perto do fim, ele avaliou as mudanças trazidas pelo exílio.

"Deixariam marcas indeléveis na minha carapaça existencial; na formação do meu caráter; na tipologia da minha individualidade", disse. "Ao mesmo tempo em que acentuaria, no artista, um gosto pela expressividade aberta; uma busca do prazer e da alegria no arrebatamento histriônico da performance; o arrojo e o destempero vocal — que Hélio Oiticica elogiara e saudara naquele seu artigo de 1967 — e que eu carregaria no meu canto para o resto da vida até arrebentar de vez com uma das minhas cordas vocais." ←

Gilberto Gil em sua cerimônia de posse na ABL Eduardo Anizelli/Folhapress

Cintilância para além da noite escura

[RESUMO] Em artigo, Gilberto Gil descreve a origem de seu interesse pela ciência, comenta os desafios comuns de cientistas e artistas em desbravar novos mundos e defende a união de ciência e cultura em um projeto arrojado que beneficie não apenas o Brasil, mas toda a humanidade

Por ***Gilberto Gil***
Cantor e compositor, foi ministro da Cultura (2003-2008, governo Lula)

Desde pequeno, me interesso por ciência e tecnologia. Em Ituaçu, no interior da Bahia, onde passei a infância, acompanhava por revistas ilustradas e pelo rádio as revoluções tecnológicas do período, ao mesmo tempo que via meu pai médico e minha mãe professora primária se dedicarem a seus ofícios de cuidar e ensinar.

Não canalizei esse deslumbramento pela ciência a uma carreira profissional, como tantas crianças que, apaixonadas por robôs e viagens espaciais, se formam engenheiras, físicas ou matemáticas.

Acabei construindo uma trajetória na música, mas nunca deixei de me encantar com a capacidade humana de esquadrinhar os mistérios do universo e produzir discursos, imagens, teoremas e técnicas para compreender as dimensões da vida e do cosmos, do qual somos uma ínfima parte, se bem que imensamente curiosa e questionadora.

O ser humano é um ser de perguntas, mas também se empenha em criar sistemas que procuram respondê-las. Essa é a essência da ciência, mas também da cultura de um ponto de vista mais amplo.

Ciência e arte, embora distintas, se entrelaçam, penetram nessas frestas que o universo e a condição humana nos apresentam sob a forma de mistérios. São linguagens e sistemas que, movidos pelo fascínio do novo e pela ebulição do conhecimento, perseguem a busca por novos modos de imaginar o mundo, uma busca que se reveste de enorme sofisticação e especificidade na prática científica, mas que surge da matéria ordinária de que é feito nosso cotidiano.

A física quântica foi uma das descobertas que me atraíram enquanto observador dos fazeres e saberes científicos. Esse ramo da ciência, que inspirou meu disco "Quanta" (1997), é a busca de mais de um século por uma linguagem que dê conta do absurdo do mundo nas minúsculas escalas subatômicas, sem a qual é impossível entender a enormidade do cosmos.

As equações e a famosa metáfora do gato de Schrödinger, o problema da incerteza elaborado por Heisenberg e a longa disputa que se iniciou entre os gigantes Albert Einstein e Niels Bohr —debate que passa por modelos matemáticos divergentes até elaborações teológicas sobre os princípios de ordenação do universo— colocaram em jogo o equilíbrio entre a precisão das leis físicas clássicas e o abismo criativo da incerteza moderna.

Para mim, a obstinação dessas mentes científicas em pensar o impensável, teorizar sobre a vida das ondas-partículas em escalas abismalmente distintas daquelas dos objetos triviais, toca em desafios que são também a matéria-prima da arte, da cultura, da filosofia ocidental e oriental: inventar linguagens novas com base naquelas que já circulam, criar mundos distintos, mas que convivem com nossa vida corriqueira, imaginar outros mundos possíveis e novas maneiras de nomear esses mundos, transformar a vida dos sujeitos a partir de novas formas de dizer o universo.

Do mesmo modo, a ciência é parte da cultura, se por cultura entendemos não um conjunto de obras canonizadas segundo uma régua histórica de desigualdade, mas como uma constelação dinâmica na qual se inscrevem os atos criativos de um povo. E a tecnologia é o encontro da ciência com o terreno das práticas culturais as mais diversas, propiciando a transformação de como organizamos nossa rotina individual e nossa vida coletiva.

A computação quântica, atualmente em gestação, é filha rebelde dos sonhos impronunciáveis de Heisenberg sobre a lógica fundamental que constitui a matéria e uma enorme promessa de reviravolta de todos os aspectos da nossa vida coletiva —em boas ou más direções.

Nossas tradições indígenas, ribeirinhas, quilombolas e dos demais povos da floresta demonstram na prática a potência dos saberes populares em premeditar e complementar, no tecido de suas vidas, as descobertas das ciências que nos últimos anos mostraram a calamidade da emergência climática. No ativismo de indígenas e jovens periféricos hoje, a grande inteligência do povo brasileiro se encontra com a ciência mais avançada e com a urgente política climática global

Essa busca por linguagens para expressar o novo ou de códigos para enformar o conhecido e o desconhecido são as questões de todo artista. Como músico, integrei uma geração e uma coletividade que se propôs pensar uma nova linguagem para a cultura brasileira que não fosse uma ruptura com a cultura popular ou erudita, mas que também abraçasse seletivamente novas influências e confluências do período.

A tropicália e todos os seus ramos e transposições posteriores são um capítulo primordial do entrechoque das culturas no Brasil. Foi a partir do encontro de ritmos africanos, instrumentos ocidentais, harmonias que circulavam nas Américas, instrumentos indígenas e estrangeiros, de saberes e sensibilidades que pudemos criar linguagens que expressassem um presente múltiplo e os futuros possíveis.

A ciência para o futuro exige esse tipo de encontro e de energia disruptiva. A história da ciência no Brasil ultrapassa as fronteiras das disciplinas e das instituições —ela se origina na etnociência dos povos indígenas, passa pelas observações astronômicas dos jesuítas, se difunde entre médicos e boticários, sangradores e curandeiros do Rio de Janeiro machadiano.

A ciência, à imagem do Brasil, é uma força em movimento que invade os mais diferentes corpos sociais e culturais, misturando raças, culturas e religiões. Sua institucionalização no século 20 foi certamente desigual, cerceada, com idas e vindas, mas ainda assim rebelde e brilhante.

De Oswaldo Cruz ao SUS, de Nise da Silveira ao ingresso de Davi Kopenawa na Academia Brasileira de Ciências, de César Lattes ao sequenciamento do genoma do coronavírus, a ciência se desenvolveu no território nacional, prosperou em centros de excelência e avançou a despeito de ataques e de sua desigualdade regional.

Ao tomar posse como ministro da Cultura, eu disse que "o Estado nunca esteve à altura do fazer de nosso povo, nos mais variados ramos da grande árvore da criação simbólica brasileira" —e isso também vale para a ciência.

O Estado, porém, mesmo se distante dessa mina preciosa de criatividade, sempre atuou como o indutor fundamental desse processo, por meio de políticas de ensino superior e de ciência e tecnologia, mas também em instituições como o SUS e o ICMBio.

Imaginar o futuro para o Brasil, e a partir do Brasil, é promover a urdidura entre as ciências mais avançadas e os saberes populares, entre a sensibilidade dos povos das florestas e a dos quilombos, entre os métodos dos cientistas sociais e a sabedoria das periferias, entre a ciência biomédica e o conhecimento que brota dos encontros no asfalto, na terra e na mata.

Somos um povo fundamentalmente sincrético, que sabe inventar o novo com base em tradições e signos a princípio contraditórios ou incongruentes, mas que em seu entrechoque permitem que surjam contribuições ao progresso mundial.

Nossas tradições indígenas, ribeirinhas, quilombolas e dos demais povos da floresta demonstram na prática a potência dos saberes populares em premeditar e complementar, no tecido de suas vidas, as descobertas das ciências que nos últimos anos mostraram a calamidade da emergência climática. No ativismo de indígenas e jovens periféricos hoje, a grande inteligência do povo brasileiro se encontra com a ciência mais avançada e com a urgente política climática global.

A cultura brasileira, cuja diversidade tem reconhecimento internacional, é o grande patrimônio do país, bem como nossos ecossistemas, que guardam em si a maior biodiversidade do mundo. E, no caso da Amazônia, é fundamental para qualquer possibilidade de imaginação de um futuro ao planeta.

Ao longo da pandemia, a adesão dos brasileiros à vacina foi um ato de resistência contra o negacionismo, uma prova de que os valores da ciência estão bem assimilados pela sociedade e sobrevivem aos ataques.

Se lembrarmos da auto-organização de comunidades periféricas brasileiras no começo da pandemia, que permitiu a milhares de famílias manter algum grau de isolamento, como prega a melhor ciência médica; se lembrarmos como, assim que as vacinas estavam disponíveis, o SUS foi capaz de rapidamente imunizar a população, podemos constatar que a ciência não precisa se mostrar alheia às vivências das pessoas, mesmo entre quem todo dia enfrenta as vulnerabilidades mais profundas.

Se, por um lado, com a pandemia a ciência se viu no centro do debate nacional, por outro, ela ultrapassa em muito a conjuntura: a ciência alimenta nossa sociedade das mais diferentes formas, é a força motriz de nosso futuro como humanidade.

A política científica tem que ser reconstruída e expandida. Ela deve ser maior que um ou dois ministérios, deve se organizar como um sistema cujos polos estejam mais interligados e com financiamento à altura do desafio de fazer avançar a ciência nacional.

É fundamental que pesquisadores disponham de recursos para tocar seus projetos, elaborar novas perguntas, engajar jovens cientistas em processo de formação, contratar pesquisadores que sejam valorizados com bolsas que lhes permitam total dedicação a seus projetos.

Uma política científica, assim como uma política cultural que reconheça o território e suas gentes, tem de apostar na capacidade de fazer florescer a inteligência local e na potencialização de redes transnacionais.

Quando ministro, tive a honra e o desafio de participar do processo de construção de uma rede de pontos de cultura que foram espalhados pelo país. Imagino que algo parecido poderia ser também aplicado à ciência e à tecnologia, com a disseminação, pelo território físico e pelos espaços virtuais, de pontos de dinamização do conhecimento local, de encontros improváveis, e de liberação das energias sociais hoje em grande medida represadas.

O momento de hiperbólica oclusão política que vivemos é um capítulo da longa história de tensão entre as forças retrógradas que negam nosso potencial como nação e as forças criativas que teimam em continuar existindo.

Precisamos superar essa tensão e pôr a cultura e a ciência no coração de um projeto de país. E isso não é apenas uma missão de políticas públicas: é um dos vetores urgentes de reinvenção do Brasil frente aos desafios climáticos, econômicos, sociais e humanos.

A responsabilidade pública pelo fomento da ciência é parte do projeto civilizatório não só para garantir um futuro ao Brasil, mas à humanidade, já que sem o Brasil é quase impossível que haja o humano. Promover e disseminar a ciência é um projeto cultural que aposta no melhor do humano.

No texto-manifesto do disco "Realce" (1979), eu disse que a ciência a serviço do país e de sua gente é "uma maneira de dizer a luz geral. Denominar o brilho anônimo, como um salário-mínimo de cintilância a que todos tivessem direito".

Esse brilho anônimo é mais intenso que os raios de Marie Curie e a luz funesta de todas as bombas atômicas: ele é o brilho da ciência e da cultura que nos ajuda a sair da noite escura. ←

Este artigo é parte de projeto que convida intelectuais, cientistas e formuladores de políticas públicas a pensar o papel da ciência na reconstrução do Brasil. Essa iniciativa é coordenada pelo Instituto Serrapilheira e pela Maranta Inteligência Política

Racismo, mentiras e homofobia

[RESUMO] Jornalista escreve que o deputado federal David Miranda (PDT), com quem é casado, passou a receber ataques racistas e homofóbicos por parte do que ele identifica como alas fanáticas do PT depois que decidiu sair do PSOL e apoiar Ciro Gomes, e não Lula, na eleição. Uma facção política que condena ofensas preconceituosas quando voltadas contra si, mas que não hesita em empregá-las contra adversários, é oportunista e hipócrita, afirma

Por ***Glenn Greenwald***
Jornalista e escritor norte-americano radicado no Brasil desde 2005. Em 2013, foi um dos jornalistas que, em parceria com Edward Snowden, levaram a público a existência dos programas secretos de vigilância global dos Estados Unidos em uma série de reportagens premiada com o Prêmio Pulitzer

Em 2018, entrevistei Marina Silva como parte de uma série que conduzi com os presidenciáveis. Ainda que eu já tivesse entrevistado inúmeros líderes no mundo todo, estava bastante empolgado para sentar e conversar com ela. Apesar de algumas diferenças políticas, sempre vi Marina como uma das figuras mais extraordinárias e inspiradoras da política mundial. Como alguém poderia vê-la de outra forma?

Tendo enfrentado uma vasta gama de privações e dificuldades na infância, Marina, através da determinação e força de vontade, passou de adolescente analfabeta à acadêmica respeitada, ambientalista sofisticada e uma liderança política de projeção nacional cuja vida pública serve de exemplo de honestidade, dignidade e integridade.

Eu comecei a entrevista perguntando a respeito de um dos momentos marcantes da campanha de 2018: uma discussão dramática com o então candidato Jair Bolsonaro sobre a retórica "politicamente violenta" que ele utilizou no debate presidencial que acabara de ocorrer.

Em sua resposta, Marina afirmou ver a candidatura de Bolsonaro como perigosa, mas logo virou a chave e atribuiu culpa ao PT por inaugurar o que chamou de "uma visão política que valoriza mais a cultura do ódio e polarização do que o debate".

Marina insistiu que o "gabinete de ódio" não surgiu com o bolsonarismo, mas com o PT. Ela lembrou as eleições de 2014, quando o PT, assustado com seu crescimento rápido nas pesquisas, tentou destruir sua candidatura não através de críticas à sua visão política ou a seus projetos, mas por meio de "um processo violento" alimentado por "mentiras e ódios", visando destruir o que ela, e qualquer pessoa, possui de mais sacrossanto: sua trajetória, sua história, sua biografia.

Ainda que eu compreendesse racionalmente seu argumento —vi em 2014 alguns dos ataques e mentiras preconceituosas contra ela—, havia parte de mim que estranhava o fato de Marina seguir insistindo nessa história tanto tempo depois

Hoje, entendo perfeitamente o sentimento dela. Nos últimos meses, vi esse mesmo setor do PT, a sua ala mais fanática e odienta, usar essas mesmas táticas de destruição pessoal para espalhar mentiras e tropos bem preconceituosos sobre meu marido, o deputado federal David Miranda (PDT-RJ), sobre nosso casamento e nossa família.

Tudo isso como forma de punir David pelo "grave delito" de deixar o PSOL em março deste ano e apoiar Ciro Gomes, e não Lula, no primeiro turno da eleição presidencial deste ano.

Em uma entrevista para a **Folha** no início deste mês, David disse que, caso Ciro não chegue ao segundo turno, embora acredite que chegará, não só votará em Lula como fará campanha todo vestido de vermelho. Para alguns segmentos petistas, porém, qualquer coisa menos que lealdade incondicional ao partido é considerada crime grave, passível de destruição total.

Ainda que eu acredite que essa ala mais tóxica e inescrupulosa do PT não represente a maioria do partido, trata-se de grupo bem organizado, articulado, que dispõe de vários blogs —e cuja mensagem tem amplo alcance.

Ainda que os membros mais proeminentes do PT e de outros partidos da base lulista, no Congresso e na mídia, não se somem a esses ataques, nenhum deles teve a coragem ou a integridade de denunciá-los ou repudiá-los, mesmo quando extrapolam qualquer limite da decência, da ética e/ou são repletos de preconceito.

Assim como ocorreu com os ataques baixos empregados contra Marina, David e tantos outros. As lideranças do PT parecem ou intimidadas por essa facção mais radicalizada ou aprovam tacitamente seu trabalho sujo.

Em um nível, esses ataques constantes e violentos de petistas contra David e contra mim são surreais. Por anos, quando David e eu estivemos no centro do furacão causado pela Vaza Jato —o trabalho jornalístico que permitiu que Lula saísse da prisão para se tornar o favorito nas eleições—, essa facção tinha somente elogios para nós dois.

Enquanto éramos vistos como aliados políticos, eles não só nos defendiam de ataques idênticos aos que agora lançam contra nós como denunciavam a homofobia, o racismo, o classismo e a xenofobia que os permeavam.

Agora, contudo, o tabuleiro está invertido. Meses de ataques pessoais e baixos desses setores do PT contra David —não contra seus posicionamentos políticos, mas contra seu caráter, sua pessoa e sua biografia— atingiram na semana passada o ápice com um tuíte extremamente preconceituoso que viralizou a ponto de suscitar uma matéria explicativa no UOL.

O que inicialmente chamou minha atenção nesse tuíte e me levou a respondê-lo não foi a referência extremamente homofóbica ao personagem seu Ladir, de um show da Globo exibido há quase 20 anos. Eu nunca tinha ouvido falar desse programa e foi só quando li a matéria no UOL que descobri que se tratava de um personagem gay enrustido extremamente estereotipado, espalhafatoso e afeminado (representando a mim) e sua esposa materialista e objetificada (representando David).

Enquanto eu via o tuíte viralizar entre a esquerda petista, o que me causou mais espanto foi o emprego de praticamente todos os preconceitos contra homens gays negros favelados, que não tiveram acesso a educação formal, os mesmos termos pejorativos que vejo ser usados contra David e outros como ele em nossos 17 anos de casamento.

De acordo com essa linha de ataque, David não passa de um "rapaz burro", um objeto sexual cuja vida não tem valor ou propósito além da exploração de seu corpo, objetificado para ser usufruído por outros homens (no caso, seu marido). Tal qual Marina, David é uma figura pública e um parlamentar. Críticas a sua visão político-ideológica, por mais duras que sejam, são válidas e fazem parte do jogo.

Isso inclui criticá-lo, por exemplo, por conversar e se deixar fotografar com outros quadros políticos, como o Cabo Daciolo, com quem ele tem discordâncias profundas —ainda que seja irônico que essas críticas sejam feitas por quem divide o palanque com Geraldo Alckmin e depois de ver Lula construir uma convergência "estratégica" com o pastor odiosamente homofóbico Sargento Isidório.

Sem mencionar o histórico de "alianças pragmáticas" com figuras como Eduardo Cunha, Michel Temer e Sérgio Cabral, mas essa hipocrisia está dentro do esperado para o atual contexto deplorável da política.

Continua na pág. C9

O deputado federal David Miranda
Renato Costa - 11.set.19/ FramePhoto/ Agência O Globo

Continuação da pág. C8
No entanto, esse tipo de difamação contra David, menosprezando seu caráter e sua história de vida para pintar uma caricatura grotesca e preconceituosa, instrumentalizando o mesmo preconceito classista, racista e homofóbico que o PT diz combater, está em uma categoria totalmente distinta e vazia de qualquer substância crítica real.

Talvez a razão pela qual esse episódio me causou tanto asco seja o meu conhecimento íntimo e admiração da vida e da trajetória de David. Nascido na pobreza extrema no Jacarezinho, sem nunca conhecer o pai e tendo perdido sua mãe aos 5 anos, David, tal qual Marina Silva e milhões de outros brasileiros, iniciou a vida enfrentando todo tipo de desvantagem, trauma e dificuldade.

Crescendo órfão na favela até ter a sorte de ser acolhido por uma mulher de coração enorme, uma empregada doméstica moradora do Jacarezinho que já tinha 5 filhos, David se viu forçado a abandonar os estudos aos 13 anos para trabalhar e ajudar em casa.

Gay, negro e imerso em uma realidade de precariedade socioeconômica, David enfrentou na infância obstáculos inimagináveis para alguns, mas que são a realidade para muitos com origem semelhante. Aos 8 anos, David viu seu primeiro cadáver na rua. Aos 13, saiu de casa, passou a morar na rua e a revirar lixo para comer.

Ninguém honesto, decente ou agindo em boa-fé pode imaginar que David seja burro, medíocre ou inútil. Uma vez que conseguiu se sustentar com seu trabalho, David retomou seus estudos, completou o ensino fundamental, o ensino médio e cursou o ensino superior na ESPM, se formando em marketing.

David aprendeu sozinho a falar inglês e agora é entrevistado com frequência por veículos estrangeiros. Começou a escrever uma coluna no jornal britânico The Guardian sobre o que se passa no Brasil e foi um dos dois brasileiros (ao lado de Pabllo Vittar) escolhidos pela revista Time, em 2019, como "líderes da próxima geração."

Ainda que os membros mais proeminentes do PT e de outros partidos da base lulista, no Congresso e na mídia, não se somem a esses ataques, nenhum deles teve a coragem ou a integridade de denunciá-los ou repudiá-los, mesmo quando extrapolam qualquer limite da decência, da ética e/ou são repletos de preconceito

Esse "rapaz burro que só ganha atenção brincando com seu corpo sexualizado" também desempenhou um papel central na série de reportagens do arquivo Snowden que ganharia o Pulitzer em 2013, sendo detido e ameaçado de prisão em Londres depois de corajosamente viajar para a Alemanha para trazer parte do arquivo fornecido por Edward Snowden, episódio que foi retratado no documentário ganhador do Oscar "Citizenfour" (2014).

Sem a participação e o comprometimento corajosos de David, teria sido impossível trazer à tona parte das revelações de Snowden, inclusive as que dizem respeito à espionagem cometida pelos EUA contra o Brasil. David processou o governo britânico pela detenção ilegal e ganhou a causa, criando um precedente fundamental que até hoje protege jornalistas do tipo de tratamento abusivo a que foi submetido em Londres.

Radicalizado pelos abusos que sofreu na mão dos governos dos EUA e do Reino Unido, David liderou a campanha para que o Brasil oferecesse asilo político a Snowden, de quem se tornou amigo próximo.

Conhecendo a coragem e as contribuições de David para a série de reportagens que publicamos, Snowden endossou sua candidatura à Câmara dos Vereadores, em 2016. Apesar de não ter apadrinhamento ou conexões familiares com os donos do poder, David foi eleito, se tornando o primeiro vereador abertamente LGBT na história do Rio de Janeiro, graças à força da tendência Juntos, da qual foi um dos cofundadores e que aglutina jovens militantes do PSOL.

Depois do trauma do assassinato de sua amiga Marielle Franco, de quem David sentava ao lado na Câmara e com quem tinha uma identificação profunda por serem os únicos parlamentares oriundos das favelas cariocas e parte da comunidade LGBT, David, em 2018, acabou alçado ao Congresso Nacional quando seu colega de partido Jean Wyllys fugiu do país depois de inúmeras e graves ameaças de morte.

Em sua vida pessoal, as conquistas de David e seu comprometimento inviolável com o bem-estar do próximo são, para mim, ainda mais impressionantes. É um pai devotado aos nossos três lindos filhos, com quem também tem em comum uma infância de extrema dificuldade.

Juntos, fundamos uma ONG em 2016, que, além de oferecer abrigo e cuidados para animais abandonados, emprega pessoas que se encontravam em situação de rua, acompanhadas de seus animais de estimação, oferecendo trabalho digno e um caminho através de algo que já faziam: cuidar de animais.

O que me leva à pergunta: o estereótipo degradante de David criado por setores do PT tem alguma conexão com a realidade da vida extraordinária de David? A pergunta responde a si mesma.

David não fala e nunca falará da forma que uma pessoa que morou e foi educada desde a infância nas melhores escolas da zona sul. Apesar de ter estudado em um Ciep (Centro Integrado de Educação Pública) construído por Brizola e Darcy Ribeiro na entrada do Jacarezinho, sendo produto direto da revolução educacional que eles promoveram, ele sempre carregará consigo as marcas de uma infância difícil, privada de oportunidades, em uma das favelas mais pobres do Rio de Janeiro.

David carrega essa bagagem com orgulho, no seu modo de falar, de se vestir e no seu jeito de ser. E carrega isso com o orgulho de quem precisou superar inúmeras barreiras para chegar onde está.

Ironicamente, o próprio ex-presidente Lula, que também se comunica em um português informal e vernacular resultante de sua própria infância sofrida, passou por discriminações igualmente elitistas e preconceituosas de setores do tucanato e da elite midiática brasileira.

Essa não é a nossa primeira luta política. Sabemos que as eleições, ainda mais na era das redes sociais, costumam ser disputas sujas e baixas. Isso não significa, contudo, que não haja limites e atitudes que extrapolam qualquer limite do justificável. Esse tipo de ataque pessoal e preconceituoso, carregado de ódio, não deve ser celebrado, nem sequer tolerado, muito menos por aqueles que se dizem de esquerda.

Há muitas formas que podem e devem ser usadas para descrever uma facção política que empregue os estereótipos mais cruéis para diminuir e difamar uma pessoa com a trajetória e biografia de David. "Progressista", "decente" ou "moderno" não são termos que se aplicam.

Um movimento político que visa destruir seus adversários com ataques baseados no ódio de classe, na homofobia e no racismo não pode governar com compaixão, empatia ou integridade. Uma facção política que condena ataques preconceituosos quando voltados contra si, mas que não hesita em empregá-los contra adversários, não é nada se não oportunista e hipócrita.

Mais que isso, um movimento político que ganha eleições vendendo a alma não irá recuperá-la na hora de governar. ←

Portuguehehehês

Isso que os brasileiros fizeram é muito feio

Ricardo Araújo Pereira
Humorista, membro do coletivo português Gato Fedorento. É autor de 'Boca do Inferno'

Creio que adiamos por demasiado tempo esta conversa. Está a começar a ficar desconfortável. Vamos mesmo ter de falar de piadas de português, se não se importam.

Não quis dizer nada até agora, mas a verdade é que estou muito magoado. Isso que os brasileiros fizeram é muito feio. Como é possível que tenham escolhido humilhar o meu povo da forma mais vil e xenófoba, quando tinham os argentinos mesmo aqui ao lado?

Ainda por cima, o certo é que as piadas de português não são propriamente humilhantes. Sinto que quiseram ser meigos conosco. É isso que mais me incomoda.

Querem exemplos? Reparem nesta: é a célebre cena em que os fariseus se preparam para apedrejar a mulher adúltera. Jesus intervém e diz: "Quem nunca errou, que atire a primeira pedra". E então o português pega numa pedra e acerta em cheio na mulher adúltera. Muito surpreendido, Jesus diz: "Tu nunca erraste?". E o português responde: "Desta distância, não".

Não sei se estão a ver onde eu quero chegar. Amigos, em primeiro lugar, só existe Portugal desde 1143. Nenhum português conviveu com Jesus. Não somos assim tão velhos. Mas vamos conceder que, para efeitos de ficção, um português lá estivesse. O homem tem razão, lamento dizê-lo. Na verdade, o verbo errar é polissêmico. Tanto significa pecar como falhar. Se se está a falar de atirar pedras, a acepção de falhar é bastante sensata. Se quer fazer-se entender, o Messias tem de se explicar melhor.

Outra: o português sequestra um rapaz. E depois envia uma carta aos pais do menino. Dentro do envelope está uma orelha ensanguentada e a mensagem: "Esta orelha é minha, mas se não pagarem a próxima será dele".

Mais uma vez, creio que todos reconhecemos que se trata de um raciocínio admirável. Exercer violência sobre si próprio assusta tanto ou mais como exercê-la sobre o outro.

E cortar uma orelha ao refém poderia diminuir o seu valor. É o bem mais precioso do sequestrador, não convém desvalorizá-lo. Já nem falo do fato de ser um bandido moralmente impecável.

E mais: agora cortar a orelha é coisa de burro? Vão dizer isso a Van Gogh. Têm de se esforçar muito mais para nos ofender, brasucas.

Luiza Pannunzio

| DOM. Ricardo Araújo Pereira | **SEG. Bia Braune** | TER. Manuela Cantuária | QUA. Gregorio Duvivier | QUI. Flávia Boggio | SEX. Renato Terra | SÁB. José Simão

É HOJE

Tony Goes
tonygoes@uol.com.br

Minissérie conta o que aconteceu com o cadáver de Evita Perón

Santa Evita
Star+, 16 anos
A primeira-dama argentina Evita Perón morreu em 1952. Seu marido, o então presidente Juan Domingo Perón, mandou embalsamar seu corpo, para o sepultar num mausoléu que ainda não estava pronto. Mas Perón foi deposto em 1955, e o cadáver de sua mulher foi oculto por 16 anos pelos militares que tomaram o poder. Essa história verídica inspirou o livro "Santa Evita", de Tomás Eloy Martínez, agora adaptado nesta minissérie em sete episódios.

Westworld
HBO, 22h, e HBO Max, 16 anos
A quarta temporada marca o retorno de Evan Rachel Wood à série. A atriz, que encarnou a androide Dolores nas duas primeiras safras, agora faz uma nova personagem, Christine. Ariana DeBose, Oscar de atriz coadjuvante por "Amor, Sublime Amor", também está no elenco.

Amor & Gelato
Netflix, 12 anos
Nesta comédia voltada para adolescentes, uma garota americana passa férias em Roma. Além de se apaixonar pelo sorvete local, ele se vê dividida entre dois rapazes italianos.

Mulheres na Floresta
Cultura, 16h, livre
O documentário inédito de Laís Duarte retrata e homenageia as ativistas que lutam pela floresta amazônica e pelos povos que lá vivem, como Sonia Guajajara e a colunista Txai Suruí deste jornal.

Maratona Gilberto Gil
Curta!, a partir das 19h
O canal celebra os 80 anos do cantor exibindo em sequência dois documentários sobre ele —"Tempo Rei" (19h, 12 anos) e "Viva São João" (21h, livre). Este último também passa no Canal Brasil, às 13h25.

Abrindo o Armário
GloboNews, 23h, 12 anos
No documentário de Dario Menezes e Luís Abramo, homens gays, mulheres trans e drag queens contam como é ter nascido homem e ser LGBTQIA+ no Brasil de hoje.

Canal Livre
Band, 0h, livre
A empresária Luiza Trajano fala sobre sua recém-lançada biografia, escrita por Pedro Bial, e analisa as perspectivas econômicas do Brasil.

QUADRÃO

Ricardo Coimbra

NOVAS REGRAS NO PARQUE TEMÁTICO DA
MASCULINIDADE TÓXICA

NO BRASIL, QUANDO UM CARA É VISTO COMO TÓXICO, PODE ENFRENTAR CONSEQUÊNCIAS IMPREVISÍVEIS — COMO RECEBER UM CONVITE PRA JOVEM PAN OU UM CARGO NO GOVERNO
PROMETO USAR A NOVA PASTA DO MINISTÉRIO DO CARALHO PARA COMBATER O FEMINISMO, A HETEROFOBIA E O MIMIMI
PÃOZINHO!

NÃO É INCOMUM QUE MESMO OS TIPOS MAIS ABUSIVOS CHEGUEM A BATIZAR RUAS, AVENIDAS, PRAÇAS, ESCOLAS, HOSPITAIS E EM ALGUNS CASOS ATÉ MESMO MUNICÍPIOS
PEDÓFILO OTONI 17 Km
SE VIER, VEM COM OS PAIS

A VERDADE É QUE O HOMEM TÓXICO, AO SER EXPOSTO, ALÉM DE NÃO SOFRER NENHUM TIPO DE SANÇÃO, AINDA PASSA A PEGAR MUITO MAIS MULHER

NÃO PRECISA SER NENHUM GÊNIO DA PSICANÁLISE PRA SABER QUE NADA MELHOR PRA APIMENTAR O PERFIL DE UM PALERMA INEXPRESSIVO E DESINTERESSANTE DO QUE UMA AURA DE PERIGO, IMORALIDADE, PROIBIÇÃO E SACANAGEM.

| DOM. Jan Limpens, Luiz Gê, Ricardo Coimbra, **Angeli**, Laerte

Biblioteca digital em forma de app, BiblioON abriga acervo com cerca de 15 mil livros

DIAS MELHORES

SÃO PAULO Uma biblioteca digital com mais de 15 mil livros foi lançada neste mês pela Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo. A BibliON funciona como um aplicativo que disponibiliza de forma gratuita título de obras literárias que podem ser lidas em computadores, smartphones ou tablets.

Além de livros digitais, o serviço também oferece acesso a audiolivros e a programações culturais como clubes de leitura, podcasts e seminários.

Destinado a moradores do estado de São Paulo, o projeto exige que o usuário informe o seu CEP ao realizar o cadastro no sistema antes de poder ler alguma obra do acervo, que, segundo o site de divulgação do projeto, será constantemente atualizado com novos títulos.

Cada usuário poderá emprestar dois livros por vez. Assim como ocorre em uma biblioteca física, o empréstimo das obras pode ser renovado por 15 dias caso elas não tenham sido reservadas por outro usuário anteriormente.

O serviço não permite o download dos livros no aplicativo, mas ele é possível pelo site nos computadores. Ainda assim, é possível salvar títulos para a leitura off-line, ajustar o tamanho da letra e o contraste da tela, escolher diferentes modos de visualização para dia ou para noite e acionar a leitura com voz, para saída em áudio do texto.

Entre os títulos que podem ser encontrados no aplicativo BibliON até o momento, estão desde clássicos da literatura brasileira, como "A Paixão Segundo G. H.", escrito por Clarice Lispector, até obras contemporâneas que abordam questões sociais, como "Pequeno Manual Antirracista", da professora de filosofia e colunista deste jornal Djamila Ribeiro.

A BibliON também foi desenvolvida pela organização SP Leituras, que gerencia o Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas de São Paulo e controla as bibliotecas estaduais do parque Villa-Lobos e do parque da Juventude, ambas na capital paulista.

Num seminário online transmitido no YouTube na ocasião do lançamento da plataforma, Pierre André Ruprecht, diretor executivo da organização, afirmou que a iniciativa vai "oferecer serviços digitais para toda uma nova camada de pessoas que não está habituada a frequentar nossas bibliotecas e, às vezes, nem sequer a ler".

Para Bruno e Dom

Política de Bolsonaro de 'nenhum centímetro de terra' para indígenas continua a fazer vítimas

Itamar Vieira Junior
Geógrafo e escritor, autor de 'Torto Arado'

Quando comecei a trabalhar no serviço público, há quase duas décadas, o fiz movido pela necessidade de ter um emprego. Vivia e vivo em um país eternamente assombrado pelas desigualdades sociais e econômicas.

Havia me preparado durante anos para ser professor, mas quis o destino que fosse trabalhar no Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) com trabalhadores rurais no interior do Maranhão. Parti da Bahia carregando incertezas sobre o que me aguardava. Deixava família e amigos para trás e, em contrapartida, desbravava um mundo novo de permanente conhecimento para um jovem que viveu nos limites da periferia de Salvador —mundo que, descobriria mais tarde, era também ancestral.

Naqueles primeiros anos, andando por campos afora, encontrei indígenas da etnia guajajara na região de Barra do Corda e quilombolas em Jamary dos Pretos, Turiaçu, norte do estado. Essas experiências me deram a exata dimensão das minhas origens e das histórias que escutava em casa. Era a reprodução do contexto da vida de meu pai até os 15 anos, criado por seus avós agricultores sem-terra, trabalhadores de propriedades alheias.

Durante anos encontrei homens, mulheres e crianças abrigados sob lonas pretas, sem nenhum conforto, à espera da reforma agrária. Naquela paisagem hostil, muitas vezes sob a ameaça dos "donos da terra", compartilhavam entre si tudo o que tinham.

Aos poucos, adentrei um Brasil que habitava meu imaginário tanto pelas memórias narradas pela família quanto pelos livros que me fizeram querer ser escritor: "Vidas Secas", "O Quinze", "Menino de Engenho", "Terras do Sem-fim", "Morte e Vida Severina". Obras escritas e publicadas há 60, 70, 80 anos e que, com uma ingenuidade própria dos jovens, considerava estarem em definitivo no passado.

Mas fui tomado por um sentimento de perplexidade ao encontrar as estruturas de nossas desigualdades tal e qual se apresentavam nos livros. "Rugosidades do espaço", escreveria Milton Santos, carregando a violência do tempo e da história.

Muitas vezes me deslumbrei com a exuberância da paisagem e me perturbei com a descoberta de pessoas fortes — que eram na mesma medida vulneráveis— forjando o dom da vida nas veredas que lhes restavam. Sofri de muitas maneiras e desejei fazer mais.

Muitas vezes, me senti um grão de areia incapaz de transformar o que precisava ser transformado. Sofri por cada um que conheci. Lamentei por mim, por ter escolhido sofrer pelos outros, quando talvez fosse mais fácil seguir em frente fingindo que nada daquilo me dizia respeito.

Quando fiquei preso entre caminhões carregados de madeira em uma estrada na Reserva Gurupi, que ainda hoje continua a ser devastada, tive medo de ser ferido ou morto. Tive medo quando agricultores, que gozavam de certo poder e contrários à legislação ambiental, me ameaçaram com o ultimato para deixar suas terras.

[...]

As imagens de Bruno entre os indígenas do Javari mostram um servidor público e sua profunda empatia pelas pessoas por quem trabalhava. Mesmo afastado da Funai em razão dos desmandos do atual governo, Bruno escolheu estar entre os indígenas, compartilhando o que sabia para proteger a floresta e suas comunidades

Tive medo quando um fazendeiro descobriu meu telefone e ligou fazendo ameaças veladas caso não deixasse um processo que envolvia sua propriedade. Ou ainda quando precisei notificar um proprietário que, sem contestar, concordou em sair da área que ocupava, mas que não o faria só e "levaria" muitos com eles.

Fui atravessado por essas lembranças enquanto esperava, aflito, por notícias de Bruno Pereira e Dom Phillips, desaparecidos no Vale do Javari. Sentei-me no Odeon, Viena, onde estive a convite para assistir a estreia do espetáculo "Depois do Silêncio", de Christiane Jatahy, adaptação do romance "Torto Arado" e do clássico "Cabra Marcado para Morrer", de Eduardo Coutinho.

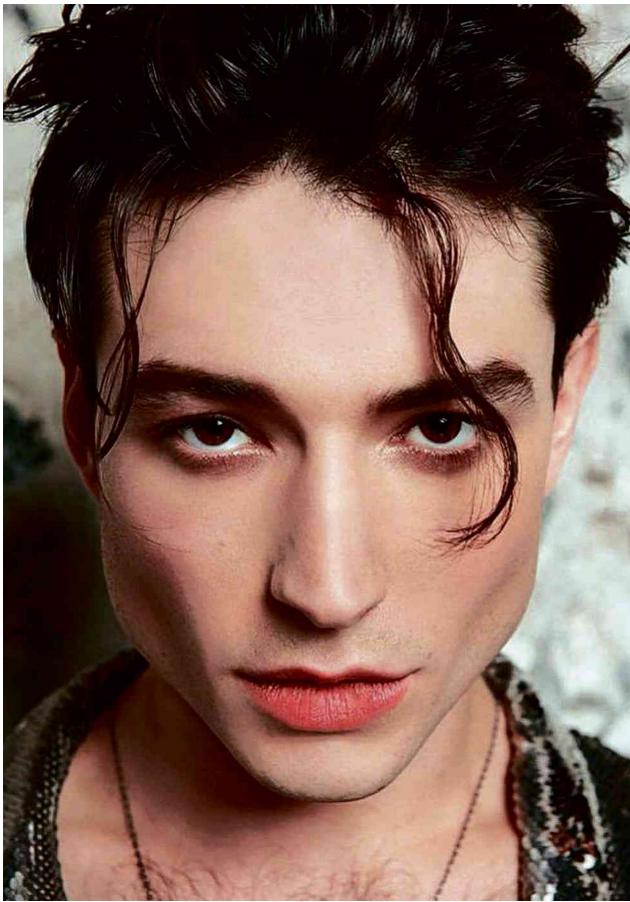
Era o dia da confirmação da morte dos dois ativistas. Na plateia, fui atravessado por uma profunda emoção ao ver imagens de João Pedro Teixeira, dona Elizabeth e quilombolas da Chapada Diamantina interpretando o texto literário que poderia ser muito bem a história de suas vidas.

Pensei em Dom e, especialmente, em Bruno. Tínhamos a mesma idade, a mesma paixão pelo que fazíamos e a compreensão de que, por trás da floresta e das disputas de terras, há vidas em risco.

Disseminadas nos últimos dias, as imagens de Bruno entre os indígenas do Javari mostram um servidor público e sua profunda empatia pelas pessoas por quem trabalhava. Mesmo afastado da Funai (Fundação Nacional do Índio) em razão dos desmandos do atual governo, Bruno escolheu estar entre os indígenas, compartilhando o que sabia para proteger a floresta e suas comunidades.

A política do "nenhum centímetro de terra" para indígenas e quilombolas de Bolsonaro continua a fazer vítimas.

Presto minha solidariedade a todos servidores brasileiros que continuam a atuar diante da inércia do Estado, com o objetivo de sobreviver e reduzir os danos destes anos de assombro.

| **DOM.** Bernardo Carvalho, Itamar Vieira Junior, **Marilene Felinto**, Wilson Gomes

O ator americano Ezra Miller Reprodução/Instagram

Precisamos falar sobre Ezra

[RESUMO] Aos 29 anos, o ator americano Ezra Miller deixou de ser promessa de solução para a falta de conexão dos estúdios com os novos públicos e se tornou pesadelo para Hollywood ao acumular controvérsias que vão da sua obsessão por armas até denúncias de agressão e manipulação de fãs

Por *Teté Ribeiro*
Jornalista, autora de 'Minhas Duas Meninas', 'Divas Abandonadas' e dois guias de Nova York baseados na série 'Sex and the City'

Você provavelmente conhece Ezra Miller, ainda que o nome possa não ser familiar. Aos 29 anos, o americano, que se declara não binário, já tem 13 anos de carreira profissional no cinema e na TV, com alguns papéis bem marcantes.

O que o tornou reconhecido na indústria de entretenimento foi o adolescente Kevin, do filme "Precisamos Falar sobre Kevin", de 2011, baseado em um romance de Lionel Shriver lançado em 2003.

Sob o ponto de vista da mãe do garoto, papel de Tilda Swinton, a história mostra o relacionamento difícil dela com seu filho, que acaba por se revelar um assassino suicida, responsável por um massacre na escola onde estuda. Sua arma de escolha é um arco e flecha, que o ator fez questão de guardar como suvenir.

Miller abandonou os estudos antes de completar o ensino médio, quando sua carreira deu sinais de que poderia dar certo. Filho mais novo de uma dançarina e de um editor de livros, estudou ópera na infância para tratar uma gagueira debilitante, mas se encantou pelo teatro logo cedo.

É apaixonado por "Harry Potter" e por armas de fogo.

Com 1,80 metro, corpo esguio, rosto bonito, anguloso e marcante, discurso articulado, contemporâneo e energético, além da descontração para falar de sua intimidade, Ezra Miller parecia ser a solução para o problema da falta de conexão dos estúdios de Hollywood com a geração Z.

Ele já disse em entrevistas que perseguiu o papel de Kevin "como um stalker depois de ler o roteiro" e que "nem por um minuto pensou que estava interpretando uma personagem fundamentalmente má".

Também declarou que não via motivos para esconder o fato de que fuma maconha.

Sobre sua sexualidade, se declarou gay há dez anos, queer em 2018 e não binário no ano passado. Prefere o uso dos pronomes neutros em inglês.

Trabalha desde 2006, quando estreou na série de TV "Cakey! The Cake From Outer Space". É dele o personagem Credence Barebone, da franquia "Animais Fantásticos", spin-off da franquia "Harry Potter", que já tem três longa lançados e mais dois em produção.

Além disso, Miller foi escolhido para viver o super-herói The Flash em várias produções. Em "Batman vs. Superman", de 2016, seu personagem faz apenas uma ponta e serve como alívio cômico. Mas o resultado caiu tão bem, tanto com a crítica quanto com o público, que o ator continuou sendo escalado.

No ano passado, terminou as filmagens do ainda inédito "The Flash", em que tem o papel principal pela primeira vez desde que vestiu o uniforme.

A ver se o filme verá a luz do dia. Ou, melhor, o escuro de uma sala de cinema, como era o plano do estúdio que investiu US$ 200 milhões, com esperança de que seria o primeiro de uma série. A data de estreia estava prevista para este mês, mas foi empurrada para junho do ano que vem.

O ator também concluiu "Dali Land", em que interpreta o pintor surrealista Salvador Dalí na juventude. Na idade adulta, o espanhol é interpretado por Ben Kingsley.

Miller faz questão de ser excêntrico. Adora dizer frases fortes em entrevistas, como "mal me identifico como um ser humano" (na revista Out). Ou "um político é apenas uma celebridade com um fã clube, como eu, e provavelmente somos todos doentes mentais".

Mas o que era curioso começou a ficar esquisito em 2020, quando um vídeo de sete minutos viralizou, em que ele falava para uma fã num bar, na Islândia "ah, você quer brigar, é isso?". A garota brinca que vai iniciar uma luta, e ele a agarra pelo pescoço e a derruba.

Em março deste ano, a polícia foi chamada a um bar no Havaí, onde o ator, aparentemente bêbado, ficou muito irritado quando pessoas começaram a cantar no karaokê. Gritando obscenidades, arrancou o microfone de uma mulher e o jogou no chão. Depois, atacou um homem que estava jogando dardos.

Ele foi preso, pagou uma fiança de US$ 500 e foi liberado em seguida. Nesta mesma viagem, invadiu o quarto de hotel de um casal, roubou um passaporte e uma carteira e ameaçou os dois, dizendo que iria "enterrar" as vítimas.

Foi preso mais uma vez, no mês seguinte, depois de atirar uma cadeira na cabeça de uma mulher de 26 anos.

O caso mais recente e estranho é o dos pais de uma jovem indígena de 18 anos, do estado de Dakota do Norte, que pediram uma ordem de proteção provisória contra Miller em nome da filha, Tokata Iron Eyes. Em documentos apresentados a um tribunal tribal, os pais de Tokata acusam o ator de "manipular psicologicamente, intimidar fisicamente e botar sua segurança e seu bem-estar em risco".

Alegam ainda que Miller "exibe padrões de comportamentos controladores, além de ter corrompido uma menor com uso de álcool e drogas". Tokata é próxima dele há seis anos. Quando se conheceram, a menina tinha 12 anos, e ele, 23. Desde então, formaram um laço forte de amizade

Ela, que se denominava queer, agora se diz não binária, como ele. Tokata já viajou com Miller para Londres e os estados americanos de Vermont, Nova York, Califórnia e Havaí. Ela é maior de idade perante a lei americana, mas não de acordo com as regras de seu povo.

A corte tribal, no entanto, não conseguiu localizar nem Miller nem Tokata Iron Eyes até agora. O pedido foi feito há três semanas. Os dois estão supostamente juntos e desaparecidos. O ator deletou todas as suas redes sociais, não tem usado celular nem cartões de crédito, enquanto a menina usa sua conta no Instagram para acusar sua família de a querer manipular.

Nos últimos dias, a revista americana Rolling Stone publicou uma reportagem afirmando que uma mulher havaiana de 25 anos e seus três filhos pequenos estão hospedados, a convite de Miller, em sua fazenda em Vermont desde abril, em uma casa cheia de armas, munição e drogas.

O ator a conheceu na polêmica viagem que fez ao Havaí em março e pagou a passagem dos quatro, sem o conhecimento ou a autorização do pai das crianças, que têm entre um e cinco anos, e declarou à revista que "tem sentindo um gosto ruim na boca". ←

O caso mais recente é o dos pais de uma jovem indígena de 18 anos que pediram uma ordem de proteção contra Miller. Acusam o ator de manipular e botar a segurança e o bem-estar da filha em risco

Tirar a roupa para atividades simples como ver televisão e focar nas sensações do corpo nu ajudam a se sentir melhor pelado Ilustração de Hyosun Hwang/The New York Times

Ficar mais tempo nu ajuda a aceitar melhor seu corpo

Especialistas indicam estratégias para se sentir mais confortável pelado

EQUILÍBRIO

Catherine Pearson

THE NEW YORK TIMES Quando Carolyn Hawkins foi a seu primeiro resort de nudez, quatro décadas atrás, ela tinha 37 anos e estava determinada a não tirar a roupa.

Mas lá, cercada por um caleidoscópio de corpos imperfeitos aproveitando o sol da Flórida, ela fez o que dissera que não faria. "Gostei na mesma hora", contou Hawkins, que estava visitando o resort com seu segundo marido.

Hoje ela tem 79 anos e é diretora de relações com clubes e sócios da Associação Americana de Recreação Nua.

Nem todos ficam igualmente à vontade estando nus. Para muitos de nós, a nudez —ou a simples perspectiva de deixar o corpo mais à mostra— pode provocar ansiedade.

"Mesmo estar nus a sós pode nos deixar vulneráveis à voz crítica presente na mente", disse Renee Engeln, professora de instrução em psicologia e diretora do Body and Mind Lab da Northwestern University, que pesquisa questões ligadas à imagem corporal feminina.

O objetivo de sentir-se bem estando nua tende a se chocar com padrões culturais de beleza que poucas de nós alcançamos, ela comentou. Mas terapeutas, ativistas da imagem corporal e nudistas dizem que há motivos convincentes para as pessoas procurarem criar uma relação de mais alegria com seu próprio corpo nu, ou no mínimo uma relação de neutralidade.

Pesquisas indicam, por exemplo, que as percepções que as mulheres têm de quão atraentes são podem influenciar seu desejo sexual. Sentir-se relativamente à vontade com a própria aparência é vinculado à maior autoestima e satisfação geral com a vida.

"Para mim, isso se assemelha à discussão sobre usar biquíni", comentou Virgie Tovar, ativista de imagem corporal e autora de "The Body Positive Journal". Ela recordou a primeira vez que usou biquíni em público, sendo plus size.

"Fiquei chocada ao ver como é fantástico sentir o sol sobre minha pele, sentir o vento batendo em meu corpo —uma parte de meu corpo que nunca antes tinha ficado exposta em qualquer lugar fora de minha casa", disse Tovar. "Foi uma experiência mais forte do que eu poderia ter imaginado."

As quatro estratégias expostas a seguir foram sugeridas por vários especialistas que passam tempo refletindo sobre nudez e imagem corporal.

As recomendações não vão necessariamente transformar a relação que você tem com seu corpo ou fazê-lo encontrar oportunidades para expor mais pele em público, mas são um ponto de partida para quem quer refletir sobre sua imagem corporal.

*

Passe mais tempo nu

Aprender a se sentir de bem com seu corpo pode ser um processo longo e árduo, e muitos dos obstáculos a isso ainda são sociais. Mesmo assim, Engeln diz que para algumas pessoas, a chave para se sentirem melhor nuas "é simplesmente passar mais tempo peladas".

Erich Schuttauf, diretor executivo da Associação Americana de Recreação Nua, concorda que simplesmente fazer coisas comuns sem roupa exerce um efeito catártico. Você pode lavar suas roupas pelado, ele sugeriu, ou, se tiver um quintal que não fique exposto a olhares de terceiros, pode tomar um banho de sol de 20 minutos sem roupa, curtindo o calor e a brisa sobre seu corpo nu.

"Acostume-se à liberdade de não precisar usar roupa", recomendou Schuttauf. Para ele, praticamente todas as tarefas domésticas ficam mais divertidas quando feitas ao natural.

Stephanie Yeboah, ativista de imagem corporal e autora de "Fattily Ever After: A Black Fat Girl's Guide to Living Life Unapologetically" (Gorda para sempre: guia de uma garota negra e gorda para viver a vida sem remorso, em português), disse que passar uma ou duas horas nua vários dias por semana foi um passo crucial no início de sua própria jornada de aceitação corporal. Ela tirava a roupa para ler, assistir à TV ou arrumar sua casa.

Mas é importante certificar-se de estar num espaço em que você se sente segura, quer seja na privacidade de seu quarto ou num ambiente mais público, como uma praia ou resort de nudismo.

"Não basta amor próprio para você escapar de um sistema opressivo" disse Yeboah, contando que já foi chamada de "gorda" e insultada.

Foque no que seu corpo sente

Tovar não pensa que se esforçar para se sentir mais à vontade nua seja um passo necessário para alcançar uma aceitação maior do próprio corpo. Mas ela incentiva qualquer pessoa que tenha dificuldade em tirar a roupa a imaginar como seria se sentir em paz com seu corpo naqueles momentos em que precisa estar nua, como no chuveiro.

Para chegar a esse ponto, ela recomenda o uso de estratégias de mindfulness, para deslocar o foco da aparência de seu corpo e passá-lo para as sensações. O chuveiro é um bom ponto de partida.

"Concentre-se nas sensações", disse Tovar. "Qual é a sensação da pele quando você entra debaixo do chuveiro? Como está a temperatura da água? Qual é o efeito sobre seu corpo?"

Centrar-se nos sentidos pode ajudar as pessoas a vincular cérebro e corpo.

Yeboah converteu o momento do banho de chuveiro em uma meditação diária. Ela usa loções e óleos agradáveis e toma o tempo necessário para aplicar os produtos lentamente, observando o perfume e a sensação dos produtos sobre sua pele.

"Isso foi uma coisa que comecei a fazer em minha jornada para o amor próprio, para me conformar com meu corpo e reaprender a gostar dele."

Estou evitando ficar nu?

Zoë Bisbing é assistente social clínica e diretora fundadora da Body-Positive Therapy NYC. Ela frequentemente atende pacientes que se encontram no que ela descreve como "um estado de evitar o próprio corpo". Eles fazem questão de cobrir certas partes e raramente ou nunca se olham realmente. Em muitos casos, evitam atividades como ir à praia, sair de casa em dias de calor ou fazer sexo.

Bisbing recomenda que as pessoas observem cuidadosamente, ao longo de um ou dois dias, os momentos em que estão evitando olhar para o próprio corpo nu (ou para certas partes dele). Pode ser útil experimentar uma espécie de terapia caseira de exposição —uma intervenção cognitiva que visa dessensibilizar as pessoas para seus medos.

"Digamos que você se sente realmente constrangida em deixar os braços expostos, mesmo quando está sozinha", disse Bisbing. "Comece com um minuto por dia usando uma roupa de manga curta ou sem mangas."

Então você aumenta isso para dois minutos. Depois de algum tempo, experimenta ficar assim na presença de outros.

Também pode ser útil olhar para o próprio corpo no espelho por curtos períodos de tempo e treinar seu cérebro para descrever seu corpo usando linguagem simples, sem julgamentos.

Veja imagens de tipos corporais diferentes

Para a ativista Virgie Tovar, a cultura popular e as redes sociais nos condicionaram a enxergar "corpos esbeltos, jovens e em forma" como sendo o padrão e o modelo mais válido. "Mas isso simplesmente não corresponde à realidade." Por isso mesmo, ela encoraja todas as pessoas a cercar-se de imagens de tipos corporais diversos.

"Imprima 20 fotos de corpos que são mais semelhantes ao seu e corpos maiores", recomendou Tovar. Salve as imagens no seu telefone ou coleas em volta de seu espelho, para vê-las com frequência.

Controle os conteúdos que você segue no Instagram, Facebook ou TikTok.

Embora o vínculo entre redes sociais e imagem corporal negativa não seja tão nítido e claro quanto às vezes se supõe —e o movimento de positividade corporal tem enfrentado algumas críticas—, pesquisas revelam que passar tempo olhando para conteúdos de positividade corporal online pode melhorar nosso estado de ânimo.

"Vale lembrar que quase todos os corpos nus adultos balançam ou são flácidos, têm pelos, celulite, cicatrizes, ostentam as marcas da vida", disse Renee Engeln, do Body and Mind Lab. "É fácil esquecer-se disso se você vive afundado num mundo de mídia que só inclui imagens photoshopadas de pessoas jovens e magras", completou.

Tradução Clara Allain

LEIA TAMBÉM

O golfista sul-africano Louis Oosthuizen no LIV Golf International Series, na Inglaterra, primeiro torneio de uma série polêmica que a Arábia Saudita patrocinará em 2022 Adrian Dennis - 11.jun.22/AFP

Tática burra da Arábia Saudita esconde bons avanços no país

Torneio de golfe criado para 'lavar imagem' reviveu caso de jornalista assassinado

OPINIÃO

Thomas L. Friedman
Editorialista de política internacional do New York Times desde 1995 e ganhador de três prêmios Pulitzer

THE NEW YORK TIMES Em 1989, lancei um livro sobre o Oriente Médio, "From Beirut to Jerusalem" [no Brasil, "De Beirute a Jerusalém", ed. Bertrand Brasil], e meu editor, Jonathan Galassi, quis saber do que trataria o próximo. Disse que queria escrever sobre golfe. Ele me olhou com expressão perplexa e perguntou: "O Golfo Pérsico?". "Não", respondi. "Sobre golfe. Golfe."

Digo isso porque tenho duas paixões: Oriente Médio e golfe. Fui sócio do Beirut Golf and Country Club —o único em que os jogadores ficam felizes quando estão num bunker.

Carreguei os tacos de Chi Chi Rodriguez no US Open de 1970, em Hazeltine. Certa vez, eu e meu amigo Neil Oxman carregamos os tacos de Tom Watson e Andy North no torneio de sêniores do Liberty Mutual Legends of Golf e, embora eu tenha passado com o carrinho em cima da bola de Andy num treino, ainda somos amigos.

Conheço o golfe e conheço o Golfo. Conheço a PGA [maior associação do esporte] e conheço MbS, e é por isso que escrevo hoje sobre a controvérsia que está tomando conta do golfe profissional: a criação de um torneio "dissidente" encabeçado por Greg Norman e Phil Mickelson e financiado pelo reino da Arábia Saudita, comandado pelo príncipe herdeiro Mohammed bin Salman, conhecido como MbS.

O torneio recebeu o nome de LIV Golf International Series. É um exemplo clássico de "lavagem esportiva" idiota por parte dos sauditas, com a ajuda de alguns jogadores profissionais e desalmados.

A meu ver, é péssimo para o golfe e pior ainda para os sauditas. O evento apenas chama atenção para algo que os sauditas estão tentando fazer os outros esquecerem —o assassinato do jornalista saudita Jamal Khashoggi em 2018— em vez de chamar atenção para o que gostariam que as pessoas abraçassem: a Arábia Saudita como futura meca dos esportes e do entretenimento.

Se eu tivesse uma oportunidade de falar diretamente com MbS, diria o seguinte: Mohammed, você só tem uma chance de causar uma segunda impressão e a desperdiça indo para a cama com esses rebeldes, alguns dos quais estão entre os membros mais antipáticos do PGA Tour.

Mas não vou falar desses jogadores de golfe hoje. Quero falar da Arábia Saudita.

A responsabilidade de seu governo pelo assassinato e esquartejamento de Khashoggi, que vivia na Virgínia e escrevia para o "Washington Post", é mancha que nunca vai desaparecer. Foi um ato de crueldade indescritível contra um crítico moderado do regime.

Mas isso não significa que não há nada que você possa fazer para mudar a visão que o mundo tem de seu país. O que você pode fazer é continuar a impelir a sociedade saudita, seu sistema de ensino religioso, suas leis e seu mercado de trabalho no caminho das reformas. Seria uma contribuição importantíssima para seu país e para todo o mundo árabe-muçulmano.

A verdade é que você é responsável pelas reformas sociais e religiosas mais radicais da história moderna da Arábia Saudita: autorizar mulheres a dirigir carros; liberalizar o sistema de tutela masculina pela qual as mulheres precisavam de permissão de homens para atividades de trabalho e deslocamentos; limitar o papel da polícia religiosa; permitir a realização de shows de rock, deixar as mulheres assistirem a partidas de futebol e autorizar a convivência normal entre meninas e meninos.

Essas reformas eram devidas havia muito tempo. E ainda são insuficientes. Mas nenhum de seus predecessores ousou tentá-las, e as mudanças têm sido tremendamente bem recebidas, especialmente por parte das mulheres jovens.

Quando visitei a Arábia Saudita em 2017, uma empreendedora social saudita de 30 anos me disse algo que ficou na memória: "Temos o privilégio de fazer parte da geração que viveu o antes e o depois".

Sua mãe, ela disse, nunca saberia o que é dirigir um carro. Sua filha nunca conseguirá imaginar um dia em que uma mulher não pudesse dirigir. "Mas eu sempre vou me recordar de não poder dirigir."

Em dezembro, no Festival Internacional de Cinema do Mar Vermelho promovido em Jiddah, minha amiga Dina Amer, cineasta americana de origem egípcia, mostrou-me seu novo e maravilhoso trabalho, "You Resemble Me", sobre a islamização e a radicalização de uma jovem franco-marroquina que morreu com um dos líderes dos ataques terroristas de novembro de 2015 em Paris.

O filme estreou no Festival de Veneza. Mas teve sua première na Arábia Saudita, apesar de tratar de tema muito nuançado e sensível.

"Preciso destacar que a qualidade e o alcance do festival de cinema saudita foram comparáveis aos dos melhores festivais do mundo", disse-me Dina. "Ver tantos diretores sauditas começando a poder contar suas histórias foi impressionante e me deu muita esperança."

Fiquei espantado quando Dina contou que seu filme fora proibido no Egito, mas recebeu o prêmio do público na Arábia Saudita.

Steven Cook, especialista em Oriente Médio no centro de debates Council on Foreign Relations e alguém que escreve sobre a Arábia Saudita porque realmente vai ao país, observou em artigo recente: "O príncipe herdeiro saudita pode ser detestável", mas "há mudanças importantes na Arábia Saudita que críticos frequentemente minimizam de maneira leviana".

Isso me traz de volta à série LIV Golf. Mohammed, quem quer que o tenha aconselhado a patrocinar um torneio de golfe para prejudicar o PGA Tour —oferecendo valores absurdos a jogadores de golfe que na maioria estão em fim de carreira ou são completos desconhecidos— deveria ser demitido sumariamente.

Não é fácil desembolsar US$ 1 bilhão para melhorar a imagem e acabar só com publicidade negativa. Não é fácil, mas seu torneio de golfe conseguiu. Em vez de os jornais estarem falando de todas as reformas religiosas e sociais empreendidas na Arábia Saudita, agora as páginas de esportes estão falando do assassinato de Khashoggi e do envolvimento de jihadistas sauditas no 11 de Setembro.

Há uma razão pela qual os jogadores mais respeitados, como Rory McIlroy, Justin Thomas e Tiger Woods, negam-se a participar de seu evento. Eles sabem identificar uma lavagem esportiva quando a encontram.

Então veja qual é a melhor dica de golfe e de Golfo que eu posso lhe dar: só há um jeito de fazer o mundo enxergar a Arábia Saudita sob uma ótica mais equilibrada, e ela não custará um centavo.

Dê vistos de entrada a qualquer jornalista ou equipe de filmagem que queira ir à Arábia Saudita. Diga-lhes que estão livres para viajar a qualquer lugar do reino e para entrevistar qualquer saudita.

Nem todas as reportagens serão simpáticas. Vocês lerão queixas sobre a falta de participação política, a ausência de imprensa livre, as detenções brutais de dissidentes e as várias violações graves de direitos humanos que continuam a acontecer. Mas você também verá jornalistas honestos que atestarão as amplas transformações econômicas, religiosas e sociais que seu governo impulsionou.

É o máximo que você pode esperar. Mas seria muitíssimo melhor do que desperdiçar bilhões comprando profissionais do golfe que não sabem nada sobre seu país, que dizem reservadamente que desprezam você e sua sociedade e que não têm credibilidade como testemunhas dos avanços realizados no país.

Cada vez que eles abrem a boca para explicar —com constrangimento evidente— por que estão aceitando suas pilhas de dinheiro, prejudicam gravemente cada jovem saudita que luta por transformações no país e se beneficia delas. Nem mesmo seus piores inimigos no Irã poderiam ter traçado uma estratégia mais burra para persuadir o mundo a lançar um olhar mais profundo sobre a Arábia Saudita.

Mohammed, você precisa encerrar esse negócio de LIV. Cancelar. Os únicos embaixadores de valor para você são os próprios jovens sauditas dispostos a dizer a jornalistas independentes que as reformas que você começou são profundamente significativas para suas vidas e sua região e, embora ainda sejam muito pequenas, constituem passos vitais na direção certa.

Cada dia que o torneio LIV continuar será mais um dia que desvia a atenção das pessoas dessa realidade.

Tradução Clara Allain

Jamal Khashoggi, jornalista morto por agentes sauditas em 2018 Mohammed al-Shaikh - 15.dez.2014/AFP

Tite diz que história na seleção exibe um fantasma

Em entrevista, treinador do Brasil propagandeia seus feitos para rebater críticas a ele direcionadas

O MUNDO É UMA BOLA

Luís Curro

SÃO PAULO Ser técnico da seleção brasileira masculina de futebol talvez seja uma das ocupações mais difíceis que existam. No futebol (o masculino), o torcedor brasileiro exige nada menos que o primeiro lugar. Vice é quase tão ruim quanto ser último.

Desde quando? Não posso dizer que é desde sempre, mas certamente desde que Pelé, Garrincha e companhia triunfaram na Copa de 1958, na Suécia, é assim.

Há mais de seis décadas o treinador do Brasil tem a obrigação de ganhar a Copa do Mundo. Ou a Copa América. Ou as Olimpíadas.

Restringindo-se à Copa do Mundo, depois de 1958, quando Vicente Feola era o treinador, só quatro técnicos repetiram a façanha: Aymoré Moreira (Chile-1962), Zagallo (México-1970), Carlos Alberto Parreira (EUA-1994) e Luiz Felipe Scolari (Coreia/Japão-2002).

Feola (Inglaterra-1966), Zagallo (Alemanha Ocidental-1974 e França-1998), Parreira (Alemanha-2006) e Felipão (Brasil-2014) tiveram chance de bisar a conquista e não conseguiram.

Desdizendo um velho ditado, acredito que a última impressão, e não a primeira, é a que realmente fica, então a imagem deles ficou arranhada por esses reveses —especialmente a de Felipão, com o 7 a 1 para a Alemanha, em casa, na semifinal.

Outros só perderam. Telê Santana, que fez a seleção jogar lindamente, duas vezes (Espanha-1982 e México-1986). Cláudio Coutinho (Argentina-1978), Sebastião Lazaroni (Itália-1990) e Dunga (África do Sul-2010), uma vez cada um.

Tite terá, a exemplo de Telê, uma segunda chance após um fracasso. Caiu nas quartas de final na Rússia, em 2018, e foi mantido no cargo para o Qatar-2022.

"É a hora de chegar à final e sermos campeões", sentenciou ele em entrevista ao Guardian, publicada no site do jornal inglês no último domingo (19), ciente de que seu nome só ficará positivamente na memória de todos com a Taça Fifa nas mãos.

Tite demonstra confiança, acredita ter um grupo preparado e exibe contrariedade ao ser questionado a respeito de críticas desferidas ao seu trabalho. "Temos resultados. O que as pessoas estão esperando? Batemos o recorde [de mais pontos, 45] nas Eliminatórias [para a Copa no Qatar]. Temos a maior sequência invicta, 12 jogos [no qualificatório para o Mundial de 2018] e agora 17 jogos sem derrota [nas Eliminatórias para o Mundial deste ano, com 14 vitórias e três empates]. Ou seja, 29 jogos."

O treinador prosseguiu, dando ênfase aos números e conquistas que o Brasil registrou na sua gestão. "Marcamos 13 gols a mais que a Argentina [segunda colocada nas Eliminatórias sul-americanas]. Não sofremos gol em 13 das 17 partidas, nossa média de gols marcados foi acima de 2,5 [na verdade, a média de gols do Brasil foi de 2,35 nas Eliminatórias do Mundial deste ano, 40 gols em 17 jogos]."

"Voltamos ao primeiro lugar no ranking da Fifa. Fomos campeões da Copa América [no Brasil, em 2019]. Não vencemos da última vez [em 2021, também no Brasil, a Argentina ganhou a final por 1 a 0], mas houve todo um processo, um momento difícil, uma série de problemas que não quero aprofundar."

Tite refere-se à pandemia de coronavírus. A competição deveria ter duas sedes, Argentina e Colômbia, que desistiram —os colombianos conviviam também com uma onda de manifestações contra o presidente Iván Duque.

A Conmebol (confederação sul-americana) recorreu ao Brasil, que, mesmo com a Covid ainda fora de controle, aceitou realizar a competição, com a anuência da CBF (Confederação Brasileira de Futebol) e do governo Bolsonaro.

Segundo Tite, "ninguém queria jogar a Copa América e todos expressaram isso ao presidente [da CBF, que à época era Rogério Caboclo]".

Na entrevista, Tite agradeceu por ter o apoio irrestrito da família, em especial da esposa, Rosi, e afirmou ter "meus medos, meus pesadelos, meus arrepios". Ele não mencionou quais são esses pesadelos, porém, em meio a resultados tão expressivos, a conclusão é que há um único fantasma que lhe tira o sono.

Seu nome tem sete letras: Bélgica. Seleção cujo apelido é Diabos Vermelhos e que, com uma vitória por 2 a 1 no dia 6 de julho de 2018, em Kazan, eliminou o Brasil da Copa russa, nas quartas de final.

O Brasil jogou melhor que a Bélgica, finalizou mais que o triplo de vezes, teve a infelicidade de fazer um gol contra (Fernandinho), bola que parou na trave, defesa "impossível" do goleiro Courtois, gol perdido por Renato Augusto que resultaria no empate por 2 a 2.

Defendi a permanência de Tite depois da queda na Rússia, pois a meu ver ele era o mais capacitado, entre os nomes brasileiros, para fazer o Brasil triunfar.

O grande problema é o que já faltava antes: armar jogadas eficazes que sejam capazes de furar bloqueios defensivos bem armados. Bloqueios que a equipe já enfrentará na primeira fase da Copa, diante de Sérvia, Suíça e Camarões.

É necessário chutar mais vezes, com precisão, de fora da área. É preciso haver mais triangulações pelas laterais. Enfim, que se criem alternativas aos ferrolhos, pois, sem elas, a chance de sucumbir aumenta consideravelmente.

O Brasil pode e deve finalizar muito, mas é necessário que o índice de bola na rede seja maior do que naquela derrota para Lukaku, Hazard, De Bruyne e companhia (um mísero gol em 26 tentativas).

Com esses ajustes, e se Neymar, ainda o mais badalado jogador do time, tiver atuações produtivas, o Brasil ampliará seu contumaz favoritismo.

Numa campanha ideal no Qatar, melhor será se houver uma vingança contra os belgas. Há chance de as duas seleções se reencontrarem nas quartas de final ou na final, a depender da classificação de cada uma na fase de grupos.

Se o título vier, Tite poderá dormir um sono tranquilo, sem fantasma antigo ou novo a atormentá-lo.

Se for contra a Bélgica, então, o pesadelo terá virado um sonho bom, daqueles que não dão vontade de despertar.

Tite durante o treino em Goyang, na Coreia do Sul Ricardo Nogueira - 31.mai.22/Divulgação

Ex-capitão da Rússia tem medo de ser morto após criticar Guerra da Ucrânia

SÃO PAULO Ex-capitão da seleção de futebol da Rússia, Igor Vladimirovich Denisov é uma pessoa destemida. Ou, em uma outra forma de pensar, uma pessoa sem muito amor à vida, mesmo tendo esposa e quatro filhos.

Ele declarou, em entrevista ao canal no YouTube do jornalista esportivo Nobel Arustamyan, que a Guerra da Ucrânia, que teve início no dia 24 de fevereiro com a invasão de tropas russas no país vizinho, é algo "catastrófico", posicionando-se claramente contra a ação.

De acordo com as Nações Unidas, a guerra já deixou mais de 4.500 civis mortos no território ucraniano. O governo de Volodimir Zelenski estima os óbitos em pelo menos 12 mil.

"É horrível [essa guerra]", sentenciou o ex-jogador, que defendeu o Dinamo e o Lokomotiv, ambos de Moscou, e se mostrou preocupado com as possíveis consequências de seu posicionamento no regime de Vladimir Putin, rigidamente avesso a opositores.

"Talvez eu seja preso ou morto por isso, mas estou dizendo as coisas como elas são."

O receio de Denisov tem sua dose de fundamento. Pode até ser que a preocupação com a morte seja exagerada, mas a com a cadeia não é.

Recentemente, o Parlamento russo aprovou uma lei que condena à prisão —por um período de até 15 anos— quem espalhar fake news ou se pronunciar publicamente usando palavras que desacreditem ações militares.

O principal opositor de Putin, o advogado e blogueiro Alexei Navalni, está nela e não sairá tão cedo.

Volante, Denisov atuou pela seleção principal de seu país 54 vezes, de 2008 a 2016, e foi o capitão dela nos últimos cinco anos de serviços prestados. Não fez nenhum gol nesses jogos.

Um dos nomes mais famosos do futebol russo neste século, sagrou-se campeão do campeonato nacional quatro vezes, três delas pelo Zenit, de São Petersburgo (2007, 2010 e 2012), o time pelo qual mais se destacou, e uma pelo Lokomotiv (2018).

Na seleção, atuou como titular na Eurocopa de 2012, em todas as três partidas da Rússia no torneio sediado por Polônia e Ucrânia.

Na Copa de 2014, no Brasil, foi reserva e entrou em dois jogos, os empates por 1 a 1 contra a Coreia do Sul, em Cuiabá, e a Argélia, em Curitiba.

Nessas duas ocasiões, os russos decepcionaram e não passaram da fase de grupos.

Denisov se notabilizou em sua carreira por ser um atleta de temperamento forte, tendo se desentendido várias vezes com treinadores e recebendo punições devido à falta de disciplina.

Ele tem 38 anos e pendurou as chuteiras em 2019. **LC**

Igor Denisov durante partida da Rússia contra Portugal, em Lisboa Jose Manuel Ribeiro - 7.jun.13/Reuters

SP vê Semana de 22 sob novas perspectivas

Exposições, livros e série de TV relativizam protagonismo paulista em meio à diversidade de expressões modernistas

ILUSTRÍSSIMA

Naief Haddad e Marcelo Pliger

SÃO PAULO Nas décadas seguintes à Semana de Arte Moderna de 1922, formadores de opinião de São Paulo difundiram, com sucesso, a ideia de que aquela série de eventos no Theatro Municipal da capital paulista havia sido um momento de ruptura radical da cultura brasileira.

Esse ponto de vista se fortaleceu especialmente nos anos 1940, com textos de intelectuais como Lourival Gomes Machado, que celebrou as "forças de renovação" de São Paulo. Para o jornalista, a Semana significava um "corte de navalha [em] tecidos necrosados", como lembra o historiador da arte Rafael Cardoso.

Defender a supremacia paulista implicava deixar manifestações modernistas de outros centros em segundo plano. "Só em São Paulo poderia ter nascido uma revolução estética de tal porte", escreveu Gomes Machado.

Cem anos depois, uma ironia histórica. Instituições culturais, editoras e uma emissora de TV de São Paulo têm aproveitado a efeméride para mostrar o que, a esta altura, deveria ser uma obviedade — expressões modernistas dignas de registro aconteceram no Brasil antes e depois de 1922, e não apenas em terras paulistas.

"Encontraremos incontáveis evidências de que a Semana faz parte de um amplo (e descontínuo) processo que a extrapola, tanto temporal quanto territorialmente", escrevem as curadoras Aracy Amaral e Regina Teixeira de Barros no principal texto do catálogo da exposição "Moderno Onde? Moderno Quando?", apresentada no MAM-SP (Museu de Arte Moderna) de setembro a dezembro de 2021.

A mostra ganhou a companhia de outras exposições nesse propósito de relativizar o protagonismo paulista no modernismo. São o caso de "Raio-que-o-parta: Ficções do Moderno no Brasil", em cartaz no Sesc 24 de Maio até o início de agosto, e "Modernos", na Faap, dividida em dois núcleos, "Antes de 1922" (já encerrada) e "Depois de 1922" (até novembro deste ano).

Duas figuras de relevo em "Raio-que-o-parta" são o artista gráfico Santa Rosa, nascido na Paraíba e radicado no Rio, e o fotógrafo Virgilio Calegari, italiano que passou a maior parte da vida em Porto Alegre. Eles também estão no quadro montado pela **Folha**, com 169 expoentes do modernismo nas cinco regiões (veja na próxima página).

O levantamento do jornal, que contempla manifestações como artes visuais e gráficas, literatura, música, fotografia e cinema, considerou o período que vai de 1900 a 1937, seguindo o modelo adotado por "Moderno Onde? Moderno Quando?".

Além disso, o mapeamento não pretende abarcar a totalidade de expoentes modernistas que surgiram Brasil afora, apenas apresentar uma variedade expressiva de nomes.

Voltemos às exposições. As curadorias das três mostras citadas não buscam minimizar a potência dos artistas presentes na Semana, mas os inserem em um contexto amplo, em meio a correntes diversas.

"Raio-que-o-parta" reúne trabalhos de nomes ligados a 22, como Anita Malfatti e Victor Brecheret, mas reserva, por exemplo, uma seção aos pintores e escultores modernistas do Norte, como o paraense Theodoro Braga e o amazonense Manoel Santiago.

Como explica Aldrin Moura de Figueiredo, professor do departamento de história da UFPA (Universidade Federal do Pará) e um dos curadores da exposição do Sesc, Braga é um dos criadores de um movimento chamado neomarajoara, que incorpora os grafismos das culturas indígenas.

"Ele tinha ligações com nomes da elite paulista, mas não com o Mário de Andrade. Por conta disso, embora seja um artista muito importante, acabou ficando um pouco apagado", acredita o historiador.

Para Figueiredo, "a hora é de mover o pêndulo" para valorizar outras figuras do modernismo amazônico, como o jornalista e romancista Abguar Bastos, autor de "Terra de Icamiaba", e a poeta Eneida de Moraes, de "Terra Verde".

Assim como "Raio-que-o-parta", a exposição "Moderno Onde? Moderno Quando?" não tratou a Semana como um fato isolado. Exibiu obras de artistas como John Graz e Ferrignac, nomes associados a 22, ao lado de pinturas de Cícero Dias e Joaquim do Rego Monteiro, ambos de Recife, e de Raimundo Cela, de Sobral, entre outras expressões distantes de São Paulo.

"Recife é um polo muito forte do modernismo", enfatiza Cauê Alves, curador-chefe do MAM. A avaliação é endossada pelo historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior, professor titular aposentado da UFRN (Universidade Federal do Rio Grande do Norte), que ressalta o vanguardismo dos irmãos pernambucanos Rego Monteiro, Fédora (a mais velha), Vicente (o mais famoso) e Joaquim.

"Eles estudaram em Paris e foram modernistas muito antes do advento do movimento modernista no Brasil", diz Albuquerque Júnior.

O historiador lembra que a primeira exposição da chamada Escola de Paris no Brasil não aconteceu em São Paulo ou no Rio de Janeiro. Foi Recife que recebeu obras de artistas como Pablo Picasso e Georges Braque em 1930, um feito de Vicente do Rego Monteiro.

Nas artes visuais, aliás, a Escola de Paris ganhou por aqui o status de sinônimo de modernismo. Não é bem assim, comenta Rafael Cardoso, pesquisador ligado à Universidade Livre de Berlim.

"O que nós costumamos chamar de modernismo no Brasil é uma corrente muito específica. São as vanguardas francesas, como os cubistas e os surrealistas, atuantes em Paris. Mas esse modernismo não é o único. Houve o construtivismo russo, o expressionismo alemão e outros", diz o historiador da arte.

Segundo ele, não existe um modernismo como movimento unificado. "Falamos em modernismos, no plural. Ou, então, identificamos a corrente."

No início deste ano, Cardoso lançou "Modernidade em Preto e Branco", livro que defende compreensão mais ampla dos avanços modernistas, trazendo para a cena não apenas outras regiões do país como também grupos sociais além da elite de São Paulo.

"Os modernismos de Minas Gerais, Pará, Pernambuco e Rio Grande do Sul, entre outros que existiram tiveram sua importância apagada ou rebaixada a fim de ressaltar a liderança paulista", escreve.

A invenção de um movimento pré-modernista está entre os alvos de Cardoso no livro. "Existe um princípio básico do historicismo segundo o qual não se pode interpretar o passado pelo que ocorreu depois. É preciso colocar no contexto da época", diz ele.

"Uma expressão como pré-modernismo ou qualquer 'pré' em artes plásticas ou literatura não fazem sentido. Ninguém faz uma obra agora pensando que, daqui a 20 anos, alguém vai se inspirar nela para fazer algo melhor", completa.

Qual lugar, então, ocupa Lima Barreto, escritor comumente associado ao que se convencionou chamar de pré-modernismo?

O autor de "Triste Fim de Policarpo Quaresma" não é, afirma Cardoso, "um modernista paulista de 22, mas é claramente um autor modernista. É um outro modernismo, que a [historiadora] Mônica Pimenta Velloso chamou de modernismo do Rio de Janeiro. É um modernismo que não compartilha dos mesmos pressupostos do de São Paulo."

O autor de "Modernidade em Preto e Branco" também enaltece o trabalho de nomes de ponta do design gráfico no Rio nas primeiras décadas do século 20, como J. Carlos e K. Lixto.

"Ao entender o modernismo como um movimento unificado, acaba-se, por tabela, excluindo muita gente. Ao dizer que Lima Barreto não era modernista, que o K. Lixto não era modernista, você exclui dois nomes que, por acaso, são afrodescendentes. Esse acaso é muito suspeito, não é?", questiona Cardoso.

"Modernidade em Preto e Branco" saiu pela Companhia das Letras, uma editora paulista como a Todavia, que lança "A Ideologia Modernista", de Luís Augusto Fischer, professor de literatura brasileira na UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul).

Fischer se propõe a derrubar ou repensar mitos em torno da Semana e, ao longo desse percurso, lembra modernistas que mereceriam maior reconhecimento.

Vale ainda mencionar "22 Cem Anos Depois", série criada pelo jornalista Miguel de Almeida, com 22 minidocumentários. Com dois minutos e meio de duração cada uma, as produções começaram a ser exibidas em fevereiro pela TV Cultura e ficam no ar pelo menos até setembro deste ano.

Mário, Oswald e cia. foram homenageados, mas também nomes além das fronteiras paulistas, como o antropólogo potiguar Câmara Cascudo e o compositor e instrumentista carioca Pixinguinha. Este, criador de clássicos como "Rosa" e "Carinhoso" transitou por gêneros musicais como a valsa, a polca, o samba e o jazz; e promoveu inovações em ritmo, melodia e harmonia, abrindo caminhos para a consagração do choro.

Para Rafael Cardoso, modernismos são "respostas artísticas à condição da modernidade". Se assim é, haveria alguém mais modernista do que Pixinguinha?

A divulgação do modernismo

As revistas modernistas divulgavam manifestos e promoviam debates sobre o rompimento com a academia e a modernização da cultura brasileira. Alguns autores publicavam em várias delas simultaneamente

> A pergunta não é por que colocar favela e Carnaval em um livro sobre modernismo. A pergunta é: por que isso não foi feito até hoje?
>
> **Rafael Cardoso**
> autor de "Modernidade em Preto e Branco"

> É forçoso repetir que a Semana de Arte Moderna não desponta como um fato isolado —e que São Paulo não era a única cidade do país com pretensões modernas
>
> **Aracy Amaral e Regina Teixeira de Barros**
> curadoras da exposição "Moderno Onde? Moderno Quando?" em texto do catálogo; mostra ficou em cartaz no MAM-SP de setembro a dezembro de 2021

+ Modernismos, no plural

EXPOSIÇÕES

Raio-que-o-parta: Ficções do Moderno no Brasil
Sesc 24 de Maio (r. 24 de Maio, 109, Centro, São Paulo). De ter. a sáb., 9h às 20h30. Dom.: 9h às 17h30. Até 7/8. Entrada gratuita.

Modernos
Faap (r. Alagoas, 903, Higienópolis, São Paulo). De qua. a seg., das 10h às 18h. Até 27/11. Entrada gratuita.

LIVROS

Modernidade em Preto e Branco - Arte e Imagem, Raça e Identidade no Brasil, 1890-1945
Rafael Cardoso. Companhia das Letras, 372 págs., R$ 100 (versão digital, R$ 40)

A Ideologia Modernista
Luís Augusto Fischer. Todavia, 448 págs., R$ 100 (versão digital, R$ 60)

*Inclui artistas plásticos, artistas gráficos e ilustradores. **Inclui crítica literária, humanidades e ciências sociais. ***Campo Grande, cidade onde nasceu Lidia Bais, pertenceu a MT até 1977, quando o estado foi desmembrado em MT e MS. Fontes: catálogo da exposição "Moderno Onde? Moderno Quando?", no MAM-SP; livro "Modernidade em Preto e Branco", de Rafael Cardoso; exposição "Raio-que-o-parta: Ficções do Moderno no Brasil", no Sesc 24 de Maio; Enciclopédia Itaú Cultural; CPDOC FGV; Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin; entrevistas com Aldrin Moura de Figueiredo, professor do depto. de história da Universidade Federal do Pará, Durval Muniz De Albuquerque Junior, Professor titular aposentado da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, e Cauê Alves, curador do MAM-SP

Infográfico Marcelo Pliger e Naief Haddad

Filmes revelam o complexo debate sobre aborto

Longas como '4 Meses, 3 Semanas e 2 Dias' trazem histórias assustadoras como a tragédia real da menina brasileira

OPINIÃO

Helen Beltrame-Linné

Tem dias em que o inimaginável se impõe à nossa mente. A notícia da garota de 11 anos impedida de realizar o aborto que a lei garante após estupro é o exemplo mais recente.

A jornada toda da criança —que finalmente na quarta-feira (22) conseguiu realizar o procedimento— é inimaginável: aos dez anos, engravida daquele que, provavelmente, não era o primeiro estupro de sua vida.

É o que se pode supor num país em que quatro meninas são estupradas por hora e uma média de 25 mil garotas entre 10 e 14 anos se tornam mães ao ano. E também pelo que aprendemos no caso célebre anterior, em que uma menina grávida de 11 anos havia sofrido abuso de parte de um familiar, dos seis aos nove anos.

Infelizmente, uma parte dessa história pode ser vista no vídeo da audiência obtido pela imprensa. É um programa que não recomendo por conter requintes de crueldade na submissão da criança, então com dez anos e grávida de 22 semanas, assim como sua mãe, a um novo ciclo de violência, dessa vez pela juíza, promotora e outros auxiliares de Justiça.

O filme macabro da história inteira ainda não foi feito, mas existem outros igualmente assustadores sobre o tema do aborto. "4 Meses, 3 Semanas e 2 Dias", de 2007, de Cristian Mungiu, é um deles, premiado com a Palma de Ouro do Festival de Cannes.

Filmado em tempo real, durante um dia, ele retrata os percalços de duas amigas para conseguir um aborto ilegal para uma delas na Romênia comunista. Pelo avançado da gravidez, o médico que irá realizar o procedimento corre o risco de ser acusado de assassinato, o que o faz crer que tem o direito de exigir das duas garotas que façam sexo com ele.

O homem não vê uma paciente, mas sim um corpo feminino do qual pode desfrutar.

A atitude lembra a da juíza do caso de Santa Catarina, que pede à menina de 11 anos que "aguente mais um pouquinho" e tenha o filho para oferecer à adoção. A magistrada não vê a menina real que está diante dela, apenas o bebê (até aquele momento, imaginário) que ela leva no ventre, o qual poderia "fazer uma família muito feliz".

Uma família, muito provavelmente, rica e branca —e esse ponto da audiência já renderia um artigo inteiro sobre a invisibilidade daquelas mulheres negras e pobres que buscam, sem sucesso, auxílio do Judiciário. "Uma felicidade às custas das dores da minha família", rebateu a mãe da vítima, aos prantos.

Mas voltando ao aborto. Via crúcis similar à das personagens romenas é a da francesa Annie Ernaux descrita em seu romance "O Acontecimento", lançado no Brasil pela Fósforo e agora adaptado num longa-metragem homônimo dirigido por Audrey Diwan. Premiado com o Leão de Ouro no Festival de Veneza, "O Acontecimento" está sendo exibido no Festival Varilux —que vai até 6 de julho— e entra no circuito comercial em seguida.

Livro e filme retratam o suplício de uma estudante universitária francesa que busca um aborto nos anos 1960, antes da legalização do procedimento na França —o que ocorreu em 1975. O foco da narrativa é o desamparo, medo e desespero da jovem que vê seu futuro acadêmico ameaçado por uma gravidez indesejada de um namorado que logo tira o seu corpo de campo.

Como conta a diretora do longa em entrevista à **Folha**, abortar no contexto de ilegalidade requer uma "vontade de feroz", além de lançar as mulheres à clandestinidade e uma ocupação mental e física que retira sua vida de qualquer possível normalidade.

Por isso mesmo, até quando é legal, o aborto é complicado. O debate recente nos EUA e a reversão, nesta sexta (24) do caso Roe versus Wade, delegando a decisão à legislação de cada estado é um sintoma disso. Existe uma cultura que se sobrepõe à lei e frequentemente submete a mulher grávida que quer abortar a violências institucionais.

"Nunca, Raramente, Às Vezes, Sempre", da talentosíssima Eliza Hittman, disponível para aluguel em diversas plataformas, é uma narrativa fundamental nesse contexto.

Nele, uma garota grávida de 17 anos procura ajuda numa clínica, onde recebe panfletos sobre adoção e assiste a um vídeo antiaborto. Descobre, em seguida, que o aborto legal no seu estado precisa de autorização dos pais.

Como fica claro no caso trágico da menina brasileira, nem quando é autorizado um aborto é fácil ou rápido.

Assim como na narrativa de Ernaux, o périplo da protagonista April é longo e passa inevitavelmente por uma tentativa frustrada e violenta de provocar um autoaborto.

O mais cruel é que a morosidade de ação é especialmente delicada no contexto de uma gravidez, em que cada semana aumenta o feto e o problema para a mulher que não quer gerar aquela nova vida.

Mesmo diante de tudo isso, quando um candidato à Presidência diz que o aborto é um tema essencial de saúde pública, todos entram em polvorosa. Mas é o mínimo que se espera de uma questão que afeta metade da população mundial: que seja objeto de debate público seguido de solução institucional que não discrimine em função da renda ou cor de pele das envolvidas.

A reação, contudo, não deveria espantar: como já bem analisado nesta **Folha**, as novelas brasileiras, carro-chefe da dramaturgia popular nacional, dão ao aborto um tratamento bastante questionável, não contribuindo em nada para um debate saudável sobre o assunto (leia abaixo).

Outro dia li uma proposta nas redes: fazer vasectomia reversível em todos os homens. Quando provarem que têm condição de assumir a responsabilidade pelos seus atos, ficam liberados para engravidar mulheres. Parece complexo? Assistam aos filmes. Complicado é fazer um aborto.

Cena do filme 'Nunca, Raramente, Às Vezes, Sempre', que mostra jornada de jovem de 17 anos para fazer um aborto Divulgação

Por que gravidez interrompida ainda é assunto raro nas novelas?

OPINIÃO

Tony Goes

O Brasil ainda nem saiu do luto pelas mortes de Bruno Pereira e Dom Phillips, e uma nova barbaridade já vem desafiar nossa capacidade de indignação: o caso da menina catarinense de 11 anos de idade, grávida de mais de sete meses, obrigada pela juíza Joana Ribeiro Zimmer a permanecer num abrigo, longe da mãe, e a levar a termo sua gravidez indesejada.

Privada de seu direito a um aborto seguro, a menina foi estuprada mais uma vez. Foi só na quarta (22) que ela conseguiu realizar o procedimento.

Ao investir contra o aborto legal, permitido pela lei brasileira para casos de estupro, risco de vida para a mãe e anencefalia do feto, os reacionários acabam trazendo à tona uma questão que permanecia abafada: por que o aborto não é legalizado e acessível no Brasil?

A ausência de debates sobre o tema fez com que ele fosse quase ignorado no nosso maior fórum de discussão: as telenovelas. Em nenhum outro lugar do mundo os folhetins televisivos têm tanta influência sobre a sociedade. Nossas novelas contribuíram, por exemplo, para a aprovação da lei do divórcio na década de 1970, e para a maior aceitação da homossexualidade nos dias que correm.

O aborto só vem sendo abordado de maneira mais frequente pela nossa teledramaturgia de uns tempos para cá. Uma explicação possível é que hoje temos muito mais mulheres assinando novelas e séries.

Em "Bom Sucesso", exibida pela Globo entre 2019 e 2020, a personagem Nana, vivida por Fabíula Nascimento, tem seu anticoncepcional trocado por um placebo pelo vilão Diogo, papel de Armando Babaioff, e engravida dele. Nana então pensa em abortar. Ouve inúmeras opiniões, pró e contra, até se decidir a ter o filho.

Os autores Rosane Svartman e Paulo Haim conseguiram expor diversos pontos de vista, ajudando Nana fazer sua escolha.

Em outras ocasiões, o aborto foi usado para conduzir um personagem a um desfecho trágico. Foi o que aconteceu na primeira temporada de "Segunda Chamada", de 2019, quando Rita, feita por Nanda Costa, morre depois de uma tentativa caseira de abortamento. Ou em "A Dona do Pedaço", do mesmo ano, em que Otávio, interpretado por José de Abreu, obriga sua amante Edilene, vivida por Cynthia Senek, a interromper uma gravidez indesejada. A moça morre durante o procedimento.

"A Dona do Pedaço" era escrita por Walcyr Carrasco, que causou uma certa polêmica ao abordar o assunto em "Amor à Vida", de 2013. Um dos protagonistas da trama, o médico César Khoury, papel de Antonio Fagundes, faz um longo discurso contra o aborto em um dos capítulos, alegando até mesmo razões religiosas.

Na época, a cena foi muito criticada por seu unilateralismo. No entanto, no final da novela, a amante de César engravida, e ele esquece de seus supostos valores ao incentivar que ela aborte.

"Pantanal", o grande sucesso do momento, abordará o assunto em duas de suas subtramas. Numa delas, Guta, personagem de Julia Dalavia, engravida de Marcelo, feito por Lucas Leto. Tenório, o pai de Guta, vivido por Murilo Benício, exige que a filha aborte, mas ela se recusa.

Já Irma, encarnada por Camila Morgado, engravidará de Trindade, personagem de Gabriel Sater. Pressionada pela mãe a abortar, ela também levará sua gravidez até o fim.

Um padrão emerge depois de analisarmos essas abordagens. Na maioria das vezes, a personagem desiste do aborto. Quando o abortamento acontece, o resultado é sempre fatal para a mulher.

É evidente que esse padrão reflete a opinião do público conservador. Contrariado, este segmento pode derrubar a audiência de uma novela. Mas a situação no Brasil está ficando tão tenebrosa que uma reação mais contundente se faz necessária, inclusive na teledramaturgia.

Em 1979, quando ainda existiam a censura e a ditadura militar, o episódio "Ainda Não É a Hora", da série "Malu Mulher", mostrava algo quase impensável para os dias de hoje. Amparada pela protagonista, vivida por Regina Duarte, a personagem de Lucélia Santos decidia fazer um aborto. E fazia. Quando voltaremos a ver um momento como este na TV brasileira?